RENATA PLAZA TEIXEIRA

Comissão de Pós Graduação em Psicologia
18 FEV 2004
INSTITUTO DE PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

SOB A PROTEÇÃO DA VÊNUS CLOACINA: DIFERENÇAS SEXUAIS E INTERCULTURAIS EM GRAFITOS DE BANHEIRO

São Paulo
2004

RENATA PLAZA TEIXEIRA

SOB A PROTEÇÃO DA VÊNUS CLOACINA: DIFERENÇAS SEXUAIS E INTERCULTURAIS EM GRAFITOS DE BANHEIRO

INSTITUTO DE PSICOLOGIA USP
BIBLIOTECA
T5115
e.2

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em Psicologia

Área de concentração: Psicologia Experimental

Orientadora: Profa. Associada Emma Otta

São Paulo
2004

T
GT 3912
T266s
2. ex

Ficha Catalográfica preparada pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do Instituto de Psicologia da USP

Teixeira, R. P.
Sob a proteção da Vênus Cloacina: diferenças sexuais e interculturais em grafitos de banheiro./Renata Plaza Teixeira. – São Paulo: s.n., 2004. – 281p.

Tese (doutorado) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Departamento de Psicologia Experimental.

Orientadora: Emma Otta.

1. Grafitos 2. Diferenças sexuais 3. Diferenças interculturais 4. Sexualidade 5. Romantismo 6. Preconceito I. Título.

SOB A PROTEÇÃO DA VÊNUS CLOACINA: DIFERENÇAS SEXUAIS E INTERCULTURAIS EM GRAFITOS DE BANHEIRO

RENATA PLAZA TEIXEIRA

BANCA EXAMINADORA

EMMA OTTA
(Nome e Assinatura)

PAULO ROGÉRIO MEIRA MENANDRO
(Nome e Assinatura)

(Nome e Assinatura)

(Nome e Assinatura)

VERA SILVIA RAAD BUSSADA
(Nome e Assinatura)

Tese defendida e aprovada em: 06 / 05 / 04

Dedico esta tese ao Luís e à

Letícia, meu marido e minha

filha, incansáveis companheiros

Reconstrução do templo da Vênus Cloacina

(disponível em: http://www.vroma.org/~jruebel/cloacina.html)

Havia, em Roma, no Fórum Romano, um santuário dedicado à Vênus Cloacina (*Venere Cloacina)*, cujas ruínas foram descobertas em 1899-1901. Esse monumento ficava situado próximo à entrada do fórum, sobre a *Cloaca Maxima*, o sistema de esgoto local (PLATNER, 1929). Essa deidade era tida como protetora da *Cloaca Maxima* e, segundo alguns, deusa de tudo o que é sujo e obsceno.

AGRADECIMENTOS

- Ao Luís Augusto Barbosa, meu marido, que mais uma vez soube me acompanhar, com extrema dedicação, em todos os momentos da minha pesquisa. Sua colaboração, especialmente durante a coleta de dados e o registro fotográfico das inscrições, foi fundamental.

- À Letícia Barbosa Plaza, minha filha, pelo constante brilho de seus grandes e lindos olhos, pelo seu carinho, por seu companheirismo e sua alegria. Letícia é uma pesquisadora extremamente curiosa e interessada, como só as crianças sabem sê-lo. Alguns grafitos incluídos em meu banco de dados foram percebidos por esse par de grandes olhos. Sou imensamente grata a ela e ao Luís, também, por me acompanharem nas viagens, algumas delas bastante longas, que esta pesquisa intercultural implicou.

- Aos meus familiares, pelo apoio e, não raras vezes, pelas colaborações na forma de sugestões, idéias e informações. Agradeço, particularmente, a Ricardo Roberto Plaza Teixeira, Divina Fátima dos Santos, Roberto Augusto Plaza Teixeira e Débora Garcia y Narvaiza.

- À minha avó, Sylvia Franco Plaza, que soube entender o distanciamento físico que meu trabalho muitas vezes acarretou.

- A meu sogro, Rui Barbosa, e minha sogra, Edna Morelli Barbosa, pela infinita compreensão.

- Em especial, aos meus pais, Wilmes Roberto Gonçalves Teixeira e Candida Maria Plaza Teixeira, pelo carinho, pela paciência e pelos auxílios que jamais serei capaz de retribuir. Minha mãe e eu iniciamos juntas o Doutorado no Departamento de Psicologia Experimental do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Juntas vamos terminar esta fase de nossas vidas. Ter minha mãe como colega foi uma das experiências mais enriquecedoras que já vivi.

- Aos Professores Vera Silvia Raad Bussab e Fernando Leite Ribeiro, pelos ensinamentos e pelas fundamentais sugestões apresentadas durante o Exame de Qualificação.

- Aos Professores César Ades e Américo Pellegrini Filho, que acompanharam minha pesquisa com grafitos durante o Mestrado, incentivando-me a prosseguir e a aprofundar meus estudos de pós-graduação.

- Ao Professor Lino de Macedo, pelas tão importantes contribuições desde os anos de graduação, quando tive o privilégio de ser sua aluna.

- Ao Professor Renato da Silva Queiroz, pelos ensinamentos em Antropologia, pelas relevantes indicações de leitura e pela amizade.

- Aos Professores Nathan Gould e Gerardo Bamonte, também antropólogos, por terem me recebido e me co-orientado na *City University of New York* e na *Università degli Studi di Roma "La Sapienza"*, respectivamente, e por terem me acolhido tão bem dentro de suas culturas.

- Ao Professor José de Oliveira Siqueira, pelo auxílio na análise estatística dos dados.

- A todos os professores do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, que tanto contribuíram para minha formação e para a execução deste trabalho, bem como aos funcionários, que garantiram as condições para que isso pudesse acontecer. Às bibliotecárias, ainda, pela eficiência com que sempre me auxiliaram nas buscas bibliográficas que realizei. Agradeço, em particular, a Angélica Zoqui Paulovic Sabadini e Célia Regina de Oliveira Rosa.

- Aos colaboradores nos cinco países incluídos nesta pesquisa: Vittorio Consiglio, Ciro Primavera, Caterina Marchetta e Marco Cascianelli (Itália); Ana Isabel Garcia Colmenarejo e Javier Garcia Jusdado (Espanha); Ana Valéria de Souza Celestino, Michael Beyer e Axel Thiel (Alemanha); Professora Suzanne LaFont e Gregg August (EUA); e Maria Alexandra André Borba, Marcos Ribeiro de Moraes, Maria Fernanda André Borba e Luigi Borghini (Brasil).

- À Dra. Isildinha Baptista Nogueira, cuja retidão ética, sensibilidade e sabedoria foram constantes fontes de inspiração.

- Ao sobrinho e às sobrinhas, pelo toque todo especial de alegria e força que, juntamente com a Letícia, acrescentaram ao meu dia-a-dia. Por ordem de nascimento: Bruna Barbosa Kajiya, Luna Barbosa Kajiya, Raísa Vitório Barbosa, Pedro Vitório Barbosa, Gabriela Garcia Plaza Teixeira e Natália Garcia Plaza Teixeira.

- À Luísa, ao Roger e à Tainá, pela companhia.

- Aos amigos e colegas, pelo incentivo constante.

- À Maria, pela especial atenção com que me ajudou a cuidar da Letícia desde o início do Doutorado.

- À CAPES (Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e à FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), pelo apoio financeiro.

- E, finalmente, à Professora Emma Otta, por mais uma vez me orientar em um trabalho de pesquisa, dedicando-se à essa tarefa com generosidade e sabedoria. Já se vão onze anos desde que essa parceria começou. Devo a ela meu desenvolvimento como pesquisadora.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS.....xi
LISTA DE TABELAS.....xvii
RESUMO.....xix
ABSTRACT.....xx

1. O COMPORTAMENTO DE ESCREVER EM PAREDES E SUAS ORIGENS.....1

1.1. "Proto-escrita": as inscrições pré-históricas.....5

1.2. A escrita.....9

1.3. A escrita parietal.....11
1.3.1. As paredes.....11
1.3.2. As inscrições de parede.....12
1.3.3. Criminalização e punição do comportamento de escrever em paredes no Brasil.....23

2. GRAFITOS DE BANHEIRO NAS ARTES E NA CIÊNCIA.....26

2.1. Grafitos de banheiro nas artes.....29

2.2. Grafitos de banheiro na literatura científica.....32
2.2.1. Pesquisas com grafitos de banheiro no Brasil.....36
2.2.2. Pesquisas com grafitos de banheiro em outros países.....44
2.2.2.1. Pesquisas que abordam a sexualidade humana e as diferenças sexuais em grafitos de banheiro.....45
2.2.2.2. Pesquisas que abordam diferenças interculturais em grafitos de banheiro....54

2.3. A idéia de estudar grafitos.....57

3. MOTIVAÇÕES E FUNÇÕES DAS INSCRIÇÕES PARIETAIS.....60

3.1. Motivações do comportamento de escrever em paredes.....62

3.2. Funções da escrita, das inscrições parietais e dos grafitos de banheiro.....68
3.2.1. Funções da escrita.....68
3.2.2. Funções das inscrições parietais.....69
3.2.3. Funções dos grafitos de banheiro.....72
3.2.3.1. Teoria da "válvula de escape".....73
Os palavrões.....74
O humor.....76

Sexo e o inconsciente....78
Escatologia....84
Os banheiros e as funções excretórias....85
Questionamentos à teoria da "válvula de escape"....87
3.2.3.2. Teoria da representação dos fatos sociais: hipóteses da representação por reflexão e por refração....87
Representação dos fatos sociais por reflexão....88
Representação dos fatos sociais por refração....89
3.2.3.3. Função de promoção do intercâmbio de informações: "fofoca"....91

4. A PESQUISA INTERCULTURAL....96

4.1. Antropologia psicológica e psicologia cultural....98
4.2. Psicologia cultural e psicologia intercultural....100
4.3. Algumas análises interculturais envolvendo países incluídos nesta pesquisa...102

5. HIPÓTESES DE TRABALHO E METODOLOGIA....107

5.1. Hipóteses de trabalho....109
5.1.1. Sobre o comportamento de escrever em paredes....109
5.1.2. Sobre a sexualidade humana e as diferenças sexuais....110
5.1.3. Sobre as diferenças interculturais....117

5.2. Metodologia....120
5.2.1. Coleta de dados....120
5.2.2. Categorização das inscrições verbais e dos desenhos....124
5.2.2.1. Categorias de conteúdo verbal....127
5.2.2.2. Subcategorias de conteúdo verbal dos temas mais freqüentes....131
5.2.2.3. Categorias referentes à estrutura dos grafitos verbais....136
5.2.2.4. Categorias de conteúdo dos desenhos....136

6. GRAFITOS DE BANHEIRO: ANÁLISE DESCRITIVA E ESTRUTURAL....138

6.1. Análise descritiva dos grafitos verbais e desenhos – Resultados e discussão...140
6.1.1. Freqüência de grafitos verbais e de desenhos em cada país....140
6.1.2. Freqüência de grafitos por banheiro....141
6.1.3. Freqüência de grafitos por sexo e por país....153
6.1.4. Médias de palavras por grafito....155

6.2. Análise estrutural dos grafitos verbais – Resultados e discussão....157
6.2.1. Diferenças quanto à estrutura dos grafitos conforme os sexos....157
6.2.2. Diferenças quanto à estrutura dos grafitos conforme os países....162

7. GRAFITOS DE BANHEIRO: ANÁLISE DE CONTEÚDO.....166

7.1. Diferenças sexuais.....168
7.1.1. Grafitos verbais.....169
Resultados.....169
Discussão.....181
7.1.2. Desenhos.....188
Resultados.....188
Discussão.....191

7.2. Diferenças culturais.....198
7.2.1. Grafitos verbais masculinos.....199
Resultados.....199
Discussão.....204
7.2.2. Grafitos verbais femininos.....209
Resultados.....209
Discussão.....213
7.2.3. Desenhos masculinos.....215
Resultados e discussão.....215
7.2.4. Desenhos femininos.....219
Resultados e discussão.....219

7.3. Detalhamento das principais categorias de conteúdo verbais.....222
7.3.1. Grafitos verbais masculinos.....223
Resultados e discussão.....223
7.3.2. Grafitos verbais femininos.....231
Resultados e discussão.....231

8. CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS.....236

8.1. Sobre as motivações e funções das escritas latrinárias.....238
8.2. Sobre as hipóteses de trabalho.....240
8.3. Sobre a pesquisa com grafitos de banheiro.....247
8.4. Palavras finais.....248

ANEXOS.....250
A. Modelo de folha de registro de dados.....251
B. Exemplos de transcrição de dados para o computador.....253

REFERÊNCIAS.....256

APÊNDICES.....272
A. Distribuição dos grafitos conforme sua estrutura.....273
B. Porcentagens de grafitos verbais em cada categoria.....275
C. Porcentagens de desenhos em cada categoria.....277
D. Porcentagens de grafitos classificados em diferentes subcategorias de conteúdo político, preconceituoso, sexual e romântico.....279

LISTA DE FIGURAS

Figura n. **Página**

1.1. Inscrição rupestre produzida em abrigo sob rocha no Parque Nacional da Serra da Capivara, no Brasil.....6

1.2. Reprodução de inscrição rupestre produzida em Altamira, na Espanha.....8

1.3. Registros rupestres de mãos localizados na Toca dos Caititus, no Parque Nacional da Serra da Capivara, no Brasil.....8

1.4. Grafito de banheiro encontrado em Herculano ("Casa della Gemma"): *Apollinaris medicus Titi imp(eratoris) hic cacavit bene* (produzido em 79 d.C.), fotografado no início da década de 1990.....14

1.5. Parede contendo a inscrição *Apollinaris medicus Titi imp(eratoris) hic cacavit bene*, em Herculano ("Casa della Gemma"), na Itália, fotografado cerca de dez anos depois.....15

1.6. Grafito produzido em parede de cela do Pavilhão 5 do Complexo Penitenciário do Carandiru, em São Paulo.....22

2.1. Grafito encontrado em um banheiro feminino dos Estados Unidos da América em agosto de 2000.....34

3.1. Trecho da *East Side Gallery*, em Berlim, na Alemanha (fotografia feita em 3 de fevereiro de 2001).....71

3.2. Inscrição pré-histórica contendo representação de ato sexual face-a-face. O sexo masculino é indicado pelo pênis ereto e o feminino, por um círculo vazado. Este registro rupestre está localizado no Parque Nacional da Serra da Capivara, no Piauí, Brasil (fotografia feita em julho de 2002).....79

3.3. Escultura de pênis ereto junto à inscrição "*HIC HABITAT FELICITAS*", retirada de parede de Pompéia e guardada no "Gabinete Secreto" do Museu Arqueológico Nacional de Nápoles, na Itália.....80

3.4. Inscrição (gladiador combatendo com seu falo) realizada em parede do Teatro

Grande, em Pompéia, na Itália.....81

6.1. Registro fotográfico de material de limpeza e produto para remoção de grafitos utilizado em universidade em Nova Iorque, nos EUA ("*City University of New York*") – Agosto de 2000.....142

6.2. Registro fotográfico de cartaz anti-grafitos encontrado em Nova Iorque, nos EUA (setembro de 2000).....143

6.3. Registro fotográfico de cartaz anti-grafitos em Roma, na Itália (fevereiro de 2001).....144

6.4. Registro fotográfico de grafito apagado em porta de cabine de banheiro da Universidade de Harvard ("*Business School*"), em Cambridge, nos EUA (agosto de 2000).....144

6.5. Registro fotográfico de grafitos feitos em motocicleta em Roma, na Itália (estacionamento da *Università degli Studi di Roma "La Sapienza"*) – Dezembro de 2000.....146

6.6. Registro fotográfico de grafito feito em porta de frigorífico de avião em Roma, na Itália (aeroporto "Fiumiccino") – Fevereiro de 2001.....146

6.7. Registro fotográfico de grafitos feitos em bancos de ônibus em Frascati, na Itália (dezembro de 2000). 147

6.8. Registro fotográfico de grafitos feitos em automóvel em Roma, na Itália (bairro "Trastevere") – Janeiro de 2001.....147

6.9. Registro fotográfico de grafito feito em base de monumento em Roma, na Itália (bairro "Pincio") – Dezembro de 2000.....148

6.10. Registro fotográfico de grafitos feitos em trens do metrô em Roma, na Itália (dezembro de 2000).....148

6.11. Registro fotográfico de parede de loja decorada com grafitos em Roma, na Itália (janeiro de 2000).....149

6.12. Registro fotográfico de propaganda explorando o tema dos grafitos afixada em ônibus em Roma, na Itália (janeiro de 2000).....150

6.13. Registro fotográfico de inscrições feitas no antigo muro de Berlim, na "Galeria do Lado Oriental" ("*East Side Gallery*"), em Berlim, na Alemanha (fevereiro de 2001).....151

6.14. Registro fotográfico de inscrições realizadas em parede de loja em Campos do Jordão, SP, no Brasil (janeiro de 2002).....152

6.15. Registro fotográfico de parede decorada com "grafite" em beco do bairro de

Vila Madalena, na cidade de São Paulo (outubro de 2002).....152

6.16. Número médio de palavras em função de país e sexo (barras sombreadas = homens, barras vazias = mulheres).....156

6.17. Estrutura lexical em função de país e sexo (barras sombreadas = homens, barras vazias = mulheres).....158

6.18. Registro fotográfico de banheiro masculino brasileiro contendo assinaturas (julho de 1999).....159

6.19. Registro fotográfico de porta de banheiro masculino espanhol contendo assinatura (fotografia feita em setembro de 1998).....160

6.20. Estrutura textual em função de país e sexo (barras sombreadas = homens, barras vazias = mulheres).....161

6.21. Estrutura lexical em função de país.....162

6.22. Estrutura textual em função de país.....163

7.1. Registro fotográfico de inscrição produzida em banheiro masculino brasileiro (julho de 1999).....170

7.2. Registro fotográfico de inscrição romântica produzida em banheiro feminino italiano (dezembro de 2000).....172

7.3. Registro fotográfico de inscrição política produzida em banheiro masculino italiano (dezembro de 2000).....173

7.4. Registro fotográfico de grafito romântico encontrado em banheiro feminino norte-americano (setembro de 2000).....176

7.5. Registro fotográfico de grafito encontrado em banheiro feminino norte-americano (setembro de 2000) e classificado na categoria "humor".....177

7.6. Registro fotográfico de grafito encontrado em banheiro masculino alemão (fevereiro de 2001) contendo manifestação contrária ao nazismo.....180

7.7 Registro fotográfico de parede de banheiro masculino brasileiro (1999) contendo inscrições classificadas na categoria "esporte".....186

7.8. Registro fotográfico de desenho produzido em banheiro feminino alemão (maio de 1999) e classificado na categoria "figura antropomorfa".....193

7.9. Registro fotográfico de figura antropomorfa realizada em parede rochosa do Parque Nacional da Serra da Capivara, no Piauí, Brasil há cerca de 10.000 anos (julho de 2002).....194

7.10. Registro fotográfico de figura zoomorfa desenhada em banheiro feminino italiano (dezembro de 2000).....195

7.11 Registro fotográfico de figura zoomorfa desenhada em banheiro masculino brasileiro (dezembro de 2000).....195

7.12. Registro fotográfico de figura zoomorfa (provavelmente um cavalo) inscrita em parede de Pompéia (corredor do Teatro Grande), na Itália, há mais de 1.900 anos (fevereiro de 2001).....196

7.13. Registro fotográfico de figura zoomorfa pintada em parede rochosa do Parque Nacional da Serra da Capivara, no Piauí, Brasil, por volta de 10.000 anos atrás (fotografia feita em julho de 2002).....196

7.14. Registro fotográfico de porta de banheiro masculino espanhol (setembro de 1998) contendo desenhos.....197

7.15. Registro fotográfico de grafismo (círculos concêntricos) produzido em parede rochosa do Parque Nacional da Serra das Confusões, no Piauí, Brasil (julho de 2002).....198

7.16. Registro fotográfico de grafito romântico produzido em banheiro masculino norte-americano (setembro de 2000).....200

7.17. Registro fotográfico de porta de banheiro masculino espanhol contendo inscrições políticas (setembro de 2000).....201

7.18. Registro fotográfico de inscrição política produzida em banheiro masculino italiano (dezembro de 2000).....202

7.19. Registro fotográfico de porta de banheiro masculino italiano contendo assinatura (dezembro de 2000).....203

7.20. Registro fotográfico de grafito político produzido em banheiro feminino italiano (dezembro de 2000).....211

7.21. Registro fotográfico de desenho produzido em banheiro masculino brasileiro (abril de 1998).....216

7.22. Registro fotográfico de desenho político produzido em banheiro masculino italiano (dezembro de 2000).....217

7.23. Registro fotográfico de desenho (cruz) produzido em banheiro masculino norte-americano (dezembro de 2000).....218

7.24. Registro fotográfico de pintura rupestre (cruz) realizada em parede rochosa do Parque Nacional da Serra da Capivara (julho de 2002).....218

7.25 Registro fotográfico de porta de banheiro masculino contendo desenho de uma

coroa (abril de 1999).....219

7.26. Registro fotográfico de desenhos e grafitos verbais de conteúdo político produzidos em banheiro feminino italiano (dezembro de 2000).....221

7.27. Registro fotográfico de rabisco produzido em banheiro feminino alemão (maio de 1999).....222

8.1. Registro fotográfico de inscrições realizadas em banheiro masculino do aeroporto internacional Charles de Gaulle, em Paris, na França (março de 2002).....246

8.2. Registro fotográfico de inscrições realizadas em banheiro masculino de posto de gasolina em estrada de Santiago, no Chile (janeiro de 2002).....246

8.3. Registro fotográfico de porta de banheiro feminino italiano contendo seqüência interativa (dezembro de 2000).....248

Figuras das folhas de rosto dos capítulos

Capítulo 1 Registro fotográfico de pintura rupestre em abrigo sob rocha do Parque Nacional da Serra da Capivara, no Piauí, Brasil. Fotografia feita por Luís Augusto Barbosa em 2002.

Capítulo 2 Registro fotográfico de grafito produzido em parede de banheiro masculino brasileiro. Fotografia feita por Luís Augusto Barbosa em 1999.

Capítulo 3 Registro fotográfico de grafitos produzidos em banheiro masculino brasileiro. Fotografia feita por Luís Augusto Barbosa em 1998.

Capítulo 4 Registro fotográfico de grafito produzido em tampa de vaso sanitário de banheiro feminino alemão. Fotografia feita por Ana Valéria de Souza Celestino em 1999.

Capítulo 5 Registro fotográfico de grafitos produzidos em recipiente para papel higiênico de banheiro masculino norte-americano. Fotografia feita por Luís Augusto Barbosa em 2000.

Capítulo 6 Registro fotográfico de grafitos produzidos em porta de banheiro masculino italiano. Fotografia feita por Luís Augusto Barbosa em 2000.

Capítulo 7 Registro fotográfico de grafitos produzidos em porta de banheiro masculino espanhol. Fotografia feita por Javier Garcia Jusdado em 1998.

Capítulo 8 Registro fotográfico de portas de banheiro grafitadas, retiradas de escola alemã em reforma e empilhadas para remoção. Fotografia feita por Luís Augusto Barbosa em 2001.

Anexos Registro fotográfico de grafito produzido em recipiente para papel higiênico de banheiro masculino italiano. Fotografia feita por Luís Augusto Barbosa em 2000.

Apêndices Registro fotográfico de grafito produzido em banheiro feminino brasileiro. Fotografia feita por Renata Plaza Teixeira em 2000.

LISTA DE TABELAS

Tabela n. **Página**

6.1. Grafitos verbais *x* Desenhos.....141

6.2. Médias de inscrições por banheiro.....141

6.3. Freqüências de grafitos masculinos e femininos em cada país.....153

6.4. Médias de palavras por grafito conforme o sexo e o país.....155

7.1. Inscrições verbais – Conteúdos significativos incluídos no modelo de regressão logística para o Brasil.....169

7.2. Inscrições verbais – Conteúdos significativos incluídos no modelo de regressão logística para a Itália.....171

7.3. Inscrições verbais – Conteúdos significativos incluídos no modelo de regressão logística para a Espanha.....173

7.4. Inscrições verbais – Conteúdos significativos incluídos no modelo de regressão logística para os EUA.....175

7.5. Inscrições verbais – Conteúdos significativos incluídos no modelo de regressão logística para a Alemanha.....177

7.6. Desenhos – Conteúdo significativo incluído no modelo de regressão logística para o Brasil.....188

7.7. Desenhos – Conteúdo significativo incluído no modelo de regressão logística para a Itália.....189

7.8. Desenhos – Conteúdos significativos incluídos no modelo de regressão logística para a Espanha.....189

7.9. Desenhos – Conteúdos significativos incluídos no modelo de regressão logística para os EUA.....190

7.10. Desenhos – Conteúdos significativos incluídos no modelo de regressão logística para a Alemanha.....191

7.11. Distribuição das inscrições verbais masculinas em diferentes categorias de conteúdo nos cinco países pesquisados (os valores correspondem a porcentagens) 199

7.12. Distribuição das inscrições verbais femininas em diferentes categorias de conteúdo nos cinco países pesquisados (os valores correspondem a porcentagens).....209

7.13. Distribuição dos desenhos masculinos em diferentes categorias de conteúdo nos cinco países pesquisados (os valores correspondem a porcentagens).....215

7.14. Distribuição dos desenhos femininos em diferentes categorias de conteúdo nos cinco países pesquisados (os valores correspondem a porcentagens).....220

7.15. Freqüências (%) de inscrições classificadas em diferentes subcategorias de grafitos políticos produzidos em banheiros masculinos e respectivos valores de resíduos ajustados padronizados.....224

7.16. Freqüências (%) de inscrições classificadas em diferentes subcategorias de grafitos relativos a preconceito produzidos em banheiros masculinos e respectivos valores de resíduos ajustados padronizados.....225

7.17. Freqüências (%) de inscrições classificadas em diferentes subcategorias de grafitos sexuais produzidos em banheiros masculinos e respectivos valores de resíduos ajustados padronizados.....228

7.18. Freqüências (%) de inscrições classificadas em diferentes subcategorias de grafitos políticos produzidos em banheiros femininos e respectivos valores de resíduos ajustados padronizados.....231

7.19. Freqüências (%) de inscrições classificadas em diferentes subcategorias de grafitos sexuais produzidos em banheiros femininos e respectivos valores de resíduos ajustados padronizados.....233

7.20. Freqüências (%) de inscrições classificadas em diferentes subcategorias de grafitos sobre o amor produzidos em banheiros femininos e respectivos valores de resíduos ajustados padronizados.....234

RESUMO

TEIXEIRA, R. P. Sob a proteção da Vênus Cloacina: diferenças sexuais e interculturais em grafitos de banheiro. São Paulo, 2004. 281 p. Tese (Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

Quando uma pessoa entra em uma cabine de banheiro pública e fecha a sua porta, esse espaço torna-se privado, um lugar onde as pessoas geralmente estão sós, protegidas pelo anonimato garantido pelas quatro paredes que as circundam. Grafitos de banheiro correspondem a uma rica via de acesso a padrões de intimidade, fantasias e desejos, tal como revela a inscrição "You just closed the door and entered my world" ("Você acabou de fechar a porta e entrar no meu mundo"), encontrada em um banheiro feminino da *City University of New York*. O objetivo deste estudo foi investigar diferenças sexuais e interculturais em grafitos de banheiro coletados em cinco países (N=5.446): Brasil, Itália, Espanha, Estados Unidos da América (EUA) e Alemanha. Foram estabelecidas 24 categorias de conteúdo para as 4.792 inscrições verbais e 20 para os 654 desenhos. Análises estatísticas indicaram que as mulheres revelaram-se mais românticas que os homens em todos os países pesquisados, enquanto os homens escreveram mais sobre política nos países latinos e produziram maior quantidade de inscrições contendo preconceito contra estrangeiros nos países anglo-saxônicos. As mulheres escreveram mais sobre sexo que os homens no Brasil e nos EUA e com freqüências semelhantes às deles nos demais países. De maneira geral, as mulheres mostraram-se mais interessadas em temas privados e os homens expressaram maior preocupação com assuntos públicos. Os resultados foram analisados à luz da teoria da "válvula de escape" e da teoria da representação dos fatos sociais.

Palavras-chaves: Grafitos, Diferenças sexuais, Diferenças interculturais, Sexualidade, Romantismo, Preconceito.

ABSTRACT

TEIXEIRA, R. P. Under the protection of Venus Cloacina: sexual and intercultural differences in restroom graffiti. São Paulo, 2004. 281 p. PhD Thesis. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

When a person enters a public restroom stall and closes its door, that public space turns into a private one, a place where people are usually on their own, protected by an anonymity guaranteed by the four surrounding walls. Restroom graffiti provide a rich way of access to patterns of intimacy, fantasies, and desire, as the inscription "*You just closed the door and entered my world*", found in a female restroom of the City University of New York reveals. The purpose of this study was to investigate sexual and intercultural differences among restroom graffiti collected in five countries (N=5,446): Brazil, Italy, Spain, the United States of America (USA), and Germany. A total of 24 categories were established for the 4,792 verbal inscriptions, and 20 for the 654 drawings. Statistical analyses revealed that women were more romantic than men in all countries researched, whereas men wrote more about politics in the Latin countries, and prejudice against foreigners in the Anglo-Saxon ones. Women wrote more than men about sex in Brazil and the USA, and with similar frequencies in the other countries. In general, women were more interested in private issues, and men expressed a greater concern for public affairs. The results were analyzed according to the "safety valve" theory, as well as the social facts representation theory.

Key words: Graffiti, Sexual differences, Intercultural differences, Sexuality, Romanticism, Prejudice.

CAPÍTULO 1

O comportamento de escrever em paredes e suas origens

"O estudo do homem deve incluir todos
os aspectos da atividade humana"
Alan Dundes, 1966

CAPÍTULO 1
O COMPORTAMENTO DE ESCREVER EM PAREDES E SUAS ORIGENS

O comportamento humano é complexo. Sendo capaz de simbolizar e produzir representações mentais, o ser humano desenvolve também uma estrutura psíquica extremamente intricada, cujo funcionamento ainda apresenta muitos mistérios à nossa compreensão. A linguagem, ao mesmo tempo em que se acha diretamente implicada nessa complexidade psíquica, influenciando-a e sendo por ela influenciada, corresponde também a uma via de acesso a tais mistérios. A força da palavra está na base da psicoterapia, falando-se até mesmo na "cura pela palavra". Assim, o poder da palavra é reconhecidamente terapêutico. Atos falhos e associações livres, por exemplo, permitem-nos vislumbrar o inconsciente, como nos ensinou Freud. O acesso tanto aos conteúdos inconscientes quanto conscientes pode ser alcançado pela palavra falada ou escrita, bem como por representações pictográficas de maneira geral.

Além de possibilitarem o estudo do ser humano em sua dimensão individual, a linguagem verbal e as representações pictográficas também permitem analisá-lo em sua dimensão cultural. Registros rupestres pré-históricos não-verbais e produções históricas tanto verbais quanto não-verbais documentam o comportamento humano. A documentação da produção verbal por muito tempo somente pôde ser efetuada por meio da palavra inscrita em papiros, em tábuas de cera e em folhas de papel, além de suportes menos convencionais, tais como troncos de árvore, muros e rochas. Outros meios de documentação, como, por exemplo, gravadores, máquinas fotográficas, filmadoras e computadores, só muito recentemente foram criados.

CAPÍTULO 1
O COMPORTAMENTO DE ESCREVER EM PAREDES E SUAS ORIGENS

O comportamento humano é complexo. Sendo capaz de simbolizar e produzir representações mentais, o ser humano desenvolve também uma estrutura psíquica extremamente intricada, cujo funcionamento ainda apresenta muitos mistérios à nossa compreensão. A linguagem, ao mesmo tempo em que se acha diretamente implicada nessa complexidade psíquica, influenciando-a e sendo por ela influenciada, corresponde também a uma via de acesso a tais mistérios. A força da palavra está na base da psicoterapia, falando-se até mesmo na "cura pela palavra". Assim, o poder da palavra é reconhecidamente terapêutico. Atos falhos e associações livres, por exemplo, permitem-nos vislumbrar o inconsciente, como nos ensinou Freud. O acesso tanto aos conteúdos inconscientes quanto conscientes pode ser alcançado pela palavra falada ou escrita, bem como por representações pictográficas de maneira geral.

Além de possibilitarem o estudo do ser humano em sua dimensão individual, a linguagem verbal e as representações pictográficas também permitem analisá-lo em sua dimensão cultural. Registros rupestres pré-históricos não-verbais e produções históricas tanto verbais quanto não-verbais documentam o comportamento humano. A documentação da produção verbal por muito tempo somente pôde ser efetuada por meio da palavra inscrita em papiros, em tábuas de cera e em folhas de papel, além de suportes menos convencionais, tais como troncos de árvore, muros e rochas. Outros meios de documentação, como, por exemplo, gravadores, máquinas fotográficas, filmadoras e computadores, só muito recentemente foram criados.

A palavra escrita oficial, veiculada por meios legitimados pela sociedade, tem sido bastante documentada e analisada. A palavra escrita não oficial, produzida em suportes não autorizados para esses fins, contudo, é marginalizada e negligenciada, tendo sido pouco documentada e estudada, apesar de ser amplamente difundida no tempo e no espaço. Contudo, sendo um dos tantos comportamentos humanos, é claramente passível de observação e análise. Não cabe a nós julgar a propriedade ou não desse comportamento, avaliar se ele é correto ou não. Não devemos transferir nossos julgamentos morais para nossa atividade como pesquisadores.

O ser humano comunica-se. Assim como a linguagem e o pensamento, a comunicação também nos define como humanos. Somos seres sociais e necessitamos interagir com outros seres, chegando a estender essa interação até mesmo a outras espécies. Interagimos constantemente e sentimos falta quando somos impedidos de fazê-lo.

A importância da comunicação para o ser humano pode ser verificada ao observarmos a quantidade de inscrições que se acham espalhadas em toda parte. O mundo é povoado de inscrições, especialmente o mundo urbano ocidental contemporâneo. Basta caminhar pelas ruas das cidades para constatá-lo. São inúmeros os avisos, as sinalizações e as propagandas, que fazem parte do rol das produções oficialmente autorizadas, bem como os grafitos e as pichações, que integram as produções desautorizadas. Percebemos tanto numas quanto noutras uma forte motivação comunicativa.

O ser humano escreve. O ser humano desenha. E inscreve suas palavras e desenhos em uma infinidade de superfícies às quais tem acesso, acesso esse algumas vezes bastante difícil. Muros, mesas, cadeiras, monumentos, automóveis, aviões, trens, metrôs, ônibus, pára-choques de caminhão, vidros de automóveis, árvores, folhas, areia, neve, terra, paredes, portas, tetos, pisos, rochas, papel moeda, pedras, pele, praticamente tudo pode servir-lhe de suporte.

O presente trabalho teve por objetivo central justamente o estudo de um comportamento marginal, não autorizado, o de escrever em paredes e portas de banheiros públicos. Com esse estudo, pretendíamos não só melhor compreender tal comportamento, mas também investigar diferenças e semelhanças sexuais e culturais

entre as produções realizadas em cinco países ocidentais: Brasil, Itália, Espanha, Estados Unidos da América (EUA) e Alemanha.

Escrever em portas e paredes de banheiros públicos é categoria do comportamento de escrever em paredes, que, por sua vez, faz parte do comportamento de escrever. Antes de apresentar os dados coletados, os resultados alcançados e as análises realizadas com as escritas latrinárias, entendemos ser importante contextualizá-las, situando-as em relação aos comportamentos de escrever e de escrever em paredes de maneira geral. Cientes da complexidade desses temas, pretendemos, neste trabalho, apenas deles apresentar um panorama geral, mais especificamente no tocante às origens, motivações e funções desses fenômenos humanos.

Neste primeiro capítulo, discorremos sobre as origens do comportamento de escrever em paredes, do qual as escritas latrinárias fazem parte. No Capítulo 2, apresentamos uma revisão dos trabalhos científicos e não-científicos dedicados aos grafitos de banheiro no Brasil e em outros países. No Capítulo 3, abordamos o tema das motivações e das funções das inscrições de parede. No Capítulo 4, discorremos sobre algumas construções teóricas que nortearam nossa pesquisa intercultural com grafitos de banheiro. Nossas hipóteses de trabalho e a metodologia empregada em nossa pesquisa estão contidas no Capítulo 5. Os resultados obtidos são relatados e discutidos no Capítulo 6. O Capítulo 7, finalmente, contém nossas conclusões e considerações finais relativas ao trabalho desenvolvido com as escritas de banheiro nos cinco países envolvidos na pesquisa.

1.1. "Proto-escrita": as inscrições pré-históricas

A origem do comportamento de escrever em paredes é antiga. Podemos remontá-la à pré-história (LOMBROSO, 1888; REISNER, 1971; LOMAS, 1973; BARBOSA, 1985; PELLEGRINI FILHO, 1982, 1998; OLOWU, 1983; RAMOS, 1994; THIEL, 1999), quando nossos ancestrais produziam desenhos nas paredes das cavernas ou de abrigos sob pedra. São inúmeras as evidências desse comportamento espalhadas por todo o mundo na forma de inscrições rupestres em diferentes sítios arqueológicos: Lascaux, na França (inscrições produzidas há cerca de 15.000 anos – BAHN, 1998), Altamira, na Espanha (inscrições produzidas há aproximadamente 13.000 anos – GUINEA, 1997) e

Parque Nacional da Serra da Capivara[1], no Brasil (até 29.000 anos atrás ou mais – Niède Guidon, comunicação pessoal, 2002; BUCO, 1999; LAGE, 1998).

Dentre as inscrições pré-históricas, existem produções com diferentes tipos de conteúdo: animais (na Europa: bisões, cavalos, renas; no Brasil: capivaras, peixes, aves, macacos), cenas envolvendo figuras humanas (na Europa: pouco presentes e esquemáticas em comparação com a riqueza de detalhes da representação de animais; no Brasil: cenas de parto, caça, coleta de mel, jogos, relação sexual heterossexual, homossexual e grupal) e formas geométricas (triângulos, retângulos e círculos concêntricos).

A Figura 1.1 apresenta pintura de cena de parto realizada em abrigo sob rocha no Parque Nacional da Serra da Capivara, no Estado do Piauí, no Brasil.

Luís Augusto Barbosa

Figura 1.1. Inscrição rupestre produzida em abrigo sob rocha no Parque Nacional da Serra da Capivara, no Brasil.

Vale a pena destacar que, nos sítios arqueológicos brasileiros do Parque Nacional da Serra da Capivara, muitas das cenas encontradas caracterizam-se por um alto grau de dinamismo e de interatividade entre os elementos que as compõem. Trata-se de "grafismos de ação" (GUIDON, 1985; MARTIN, 1999), nos quais "mesmo as figuras isoladas, humanas ou animais, têm posturas e gestos que são a representação de um

[1] Visitamos os Parques Nacionais da Serra da Capivara e da Serra das Confusões, no Piauí, Brasil, em julho de 2002, quando foram feitas cerca de 700 fotografias de parte das aproximadamente 33.000 inscrições rupestres encontradas nos sítios arqueológicos lá localizados (de 406 sítios arqueológicos cadastrados em 1998, 206 apresentam pinturas rupestres). Essa pesquisa de campo foi realizada com apoio financeiro da FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo).

movimento ou a expressão de uma emoção" (GUIDON, 1985). Apesar do caráter esquemático de muitas dessas inscrições, é interessante destacar a existência de alta freqüência de representação humana.

A cena de parto representada na Figura 1.1, por exemplo, é constituída por quatro pessoas em atividade interativa: a parturiente (de maneira geral, o sexo feminino é representado, nessas inscrições rupestres do nordeste brasileiro, na forma de cavidade exteriorizada indicada graficamente por um círculo ou semicírculo na região genital), um homem atuando como parteiro (o sexo masculino é identificado pela representação do pênis), uma pessoa que pressiona a grande barriga da grávida e outra que ampara suas costas. A idade dessa pintura é estimada em 8.000 a 12.000 anos e representa uma cena de parto assistido do modo como, basicamente, ainda hoje é realizado. É importante frisar que, independentemente das possíveis interpretações das pinturas e gravuras rupestres, esses registros "são fontes de dados antropológicos portadores de uma informação insubstituível" (PESSIS, 1992).

Existem, dentre as pinturas rupestres registradas nas mais variadas regiões do mundo, tanto produções artísticas, tais como os desenhos de bisões extremamente elaborados na França (Lascaux) e em Altamira (Espanha), quanto formas simples, tais como estênceis de mãos encontrados também em Lascaux, na França, e na Patagônia, na Argentina, bem como nos Parques Nacionais da Serra da Capivara e da Serra das Confusões, no Brasil.

A título de exemplo de representação animal elaborada, apresentamos, na Figura 1.2, fotografia de reprodução de inscrição rupestre produzida em Altamira, na Espanha. Essa reprodução faz parte do acervo do Museu de Arqueologia de Madri, na Espanha. A visitação à caverna de Altamira encontra-se atualmente fechada ao público em geral por motivos de preservação.

Renata Plaza Teixeira

Figura 1.2. Reprodução de inscrição rupestre produzida em Altamira, na Espanha.

Em vários sítios arqueológicos do mundo, a presença humana é marcada pelo registro das mãos nas superfícies rochosas tanto em negativo, com o contorno feito por intermédio do sopro de tinta através de algum instrumento oco ou diretamente a partir da boca, quanto em positivo, que corresponde à simples impressão das mãos. Foram documentados registros desse tipo em vários locais, sendo famosa a "Cueva de las Manos", localizada na Patagônica, na Argentina, caverna cujas paredes são repletas de impressões de mãos em negativo ("estênceis" de mãos). A Figura 1.3 apresenta registro rupestre de mãos, em positivo, encontrado na Toca dos Caititus, sítio arqueológico do Parque Nacional da Serra da Capivara, no Piauí, Brasil.

Luís Augusto Barbosa

Figura 1.3. Registros rupestres de mãos localizados na Toca dos Caititus, no Parque Nacional da Serra da Capivara, no Brasil.

Robinson (1999) chama de "proto-escrita" os sinais produzidos nas superfícies rochosas durante a Era do Gelo, afirmando que artistas com a vitalidade e o poder para produzir inscrições algumas vezes bastante sofisticadas também eram capazes de inventar uma forma limitada de comunicação. Segundo Olson (1997), há indícios de que os antecedentes da escrita, sob a forma de símbolos, datem da era paleolítica, tais como os impressionantes desenhos de Lascaux e de Altamira. Outros autores também afirmam serem as inscrições rupestres os antecedentes da escrita (OLSON, 1997). Lima (1996) afirma que o ser humano utilizou-se, desde seus primórdios, de desenhos para registrar ações, desejos e sentimentos.

Existe uma infinidade de proto-escritas, produzidas em diferentes períodos, inclusive o atual, como, por exemplo, os diagramas e os sinais de trânsito (ROBINSON, 1999). A proto-escrita precedeu a escrita, que surgiu aproximadamente em 3300 a.C. e, acredita Robinson (1999), sempre existirá ao lado da escrita.

1.2. A escrita

Robinson (1999) define a escrita como um sistema de símbolos gráficos que pode ser empregado para transmitir o pensamento. Segundo esse autor, os primeiros símbolos escritos provavelmente foram representações pictóricas de objetos concretos, ou pictogramas[2], datando sua origem de cerca de 5.000 anos. Alguns estudiosos crêem que a escrita foi produto de um trabalho consciente de um indivíduo da antiga cidade de Uruk (ROBINSON, 1999), localizada a sul de Bagdá, capital do Iraque. Outros acreditam, ainda, que a escrita foi criada por um grupo de pessoas, possivelmente administradores e comerciantes. Ou, então, que tenha surgido de maneira acidental, não planejada. Muitos estudiosos entendem que ela foi, na verdade, o resultado de uma evolução ao longo do tempo. Segundo uma das teorias mais aceitas, a escrita partiu de um sistema de contagem. Nas tábuas de Uruk, verdadeiros "livros de contabilidade", eram registradas, já há cinco milênios ou mais, as quantidades de sacos de cereais e de cabeças de gado pertencentes ao templo existente naquela cidade. Um momento

[2] Fernández (1999) afirma que os pictogramas são pegadas inscritas cujo código de decifração não possuímos. Segundo a autora, os pictogramas podem operar como uma interrogação ao sentido.

importante na história da escrita, vale destacar, ocorreu quando um símbolo pictográfico passou a ser utilizado pelo seu valor fonético. Em datações aproximadas, as primeiras escritas egípcias surgiram em 3100 a.C., as chinesas em 1200 a.C. e as da América Central em 600 a.C. (ROBINSON, 1999).

Em aproximadamente 2500 a.C., os símbolos pictográficos tornaram-se sinais cuneiformes abstratos de amplo uso para a escrita do sumério, falado na antiga Mesopotâmia. Mais tarde, tornaram-se a escrita dos impérios Babilônico e Assírio. No império Persa de Dario, por volta de 500 a.C., uma nova escrita cuneiforme foi inventada. A última inscrição cuneiforme foi realizada em 75 d.C. Assim sendo, essa escrita foi utilizada por cerca de 3.000 anos (ROBINSON, 1999).

Dois importantes registros de inscrições antigas são o Código de Hamurábi e a Pedra de Roseta. O famoso Código de Hamurábi, que atualmente integra o acervo do Museu do Louvre, corresponde à codificação legal do rei Hamurábi, da Babilônia (1792-50 a.C.), inscrita em estela de diadorito há aproximadamente 4.000 anos. A Pedra de Roseta, hoje conservada no Museu Britânico, contém talvez a inscrição mais famosa do mundo. Foi descoberta no Egito, próximo ao rio Nilo, em 1799, cuja decifração permitiu que os hieróglifos egípcios pudessem ser lidos. Trata-se de um fragmento de basalto negro pesando cerca de 750 quilos que contém uma proclamação em honra do faraó Ptolomeu V realizada em 196 a.C. em três escritas diferentes, hieróglifos, demótico e grego, (ROBISON, 1995). O francês Jean François Champollion logrou reconhecer a palavra "Ptolomeu" nesse texto, descobrindo, assim, a chave para decifrar os hieróglifos em 1822.

No Egito antigo, as tumbas eram decoradas com hieróglifos, que marcavam a fronteira entre o domínio fechado e proibido dos mortos e a área externa, onde seus amigos e familiares poderiam orar e realizar oferendas. Para Robinson (1999), a busca da imortalidade sempre foi de grande importância para os escritores. A maioria dos fragmentos escritos pelos etruscos, por exemplo, são inscrições funerárias.

Existem registros de aproximadamente 13.000 inscrições produzidas em língua etrusca espalhadas pela região central da Itália, boa parte delas correspondendo a nomes de pessoas e de lugares, bem como a datas. Essa inscrições eram realizadas em diversos suportes, tais como placas de ouro, espelhos, ânforas e vasos. Em ânfora datada de 510-

500 a.C, por exemplo, estão gravados os nomes "*Cravnas*" e "*Avcinas*", provavelmente produzidos por proprietários desse objeto, já que ambos esses nomes terminam no sufixo *–s*, indicativo de possessivo (CRISTOFANI, 1978).

Dos exemplos até aqui apresentados, podemos observar que determinados suportes, tais como rochas e pedras, são realmente bastante duráveis. As inscrições rupestres, a Pedra de Roseta e o Código de Hamurábi são provas disso.

1.3. A escrita parietal

1.3.1. As paredes

As paredes realmente parecem ter um significado especial para o ser humano. Para Lomas, a parede é símbolo tanto de separação (LOMAS, 1973, 1976) quanto de defesa, correspondendo a um obstáculo ao desejo de possuir (LOMAS, 1973). Ela nos lembra a separação existente entre os indivíduos. Estamos todos sós, separados, mas buscamos comunicação, contato com o outro. Intrapsiquicamente, também temos uma parede, uma barreira contra a satisfação de instintos agressivos e sexuais. É interessante notar a quantidade de expressões em português que empregam o termo "parede": "falar com as paredes", "as paredes têm ouvidos", "colocar contra a parede", e assim por diante. Assim, ao mesmo tempo em que a parede separa, divide, ela também representa um suporte para a comunicação. Ela divide, mas nem tanto. Ela separa, mas não totalmente. A comunicação permite que a parede seja atravessada sem ser fisicamente derrubada. E aquele que nela escreve reivindica sua propriedade, ainda que temporariamente (LOMAS, 1973).

Hatton (1999) lembra que, tendo dividido o mundo por intermédio de paredes, o homem simultaneamente dividiu-se. Havendo encontrado uma maneira de se retirar do convívio com as outras pessoas, percebeu que a parede também era um dispositivo de exclusão. A parede demarca, fixa, é o agente e o índice da lei. "É uma faca no espaço" (HATTON, 1999, p.67), que delimita o que está dentro e o que está fora, o que é meu e o que não é, mas, uma vez construída, torna-se passiva, local de projeções que subvertem sua disciplina, sublimam sua presença. Talvez também por isso sejamos

rodeados de tantas paredes cobertas não só por grafitos, mas também, no ambiente interno, por vários objetos, em especial quadros e esculturas, e, no externo, por propagandas, mensagens oficiais e sinalizações, dentre uma infinidade de estímulos visuais espalhados por toda parte. Nossos cérebros são, assim, especialmente no ambiente urbano, na chamada "selva de pedra", ambiente ultra cercado por muros, sobrecarregados de informações que povoam um espaço visualmente poluído.

Para Hatton (1999) e Thiel (2000a), as primeiras projeções ocorreram em paredes erigidas pela natureza, as superfícies rochosas das cavernas, há muitos milhares de anos. Essas paredes, contudo, não eram completas, uma vez que não manifestavam ainda o princípio da distinção descontínua. Elas apresentavam uma superfície e fechavam o espaço, mas não o dividiam. Também não possuíam a descontinuidade da parede construída pelas mãos humanas, uma vez que não se distinguiam do chão ou do teto, fazendo parte de um contínuo envolvente. Em uma terra ainda não coberta por cercas, contudo, as paredes rochosas, assim como as posteriormente erguidas pelo homem, transformavam-se em espaços infinitos ao se transformarem em telas de infinitas projeções (HATTON, 1999, p.68).

Com o surgimento da agricultura, por volta de doze mil anos atrás, também nasceu a idéia de propriedade e o desejo de defendê-la. O desenvolvimento das nações-estados implicou o aumento da propriedade particular, individual. Thiel (1999) afirma que a privatização da propriedade representou o estabelecimento de uma "matriz arquitetônica forçada" (THIEL, 1999, p.14), uma vez que o ser humano foi forçado a se mover dentro dessa matriz por ruas, caminhos, trilhas, alamedas e estradas, os únicos locais onde tem permissão para transitar, sendo a área interna aos muros de uso restrito dos proprietários (THIEL, 2001).

1.3.2. As inscrições de parede

Uma referência significativa à escrita de parede aparece no Livro de Daniel, Antigo Testamento, Capítulo 5 – O Festim de Baltazar (A BÍBLIA..., 1986, p.1.693-1.695; LOMAS, 1973, p.74). Esse capítulo relata o episódio em que Baltazar, novo rei da

Babilônia e filho de Nabucodonosor, celebrou sua ascensão ao trono com vinho servido em taças sagradas retiradas por seu pai do Templo de Jerusalém. Nelas bebeu, com seus dignitários, concubinas e cantoras, louvando aos deuses de ouro e de prata, de bronze e de ferro, de madeira e de pedra. "De repente, apareceram dedos de mão humana que se puseram a escrever, por detrás do lampadário, sobre o estuque da parede do palácio real, e o rei viu a palma da mão que escrevia" (A BÍBLIA..., 1986, p.1.693). A inscrição dizia: *Mane, Mane, Tecel, Parsin.* O rei disse aos sábios do reino, então, que aquele que soubesse ler a inscrição seria revestido de púrpura, receberia um colar de ouro e ocuparia o terceiro lugar no governo de seu reino. Por indicação da rainha, Baltazar pediu que chamassem Daniel, conhecedor da arte de interpretar sonhos e resolver enigmas. Daniel explicou que, ao tornar-se arrogante após Deus ter-lhe concedido grandeza, majestade e glória, Nabucodonosor foi expulso do convívio humano para se alimentar de ervas com os bois até reconhecer que é Deus quem detém o domínio do reino dos homens. Do mesmo modo como procedeu seu pai, Baltazar não se revelou humilde e louvou deuses que nada ouvem ou compreendem, deixando de glorificar a Deus. Por isso, foi por ele enviada a extremidade dessa mão e traçada essa inscrição, cuja interpretação foi a seguinte: *Mane* – Deus *mediu* o teu reino e deu-lhe fim; *Tecel* – tu foste *pesado* na balança e foste julgado deficiente; *Parsin* – teu reino foi *dividido* e entregue aos medos e aos *persas*. Nessa mesma noite, Baltazar foi assassinado e Dario, o medo, tomou o poder. Foi assim que a expressão, em inglês, "*the handwriting on the wall*" ou "*the writing on the wall*"[3] surgiu para indicar que um infortúnio está por acontecer (LOMAS, 1973, p. 74).

Nos sítios arqueológicos italianos de Pompéia e Herculano, existe uma grande quantidade de inscrições de parede que resistiram às erupções do Vesúvio em 24 de agosto de 79 d.C., ao contrário do ocorrido com as tábuas de cera, meio usual de leitura e escritura, e os livros, destruídos pelas altas temperaturas. Na antiga Pompéia, cidade do sul da Itália com população estimada em 10.000 habitantes, cerca de 10.000 grafitos foram encontrados até as escavações de 1956 (FUNARI, 1996; PRIAPEOS, 1981). Essas inscrições foram produzidas em paredes de ruas, banhos públicos, banheiros, bordéis e

[3] Tradução literal: "A escrita na parede".

ginásios, dentre outros lugares, tendo sido, de maneira geral, realizadas com instrumento pontiagudo ou rabiscadas com carvão ou giz vermelho (TANZER, 1939). A coleção completa de tais inscrições encontra-se compilada no *Corpus inscriptionum latinarum* (1871/1958).

A Figura 1.4 é um exemplo de grafito de banheiro produzido muito provavelmente há 1.924 anos na cidade de Herculano. É possível datar essa inscrição, pois ela faz referência a Tito, que se tornou Imperador de Roma em 79 d.C., ano da erupção vulcânica que soterrou Herculano, dentre outras cidades localizadas na região vesuviana. O império de Tito durou de 24 de junho de 79 a 13 de setembro de 81. Uma vez que o vulcão entrou em erupção exatamente dois meses após Tito ter se tornado imperador de Roma, pode-se afirmar que a inscrição foi gravada na parede em algum momento entre esses dois meses.

Ciro Primavera

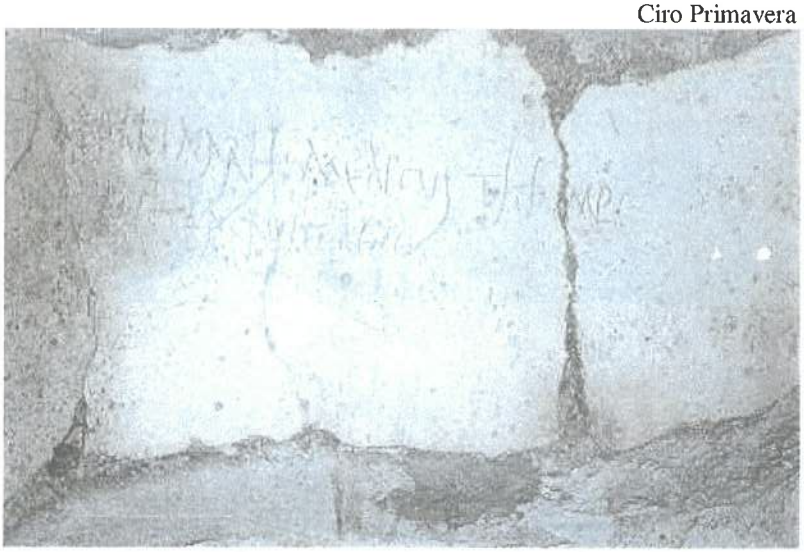


Figura 1.4. Grafito de banheiro encontrado em Herculano ("Casa della Gemma"): *Apollinaris medicus Titi imp(eratoris) hic cacavit bene*[4]. (produzido em 79 d.C.), fotografado no início da década de 1990.

Em Pompéia antiga, tamanha era a quantidade de inscrições parietais existentes que havia até mesmo trabalhadores, conhecidos como *dealbatores*, cuja função específica era limpar as paredes das cidades, retirando os grafitos de suas superfícies, que, no entanto, rapidamente eram novamente cobertas com outras inscrições (FUNARI,

[4] Trad.: "Apollinaris, médico do imperador Tito, aqui defecou bem".

1996, p.28). Muita informação sobre a vida cotidiana dos habitantes de Pompéia foi perdida porque vários banheiros foram cimentados e transformados em escadas para turistas (NETO, 1992). Na casa dos Vettii, importante local de visitação turística de Pompéia, por exemplo, o banheiro não pode ser acessado porque atualmente está localizado sob as escadas que foram construídas para a passagem de turistas.

A fotografia apresentada na Figura 1.4 foi realizada no início da década de 90 por Ciro Primavera[5], um dos superintendentes do sítio arqueológico de Herculano, na Itália. Em fevereiro de 2001, fotografamos novamente o local, que se encontrava em condições precárias de manutenção, conforme pode ser observado na Figura 1.5 abaixo.

Renata Plaza Teixeira

Figura 1.5. Parede contendo a inscrição *Apollinaris medicus Titi imp(eratoris) hic cacavit bene*, em Herculano ("Casa della Gemma"), na Itália, fotografado cerca de dez anos depois.

Segundo Ciro Primavera (comunicação pessoal, 2001), algumas inscrições já não existem mais, pois caíram por terra junto com pedaços do estuque que revestia as paredes onde haviam sido produzidas. Outras inscrições, ainda, em virtude da falta de proteção e manutenção adequadas, correm o risco de igualmente se perderem. As escavações em Herculano iniciaram-se no século XVIII, tornaram-se mais sistemáticas no século XIX e, finalmente, adquiriram caráter científico em 1927 sob a direção do

[5] Agradecemos a Ciro Primavera pelas informações prestadas, bem como pelos textos e fotografias concedidos.

arqueólogo italiano Amedeo Maiuri (PAGANO, 1997). Assim, as cinzas do Vesúvio, a bem da verdade, protegeram essa e outras inscrições por mais de 1.700 anos. No entanto, a exposição dessas produções ao público e às intempéries em decorrência do trabalho de escavação levou-as a se exporem, também, ao risco de destruição. Este fato comprova a importância do próprio registro das inscrições, como forma de preservar parte da história de quem as produziu.

Em livro intitulado *Epigrafia romana*, que versa sobre as inscrições produzidas em Roma antiga, Susini (1997) aponta a relevância da epigrafia[6] como meio para alcançar melhor conhecimento da história do trabalho humano e avizinhar-se mais daquelas inscrições que foram a historiografia da gente comum ou daqueles homens que se consideravam comuns, que "nada possuíam além da pedra para fazer conhecer a sua memória" (SUSINI, 1997, p. 7). Segundo o autor, a epigrafia restitui valor à história da comunicação humana e, no caso do estudo por ele realizado, especificamente, à história da comunicação na época dos romanos antigos. Refere-se às escritas realizadas "nas ruas e praças e qualquer lugar aberto ao público" como "literatura de rua", afirmando que esse tipo de literatura existe e, em certo sentido, sempre existiu, pelo menos nas civilizações que fazem uso da escritura. O autor ressalta que esse fenômeno ocorre em diferentes épocas e em territórios culturalmente diversos.

Reisner[7] (1971) escreveu um livro, cujo título é *Graffiti: two thousand years of wall writing*, traçando a história dos grafitos desde seus primórdios, durante o Paleolítico. Inclui, nesse livro, muitas inscrições produzidas durante a época medieval em paredes e pilares de igrejas inglesas, a maioria das quais produzida entre os séculos XII e XVI (REISNER, 1971; PRITCHARD, 1967). Várias delas foram realizadas em latim, tal como a frase *Mors comparatur umbre que semper sequitur corpus*[8], escrita em Sociedade de Antiquários de Cambridge (REISNER, 1971).

Existe grande quantidade de grafitos nas paredes da Torre de Londres, construída no século XI na capital inglesa junto ao rio Tâmisa. A Torre de Londres é, na verdade,

---

[6] Epigrafia é parte da paleografia que estuda as inscrições produzidas em material resistente (tais como pedra, metal, argila etc.), tratando de decifrá-las, datá-las e interpretá-las (*Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*).

[7] Robert Reisner foi a primeira pessoa a ministrar, nos EUA, um curso universitário sobre grafitos, no Departamento de Antropologia da *New School for Social Research*, em Nova Iorque (REISNER, 1971).

constituída de várias torres. Na Torre Beauchamp, por exemplo, prisioneiros deixaram registradas suas experiências e pensamentos em 91 grafitos, parte dos quais eram simplesmente nomes, outros possuíam conteúdo político ou religioso. Exemplos de inscrições aí produzidas são "*The fear of the Lord is the beginning of wisdome*"[9] e " *Grief is overcome by patience. Geo. Gyfford, August 8, 1586*"[10] (REISNER, 1971).

Interessantes estudos com inscrições parietais podem ser realizados com grafitos produzidos por presos nas paredes de suas celas. Trata-se de trabalho de complexa realização em função da dificuldade de acesso a esse tipo de material, havendo poucos estudos do gênero no mundo. Lombroso (1888), cuja tipologia criminológica baseada em características físicas não é atualmente aceita pela maioria dos estudiosos, analisou, no século XIX, grafitos em prisões masculinas e femininas, bem como em banheiros masculinos e femininos, dentre outros, com o objetivo de verificar características de criminalidade também identificáveis no conteúdo dessas inscrições. A primeira referência a esse trabalho que obtivemos foi em Siegl (1992), em sua dissertação de Mestrado em Filosofia sobre diferenças sexuais em grafitos de banheiros públicos masculinos e femininos de Viena, na Áustria. Essa dissertação, cuja cópia foi obtida no arquivo particular de textos, livros e fotos de grafitos organizado por Axel Thiel[11] em Kassel, na Alemanha, conduziu-nos ao livro de Lombroso, ao qual tivemos acesso na biblioteca do Departamento de Direito Penal da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo[12]. Para Siegl (1992), as inscrições carcerárias podem oferecer uma valiosa pista sobre a natureza psicológica do indivíduo que está preso.

Lombroso (1888), em seu livro *Palimsesti del carcere*, classificou o conteúdo das inscrições coletadas dentro cárcere e fora dele, tais como em muros, paredes de

---

[8] Trad.: "A morte é como uma sombra que sempre segue o corpo" (REISNER, 1971).
[9] Trad.: "O temor a Deus é o início da sabedoria".
[10] Trad.: "O sofrimento é vencido pela paciência. Geo. Gyfford, 8 de agosto de 1586"
[11] Gostaríamos de agradecer a Axel Thiel pela generosidade com que nos forneceu cópias de artigos, de livros esgotados e de teses não publicadas. Thiel organiza, em Kassel, na Alemanha, um dos maiores arquivos de trabalhos sobre grafitos no mundo. O nome da autora desta tese está incluído no *Vocabulary of Graffiti-Research (Part 15)*, vocabulário de verbetes relativos à pesquisa com grafitos (http://people.freenet.de/graffitiforschung.de/vocab15.htm), em *Lecturing on Graffiti*, como colaboradora de Thiel no Brasil (http://people.freenet.de/graffitiforschung.de/lect1.htm), e em *Vocabulary of Graffiti-Research - Volumes 1 - 8 - Keyword overview (1996-2000)*, na lista de palavras-chaves relacionadas à pesquisa com grafitos (http://users.aol.com/axelthielks/KEYwd1.html).

banheiros e margens de livros, em duas grandes categorias: bons e maus. Conteúdos tais como "humor", "ironia" e "falta de religião" foram mais freqüentes dentre os grafitos produzidos por prisioneiros, enquanto "religiosidade" predominou nas inscrições encontradas fora dos presídios. Também verificou que os grafitos produzidos nas prisões femininas foram menos agressivos do que aqueles produzidos nas prisões masculinas. Apesar de ter realizado um estudo extensivo, cujo principal mérito está na transcrição na íntegra da maior parte dos grafitos coletados dentro do cárcere, sua metodologia continha falhas. Somente foram transcritos os grafitos encontrados na prisão porque, de acordo com o autor, os demais poderiam ser "observados por todos" (p.257). Portanto, a amostra comparativa foi perdida. Lombroso também não incluiu em sua análise 200 insultos gerais coletados fora da prisão porque "não expressavam qualquer sentimento determinado" (p.265) ou porque nenhum tipo equivalente de insulto havia sido encontrado dentro da prisão. Além disso, a classificação maniqueísta das inscrições em boas e más envolveu um julgamento moral do seu conteúdo, produzindo um viés na categorização. De qualquer forma, seu livro contém um rico banco de dados que pode ser empregado em novas análises do material, bem como em estudos comparativos.

Huiskes (1983) realizou, também, importante trabalho com inscrições produzidas por prisioneiros mantidos em prisão nazista localizada em Colônia, na Alemanha, durante a Segunda Guerra Mundial, mais especificamente de 1943 a 1945. Transcreveu todos os dados encontrados, separando-os conforme os idiomas de produção, tais como alemão, francês, holandês, polonês, russo, italiano, espanhol e inglês. Apresentamos, a seguir, alguns exemplos dessas inscrições.

Em francês:

"*Ma maman Chérie, je voudr[a]is*

être près de toi, pour que tu puisse me

consoler, je suis seule enfermer avec

---

[12] Gostaríamos de agradecer, também, ao Prof. Dr. Otávio Pinto e Silva, da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, pelo auxílio na obtenção do livro de Lombroso para consulta.

4 Russes, j`ai passer sous plusieur

bombardement et je suis encore en

vie, mais peut-être bien que le prochain

il ne me loupera pas, pourtant".

(Trad.: "Minha mamãe querida, eu gostaria / de estar perto de você / para que você pudesse me consolar / eu estou só enclausurada com / 4 russas, eu passei por muitos / bombardeios e estou ainda / viva, mas pode muito bem ser que na próxima / ele não falhe / contudo").

"*le temp est long quand on est*

seul comme Fra[nç]aise avec

4 Russes et une Polonai[se], mais

malgré tout j`ai confiance [e]n Dieu,

il me libérera, car je n`ai rien à me

reprocher, ao contraire"

(Trad.: "o tempo é longo quando se está / só como francesa com / 4 Russas e uma Polonesa, mas / apesar de tudo eu tenho confiança em Deus, / ele me liberará, porque eu não tenho nada a me repreender / pelo contrário).

"*Juliette Froment*

23 – 10 – 44 ".

"*Vive la Belgique.*"

(Trad.: "Viva a Bélgica")

Em alemão:

"*Montag / Dienstag / Mittwoch / Donnertag / Freitag / Samstag / Sonntag*".

(Trad.: "Segunda-feira / Terça-feira / Quarta-feira / Quinta-feira / Sexta-feira / Sábado / Domingo").

Em russo:

ДА ЗДРАВСТВУЕТ
СТАЛИН!!!

(Trad.: "Viva Stalin!!!").

Em italiano:

"*Segnor fa che io esca presto da qui e che possa rivedere il mio C[.....]*"

(Trad.: "Senhor, faça que eu saia logo daqui e que possa rever o meu C[.....]")

Acreditando ser o estudo de inscrições carcerárias de grande relevância, demos início, em setembro de 2003, a uma pesquisa com as inscrições produzidas pelos presos alojados no Pavilhão 5 da antiga Casa de Detenção "Prof. Flamínio Fávero", também conhecida como Carandiru[13], localizada na cidade de São Paulo. Essa Casa de Detenção, que compunha, juntamente com o presídio feminino e a Penitenciária do Estado[14], o maior complexo penitenciário da América Latina, existiu de 1956 a 2002, tendo por ele

[13] Gostaríamos de agradecer aos alunos de graduação do Instituto de Psicologia da USP que nos auxiliaram na coleta de dados e sua análise: Laís Chohfi, Aires Ribeiro, Letícia L. Carvalho e André Rotworowski. Também agradecemos Luís Augusto Barbosa e João Carlos Otta pela contribuição relativa ao trabalho de registrar fotograficamente e em vídeo as inscrições produzidas no Carandiru. Finalmente, somos gratos à arquiteta Mara S. F. Calor, da Unidade de Gestão Estratégica do Governo do Estado de São Paulo, por nos ter autorizado a entrar no Carandiru para realizar coleta de dados, bem como ao Engenheiro .Edivaldo de Souza, da Terpav (Terraplenagem e Pavimentação Sorocaba Ltda.),.por nos ter recebido no canteiro de obras onde está sendo construído o Parque da Juventude. Somos igualmente gratas ao Sr. Esmael Martins da Silva, diretor do Museu Penitenciário Paulista, pelas relevantes informações fornecidas sobre a história do Carandiru e de seus ex-detentos.

passado cerca de 170.000 presos. Com capacidade para 3.500 presos, chegou a abrigar mais de 7.000 indivíduos. O Pavilhão 5, no ano 2000, possuía a maior população dentre os pavilhões que integravam o Complexo do Carandiru, com 1.741 presidiários (RODRIGUES, 2002). Segundo Humberto Rodrigues[15] (comunicação pessoal, 2003), ex-detento desse presídio e autor de *Vidas do Carandiru*, no Pavilhão 5 permaneceram presos políticos durante a época da Ditadura Militar, nos anos 60 e 70. Posteriormente, passou a abrigar, entre outros, estupradores e travestis, todos ocupando o mesmo espaço, sendo que nas portas de algumas celas das galerias desse pavilhão permaneciam travestis aguardando eventuais clientes que pagavam R$ 10,00 por um programa (RODRIGUES, 2002). Os presos podiam transitar pelos corredores dos pavilhões das 6h às 22h, período em que as celas permaneciam abertas.

O Carandiru, cuja história foi narrada em livros (*Estação Carandiru*, de Dráuzio Varella; *Vidas do Carandiru*, de Humberto Rodrigues; *Diário de um detento*, de Jocenir; *Sobrevivente André du Rap*, de André du Rap; *Memórias de um sobrevivente*, de Luiz Alberto Mendes), em filme (CARANDIRU, de Hector Babenco) e em documentário (CARANDIRU.DOC, de Rita Buzzar), foi palco de diversas rebeliões, fugas e mortes. Em 2 de outubro de 1992, lá ocorreu o maior massacre de presos da história do Brasil, ocasião em que, segundo estimativas oficiais, foram mortos 111 homens. Em setembro de 2002, foi realizada a última transferência de presos do Carandiru para penitenciárias localizadas em cidades do interior do Estado de São Paulo.

A Figura 1.6 apresenta fotografia feita em 26 de setembro de 2003 em cela do Pavilhão 5 do Carandiru, que contém inscrição de temática religiosa, fazendo referência a Jesus Cristo.

---

[14] A Penitenciária do Estado entrou em funcionamento em 1920.

[15] Agradecemos, também, a Humberto Rodrigues pelas importantes informações prestadas a respeito do Carandiru e de sua populacão carcerária.

Luís Augusto Barbosa

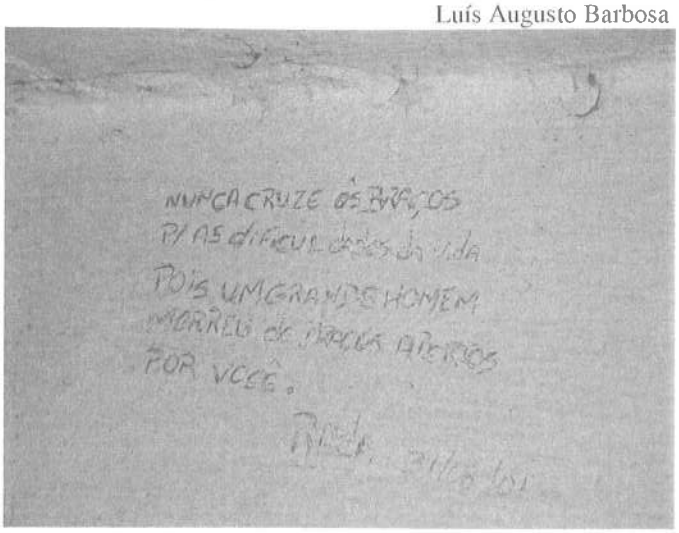


Figura 1.6. Grafito produzido em parede de cela do Pavilhão 5 do Complexo Penitenciário do Carandiru, em São Paulo.

Tendo finalizado a coleta de dados no Carandiru, pudemos constatar que "presença" (basicamente assinaturas e nomes próprios acompanhados ou não do nome do bairro, cidade ou zona da cidade de onde provinham os produtores das inscrições), "religião" e "amor" foram os principais temas dos grafitos lá produzidos: 37,9%, 17,1% e 15,7% das 560 inscrições verbais coletadas, respectivamente, versavam sobre esses assuntos. Foram observadas muitas referências a Jesus, a Deus, a crenças religiosas. Além desses conteúdos, também registramos várias frases abordando os temas da solidão, da distância, da saudade, do sofrimento, da liberdade e da paciência, bem como proclamando preferências por determinados times de futebol, além de desenhos dos símbolos desses times, marcações do decurso de tempo (dias da semana e do mês riscados) e referências aos artigos do Código Penal brasileiro que correspondem aos tipos de crime cometidos ou nos quais os detentos foram enquadrados na sentença condenatória (principalmente: "157", roubo; "121", homicídio; "12", na sua maior parte, tráfico de drogas; "171", estelionato; "159", extorsão mediante seqüestro). Foram pouco freqüentes os conteúdos insultuosos, que perfizeram um total de apenas 1,3% dos grafitos coletados.

É interessante notar, ainda, que referências a sexo e a mulheres não foram feitas por intermédio de grafitos. No entanto, de forma alguma podemos afirmar que esses conteúdos não tenham sido expressos pelas paredes, uma vez que várias celas continham

fotografias de mulheres vestidas, seminuas ou nuas, de uma nudez algumas vezes mais sutil, outras nem tanto, retiradas de revistas e coladas nas paredes.

Essa primeira análise das inscrições realizadas pelos ex-detentos do Carandiru revelou que certos temas nelas presentes também foram observados por Lombroso (1888), no século XIX, dentre os grafitos inscritos nas paredes de cárceres italianos, bem como por Huiskes (1983) nas escritas parietais de um presídio nazista localizado em Colônia, na Alemanha, durante a Segunda Guerra Mundial: Deus, solidão, saudade, amor, liberdade, esperança, marcação de tempo e o registro de nomes e locais de procedência, dentre outros. Desenvolveremos, futuramente, uma análise mais profunda desse *corpus* coletado no Pavilhão 5 da antiga Casa de Detenção do Complexo Penitenciário do Carandiru com o intuito de investigar os conteúdos mais freqüentes, bem como as motivações e funções do comportamento de escrever em paredes nesse contexto específico.

As paredes internas das celas de três desses pavilhões já foram derrubadas. Com elas, foram perdidas as inscrições produzidas pelos presos que lá habitaram. Restam as inscrições realizadas nas paredes das celas do Pavilhão 5, mas não por muito tempo. Essas paredes serão, em 2004, destruídas. Portanto, neste caso, também, o registro das inscrições é importante para que parte da história dos presos e da própria penitenciária seja preservada, permanecendo esses dados disponíveis para análises de conteúdo ou futuros estudos comparativos.

1.3.3. Criminalização e punição do comportamento de escrever em paredes no Brasil

No Brasil, Mancuso (1992) procura tipificar civil, penal e administrativamente os grafitos denominados como *pichação*. "Pichador", segundo o autor, é aquele que, utilizando tinta, em geral *spray*, produz dizeres ou desenhos em muros e paredes. Dizendo ensejar uma abordagem "técnica e desapaixonada" do assunto, afirma que se tem procurado "amenizar ou *glamourizar*" o termo "pichador", substituindo-o por grafiteiro ou "artista popular", mas que há resistências a tais "eufemismos" (MANCUSO, 1992, p.62-63).

A *pichação*, em sua origem, de acordo ainda com Mancuso (1992), pode ter correspondido a uma necessidade de expressão dos pensamentos e dos anseios de determinados segmentos da população, geralmente privada de fazê-lo de outra maneira. Eram chistes, desenhos, representações gráficas variadas que expressavam o que seria uma pintura ingênua, de estética popular. Afirma que essa atitude, ainda que pudesse ser recriminada por não ser precedida de consentimento do proprietário do muro ou imóvel, tinha a seu favor o fato de que "a intenção do agente não era anti-social, nem propositadamente prejudicial, consistindo antes num extravasamento gráfico da alma popular" (MANCUSO, 1992, p.63). Afirma, ainda, que os grafitos perderam sua graça e originalidade, tornando-se, em alguns casos, simplesmente agressivos e, em outros, reunindo a isso um extremo mau gosto em frases de conteúdo muitas vezes oculto em símbolos ou linguagem cifrada.

Segundo ainda esse autor, a doutrina e a jurisprudência buscam tipificar penalmente o fenômeno da *pichação*, havendo desde aqueles que consideram essa conduta atípica, passando pelas proposições de que o infrator, sendo menor, deveria reparar o dano com prestação de serviços à comunidade, até aqueles que entendem que essa conduta deveria ser enquadrada nas contravenções penais de "vadiagem" ou "perturbação da tranqüilidade" (MANCUSO, 1992, p.73).

Além de imputação penal ou de medida sócio-educativa, o jurista em questão defende que deve haver também responsabilidade civil (culpa aquiliana, ou seja, culpa referente a ato que provoca prejuízo a outra pessoa sem haver qualquer interesse pessoal em tal ato), podendo também ocorrer responsabilidade administrativa, "em havendo (como sói acontecer) postura municipal vedando a conduta atentatória à estética urbana e impondo multa" (MANCUSO, 1992, p.74).

De acordo com Lara (1996), a sociedade urbana segrega culturalmente os grafiteiros e pichadores. No final da década de 1980 e início da década de 1990, houve, em São Paulo, alguns projetos institucionais voltados para o "movimento grafite paulista", que já ganhava as galerias de arte: "Projeto Grafite-se", "Projeto Passagem da Consolação" e "Oficinas de Out-door". Os grafiteiros concebiam o grafite como um tipo de arte mural, enfatizando seu caráter plástico. De acordo com Lara (1996), essa atividade mural significava uma alternativa para os jovens deixarem as páginas policiais

e correspondia a um meio de expressão cultural e artística com grandes potenciais[16]. O grafite configura-se, para o autor, em uma forma de arte urbana importante, especialmente em uma cidade como São Paulo, necessitada de projetos culturais de grande porte e onde se agravam a situação ambiental, o trânsito, a saúde e a moradia. O público urbano, especialmente o metropolitano, é, segundo ele, mais carente do que o do interior, por isso envolve-se ainda mais ativamente em projetos como os mencionados, dos quais Lara participou. Nesses três projetos, grafiteiros e pichadores puderam encontrar meios adequados de expressão. Foram, contudo, reprimidos e tratados como marginais, sendo espancados pela polícia, que os obrigava a trabalhos forçados, a pintar viadutos e pontes, debaixo da mira de armas pesadas (LARA, 1996).

Em 8 de fevereiro de 2002, no município de Osasco, na grande São Paulo, dois garotos menores de idade, irmãos, com 12 e 14 anos, tiveram seus rostos, costas, peitos, barrigas, nádegas, braços e pernas pichados por dois policiais militares após haverem encontrado uma lata de *spray* no bolso do mais velho (DACAUAZILIQUÁ, 2002; CHRISTIANO, 2002; PMs..., 2002).

[16] Em 1995, a galeria virtual *Art Crimes – The Writing on the Wall* (http://www.graffiti.org/) passou a incluir em seu acervo os trabalhos dos grafiteiros de São Paulo. Essa galeria, criada em 1994, tornou-se a maior coleção virtual do movimento grafite, incluindo imagens de várias cidades de diferentes países (LARA, 1996).

CAPÍTULO 3

Grafitos de banheiro
nas artes e na ciência

"Os dois extremos do grafito como arte são as inscrições em paredes de banheiros públicos – que documentam as piores taras e os piores ressentimentos, e portanto o melhor humor da humanidade – e as pinturas afresco, pois o mural não é outra coisa senão o grafito tornado respeitável"
Luis Fernando Verissimo, 1993

CAPÍTULO 2

GRAFITOS DE BANHEIRO NAS ARTES E NA CIÊNCIA

A raiz etimológica da palavra "grafito" vem do vocábulo italiano *graffito*, que significa "desenho ou escritura feita com uma ponta dura sobre pedra ou similar" (HOUAISS; VILLAR, 2001). O termo em italiano, por sua vez, origina-se da palavra grega *gráphein*, que quer dizer "escrever, descrever, desenhar" (CUNHA, 1986). Em português, "grafito" significa "rabisco ou desenho simplificado, ou iniciais do autor, feitos, geralmente com *spray* de tinta, nas paredes, muros, monumentos etc., de uma cidade" (HOUAISS; VILLAR, 2001).

Grafitos de banheiro correspondem, portanto, a palavras, frases ou desenhos produzidos por homens e mulheres em banheiros públicos. Em geral, essas inscrições são encontradas nas portas e paredes das cabines dos banheiros, mas também, ocasionalmente, no teto ou em outras superfícies suscetíveis à escrita. Também denominado "latrinária", esse tipo de produção, bastante difundido no tempo e no espaço, corresponde a uma categoria do ato de escrever em paredes de maneira geral.

Em 1731, Hurlo Thrumbo (1731/1983) publicou o primeiro livro contendo uma análise sociológica dos grafitos (BRYDEN, MEHLBERG, 2003; FLOWERS, 2003). Esse livro incluía uma coleção de inscrições coletadas em banheiros públicos de Londres no início do século 18. Thrumbo aborrecia-se com o fato de proprietários pintarem ou apagarem as inscrições dos sanitários sem prestarem atenção aos comentários políticos e cheios de humor nelas contidos. Assim, foi a campo registrar os grafitos inscritos nas portas e paredes dos banheiros públicos da cidade. Alguns temas observados foram amor, casamento, bebidas, política, jogo, escândalo, entre outros. Eram freqüentes os insultos e as críticas políticas, conteúdos cuja expressão ofereceria algum perigo se

ocorrida fora do contexto protegido do anonimato. Também foram documentadas referências a funções biológicas e sexuais, assuntos igualmente inadequados para o discurso público (FLOWERS, 2003).

As primeiras publicações sobre grafitos apareceram no periódico *Anthropophyteia*, fundado e editado por Friedrich S. Krauss no início do século XX em Viena, na Áustria. Esse famoso periódico, em cuja defesa postou-se Freud em 1910, quando escreveu carta a Krauss destacando a relevância do material por ele publicado (FREUD, 1910/1970), incluía coleções de histórias eróticas, piadas e grafitos (FREUD, 1910/1970; LOMAS, 1973; THIEL, 2001, 1998). As publicações aconteceram anualmente, com alguns fascículos suplementares, de 1904 até a Primeira Guerra Mundial, em 1914, a partir de quando deixaram de ocorrer.

Anthropophyteia antecedeu o periódico *Maledicta*, editado por R. A. Aman em Santa Rosa, na Califórnia, nos EUA, que desde 1976 publica textos sobre linguagem obscena, especialmente a respeito de sua origem, etimologia, significado, uso e influência[17]. Os tópicos de publicação incluem várias áreas acadêmicas, tais como antropologia, folclore, lingüística, filologia, sociologia e psicologia. Alguns assuntos contemplados por esse periódico são: agressão verbal, palavrões, blasfêmias, escatologia, sexo e grafitos. *Maledicta* integra o rol de publicações de várias importantes bibliotecas, tais como as das universidades da Califórnia em Berkeley e de Harvard nos EUA, de Cambridge e de Oxford na Inglaterra, de Sorbonne na França, entre outras. É lida em pelo menos 78 países e alguns textos nela publicados constam das referências desta tese de doutorado[18].

2.1. Grafitos de banheiro nas artes

A criação artística, diferentemente da produção científica, não depende de demonstração empírica (QUEIROZ, 1998). O artista, assim sendo, é livre para alcançar determinados *insights*, "captando manifestações que nem sempre se encontram no

[17] Esse periódico possui um *site* na Internet: http://www.sonic.net/maledicta/.

[18] Gostaríamos de agradecer a Ricardo Roberto Plaza Teixeira pelo levantamento bibliográfico realizado na Universidade da Califórnia em Berkeley, de onde trouxe cópias de vários artigos utilizados na elaboração desta tese de doutorado, alguns deles publicados no periódico *Maledicta*.

horizonte da percepção ou do interesse do cientista" (p.87). Por isso Ezra Pound chamou-o de "antena da raça" (POUND, 1988). Em prefácio ao livro de Pound *ABC da Literatura*, Augusto de Campos afirma que a arte capacita-nos "a descobrir e a enfrentar objetivos sociais e psíquicos", atuando como "radar", um verdadeiro "sistema de alarma premonitório" (POUND, 1988, p.13).

Segundo Queiroz (comunicação pessoal, 1999), ainda, "a ficção, seja a da literatura, seja a do cinema, presta-se à avaliação das relações entre o quotidiano vivido e o quotidiano construído pelo produto ficcional". Assim, conclui o autor, "a obra cinematográfica pode ser tomada como uma etnografia, prestando-se a uma análise centrada no sentido, nas relações aí estabelecidas, sem que se imponha a necessidade de demonstração".

A sensibilidade do artista captou a relevância das inscrições de banheiro para o imaginário popular, tema que já foi abordado na literatura e no cinema.

Na literatura não científica, podemos citar referências a inscrições obscenas produzidas em paredes de banheiros nas obras *Asfalto selvagem* e *Os sete gatinhos,* ambas de Nelson Rodrigues. Em *Asfalto selvagem* (RODRIGUES, 1994), por exemplo, a constatação de que Engraçadinha, personagem principal da história, está "na boca do povo" dá-se quando surge, na parede de um banheiro masculino, escrita a lápis, uma "quadrinha ignóbil" (RODRIGUES, 1994, p. 18). Em *Os sete gatinhos* (RODRIGUES, 1985), desenhos de pênis são feitos com batom nas paredes de azulejo do banheiro da casa onde mora a família da personagem Aurora, causando indignação nos membros da família.

Dois importantes trabalhos literários sobre grafitos de banheiro, publicados em Portugal e no México, são: *O guardador de retretes*, do escritor português Pedro Barbosa (1986), obra que contém principalmente inscrições produzidas em banheiros públicos de Portugal, mas também da França, da Espanha, da Itália, da Inglaterra e do Brasil, e *Picardía mexicana*, de A. Jiménez (1982), que em 1982 alcançava sua septuagésima primeira edição, reunindo uma série de inscrições mexicanas. Os autores dessas duas obras procuram ressaltar a importância de se lançar um olhar sobre esse tipo de material para que se possa compreender o ser humano em seus aspectos psicológicos e culturais, fazendo isso de maneira bastante bem humorada. Em 2002, Jiménez, em

comemoração a seu 85º aniversário e aos 42 anos da primeira publicação de *Picardía mexicana*, lançou esse livro no formato de CD-ROM interativo, com mais de sete horas de conteúdo de áudio e vídeo.

Alguns autores também publicaram compilações de inscrições coletadas em banheiros públicos, tais como *Parole in ritirata*, pequeno livro de autoria de Mauro Pedretti (1993), que reúne uma série de grafitos verbais encontradas em sanitários italianos, *Women in the John*, de Suzanna Shaw (1980), que apresenta uma coleção de inscrições coletadas em banheiros femininos de várias cidades dos Estados Unidos da América durante a década de 1970, e *Sprüche und Kommunikation aus Damen und Herrentoiletten* ("Ditos populares e comunicação em banheiros femininos e masculinos"), de Axel Thiel, Maria M. Thiel e Jürgen Beyer (1982), que contém inscrições verbais e desenhos produzidos em sanitários masculinos e femininos de uma escola superior e de uma grande fábrica localizadas na Alemanha.

Vale citar a seguinte frase de Pedro Barbosa (1986):

> "Verdade muitas vezes esquecida é que nem toda a poesia cabe nos livros. E a lírica das retretes foi feita para sobreviver nos poemas em festa!
> Porque a poesia também nasce nesses lugares infectos. Como a flor nasce do estrume"
>
> (BARBOSA, 1986, p.51)

No cinema, os filmes *Querelle* (1982), de Rainer W. Fassbinder, *Blues Brothers* (1980), de John Landis, e *O cozinheiro, o ladrão, sua mulher e o amante* (1989), de Peter Greenaway, também fazem referência a grafitos de banheiro. *Querelle*, filme que aborda a temática da homossexualidade, contém uma cena que se passa em mictório freqüentado por marinheiros, no qual há desenhos de pênis e de relação sexual, bem como a seguinte frase solicitando contato homossexual "*Young man needs boys with big cocks*"[19]. Em *Blues Brothers*, a popularidade da banda de *blues* que leva o nome do

[19] Trad.: "Jovem necessita de garotos bem dotados".

filme é comprovada quando aparecem inscrições com seu nome em parede de banheiro público masculino. Em *O cozinheiro, o ladrão, sua mulher e o amante*, finalmente, o Sr. Albert Spica, personagem do filme, após observar inscrições produzidas em parede do banheiro de um restaurante, referindo-se a elas como "imundícies", trava um diálogo com outra personagem, Michael, que à mesa do restaurante lê um livro. Sr. Spica afirma: "Aposto que é o único que leu este livro. Agora todos os fregueses leram aquilo lá no banheiro", em uma referência à popularidade das escritas latrinárias.

2.2. Grafitos de banheiro na literatura científica

A ciência também interessou-se pelo tema dos grafitos de banheiro, especialmente a antropologia, a lingüística e a área das comunicações. Comparativamente à grande freqüência de inscrições estampadas em portas e paredes de banheiros públicos espalhados pelo mundo e aos trabalhos desenvolvidos por profissionais dessas áreas, é pequena a quantidade de publicações realizadas por psicólogos. Bosmans e Thiel (1995) chamam a atenção para a fragmentação da literatura relacionada à pesquisa com grafitos e a falta de comunicação entre os pesquisadores do tema.

Um dos primeiros trabalhos científicos com grafitos de banheiro foi iniciado em 1928 pelo lingüista norte-americano Allen Walker Read (1935/1977) realizou uma análise semântica de grafitos de banheiro coletados no oeste norte-americano e no Canadá, incluindo, em seu trabalho, um estudo da natureza da obscenidade e uma epigrafia popular, que contém a transcrição das inscrições coletadas, organizadas em um glossário, de A a Z, de palavras estigmatizadas. Para o autor, nas paredes estão registrados sentimentos e palavras que de maneira geral são comunicadas apenas oralmente. Aponta o fato de que, apesar de se tratar de uma prática popular muito difundida, as inscrições de banheiro são fugidias, uma vez que as paredes são freqüentemente limpas ou pintadas. Os grafitos de banheiro correspondem, no entanto, a uma fonte de documentação de atitudes, modos de pensar e hábitos discursivos populares, sendo produzidos diretamente pelas pessoas, sem a preocupação de estarem sendo observadas. Resulta de diferentes motivações, sendo a principal delas, de acordo com o autor, o desejo de deixar um registro de presença ou de existência. Apesar de o

principal foco de interesse de Read ter sido o idioma inglês, tal como era na época utilizado nos Estados Unidos da América, afirma desejar que as inscrições possam ser úteis para folcloristas, psicólogos e sociólogos.

O antropólogo norte-americano Alan Dundes, em 1966, foi quem primeiro propôs, em estudo realizado com inscrições produzidas em banheiros públicos norte-americanos, o termo, em inglês, "*latrinalia*", para denominar esse tipo de inscrição, que passou a ser empregado pela literatura especializada desde então. Weitzel (1984), folclorista brasileiro, emprega o termo "latrinária" para se referir às escritas de banheiro, afirmando que elas fazem parte do folclore secreto, genital e escatológico. Américo Pellegrini Filho, também folclorista e professor da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo, utiliza tanto as denominações "latrinália" (1982, 1983, 1998) quanto "latrinária" (1987) para reportar-se aos grafitos de banheiro. Adotamos, em nosso trabalho, esta última denominação.

Grafitos de banheiro permitem que comportamentos, crenças e atitudes sejam medidos de maneira não intrusiva (KUTAKOFF, 1972; STOCKER, DUTCHER, HARGROVE, COOK, 1972; ANDERSON, VERPLANK, 1983; SCHREER, STRICHARTZ, 1997). Trata-se de respostas livremente emitidas, sem que se tenha a preocupação de que venham a ser submetidas a análises científicas (CAMPBELL; SCHWARTZ; SECHEREST, 1966). Possuem, portanto, a vantagem de ser menos sujeitas a tendências iniciais de censura, bem como de oferecer oportunidades de medidas repetidas do comportamento sem que as operações envolvidas nessas medições afetem as respostas (SECHREST; OLSON, 1971).

As escritas latrinárias poderiam ser descritas como uma janela para a intimidade, tal como revela a inscrição "Você acaba de fechar a porta e entrar no meu mundo", encontrada em um banheiro feminino da *City University of New York* (Figura 2.1). Quando uma pessoa fecha a porta da cabine do banheiro para o mundo público, abre uma janela para o mundo privado. A cabine do sanitário poderia ser comparada a uma caverna urbana contemporânea. A caverna é um lugar furtivo, um lugar para se esconder, tal como o banheiro, onde pessoas escondidas expõem seus segredos mais íntimos.

Renata Plaza Teixeira

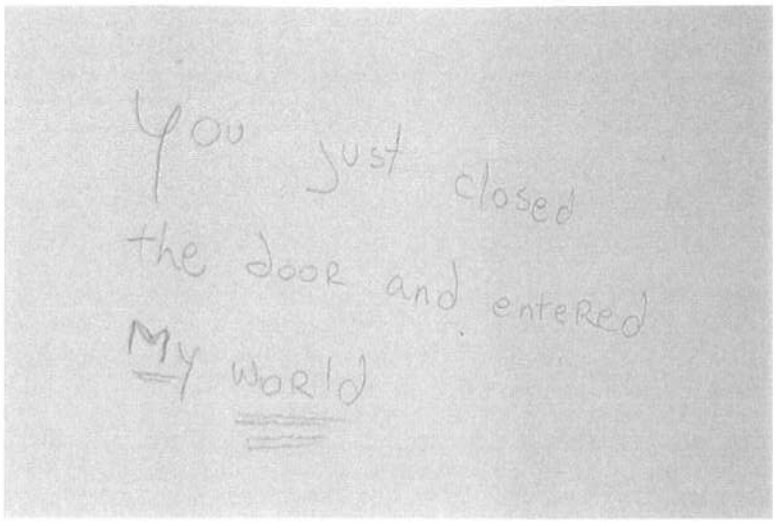


Figura 2.1. Grafito encontrado em um banheiro feminino dos Estados Unidos da América em agosto de 2000.

Apresentamos, neste capítulo, revisão da literatura especializada publicada no Brasil e em outros países, especialmente nos EUA. Uma vez que nosso trabalho focaliza diferenças sexuais e culturais, organizamos essa revisão levando em conta principalmente as pesquisas que também investigam esses aspectos.

A maior parte dos artigos a respeito de grafitos aos quais tivemos acesso por intermédio de buscas realizadas no Brasil, nos EUA, na Itália e na Alemanha, bem como via Internet, foi publicada nos Estados Unidos da América, principalmente durante as décadas de 1970 e 1980, fato também verificado por Gadsby (1995a). Podemos aventar algumas hipóteses que expliquem a ocorrência dessa concentração de publicações nesse país e durante esse período.

Thiel (2000) e Weitzel (1984) atribuem à grafitagem com tinta *spray* a propagação dos grafitos, especialmente os realizados nos muros urbanos, por permitir um método rápido e prático para grafar mensagens, palavras e palavrões em suas superfícies. A tinta *spray* em lata foi inventada pelo norte-americano Edward Seymour em 1949, que fundou a empresa *Seymour of Sycamore, Inc.* de Chicago, EUA, para manufaturar a tinta *spray*.

O comportamento de grafitar foi também inspirado e estimulado pelos acontecimentos culturais havidos após 1968 (ABREU, 2000). O primeiro movimento da arte de grafitar ocorreu na França, em Paris, no final da década de 1970, seguido pelos EUA e pelos países da América Latina (SILVA, 1988). Durante as décadas de 1970 e 1980, grandes cidades norte-americanas, tais como Nova Iorque, Los Angeles e São Francisco, tiveram suas paredes inundadas por inscrições, fenômeno que também ocorreu em outras cidades do mundo, tais como Cidade do México, Bogotá, Berlim e São Paulo. Desde 1969, Axel Thiel coordena um grupo internacional de trabalho, sediado em Kassel, na Alemanha, que realiza pesquisas com grafitos.

Duas importantes influências no comportamento de produzir o chamado "grafite", de caráter artístico, foram os norte-americanos Keith Haring (1958-1990) e Jean Michel Basquiat (1960-1988), que tiveram seus trabalhos reconhecidos como arte.

O termo "grafite", em português, surgiu como adaptação para o nosso idioma do vocábulo em inglês *graffiti*, popularizado a partir dessas inúmeras manifestações da arte da grafitagem nos Estados Unidos da América (ABREU, 2000). A palavra em inglês, contudo, atualmente se refere, nos EUA, a todo tipo de escrita de parede, desenho, símbolo, ou marca realizada em qualquer superfície, independentemente da motivação do produtor do grafito (GADSBY, 1995a). No Brasil, os termos "grafite" e "*graffiti*" são empregados, de maneira geral, para fazer referência a produções murais de caráter artístico. Gitahy (1999) diferencia "graffiti" de pichação, afirmando que o primeiro provém das artes plásticas e o segundo, da escrita. Em outras palavras, o "graffiti" privilegia a imagem e a pichação, a palavra e/ou a letra.

Vale citar, ainda, que a primeira grande exposição de grafite foi realizada em Nova Iorque, nos EUA, em 1975, no "Artist`Space" e que a primeira galeria totalmente dedicada ao "grafite" foi a "Fun Gallery" (GITAHY, 1999), fundada em 1981 no East Village, em Manhattan, também em Nova Iorque, por Patti Astor, estrela do cinema *underground*, e Bill Stelling.

A grafitagem com tinta *spray* está igualmente na origem do movimento *hip hop* (CORALLO, 2000), que evoluiu da música *rap*, surgida entre as décadas de 1960 e 1970 na cidade de Nova Iorque (BREWER, 1992), nos bairros do Brooklyn e do Harlem, em oposição à música *disco*, que tocava nos clubes ricos e elitistas de Manhattan. Além de

unir artes plásticas ("grafite") e música (*rap*), o *hip hop* também incorpora a dança (*break*).

Talvez esses fatos centrados nos Estados Unidos da América tenham influenciado a grande produção norte-americana, particularmente durante as décadas de 1970 e 1980, de trabalhos científicos sobre grafitos realizados em diferentes suportes. Enfocaremos, aqui, os que versam especificamente sobre os grafitos de banheiro, iniciando pelos trabalhos desenvolvidos no Brasil e discorrendo, em seguida, pelos produzidos em outros países das Américas e da Europa.

2.2.1. Pesquisas com grafitos de banheiro no Brasil

No Brasil, importantes pesquisas com escritas latrinárias foram desenvolvidas por Américo Pellegrini Filho (1987), Antônio Henrique Weitzel (1984), Francisca Maria de Mélo (2000), Azenê Pires Cunha (1999) e Gustavo Guimarães Barbosa (1985). Mencionaremos, aqui, os trabalhos desses autores, além do realizado por Célia Maria Antonacci Ramos (1994) com grafitos de maneira geral, incluindo os de banheiro, e as pesquisas desenvolvidas por Renata Plaza Teixeira (1998), autora desta tese de doutorado, por sua orientadora, Profa. Dra. Emma Otta (1991) e por ambas em conjunto com colaboradores (OTTA et al., 1996). Todos esses autores, com exceção de Weitzel (1984) e de Ramos (1994), abordam, com maior ou menor ênfase e de maneiras distintas, a questão das diferenças sexuais nas escritas latrinárias. Nenhum deles, contudo, desenvolve análise intercultural com esse material.

Pellegrini Filho (1987) realizou uma análise comunicacional de 3.920 registros de folclore escrito, dos quais 839 correspondiam a grafitos de banheiro, em tese de doutorado apresentada à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo com o título *Folclore:* Comunicação escrita e urbana. O material foi coletado durante 17 anos, entre 1970 e 1986, e abarcou todas as regiões do Brasil, incluindo somente as inscrições de banheiros masculinos. Pellegrini Filho (1987) agrupou os grafitos em 14 categorias de conteúdo: amor, esporte, filosofia popular, homossexualismo, humor, humor obsceno, metalinguagem (dividida em duas subcategorias: autocrítica e outras), nomes, poesia obscena, política, religiosidade, sexo / mulher, vanguarda e miscelânea, apresentando e comentando exemplos dos vários temas abordados, sem, contudo,

analisar estatisticamente os dados. Para o autor, os grafitos reunidos em latrinária abrangem uma variada gama de assuntos e permitem, devido às circunstâncias oferecidas pelo local, a liberação de tensões, que se dá por meio tanto da expressão verbal escrita quanto pela expressão icônica. Segundo Pellegrini Filho (1987), o enunciado de tantas categorias já é suficiente para indicar que as frases de sanitários têm função catártica. "Livre de cabrestos sociais, o emissor se sente propenso a desrespeitar padrões de comportamento aceitos como 'certos' e 'normais' .Noutras circunstâncias, o mesmo emissor não escreveria os textos encontrados em sanitários públicos" (PELLEGRINI FILHO, p.242). O autor compara a escrita latrinária ao carnaval: enquanto este é um tempo de transgressões da ordem estabelecida, o sanitário público corresponde a um local onde se expressam conteúdos que também transgridem essa ordem. Assuntos obscenos são tratados nesse espaço com toda liberdade. E conclui que se trata de um tipo de manifestação tradicional-popular universal e que a cultura do brasileiro contemporâneo está perfeitamente espelhada nos grafitos de banheiro. As inscrições de sanitários públicos são, de acordo com o autor, quase indispensáveis no ambiente urbano. As pessoas deles se apropriam, transformando-os em um "templo" onde podem praticar o ritual catártico de transgredir proibições sociais e expressar tudo o que lhes vai na mente.

Apesar de não ter propriamente investigado diferenças sexuais nos grafitos de banheiro, uma vez que trabalhou somente com material coletado nos sanitários masculinos, Pellegrini Filho (1987) afirma que as mulheres costumam igualmente escrever nas paredes e nas portas dos WCs, conforme pôde verificar de maneira não sistemática. Segundo ele, uma quantificação razoável feita em sanitários públicos femininos poderia chegar a resultados semelhantes aos observados em seu estudo, guardadas as naturais diferenças e correspondências. Para exemplificar, cita alguns conteúdos observáveis dentre as inscrições masculinas: valorização e enaltecimento do sexo feminino, manifestações elogiosas ou de preconceito com relação ao homem homossexual, preocupação com a infidelidade conjugal da mulher etc.

Weitzel (1984), em um pequeno artigo publicado no periódico *Boletim da Comissão Mineira de Folclore*, relaciona, para fins de registro, 17 inscrições coletadas em suas pesquisas de folclore literário e lingüístico em Minas Gerais. Afirma que a

latrinária faz parte do "folclore secreto, genital, escatológico" (WEITZEL, 1984, p.13), representando uma importante contribuição para a compreensão de atividades subconscientes e recalques. Para o autor, pronunciar e escrever obscenidades é um fenômeno humano que é reprimido pela educação, mas que acaba por se manifestar no ambiente isolado dos banheiros, onde o anonimato é garantido. As inscrições de banheiro são inicialmente conhecidas apenas pelos freqüentadores desses lugares, que, posteriormente, promovem sua divulgação oral[20].

Ramos (1994) desenvolveu uma análise semiótica de inscrições parietais produzidas na cidade de São Paulo, especialmente grafitos e pichações, afirmando que ambos são, necessariamente, formas de intervenção e transgressão do espaço urbano, sendo que as pichações chegam a invadir espaços internos, tais como pátios e banheiros públicos. Para Ramos (1994), pichações, grafites e pseudografites são diferentes expressões de linguagem. Os dois primeiros correspondem a expressões que se apoiam em um ritual de risco, sendo o grafite uma atividade lúdica e a pichação, além de lúdica, agressiva. No grafite, por ter sido criado por grupos de jovens universitários e/ou ligados às artes, há uma preocupação com a estética, com a elaboração dos signos. A pichação é mais aleatória, trabalha com maior grau de improvisação, com o acaso. O pseudografite é aquele feito por "grafiteiros não transgressores", ou seja, por pessoas que realizam suas produções em locais autorizados pela prefeitura ou pelo proprietário. Os "muralistas não transgressores" apenas repetem as intervenções lúdicas dos grafiteiros, não inovando nem na técnica, nem no código. Os grafitos de banheiro corresponderiam, portanto, segundo a categorização de Ramos (1994), a pichações.

Cunha (1999) conduziu uma análise qualitativa de inscrições produzidas em 124 banheiros públicos masculinos e femininos de Campina Grande, na Paraíba, em monografia apresentada ao Centro de Ciências Sociais Aplicadas, da Universidade Estadual da Paraíba, como projeto de iniciação científica sob o título *Grafitos de banheiro*: uma comunicação em reação aos mecanismos de controle e disciplina do

---

[20] De acordo com Shaw (1980), quando um grafito aparece uma única vez, é denominado *Apax Logomina*. Também é de interesse dos folcloristas, uma vez que pode vir a fazer parte do folclore caso muitas pessoas o copiem em outros locais. De tão repetidos, certos grafitos passam a incluir-se, então, entre as tradições populares, integrando o folclore escrito urbano (PELLEGRINI FILHO, 1987).

sistema social. Afirmando ser equivocada a visão de que os grafitos correspondem a transgressões, sujeiras e atos de vandalismo, conclui que, na verdade, eles surgem em resposta a um conjunto de interdições e regras estabelecidas histórica e culturalmente. O banheiro torna-se, "de forma 'legitimada', o espaço praticável da comunicação que denuncia, que expõe o que se reprime, o que se busca encobrir ou sufocar" (p.31). Cunha (1999) observou que nos sanitários femininos, mais do que nos masculinos, predominam as mensagens de conteúdo moralista e disciplinador. Nos masculinos, são freqüentes as alusões à homossexualidade, enquanto nos femininos, predomina a visão romântica do amor. Segundo Cunha (1999), ainda, a estimulação por intermédio de imagens obscenas, que exibem o que deveria estar oculto, é mais acentuada para o sexo masculino do que para o feminino.

Barbosa (1985) desenvolveu um trabalho com inscrições de banheiro produzidas em diferentes locais, tais como universidades, escolas, bibliotecas, escritórios, bares, cinemas, terminais e fábricas, realizando um levantamento dos diferentes temas abordados e dos termos sexuais empregados, pesquisa essa apresentada em dissertação de mestrado em Comunicação à Universidade Federal do Rio de Janeiro e relatada no livro *Grafitos de banheiro*: literatura proibida. A maioria das 1.008 inscrições coletadas por Barbosa (1985) foi produzida nos banheiros masculinos (banheiros masculinos: 81,5% *x* banheiros femininos: 17,5% *x* banheiros mistos: 1,0%) e correspondia a inscrições verbais (verbais: 90,2% *x* icônicos: 2,5% *x* verbais / icônicos: 7,3%). Com relação aos temas abordados, o mais freqüente foi sexo (banheiros masculinos: 70,0% *x* banheiros femininos: 68,0%), seguido de política (banheiros masculinos: 12,0% *x* banheiros femininos: 22,0%), drogas (banheiros masculinos: 2,2% *x* banheiros femininos: 0) e excreção (banheiros masculinos: 5,0% *x* banheiros femininos: 0). Outros temas abordados foram: morte (banheiros masculinos: 1,0% *x* banheiros femininos: 0), dinheiro (banheiros masculinos: 0,5% *x* banheiros femininos: 1,1%), futebol (banheiros masculinos: 0,6% *x* banheiros femininos: 0), religião (banheiros masculinos: 0,9% *x* banheiros femininos: 4,5%), banheiro (banheiros masculinos: 2,4% *x* banheiros femininos: 1,1%) e grafitos (banheiros masculinos: 0,6% *x* banheiros femininos: 1,1%). As mulheres produziram, ainda, maior quantidade de divagações e confissões (48,7% *x* 6,5%) e de assinaturas e nomes próprios (8,7% *x* 5,4%). Os homens, por outro lado,

realizaram maior quantidade de interpelações e agressões gerais (12,4% *x* 0,5%), bem como de agressões inter-étnicas (2,2% *x* 0). Eles escreveram, também, maior quantidade de nomes próprios (8,7% *x* 0) e de anúncios (5,2% *x* 0), a maioria deles contendo solicitação de contato homossexual.

Barbosa (1985) também realizou um levantamento dos vários sinônimos de diferentes termos sexuais empregados nos grafitos produzidos nos sanitários masculinos e femininos: ânus e nádegas (banheiros masculinos: 20,0% *x* banheiros femininos: 3,2%), pênis (banheiros masculinos: 10,7% *x* banheiros femininos: 17,4%), vagina (banheiros masculinos: 6,4% *x* banheiros femininos: 9,6%), seios (banheiros masculinos: 0,3% *x* banheiros femininos: 0), excrementos (banheiros masculinos: 7,4% *x* banheiros femininos: 0), homossexuais (banheiros masculinos: 26,9% *x* banheiros femininos: 25,3%) e relação sexual (banheiros masculinos: 17,0% *x* banheiros femininos: 45,5%). Outras palavras também utilizadas, mas somente em inscrições masculinas, foram maconha (4,9%), pai (1,3%) e mãe (5,2%). Com relação aos desenhos, os órgãos representados foram: pênis (banheiros masculinos: 38,7% *x* banheiros femininos: 8,4%), vagina (banheiros masculinos: 6,7% *x* banheiros femininos: 4,2%), nádegas (banheiros masculinos: 1,0% *x* banheiros femininos: 0) e ânus (banheiros masculinos: 1,0% *x* banheiros femininos: 0). Os desenhos mais freqüentes nos banheiros masculinos foram os de pênis (38,7%) e, nos femininos, os de coração (83,3%). Logotipos pessoais foram realizados com maior freqüência nos banheiros masculinos (banheiros masculinos: 30,7% *x* banheiros masculinos: 4,2%). Símbolos políticos foram produzidos somente pelos homens (6,7%). Segundo Barbosa (1985), aparecem, nas inscrições, associações entre mulher e sentimento e entre homem e força / razão, bem como referências a racismo, desigualdades sociais e valorização dos cânones da burguesia branca.

Interessado em estudar os grafitos como forma de comunicação, Barbosa (1985) concluiu que, "mais que uma transgressão, a produção dos grafitos constitui a fundação (permitida, apesar de tudo) de um espaço discursivo próprio" (p.196). Dentre tantas outras transgressões, escrever inscrições latrinárias é seguir a regra da transgressão organizada, institucionalizada. Também segundo esse autor, estabelece-se, nesse espaço, um ritual de transgressão semelhante ao carnaval.

Mélo (2000), em monografia intitulada *A manifestação da escrita nos banheiros universitários* apresentada ao Centro de Educação da Universidade Estadual da Paraíba para obtenção do título de graduada em Letras, realizou estudo com grafitos de banheiros masculinos (N=34) e femininos (N=41) coletados na Biblioteca Setorial dessa universidade, que envolveu análise das estruturas das inscrições, classificadas em lexicais (continham um ou mais termos soltos, sem constituir uma frase), frasais (constituídas de uma frase) e textuais (contendo duas ou mais frases). Inscrições eróticas predominaram tanto nos banheiros masculinos quanto nos femininos. As estruturas frasais prevaleceram nos masculinos, enquanto as textuais foram mais freqüentes nos femininos. A estrutura lexical, menor unidade lingüística, foi a menos empregada nos dois ambientes e, em geral, seu conteúdo correspondia a palavras de desprezo ou insulto.

Otta (1993) estudou inscrições de paredes de banheiros universitários brasileiros e verificou que os homens produziram maior quantidade de grafitos do que as mulheres (81,8% *x* 18,1%). Sexo e política foram os temas mais freqüentes nos sanitários masculinos (18,4% e 15,4%, respectivamente) e nos femininos (21,3% e 14,9%, respectivamente). Não houve, contudo, diferença estatisticamente significativa entre as freqüências de grafitos de conteúdo sexual produzidos nos banheiros masculinos e nos femininos (18,4% *x* 21,3%). Por outro lado, romantismo (9,6%), problemas pessoais (9,6%) e moralidade (7,4%) predominaram nos femininos, enquanto solicitação de contato sexual (9,2%), insultos de maneira geral (8,2%) e insultos sexuais (8,2%) prevaleceram nos masculinos. Todas as categorias de conteúdo estavam presentes, em variados graus, nos banheiros masculinos. Insultos raciais, referências a drogas e a AIDS, no entanto, estavam ausentes nos femininos.

Otta, Santana, Lafraia, Hoshino, Teixeira e Vallochi (1996) realizaram estudo com inscrições produzidas em banheiros de "cursinhos" pré-vestibulares e de uma universidade localizados na cidade de São Paulo. Observaram maior quantidade de inscrições nos banheiros masculinos do que nos femininos tanto nos "cursinhos" quanto na universidade. Estudantes de "cursinho" do sexo masculino produziram freqüências estatisticamente maiores de inscrições verbais de conteúdo relacionado a esporte (especialmente futebol) e a política, bem como desenhos de símbolos também relacionados a esporte (referentes a times de futebol) e política. Na universidade, os

homens realizaram maior quantidade de inscrições verbais contendo insulto. As estudantes do sexo feminino, por outro lado, produziram maiores quantidades de grafitos verbais e desenhos românticos tanto nos "cursinhos" quanto na universidade. Também realizaram, nos "cursinhos", freqüências mais elevadas de inscrições verbais a respeito de assuntos relacionados ao ambiente escolar e classificadas na categoria de conteúdo "presença" (assinaturas, nomes individuais e designações grupais). Observou-se que na passagem do "cursinho" para a universidade, houve uma redução no número de categorias que diferenciavam os sexos, tanto relativamente às inscrições verbais (2 *x* 2) quando aos desenhos (2 *x* 0). Homens e mulheres escreveram mais sobre sexo na universidade (homens: 29% *x* mulheres: 34%) do que nos "cursinhos" (homens: 6% *x* mulheres: 9%), mas as diferenças entre os sexos não foram estatisticamente significativas.

Teixeira (1998), autora deste trabalho, deu prosseguimento, sob orientação da Profa. Dra. Emma Otta, à pesquisa com grafitos de banheiros de "cursinhos" e universitários, relatando em dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo os resultados encontrados e as análises desenvolvidas. Não haviam sido observadas diferenças significativas entre as freqüências de inscrições classificadas na categoria "sexo" produzidas nos banheiros masculinos e femininos tanto nos "cursinhos" quanto na universidade (OTTA et al., 1996).

Nessa primeira análise, publicada no periódico norte-americano *Psychological Reports* (OTTA et al., 1996), a categoria "sexo" foi considerada amplamente, ou seja, nela foram incluídas todas as inscrições que fizessem referência ao tema. Interessadas em investigar eventuais diferenças entre os grafitos sexuais produzidos por homens e mulheres com relação a seus variados conteúdos, realizamos nova classificação dessas inscrições, tendo sido levantadas 13 subcategorias de sexualidade. Nos "cursinhos", os homens produziram quantidades significativamente maiores de grafitos de conteúdo anal (22% *x* 3%) e de xingamentos sexuais (28% *x* 25%) do que as mulheres. Na universidade, os homens também realizaram maior quantidade de inscrições classificadas na categoria "xingamento sexual" (18% *x* 9%), enquanto as mulheres

produziram maior quantidade de grafitos classificados na categoria de conteúdo "elogio sexual" (10% *x* 2%).

Os termos sexuais dos grafitos também foram classificados, tendo sido observados os seguintes resultados: os homens escreveram maior número de vocábulos sinônimos da palavra "ânus" do que as mulheres nos "cursinhos" (24% *x* 4%) e, na universidade, maior quantidade de termos relacionados aos genitais masculinos (19% *x* 7%) e a xingamentos sexuais (23% *x* 9%); as mulheres produziram maior quantidade de termos sexuais elogiosos tanto nos "cursinhos" (15% *x* 3%) quanto na universidade (9% *x* 1%), sendo que neste ambiente também produziram maior número de palavras classificadas como "eróticas", tais como "desejo", "erotismo" e "sensual" (5% *x* 0%). Os insultos voltaram-se principalmente contra homossexuais masculinos nos banheiros masculinos tanto dos "cursinhos" (homens: 64% *x* mulheres: 5%) quanto da universidade (homens: 69% *x* mulheres: 25%). Nos banheiros femininos, os xingamentos existentes foram direcionados especialmente contra as mulheres de comportamento sexual promíscuo nos "cursinhos" (mulheres: 76% *x* homens: 23%) e na universidade (mulheres: 58% *x* homens: 10%). O fato de haver maior freqüência de conteúdos sexuais agressivos nos banheiros masculinos do que nos femininos nos dois ambientes pesquisados ("cursinhos": 28% *x* 25%; universidade: 18% *x* 9%) sugeriu a existência de algum tipo de relação entre agressividade e sexualidade para o sexo masculino.

Relativamente aos desenhos, Teixeira (1998) observou que as mulheres produziram freqüência significativamente maior de inscrições românticas do que os homens nos "cursinhos" (54% *x* 0). Na universidade, produziram quantidade apenas ligeiramente superior de desenhos desse tipo (6% *x* 4%). Os homens, por outro lado, realizaram maior número de símbolos políticos e de times de futebol, agrupados na categoria "símbolos", do que as mulheres nos "cursinhos" (42% *x* 4%) e na universidade (18% *x* 0), sendo essa diferença estatisticamente significativa somente nos "cursinhos". A categoria "sexo" foi freqüente nos dois ambientes pesquisados, mas não houve diferenças estatisticamente significativas ("cursinhos" – homens: 33% *x* mulheres: 25%; universidade – homens: 46% *x* mulheres: 78%).

O trabalho desenvolvido no mestrado também envolveu a análise de questionários, respondidos por estudantes universitários e de "cursinhos", incluindo questões a respeito do comportamento de escrever em paredes de banheiro. Os resultados alcançados nessa análise são mencionados no Capítulo 3 desta tese de doutorado ("Motivações e funções das inscrições parietais").

2.2.2. Pesquisas com grafitos de banheiro em outros países

Gadsby (1995b), em texto intitulado "*Taxonomy of Analytical Approaches to Graffiti*" ("Taxonomia de Abordagens Analíticas aos Grafito"), disponível na Internet (http://www.graffiti.org/faq/appendix.html), construiu uma tabela taxonômica da literatura científica sobre grafitos a ser incorporada a sua dissertação de mestrado. Compilou 98 textos, classificando-os conforme as abordagens analíticas empregadas: cultural, de gênero, lingüística, folclórica, quantitativa, estética, motivacional, preventiva e de popularização. Desse total de textos, 53 são relacionados às escritas latrinárias e assumem uma ou mais de sete das nove abordagens analíticas. Nenhum desses artigos que versavam sobre grafitos de banheiro empregou a abordagem estética ou a preventiva. Gadsby (1995a) afirma que essa multiplicidade de abordagens é contraproducente e desencorajadora por não haver conexões entre elas, além de também aumentar o risco de os autores chegarem a conclusões arbitrárias e/ou subjetivas. Segundo a autora, as análises de grafitos incluídas em sua taxonomia que julga mais completas empregaram duas ou mais abordagens.

Apresentamos, a seguir, os trabalhos produzidos em outros países que nos pareceram mais relevantes para esta pesquisa, reunindo-os em dois grupos: os que incluem análises de diferenças sexuais e os que envolvem análises interculturais com inscrições desse tipo.

2.2.2.1. Pesquisas que abordam a sexualidade humana e as diferenças sexuais em grafitos de banheiro

Nas escritas latrinárias, encontramos diversos tipos de conteúdo, tais como política, religião, insulto, presença (assinatura ou nome de uma pessoa ou de um grupo), amor e sexo, dentre outros. Sexo é um tema ubíquo, sempre presente tanto em banheiros masculinos quanto femininos, mencionado em todas as pesquisas com esse tipo de material publicadas em periódicos e na literatura não científica, fato também constatado informalmente pela população de maneira geral. Os grafitos de banheiro comprovam a relevância do tema para o ser humano, evidenciando sua universalidade, além de aspectos reprimidos a ele relacionados. No entanto, é expresso de maneiras específicas de acordo com o sexo e o contexto cultural em que é produzido, conforme aponta a literatura especializada, que muitas vezes relata diferentes freqüências de grafitos com esse tipo de conteúdo em banheiros femininos e masculinos, que varia também conforme a época e o lugar.

Uma vez que os banheiros segregam a população de acordo com o sexo, muitos pesquisadores acreditam ser possível estudar diferenças sexuais a partir das inscrições realizadas nesses ambientes (GADSBY, 1995a).

Kinsey, Pomeroy, Martin e Gebbard (1953) apontaram, na década de 1950, a importância do estudo dos grafitos de banheiro para a compreensão das diferenças de atitudes sexuais básicas. Analisaram inscrições produzidas em banheiros masculinos (N=1.048) e femininos (N=331) norte-americanos e observaram maior proporção de grafitos sexuais nos masculinos (86% *x* 25%). Afirmam que as mulheres são menos inclinadas não só a produzir inscrições eróticas, mas também qualquer tipo de inscrições em paredes devido a seu maior respeito por códigos morais e convenções sociais. Os autores também acreditam que as mulheres não são eroticamente excitadas pelos estímulos psicológicos que são significativos para os homens. Segundo eles, a maioria das mulheres não se excita eroticamente pela observação de ato sexual, por retratos de atos sexuais ou por fantasias a respeito de atos sexuais. Assim, concluem, a usual falta de interesse apresentada pelas mulheres em produzir inscrições em paredes provavelmente depende, primariamente, do fato dessas inscrições significarem, para elas, pouco ou nada do ponto de vista erótico. Os homens, por outro lado, derivam a

satisfação sexual do próprio ato de escrevê-las e podem até mesmo sentir prazer ao antecipar que as inscrições que produzem excitarão outros homens.

Na década de 1970, Farr e Gordon (1975) replicaram o estudo de Kinsey et al. (1953). Analisaram grafitos coletados em banheiros masculinos (N=221) e femininos (N=322) da Universidade Estadual da Pensilvânia, nos EUA, e verificaram aumento da proporção de inscrições femininas eróticas, que subiu de cerca de um terço do total de grafitos no estudo de Kinsey et al. (1953) para aproximadamente metade no estudo de Farr e Gordon (1975). O conteúdo homossexual também foi menos freqüente tanto nos grafitos femininos quanto nos masculinos envolvidos no estudo realizado na década de 1970. Os autores apontam duas hipóteses para explicar essa diminuição: (1) a existência de pressão sobre homens e mulheres quanto ao desempenho sexual e (2) aumento da aceitação e da visibilidade da população *gay*, particularmente de homens homossexuais. Talvez a diminuição de grafitos homossexuais seja resultado da diminuição da repressão da homossexualidade.

Objetivando estudar a correlação entre o nível socioeconômico e o conteúdo das escritas latrinárias, Wales e Brewer (1976) investigaram inscrições produzidas em banheiros masculinos (N=395) e femininos (N=2.805) de quatro escolas de segundo grau com perfis socioeconômicos diferentes, localizadas em uma cidade conservadora do meio-oeste norte-americano. Verificaram que as mulheres escreveram predominantemente inscrições românticas, mas que esse romantismo diminuiu, enquanto o erotismo aumentou, conforme o nível socioeconômico se tornou mais elevado.

Apesar de terem analisado somente inscrições masculinas, Sechrest e Olson (1969) também investigaram a correlação entre nível socioeconômico e o conteúdo dos grafitos. Estudaram 982 inscrições produzidas em quatro tipos de instituições de ensino superior de uma grande área metropolitana dos Estados Unidos da América que diferiam quanto aos níveis socioeconômicos. Os autores observaram que inscrições heterossexuais se mostraram mais freqüentes em instituições de nível socioeconômico mais baixo, onde também houve maior quantidade de expressões de hostilidade, direcionadas em especial contra grupos raciais e étnicos.

O final da década de 1960 e início da de 1970 foram marcados por grandes acontecimentos sociais, que incluíram importantes alterações de atitudes relativas a

papéis sexuais. As mulheres, por exemplo, buscaram liberar-se dos papéis convencionais de gênero. Homens e mulheres, de maneira geral, questionaram duplos padrões de moralidade. Surpreendentemente, no entanto, grafitos de banheiro têm revelado atitudes tradicionais. Apesar de a privacidade e o anonimato estarem garantidos nos sanitários, vários pesquisadores verificaram que autores de grafitos freqüentemente seguiram estratégias de comunicação socialmente condicionadas.

Kutakoff (1972) examinou 526 grafitos coletados no ano de 1972 em banheiros masculinos (N=378) e femininos (N=148) de sete faculdades e universidades situadas na região de Boston-Cambridge para sua dissertação de mestrado em comunicações. Verificou que as mulheres produziram número muito menor de grafitos do que os homens. Também realizaram menor quantidade de obscenidades e de referências a masturbação, homossexualidade, relação sexual ou doença venérea. Não houve qualquer referência a raça nos sanitários femininos, segundo tema mais freqüente nos masculinos. Além de empregarem linguagem socialmente mais aceitável, as mulheres também produziram inscrições mais longas, conservadoras, convencionais e subordinadas a padrões de decência da classe média do que as produzidas pelos homens. O autor destaca o poder dos papéis sexuais para influenciar reações finais, poder esse que se estende para além dos cenários de interação, atuando até mesmo em situações nas quais o anonimato está assegurado. A verificação da manutenção da interferência dos papéis sexuais tradicionais no contexto de produção dos grafitos de banheiro, em que a privacidade é garantida, levou Kutakoff (1972) a questionar a função de "válvula de escape" das escritas latrinárias.

Em 1984, doze anos após haver coletado os dados para a pesquisa que foi objeto de sua dissertação de mestrado (KUTAKOFF, 1972), Kutakoff realizou, em conjunto com colaboradores (ARLUKE; KUTAKOFF; LEVIN, 1987), nova coleta de inscrições produzidas em banheiros masculinos (N=111) e femininos (N=73) de faculdades e universidades da área de Boston-Cambridge. Esse estudo revelou que a diferença de gênero aumentou ao longo do tempo no que se refere às inscrições produzidas em banheiros, ao invés de ter diminuído. Arluke et al. (1987) verificaram que as estudantes universitárias na área de Boston-Cambridge produziram menor número de grafitos com conteúdo sexual que os estudantes do sexo masculino. Durante a década de 1970, 25%

dos grafitos femininos, contrastando com 35% dos masculinos, possuíam esse tipo de conteúdo. Na década de 1980, por sua vez, foi observada quantidade significativamente maior de grafitos sexuais nos banheiros masculinos (46%) do que nos femininos (26%). Assim sendo, na realidade a diferença entre os sexos aumentou em doze anos, já que as produções femininas não sofreram mudanças significativas, enquanto as masculinas apresentaram um número significativamente maior de grafitos com conteúdo sexual. No estudo de Arluke et al. (1987), ainda, as mulheres continuaram utilizando linguagem mais aceitável socialmente ao produzirem inscrições de banheiro. Para os autores, esses resultados são indicativos de que a década de 1970 teve pouco ou nenhum impacto no padrão de diferenças de gênero quanto ao conteúdo sexual e aceitabilidade social das inscrições em paredes. Indicam, ainda, que as inscrições latrinárias podem não servir de "valvula de escape" para a expressão de certos conteúdos. Ao produzir grafitos de banheiro, o indivíduo é controlado pela socialização, sendo esse controle maior no caso das mulheres, por serem, de acordo com Arluke et al. (1987), mais determinadas pelas demandas sociais. Abordaremos essa questão da função de "válvula de escape" das escritas latrinárias mais detalhadamente no Capítulo 3 ("Motivações e funções das escritas parietais").

Landy e Steele (1967) analisaram grafitos de banheiro coletados em seis prédios do *campus* principal da Universidade de Oklahoma, nos EUA, e verificaram que os homens produziram freqüência significativamente maior de inscrições do que as mulheres. Os autores observaram maior quantidade de pontas de cigarro nos sanitários femininos do que nos masculinos e relacionaram a ausência de grafitos ao comportamento de fumar nos banheiros, afirmando que esses fatos podem refletir necessidade de expressão fálica. "Enquanto os homens atuam essa necessidade por meio da criação de grafitos, as mulheres 'fumam-na'!" (LANDY; STEELE, 1967, p.712).

Alexander (1978) analisou grafitos produzidos em banheiros masculinos (N=1.846) e femininos (N=660) de diferentes locais da cidade de Minneapolis, em Minnesota, nos EUA, tais como universidades, escolas, igrejas, cinemas, lojas, bares, restaurantes, fábricas, terminais rodoviários, entre outros. Verificou freqüência significativamente maior de inscrições nos banheiros masculinos do que nos femininos. As mulheres, contudo, realizaram quantidade significativamente maior de grafitos

românticos. Desenhos eróticos foram encontrados exclusivamente nos banheiros masculinos, que consistiam basicamente em simples representações esquemáticas, em geral de gigantescos pênis. Alexander (1978) afirma que, apesar de a freqüência desses desenhos ser pequena, a ubiqüidade do enfoque no pênis em ação é digna de nota. Esse tipo de sexualidade centrada no ego, segundo o autor, também evidenciou-se nos conteúdo dos grafitos explicitamente sexuais. Não foi observada diferença quanto à proporção de termos obscenos utilizados por homens e mulheres. Nos banheiros femininos, contudo, as expressões sexuais empregadas denotaram preocupação com a qualidade da relação sexual, com frases do tipo "Jeff é bom de cama", enquanto nos masculinos o foco era a quantidade, com inscrições como "Eu vou transar com todas as garotas desta escola". Além dessas diferenças, Alexander (1978) também observou que conteúdos políticos e raciais foram pouco freqüentes, mas em quantidade ligeiramente maior nos banheiros masculinos. Chamou a atenção, ainda, para a dificuldade que a categorização dos grafitos apresenta, sendo necessário classificar alguns deles em mais de uma categoria.

Após rever uma grande quantidade de estudos com grafitos, Bruner e Kelso (1981) concluíram que de fato existem diferenças de gênero relativas a esse tipo de material. Analisaram 767 inscrições coletadas em banheiros universitários masculinos (N=438) e femininos (N=329) dos EUA e observaram a existência de dois níveis de significação: manifesto e latente. Na superfície, as inscrições masculinas são mais hostis, competitivas, egocêntricas e depreciativas, buscando inferiorizar outros indivíduos com base na raça, na orientação sexual ou no gênero, e as femininas são mais interpessoais, românticas, cuidadosas e voltadas para o aconselhamento. Os grafitos produzidos nos banheiros femininos tendem a ser mais interativos e os realizados nos masculinos, mais seqüenciais. Em um plano subjacente, os homens buscam reafirmar seu domínio e manter o *status quo* e as mulheres repensam a subordinação e exploram alternativas. Segundo esses autores, se no plano da superfície os grafitos podem parecer uma série de garranchos escritos ou rabiscados, contêm, subjacentemente, um discurso silencioso sobre o poder e o sistema de estratificação norte-americano.

Interessados em investigar diferenças sexuais em grafitos de banheiro, Loewenstine, Ponticos e Paludi (1982) promoveram uma análise de conteúdo de

inscrições produzidas por homens e mulheres em sanitários de uma grande universidade do meio-oeste norte-americano. A maioria das inscrições femininas envolveu ofertas de conselhos amorosos e relacionaram-se a questões existenciais a respeito da vida, do casamento e da felicidade. Maior freqüência de provérbios eróticos, frases políticas e preocupações com competição foram observados nos banheiros masculinos. Alguns elementos da linguagem também variaram, tais como maior uso de expletivos e de gramática hipercorreta[21] por parte das mulheres. Certos adjetivos também eram mais freqüentes em banheiros femininos: poucos homens, por exemplo, empregaram sinônimos da palavra atraente (tais como, em inglês, "cute" e "pretty").

Analisando diálogos grafitados em sanitários femininos da Universidade de Illinois em Urbana, nos EUA, Cole (1991) conclui que as paredes dos banheiros oferecem um local para explorar formas alternativas de expressão. Verificou que as mulheres, nas inscrições de banheiro, buscam obter conselhos, apoio, conforto ou simplesmente um local onde possam dar vazão à raiva. Como Bruner e Kelso (1991), Cole observou que as mulheres, nas escritas latrinárias, indiretamente questionam a suposta superioridade masculina.

Siegl (1992) investigou inscrições coletadas em banheiros masculinos (N=1.417) e femininos (N=769) da Universidade de Viena, na Áustria. As categorias mais freqüentes foram política, sexualidade, amor, questões específicas de mulheres (gravidez, métodos anticoncepcionais, aborto etc.) e diversos (que agrupou comunicação, escatologia, assuntos relacionados a estudos, nomes e cumprimentos, drogas, religião etc.) Siegl (1992) observou que os homens produziram quantidade significativamente maior de grafitos do que as mulheres (64,82% *x* 35,18%). Os homens escreveram mais sobre política (55,61% *x* 7,54%) e assuntos diversos (24,63% *x* 19,64%) e elas, sobre amor (11,96% *x* 0,42%), questões específicas de mulheres (31,08% *x* 1,27%) e sexualidade (29,78% *x* 18,70%). Com relação aos grafitos políticos,

---

[21] Segundo o Dicionário Aurélio Eletrônico (1996), expletivos são palavras ou expressões que, desnecessárias ao sentido da frase, dão a ela, contudo, mais força ou graça, como, por exemplo, o vocábulo "não" na frase 'Quantos não sonham com a felicidade!' Hipercorreção, ou ultracorreção, ainda de acordo com o Dicionário Aurélio, corresponde à preocupação de falar bem que redunda em erro. Exemplos de hipercorreção são atocalhar por atocaiar, descortínio por descortino, quites por quite, púdico por pudico e rúbrica em vez de rubrica.

os homens em geral produziam conteúdos de direita e as mulheres, de esquerda. As inscrições coletadas nos banheiros femininos versavam sobre dores de amor, continham requisições e ofertas de conselhos, discorriam sobre temas tais como violência contra a mulher e a criança, gravidez indesejada, crises de relacionamento, entre outros. As frases femininas eram mais longas e muitas vezes solicitavam conselhos e opiniões. As masculinas, mais curtas e mais agressivas, não revelando preocupação com a opinião dos outros. Os homens produziram, ainda, maior quantidade de desenhos, que freqüentemente reduziam a mulher a um esquema corporal ou a um órgão genital. Cerca de 16% das inscrições políticas (N=126) inscritas nos sanitários masculinos continham manifestações de hostilidade contra o estrangeiro.

Gadsby (1996) analisou grafitos coletados em banheiros femininos (N=190) e masculinos (N=84) da Universidade York em Toronto, Ontário, no Canadá, e verificou que palavras denotando conexão com outro ser humano, tais como "irmã", "irmão" e "namorado", foram utilizadas por mulheres, mas não por homens. Os homens empregaram maior quantidade de termos relativos a raça e etnia, violência, insulto, partes do corpo e linguagem tabu. Gadsby (1996) computou o número de vocábulos empregados nas inscrições e verificou que as médias de palavras por grafito nos sanitários masculinos e femininos foram bastante semelhantes, tendo as mulheres alcançado média ligeiramente maior: 10,65 *x* 10,72.

Esta autora classificou as inscrições em 17 categorias de conteúdo, sendo uma delas dedicada aos grafitos incompreensíveis ("conteúdo indeterminado"). As mulheres escreveram muito sobre relacionamentos (26%), assunto inexistente nos banheiros masculinos, onde, por outro lado, eram freqüentes as inscrições a respeito de atos sexuais (21% *x* 6%).

Segundo Gadsby (1996), parece haver dois tipos de grafitos: os que atraem e os que não atraem resposta. Os grafitos que não atraem resposta são pela autora chamados de grafitos "solos", enquanto os que atraem são denominados grafitos "inaugurais". As inscrições inaugurais podem gerar uma ou mais respostas, sendo as séries de inscrições conectadas denominadas "seqüências", que podem possuir dois ou mais níveis de interação, o primeiro deles correspondendo ao próprio grafito inaugural. A seqüência mais complexa encontrada nos banheiros femininos possuía 39 grafitos e 15 níveis,

alcançando uma média de 2,6 inscrições por nível. Nos sanitários masculinos, a seqüência interativa mais complexa continha 13 grafitos e oito níveis, com uma média de 1,6 inscrições por nível. Nenhuma seqüência realizada nos banheiros masculinos alcançou média superior a 1,8 grafitos por nível de interação.

Gadsby (1996) reuniu as 17 categorias de conteúdo em seis grupos: "interação humana" (relacionamentos, encorajamento, orientação sexual e insultos / desencorajamento), "sensações físicas" (atos sexuais, música e drogas), meio ambiente (grafitos / vandalismo e higiene / limpeza), "discussões" (aborto, feminismo, religião, educação, AIDS e raça / etnia), "humor" e "conteúdo indeterminado". As mulheres produziram maior quantidade de inscrições classificadas em "interação humana" do que os homens (59% *x* 35%), enquanto eles escreveram maior número de grafitos versando sobre "sensações físicas" (36% *x* 6%). Os grupos de categorias que geraram as maiores seqüências interativas nos banheiros femininos foram "interação humana", "ambiente" e "discussões" e, nos masculinos, "interação humana" e "sensações físicas". Segundo a autora, os tópicos mais populares entre os grafitos também possuem o maior número de grafitos inaugurais. Dentre os grafitos inaugurais femininos, 37% discorreram sobre relacionamentos, 11% a respeito de orientação sexual e 11% sobre grafitos. Dentre os masculinos, 31% versaram sobre atos sexuais, 19% a respeito de orientação sexual e 19% sobre questões raciais. Houve, ainda, maior quantidade de inscrições homofóbicas nos sanitários masculinos do que nos femininos (60% *x* 27% dos grafitos relativos a orientação sexual em cada um desses ambientes, respectivamente).

Schreer e Stritchartz (1997) analisaram inscrições coletadas em banheiros masculinos (N=342) e femininos (N=231) de uma pequena cidade localizada ao norte do Estado de Nova Iorque, nos EUA. Dentre 19 categorias de conteúdo, as mais freqüentes, nos sanitários masculinos, foram homossexualidade (11%), insultos em geral (9%) e humor sexual (6%) e, nos femininos, política (20%), insultos em geral (9%) e humor geral (8%). Os homens produziram maior quantidade de insultos homofóbicos do que as mulheres. Não foram observados grafitos racistas ou contra homossexuais nos banheiros femininos. Assim como outros autores (WALES, BREWER, 1976; OTTA et al., 1996), verificaram que a categoria "outros", ou "miscelânea", que inclui grafitos de conteúdo

incompreensível ou não classificáveis nas categorias arroladas, corresponderam a uma grande porção do total (26%).

Em 2001, Martin analisou inscrições produzidas em sanitários masculinos (N=278) e femininos (N=250) de duas universidades de Dublin, na Irlanda. Observou que as mulheres realizaram maior quantidade de inscrições românticas e contendo troca de conselhos e os homens, maior número de grafitos agressivos. Não foram observadas diferenças significativas entre as freqüências de conteúdos explicitamente sexuais realizados nos banheiros masculinos e nos femininos.

As escritas latrinárias também já foram utilizadas para se analisar a personalidade do adolescente. Peretti, Carte e McClinton (1977) desenvolveram uma pesquisa com grafitos escritos por jovens estudantes do sexo masculino (N=243) e do feminino (N=216) de escolas de Chicago, em Illinois, nos EUA. Classificaram as inscrições em cinco categorias de conteúdo, que foram subdivididas em uma série de subcategorias: maturidade sexual (grafitos relacionados a papéis sexuais, desejo e atividade sexual), identidade pessoal (inscrições contendo auto-avaliação), idealismo (questões relativas a estilos de vida melhores, realização pessoal e reformas sociais), iconoclasmo (ataques a crenças, a instituições e a autoridades) e rebeldia (que incluía assuntos referentes a autoconfiança, independência e sucesso pessoal). Peretti et al. (1977) verificaram diferenças significativas entre meninos e meninas. No início da adolescência, os grafitos mais freqüentes lidaram com sexualidade, uma vez que 42% das inscrições foram classificadas na categoria "maturidade sexual". Dentro dessa categoria, a subcategoria "atividade sexual" foi mais freqüente para os meninos (48% dos grafitos sexuais), enquanto "desejo sexual" foi mais freqüente para as meninas (45% das inscrições sexuais). Concluíram que adolescentes do sexo masculino parecem estar mais interessados em atividade sexual, além de também serem mais agressivos com relação à tradição e a crenças tradicionais. As adolescentes, por outro lado, tendem a ser mais modestas e tímidas, estando sua personalidade mais direcionada para o desejo sexual.

Vários pesquisadores observaram maior quantidade de inscrições em sanitários masculinos do que em femininos (KINSEY et al., 1953; LANDY, STEELE, 1967; KUTAKOFF, 1972; ALEXANDER, 1978; ARLUKE et al., 1987; SIEGL, 1992; OTTA et al., 1996; SCHREER, STRICHARTZ, 1997; TEIXEIRA, 1998). Thiel (1999) afirma,

relativamente ao comportamento de escrever em paredes de maneira geral, que se trata de uma atividade predominantemente masculina. Dentre 6.000 nomes de grafiteiros de rua conhecidos por Thiel em 1999, 99,5% eram homens, restando apenas 30 mulheres nesse meio.

O psicanalista Lomas (1976) salienta, também, o componente agressivo do ato de escrever em paredes, já que esse comportamento, especialmente nas sociedades ocidentais contemporâneas, que o condenam e até buscam criminalizá-lo (THIEL, 1999), tipificando-o legalmente (MANCUSO, 1992), demanda certo grau de agressividade para que seja executado. Rabiscar a parede de uma propriedade, seja ela pública ou particular, significa, na nossa sociedade, danificá-la. Para Lomas (1976), portanto, além de ser motivado pelo desejo de deixar marca, esse comportamento representa a expressão de impulsos destrutivos e sádicos.

Uma grande quantidade de estudos documentados atribui as diferenças entre o comportamento de homens e mulheres a práticas de socialização na infância diferentes (STOCKER et al., 1972). Segundo esses estudos, diferenças nos processos de socialização entre os sexos podem ser os maiores responsáveis pelas diferenças na quantidade e no tipo de grafitos produzidos por homens e mulheres.

2.2.2.2. Pesquisas que abordam diferenças interculturais em grafitos de banheiro

Análises interculturais são ao mesmo tempo ricas e complexas. De difícil execução, permitem a investigação de aspectos universais e específicos do comportamento humano. No Capítulo 4 ("A pesquisa intercultural"), discorreremos sobre questões relativas a esse tipo de pesquisa em maior profundidade.

Em buscas bibliográficas realizadas no Brasil, nos EUA, na Itália e na Alemanha de trabalhos versando sobre grafitos de banheiro, não foram encontradas teses envolvendo análise intercultural. Na verdade, poucos são os estudos que promovem esse tipo de análise. Dos cerca de sessenta trabalhos científicos abordando o tema das escritas latrinárias consultados para presente a pesquisa, somente quatro contrastavam grafitos produzidos em diversas culturas.

Sechrest e Flores (1969) compararam inscrições produzidas em banheiros masculinos de restaurantes, bares, universidades, faculdades, terminais rodoviários e outros locais da região metropolitana de Chicago, nos EUA, e de Manila, nas Filipinas. Observaram que os filipinos produziram maior quantidade de comentários hostis (8% *x* 4%) e os norte-americanos, maior número de grafitos de conteúdo político (4% *x* <1%) e de humor envolvendo não sexual (4% *x* 1%). Constataram, também, maior freqüência de desenhos de mulheres nuas dentre as inscrições coletadas nos EUA (4% *x* 1%). Norte-americanos e filipinos realizaram freqüências semelhantes de inscrições heterossexuais (13% e 12%, respectivamente), mas o conteúdo homossexual prevaleceu dentre os grafitos coletados nos EUA (42% *x* 2%). Segundo os autores, essa alta porcentagem de grafitos homossexuais nos Estados Unidos da América pode dever-se ao elevado grau de conflito relacionado à homossexualidade existente nesse país. Nas Filipinas, 44% das inscrições correspondiam a nomes próprios e 20%, a nomes de grupos. Somente 5% dos grafitos norte-americanos apresentavam esse tipo de conteúdo.

Ahmed (1981) investigou diferenças culturais e sexuais em grafitos de quatro escolas de segundo grau canadenses, sendo duas delas de língua francesa e duas de língua inglesa. Diferentemente de resultados relatados em outros estudos, as mulheres produziram quantidade maior de grafitos do que os homens (78% das inscrições analisadas provieram dos banheiros femininos). Estudantes do sexo feminino também realizaram maior freqüência de inscrições de conteúdo romântico. A proporção de grafitos sexuais foi semelhante nos sanitários masculinos e femininos em relação ao número total de inscrições coletadas. Foi observada, contudo, diferença quanto ao grau de envolvimento com assuntos políticos por parte das duas populações investigadas: os estudantes canadenses da escola de língua francesa realizaram maior quantidade de inscrições de conteúdo político do que de qualquer outro tipo de conteúdo, em proporção maior que os estudantes da escola de língua inglesa.

Olowu (1983) comparou amostras de grafitos de banheiros de universidades britânicas (N=195) e nigerianas (N=100). Foram verificadas algumas interessantes diferenças. Superstição, por exemplo, conteúdo presente em 12% das inscrições nigerianas, estava ausente na amostra britânica. Por outro lado, estudantes nigerianos não produziram qualquer grafito homossexual, enquanto 15% das produções britânicas versavam sobre esse tema. Política internacional foi conteúdo mais freqüente dentre as inscrições realizadas pelos estudantes das universidades britânicas (10%) do que pelos estudantes das universidades nigerianas (5%). Olowu (1983) concluiu que os grafitos de banheiro podem ser utilizados para o estudo das diferentes sociedades.

O psicanalista Lomas (1973), finalmente, analisou grafitos coletados na área metropolitana de Los Angeles, nos EUA, em 1965, comparando-os com inscrições produzidas em Pompéia, na Itália, entre 67 e 79 d.C. Os dados norte-americanos incluíram frases realizadas tanto em muros, árvores, túneis, calçadas e rochas, quanto em portas e paredes de banheiros públicos. Os italianos foram obtidos na literatura especializada, em especial nos trabalhos desenvolvidos por Della Corte (1960) e por Lindsay (1960), abrangendo grafitos inscritos em paredes externas e internas de Pompéia. Uma vez que as mensagens foram classificadas de acordo com local e conteúdo, foi possível comparar as mensagens de 1965 com as de 67-79 d.C. Lomas (1973) verificou semelhanças de conteúdo nas amostras contrastadas. Destaca, contudo, que as mensagens contidas nos grafitos refletem tanto atitudes e valores compartilhados quanto variações etnocêntricas sobre temas culturais relevantes. Ressalva que eventuais diferenças de conteúdo poderiam também dever-se a erros de tradução ou mudanças na função da linguagem ao longo do tempo.

A tabela a seguir apresenta algumas frases de Pompéia e de Los Angeles cotejadas por Lomas (1973):

Tipo de mensagem	*Pompéia, 79 d.C.*	*Los Angeles, 1965 d.C.*
Propaganda política	Hermes recomenda Calvetius para prefeito.	Edelman para a Assembléia Administrativa.
Solicitação sexual	Eu posso ser sua por duas moedas.	Marion – 25 dólares.
O escritor e sua cultura	Tudo está em confusão a partir do momento em que o homem bebe.	Quanto à bebida, beba apenas um drinque e, então, espere por uma hora – Um bêbado.
Humor poético	Oh, parede, tantos homens vieram aqui para rabiscar, eu me pergunto por que seus lados sobrecarregados não despencam.	Alguns vêm aqui para sentar & pensar. Outros vêm para defecar & para cheirar mal. Mas deve ser um verdadeiro maluco aquele cuja ambição é escrever nas paredes de uma latrina[22].
Atribuição depreciativa	Quem escreveu isto é um lambedor de rabo.	O cara que escreveu isto é um comedor de pênis.

2.3. A idéia de estudar grafitos

A idéia da presente pesquisa foi sugerida a partir da leitura do livro *A evolução do amor*, escrito pelo psicólogo evolucionista Sidney L. M. Mellen (1981). De acordo com esse autor existem grandes diferenças nos traços comportamentais diretamente relacionados com as funções reprodutivas dos dois sexos. Uma vez que a seleção natural, segundo Mellen (1981), jamais teria deixado a regulação das funções reprodutivas aos caprichos da cultura, pode-se esperar que as diferenças sejam em larga medida genéticas. "Fundamentalmente, há uma diferença inata com relação à força e urgência do impulso sexual espontâneo" (MELLEN, 1981, p.172), que se manifesta em vários comportamentos, incluindo o de escrever em paredes de banheiro. Mellen (1981) menciona Kinsey et al. (1953), que publicaram, na década de 1950, um estudo com grafitos coletados em banheiros masculinos e femininos. Segundo Mellen (1981), esse estudo contém pistas a respeito das diferenças entre homens e mulheres quanto à importância da ligação emocional. Chama a atenção, ainda, para os resultados bastante semelhantes alcançados por Wales e Brewer (1976) na década de 1970. De acordo com

[22] No original, em inglês: "Some come here to sit & think. Others come to shit & stink. But he must be a real screwball whose ambition is to write on a shithouse wall".

Mellen (1981), as diferenças entre os sexos no comportamento secreto de escrever em paredes públicas sem dúvida refletem fatores culturais bem como genéticos, mas o registro anônimo em lavatórios femininos é o testemunho confidencial da importância das relações emocionais para muitas mulheres e garotas.

Nosso trabalho com grafitos de banheiro iniciou em 1992, quando o tema foi proposto, pela Profa. Dra. Emma Otta e pelo Prof. Dr. César Ades, aos alunos de graduação da disciplina Psicologia Experimental II do curso de Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Essa pesquisa, desenvolvida com outras colegas de graduação[23], consistiu na análise de diferenças sexuais em grafitos produzidos em banheiros de cursinhos "pré-vestibulares" e de uma grande universidade localizados na região metropolitana de São Paulo. Tal trabalho foi posteriormente aprofundado e gerou um artigo publicado no periódico *Psychological Reports*[24].

Em 1997, em prosseguimento a um projeto de Iniciação Científica financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)[25], foi dado início ao mestrado, sob orientação da Profa. Dra. Emma Otta, no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Experimental do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, com apoio financeiro da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). A dissertação de mestrado foi defendida em fevereiro de 1999 com o título "*Musa latrinalis*: diferenças sexuais em grafitos de banheiro".

O ingresso no doutorado ocorreu em 1999, também no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Experimental do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo e sob orientação da Profa. Dra. Emma Otta, contando com apoio financeiro novamente da FAPESP[26]. O objetivo era, então, investigar, além de diferenças sexuais, diferenças interculturais em grafitos de banheiro.

De maio a novembro de 2000, com bolsa mais uma vez concedida pela CAPES, desenvolvemos parte da pesquisa de doutorado na *City University of New York,* em

---

[23] Flávia Garrafa Borges, Fabiana Follador e Ambrósio, Rachel Lenneberg Hoshino, Sílvia Lima Vallochi, Luciana Menin Lafraia, Ana Paula Oliveira e Silva e Iara Lopes Patarra.

[24] OTTA, E.; LAFRAIA, L.M.; HOSHINO, R.L.; TEIXEIRA, R.P.; VALLOCHI, S.L.; SANTANA, P.R. *Musa latrinalis*: gender differences in restroom graffiti. *Psychological Reports*, *78*, 871-880, 1996.

[25] Processo: 96/06299-0 (título do projeto: "Grafitos de banheiro: um estudo de diferenças de gênero").

Nova Iorque, nos EUA, sob co-orientação do Prof. Nathan Gould. De dezembro de 2000 a fevereiro de 2001, também com auxílio financeiro da CAPES, complementamos essa pesquisa na *Università degli Studi di Roma "La Sapienza"*, em Roma, na Itália, sob co-orientação do Prof. Gerardo Bamonte.

O objetivo central do presente estudo foi investigar diferenças sexuais e interculturais em grafitos coletados em banheiros localizados em países latinos – Brasil, Itália, Espanha – e anglo-saxônicos – Estados Unidos da América e Alemanha. Pretendíamos verificar universais e especificidades por meio da análise do conteúdo das inscrições produzidas em paredes de banheiros públicos em variados contextos culturais. Nossas hipóteses de trabalho e a metodologia empregada são apresentadas no Capítulo 5 desta tese.

[26] Processo: 98/14600-8 (título do projeto: "Diferenças interculturais em grafitos de banheiro").

CAPÍTULO 3

Motivações e funções das inscrições parietais

"As culturas tendem a enfatizar o que elas controlam e a negar e expulsar o que não conseguem controlar. As ofensas ligadas a estes elementos não-controlados contêm grande capacidade de liberação emocional, como os palavrões, as inscrições dos banheiros públicos e as revistas pornográficas."

José Carlos Rodrigues, 1979

CAPÍTULO 3
MOTIVAÇÕES E FUNÇÕES DAS INSCRIÇÕES PARIETAIS

3.1. Motivações do comportamento de escrever em paredes

Alguns autores desenvolvem estudos que procuram identificar as motivações do ato de escrever em paredes, buscando compreender o porquê ou os porquês desse comportamento. Análises desse tipo envolvem a investigação da mente dos indivíduos que produzem os grafitos, numa tentativa de identificar um denominador comum (GADSBY, 1995a). Segundo Shaw (1980), não podemos diferençar um grafiteiro de um não grafiteiro. Qualquer pessoa pode ser ou se tornar um produtor de grafitos. Bruner e Kelso (1981), no entanto, afirmam ser possível inferir quem escreve os grafitos a partir daquilo que é escrito.

Destacando o caráter comunicacional das inscrições parietais, Gadsby (1995b) aponta duas de suas principais motivações, por ela denominadas interativa e declarativa.

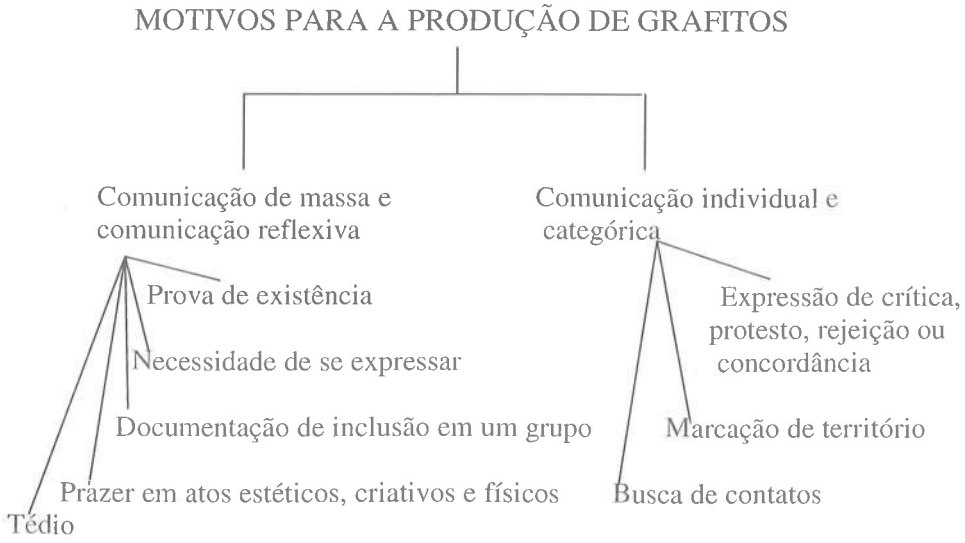
As inscrições que têm motivação interativa demandam uma resposta escrita por parte de uma pessoa conhecida ou desconhecida. O local onde mais comumente se encontram grafitos desse tipo são os banheiros, mas não exclusivamente neles. Moonwomon (1992) analisou uma produção discursiva realizada em parede de banheiro da Universidade da Califórnia em Berkeley a respeito de um fato de grande impacto local: um caso de estupro no *campus* dessa universidade. Nessa seqüência interativa analisada por Moonwomon (1992), um único grafito gerou trinta e seis respostas, muitas delas incluindo questões que incitavam novas respostas.

Grafitos declarativos não buscam respostas escritas de seus leitores. Inscrições desse tipo simplesmente explicitam um ponto de vista ou contêm um comentário bem humorado. Nessa categoria também são incluídos os grafitos artísticos e as assinaturas

individuais ou grupais, as chamadas *tags*, termo em inglês também empregado no Brasil. Segundo Gadsby (1995b), que elaborou uma taxonomia da literatura relativa aos vários tipos de grafitos baseada em nove diferentes metodologias (cultural, de gênero, lingüística, folclorística, quantitativa, estética, motivacional, preventiva e de popularização, cujo objetivo é simplesmente reunir uma coleção de inscrições para entreter o leitor), a maior parte dos grafitos envolvidos nos 98 estudos por ela classificados tem motivação declarativa.

Blume (1985) criou uma categorização para as várias motivações das escritas parietais. Esse modelo, que inclui dois grupos principais e oito subgrupos, é considerado por Gadsby (1995a) um dos poucos elaborados com clareza e de maneira acurada. Parte do problema das pesquisas motivacionais com grafitos reside, segundo Gadsby, (1995a) no fato de que suas conclusões são freqüentemente subjetivas e sua terminologia é pouco consistente. Afirma que pesquisas desse tipo têm muito a ganhar com a adoção do modelo de Blume (1985).

Gadsby (1995a) criou o seguinte diagrama para esquematizar os conceitos de Blume (1985):



(Gadsby, 1995a, baseada em Blume, 1985)

D`Angelo (1976), que realizou uma análise lingüística de mais de mil grafitos produzidos em diferentes locais, inclusive em banheiros, afirma que algumas possíveis motivações do comportamento de escrever em paredes seriam a agressividade, a estimulação sexual, a liberação de frustrações sexuais e a busca da identidade. Segundo esse autor, todas essas motivações têm um elemento de verdade quando aplicadas a um tipo específico de inscrição. Ressalta, de qualquer forma, algumas características dos grafitos: seu caráter lúdico, sua criatividade, seus ataques polêmicos e sua ingenuidade lingüística. Cita algumas técnicas literárias e retóricas das inscrições parietais, tais como aliteração, rima, metáforas, trocadilhos, ironia, repetição e antítese, entre outras. Grafitos, para esse autor, correspondem a uma forma de arte popular.

De acordo com D`Angelo (1976), ainda, a motivação de busca da identidade pode ser verificada em grafitos do tipo "Eu escrevo, logo eu existo". São comuns frases como "Estive aqui" em paredes externas e internas, ou simplesmente uma assinatura ou o registro de um nome próprio. Esse padrão de escrita já existia em Pompéia antiga, como pode ser observado no grafito "*Paris hic fuit*" (*Corpus Inscriptionum Latinarum* IV, 1871/c1958, p.83, inscrição 1305), que significa "Paris esteve aqui".

Fraser (1980) e Bruner e Kelso (1981) também realizaram estudos a respeito das motivações das escritas latrinárias.

Fraser (1980) afixou, em 1979, em uma variedade de banheiros na cidade de Boston e arredores, nos EUA, papéis em branco contendo a seguinte mensagem na parte superior: "Estamos estudando grafitos – a linguagem escrita nas paredes. Muitos de nós somos produtores de grafitos. Você é um deles? Se for, diga-nos o porquê. Obrigado". O autor optou por não realizar análises do material obtido, preferindo transcrever uma amostra das respostas obtidas. Dentre elas, podemos destacar: "Um bom modo para passar o tempo", "Por emoção sexual", "Porque às vezes você quer que o mundo todo saiba seus sentimentos sem se identificar", "É uma oportunidade para dar vazão a frustrações – dizer coisas que você não se atreveria a dizer", "...para deixar uma frase & apelido, uma data para as pessoas lerem", "Grafitos provavelmente são uma saída para agressão" e "O que mais você pode fazer enquanto está evacuando?"

Bruner e Kelso (1981) desenvolveram um estudo que compreendia, além de uma análise semiótica de grafitos coletados em 1976 e 1978 em banheiros de um *campus*

universitário e de uma cidade localizados no Estado de Illinois, nos EUA, um trabalho com o conteúdo de entrevistas realizadas com 30 estudantes a respeito do tema, bem como respostas dadas a um questionário disponibilizado na rede de computadores de uma universidade, incluindo as seguintes perguntas: "Por que você acha que as pessoas escrevem grafitos?" e "Poderia dar um exemplo do tipo de grafito que você escreve ou gosta de ver?" (foram recebidas respostas de 108 homens e 23 mulheres). Das mulheres entrevistadas, cerca de 25% declararam gostar de inscrições contendo conselhos, algo não mencionado por qualquer dos homens. Também comentaram sobre temáticas amorosas e sexuais duas vezes mais do que eles. Nenhuma das mulheres afirmou apreciar inscrições racistas e anti-semitas, enquanto 8% dos homens disseram gostar desse tipo de conteúdo. Aproximadamente 20% deles afirmaram acreditar que as pessoas produzam grafitos para dar vazão a frustrações e descarregar a hostilidade, fato citado por apenas 5% das mulheres.

Interessados em investigar as motivações para o comportamento de escrever em portas e paredes de banheiros públicos, Loewenstine et al. (1982) entrevistaram 51 estudantes do sexo masculino e 51 do sexo feminino de um curso introdutório de Psicologia de uma grande universidade do meio-oeste dos EUA. Foram três as questões direcionadas a esses estudantes: "Por que você acha que as pessoas escrevem em paredes de banheiros?", "Você já deu continuidade ou respondeu a alguma inscrição produzida por outra pessoa?" e "Se você pudesse relacionar três adjetivos que descrevessem uma pessoa que escreve em paredes de banheiro, quais seriam eles?" Tanto os homens quanto as mulheres disseram que as pessoas produzem escritas latrinárias devido a uma necessidade de comunicação e reconhecimento e para minimizar o tédio. Além disso, 65% dos homens e 35% das mulheres afirmaram que dariam continuidade ou responderiam a inscrições já presentes por gostarem de se comunicar com outras pessoas. Todas as mulheres disseram que não realizariam inscrições na presença de outras mulheres, por medo de serem reconhecidas. A maioria dos homens e das mulheres também disseram que as pessoas que produzem grafitos são ao mesmo tempo bem humoradas e imaturas. As mulheres, com maior freqüência do que os homens, relataram que utilizam os grafitos como um fórum para oferecer e buscar conselhos para

problemas pessoais. Loewenstine et al. (1982) concluem que os grafitos podem ser uma manifestação de diferenças de poder entre os sexos.

Em 1998, realizamos um estudo que buscava desvendar aspectos motivacionais dos grafitos de banheiro. Aplicamos um questionário[27] em 20 estudantes do sexo masculino e 21 do sexo feminino de uma universidade localizada na cidade de São Paulo (SP), Brasil, que incluía, dentre outras perguntas, a seguinte indagação "Por que você acha que as pessoas escrevem grafitos de banheiro?" Esse estudo foi realizado a partir de sugestão feita à autora deste trabalho pelos Profs. Drs. Cesar Ades, Américo Pellegrini Filho e Emma Otta, integrantes da banca de seu Exame de Qualificação para o mestrado. A análise das respostas obtidas foi desenvolvida na respectiva dissertação defendida no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo em 1999 (TEIXEIRA, 1998). Serviram de inspiração, também, os estudos de Fraser (1980) e Bruner e Kelso (1981).

O motivo mais citado para o comportamento de escrever grafitos em portas e paredes de banheiros públicos foi o anonimato: 36,6% dos estudantes universitários fizeram menção a ele. Outro motivo também muito mencionado foi a ausência de censura (29,3%).

A literatura constantemente aponta o anonimato como um importante aspecto da produção das escritas latrinárias. Para Barbosa (1985), o banheiro é um local que oferece segurança, anonimato e intimidade. Segundo Pellegrini Filho (1982, 1987), a condição de anonimato é relevante para a realização dessas inscrições, pois permite ao emissor expressar seus sentimentos e idéias sem medo de represálias.

Os entrevistados também responderam que as pessoas escrevem em paredes de banheiro por rebeldia (14,6%) e por vandalismo (9,8%). Apresentamos, a seguir, exemplo de resposta relacionando vandalismo ao comportamento de grafitar em banheiros:

> "Acredito que, embora as razões sejam divergentes, o que predomina é uma falta de respeito à conservação e manutenção

[27] Contamos com a colaboração de Juliana Kurasawa na aplicação do questionário, a quem somos gratos.

> dos diferentes locais nos quais ocorrem os atos de vandalismo mencionados." (resposta dada por estudante do sexo feminino).

Tédio foi mencionado como motivo para a produção de escritas latrinárias por 23,8% dos estudantes entrevistados, como, por exemplo, nas seguintes respostas: "Falta do que fazer enquanto espera..." e "Talvez para ter alguma ocupação enquanto 'cagam', seria um substituto do ato de leitura de jornal, principalmente no caso dos homens".

Kutakoff (1972) cita o tédio como causa para a produção de grafitos. Para Reisner (1971), uma das maiores razões pelas quais se escreve nas paredes de banheiro talvez seja puro tédio. Sem ter algo para ler, a pessoa se vê diante do desafio de criar algo com que se entreter.

O hábito de ler entre as quatro paredes do banheiro é citado por Reisner (1971) e por outros autores. Para Arango (1991), o hábito de ler no banheiro, bastante difundido, é herdeiro do prazer infantil de "defecar em companhia" (p.54). Segundo Dundes (1966), a habitual prática de ler em banheiro é essencialmente um ato de incorporação que tem por função equilibrar o material perdido com a defecação.

"Deixar marca" foi motivação citada por 12,2% dos estudantes universitários. A possibilidade de deixar marca pessoal ou de grupo é mencionada como característica importante das escritas latrinárias por vários autores (DUNDES, 1966; LOMAS, 1976; ALEXANDER, 1978; AHMED, 1981; RAMOS, 1994; SCHREER, STRICHARTZ, 1997; READ, 1977). Para Dundes (1966), o desejo de deixar marca ou algo para a posteridade está provavelmente implicado no comportamento de realizar inscrições em banheiros públicos.

Outras respostas para a indagação "Por que você acha que as pessoas escrevem grafitos de banheiro?" foram: "para exprimir pensamento" (17,1%), "para exprimir sentimentos" (12,2%), "para se comunicar" (9,8%), "para influenciar pessoas" (7,3%), "por influência de outros grafitos" (7,3%) e "por criatividade" (7,3%).

Também interessada em melhor compreender o comportamento de escrever em paredes, Cunha (1999) realizou uma enquete com alunos e professores de terceiro grau e pessoas com escolaridade entre primeiro e segundo grau abordadas nas ruas da cidade de Campina Grande, no Estado da Paraíba, Brasil, que incluía duas perguntas: "O que você

> dos diferentes locais nos quais ocorrem os atos de vandalismo mencionados." (resposta dada por estudante do sexo feminino).

Tédio foi mencionado como motivo para a produção de escritas latrinárias por 23,8% dos estudantes entrevistados, como, por exemplo, nas seguintes respostas: "Falta do que fazer enquanto espera..." e "Talvez para ter alguma ocupação enquanto 'cagam', seria um substituto do ato de leitura de jornal, principalmente no caso dos homens".

Kutakoff (1972) cita o tédio como causa para a produção de grafitos. Para Reisner (1971), uma das maiores razões pelas quais se escreve nas paredes de banheiro talvez seja puro tédio. Sem ter algo para ler, a pessoa se vê diante do desafio de criar algo com que se entreter.

O hábito de ler entre as quatro paredes do banheiro é citado por Reisner (1971) e por outros autores. Para Arango (1991), o hábito de ler no banheiro, bastante difundido, é herdeiro do prazer infantil de "defecar em companhia" (p.54). Segundo Dundes (1966), a habitual prática de ler em banheiro é essencialmente um ato de incorporação que tem por função equilibrar o material perdido com a defecação.

"Deixar marca" foi motivação citada por 12,2% dos estudantes universitários. A possibilidade de deixar marca pessoal ou de grupo é mencionada como característica importante das escritas latrinárias por vários autores (DUNDES, 1966; LOMAS, 1976; ALEXANDER, 1978; AHMED, 1981; RAMOS, 1994; SCHREER, STRICHARTZ, 1997; READ, 1977). Para Dundes (1966), o desejo de deixar marca ou algo para a posteridade está provavelmente implicado no comportamento de realizar inscrições em banheiros públicos.

Outras respostas para a indagação "Por que você acha que as pessoas escrevem grafitos de banheiro?" foram: "para exprimir pensamento" (17,1%), "para exprimir sentimentos" (12,2%), "para se comunicar" (9,8%), "para influenciar pessoas" (7,3%), "por influência de outros grafitos" (7,3%) e "por criatividade" (7,3%).

Também interessada em melhor compreender o comportamento de escrever em paredes, Cunha (1999) realizou uma enquete com alunos e professores de terceiro grau e pessoas com escolaridade entre primeiro e segundo grau abordadas nas ruas da cidade de Campina Grande, no Estado da Paraíba, Brasil, que incluía duas perguntas: "O que você

acha que sejam os grafitos de banheiro?" e "Você já produziu algum grafito de banheiro?" Em suas respostas, as pessoas muitas vezes abordavam aspectos motivacionais e funcionais das escritas latrinárias. Noventa por cento dos entrevistados afirmaram que essas escritas correspondiam a atos de vandalismo, sujeira ou falta do que fazer. Apenas os 10% restantes entenderam as inscrições como uma forma de comunicação cujo objetivo é extravasar desejos e sentimentos muitas vezes reprimidos por não serem condizentes com os valores assimilados culturalmente. Todas as pessoas entrevistadas afirmaram jamais terem produzido grafitos.

3.2. Funções da escrita, das inscrições parietais e dos grafitos de banheiro

3.2.1. Funções da escrita

O ato de escrever é essencialmente humano. Quais seriam suas funções? A mais imediata é a função comunicativa. O ato de escrever permite não só que se estabeleça uma comunicação direta e imediata entre as pessoas, mas também, quando escritor e leitor estão distantes no tempo e no espaço, que entre eles ocorra comunicação diferida. Assim, por meio da escrita, alguém que viveu há milhares de anos pode, por exemplo, comunicar-se conosco.

Outra função da escrita seria a de conferir durabilidade à palavra. Escrever, segundo Desbordes (1992), "é um remédio supremo contra a evaporação instantânea das palavras" (DESBORDES, 1992, p.72). A escrita permite que a memória seja armazenada e recuperada (OLSON, 1997), possibilitando não só a perpetuação da própria palavra, mas também daquele que a produz.

Conforme lembra-nos Leach (1972), somente os humanos sabem que crescem, envelhecem e morrem. Apenas eles têm consciência, também, de que a sociedade da qual fazem parte continuará a existir após a sua morte. Uma grande quantidade de rituais humanos tem como ponto central a asserção da continuidade, numa tentativa de resistir à mortalidade. O produto da escrita possui essa qualidade de permanência, podendo perdurar e até, de certo modo, vencer a morte. Há um dito popular, em língua portuguesa, que diz que todo ser humano precisa ter um filho, plantar uma árvore e

escrever um livro durante sua vida. Percebe-se nesses três atos a preocupação com a mortalidade, com a possibilidade de deixar algo para as próximas gerações na forma de genes, de ações, de idéias, de vida. Vale lembrar que muitos chegam a comparar livros e teses a filhos, revelando a potencialidade de perpetuação que vislumbram em uns e outros.

A escrita teria, ainda, a função, descrita como mágica por Ramos (1994), de retirar o indivíduo do anonimato. Ao escrever, a pessoa marca sua presença e obtém uma espécie de posse do objeto onde escreve. Com esse ato, faz-se reconhecidamente vivo.

3.2.2. Funções das inscrições parietais

> "Meu propósito real ao entalhar estas lajes é a busca da compreensão. Inicialmente, faço a busca para meu próprio bem. Quero entender o que aconteceu comigo e os motivos que me levaram a reagir como reagi. Estou explorando minha própria natureza e quem sabe a natureza da humanidade também, desta grande espécie da qual sou uma amostra prévia. Em segundo lugar, não posso abandonar inteiramente a esperança de que estas palavras sejam lidas por outros humanos. Bem sei o quanto a possibilidade é reduzida. Também reconheço que nunca saberei se estas mensagens chegaram até meus semelhantes. Apesar de tudo isso, algum conforto irracional na chance remota de que alguém, algum dia, possa conhecer a história de Sam Magruder e mostrar algum interesse, ou mesmo compaixão, por seu destino"
>
> (SIMPSON, 1997, p.86)

Com estas palavras, Sam, personagem principal de *A descronização de Sam Magruder*, obra ficcional escrita pelo paleontólogo de vertebrados George Gaylord Simpson (1997), explica por que produziu inscrições em lajes há 80 milhões de anos,

época para a qual se transportou em um salto no tempo. Vendo-se solitário em meio a dinossauros e outros animais não humanos, e sem perspectivas de um dia voltar para 2162, ano em que empreendeu a viagem, ou de receber a visita de qualquer outro ser humano, Sam Magruder decide registrar em lajes suas experiências, impressões e reflexões: "O que fiz e o que vi são partes essenciais da história, claro, mas no fundo só importa mesmo o que pensei e senti. Isso, embora muito mais difícil de transmitir, é a essência de minha história" (SIMPSON, 1997, p.86). São, portanto, basicamente, três os objetivos de Sam Magruder ao produzir inscrições em lajes: compreender os variados aspectos de sua vivência, comunicar-se com outros humanos e tornar durável sua história pela palavra. E, segundo ele, de tudo o que registra, o que mais interessam são seus sentimentos e pensamentos. Stephen Jay Gould, no posfácio ao livro de Simpson, intitulado "A verdade da ficção – uma exegese da fantasia sobre dinossauros de G. G. Simpson", afirma que os temas da solidão e do medo da "impotência intelectual", ou seja, de não ser ouvido, lembrado, aceito ou homenageado, estão presentes na narração de *Sam Magruder* (GOULD, 1997, p.123). Escrever seria, assim, uma forma de tentar combater essa impotência. Ao produzir inscrições em paredes, o indivíduo constrói um passado, fazendo que aquilo que foi definitivamente perdido possa continuar a existir psiquicamente (FERNÁNDEZ, 1999).

Os comportamentos de escrever e de escrever em paredes de maneira geral apresentam funções em comum, tais como a comunicação (THIEL, 1999), a imortalização pela escrita (DUNDES, 1966; REISNER, 1971) e deixar marca no mundo (DUNDES, 1966; LOMAS, 1976). Os grafitos podem ter também função artística, observável em uma série de produções realizadas em muros citadinos, onde, muitas vezes, verifica-se sofisticação de técnicas e sensibilidade artística. Muitos grafiteiros de rua são, de fato, considerados artistas, tais como Keith Haring nos EUA e Carlos Matuck, Alex Vallauri e Waldemar Zaidler no Brasil.

Para Thiel (1999), a escrita na parede representa, ainda, uma forma alternativa de resistência. Algumas pessoas encontram nas paredes a possibilidade de expressão de processos psicológicos considerados incompatíveis com a estabilidade social. E, ao fazê-lo, atacam um objeto que parece oprimi-las, a parede, ou, simbolicamente, aquilo que ela representa, o segmento social que as oprime, ou seja, os detentores da propriedade. A

queda do antigo "Muro de Berlim", em 9 de novembro de 1989, que contou com a participação da população, é emblemática. Esse fato foi tão importante que, para muitos, com ele encerrou-se definitivamente a Segunda Guerra Mundial, uma vez que o "Muro de Berlim" foi herança desse conflito e da Guerra Fria entre as superpotências militares de então: os Estados Unidos da América e a antiga União Soviética (GASPARETTO, 2000).

É interessante que o "Muro de Berlim", construído para dividir, foi sendo aos poucos apropriado pela população que habitava o lado ocidental da cidade, bem como por turistas de passagem, por meio de inscrições dos mais variados tipos, desde frases simples até sofisticados desenhos e pinturas. Segundo Kuzdas (1999), no final da década de 1960, o movimento estudantil descobriu o Muro como um mural perfeito para protestos visuais, mas a sua "tatuagem pesada" ocorreu no final da década de 1970. De acordo com esse autor, esta nova forma de expressão artística começou a espelhar o "*Zeitgeist*", tornando-se uma espécie de barômetro do espírito do tempo. Em 28 de setembro de 1990, dez meses após sua queda, 118 artistas de 21 países inauguraram um trabalho simbólico excepcional no lado oriental do Muro, culminando na maior galeria a céu aberto do mundo, a *East Side Gallery* ("Galeria do Lado Oriental"). Em 1991, essa galeria foi declarada memorial histórico oficial.

A figura 3.1 apresenta trecho da *East Side Gallery* fotografado em fevereiro de 2001:

Luís Augusto Barbosa

Figura 3.1. Trecho da *East Side Gallery*, em Berlim, na Alemanha (fotografia feita em 3 de fevereiro de 2001).

Uma outra função a que parece servir o comportamento de escrever em paredes, especialmente quando produzido em paredes de banheiro, é a de alívio de tensões. As inscrições parietais tornariam, segundo essa teoria, relatada detalhadamente mais adiante, o inconsciente consciente pela revelação de conteúdos reprimidos (THIEL, 1999, 2000b, 2001). Os grafitos, segundo Thiel (2000b), contam histórias que de outro modo permaneceriam desconhecidas, já que a "história oficial" usualmente trata de censurá-las.

Para Thiel (1999), ainda, não é possível falar em função única do comportamento de escrever em paredes, já que as inscrições parietais estão em processo de contínua mudança e de adaptação aos diferentes contextos. Em algumas situações, podem dar vazão à necessidade de expressão artística de determinados indivíduos. Em outras, podem servir ao propósito de comunicar idéias ou de extravasar sentimentos. Uma empreitada desse tipo, de definir uma única função ao comportamento de escrever em paredes, cedo ou tarde, portanto, demandaria que a definição estabelecida fosse revista e reescrita.

3.2.3. Funções dos grafitos de banheiro

O ato de escrever em paredes de banheiro também compartilha funções com a escrita de maneira geral e, mais especificamente, com o comportamento de escrever em paredes: comunicação direta ou diferida, busca de imortalidade, transmissão da memória, perpetuação da palavra, posse do objeto, projeção de idéias e sentimentos, deixar marca no mundo.

Para Shaw (1980) e Dundes (1966), escrever em paredes de sanitários pode ter a ver com territorialidade. Em várias espécies, a marcação territorial é feita com urina ou fezes pelos machos, que também defendem a área marcada. Os grafitos seriam, assim, os remanescentes de algo que já foi prática comum. Talvez por isso haja, em geral, maior quantidade de inscrições nos banheiros masculinos.

Duas são, no entanto, as teorias mais freqüentemente relatadas na literatura para explicar as funções dos grafitos de banheiro: a da "válvula de escape", que investiga aspectos psicológicos relacionados a esse comportamento, e a de representação de fatos

sociais por reflexão ou refração, que aborda a questão segundo uma perspectiva social. Propomos, ainda, mais uma função para as escritas latrinárias: a promoção do intercâmbio de informações. Em outras palavras, elas também serviriam o propósito de permitir a propagação de "fofocas", para utilizar um termo informal.

3.2.3.1. Teoria da "válvula de escape"

Alguns autores procuram explicar as funções dos grafitos de banheiro a partir de suas relações com conteúdos psicológicos inconscientes. Também na linguagem escrita, assim como na falada e nas representações oníricas, podemos observar a existência de dois níveis de significação: o manifesto e o latente. O material consciente, que fica retido na memória, corresponde ao conteúdo manifesto. O conteúdo latente é uma produção do inconsciente, expressão de um desejo reprimido, podendo ser decifrado a partir da interpretação do material manifesto. Este seria um tipo de "disfarce" daquele.

Os grafitos de banheiro poderiam ser comparados a sonhos, atos falhos e associações livres por permitirem acesso a conteúdos inconscientes reprimidos. Possuem, como eles, portanto, conteúdo manifesto e latente (LOMAS, 1973). Estando o inconsciente ligado ao id, as escritas latrinárias teriam funções relacionadas a esta instância psíquica, incluída por Freud na composição do aparelho psíquico humano juntamente com o ego e o superego.

Vários autores acreditam que as escritas de banheiro teriam a função de "válvula de escape", uma vez que os indivíduos por elas expressam o que não pode ser dito abertamente (REISNER, 1971; GONOS et al., 1976; RODRIGUES, 1979; BARBOSA, G. G., 1985; BARBOSA, P., 1986; PELLEGRINI FILHO, 1983, 1987; WEITZEL, 1984; CUNHA, 1999).

O ser humano, dotado de um sofisticado sistema de linguagem, é capaz de simbolizar. Para ele, não só os produtos da cultura, mas também a própria natureza podem assumir valor simbólico. Assim como as ações, as representações gráficas, verbais ou pictóricas, revestem-se de variados significados que lhe causam reações diversas. O entendimento do valor que esses diferentes significados têm para o ser humano nos remete, assim, ao estudo de alguns aspectos de sua dimensão simbólica.

Segundo a teoria da "válvula de escape", os grafitos corresponderiam a uma via de liberação de tensões que são mantidas sob controle no convívio social. Assim como os palavrões e as revistas pornográficas, os grafitos de banheiro, segundo Rodrigues (1979), contêm grande capacidade de liberação emocional por ligarem-se a elementos não controlados. No espaço da cabine do banheiro, sob a proteção do anonimato garantido pelas quatro paredes que circundam o indivíduo, seria possível dar vazão a emoções, pensamentos, sentimentos, idéias, fantasias e desejos interditos. O ambiente sexualizado do banheiro estimularia projeções desse tipo. Nele, as pessoas despem-se duplamente: de roupas e de tabus.

- **Os palavrões**

Em nossa sociedade, o próprio ato de escrever em paredes já é, em si, proibido. Poderíamos afirmar que o caráter de interdição do ato prolonga-se, assim sendo, no valor proibitivo do conteúdo e, muitas vezes, da forma escolhida para apresentar esse conteúdo. Freqüentemente, nas inscrições são empregadas justamente palavras que não fazem parte do rol de verbetes dos dicionários da língua culta. Daí a maior proximidade entre as inscrições de parede e o discurso oral, especialmente o coloquial, já que nele é também, em determinadas situações, tolerado o uso de linguagem desse tipo. Nas paredes do banheiro, a liberdade de expressão parece ir às últimas conseqüências, não deixando, contudo, de ser também condenada. Em geral, as pessoas não só classificam esse comportamento como ato de vandalismo, mas também reprovam os temas tratados e o termos empregados (TEIXEIRA, 1998).

Certas palavras são consideradas "palavrões" por serem obscenas, ou seja, por mostrarem o que não deve ser mostrado, por exporem a vida sexual, que não deve ser revelada em público (ARANGO, 1991). Por isso, resta a elas a expulsão dos dicionários da língua oficial, cabendo-lhes o exílio nos dicionários de gírias e "palavrões". Como o próprio nome designa, "palavrões" são palavras grandes, palavras no aumentativo, palavras poderosas, que fazem saltar aos olhos aquilo a que se referem. Mário Souto Maior (1983), que escreveu o *Dicionário do Palavrão*, lembra que o "palavrão foi, é e continuará sendo uma manifestação da inventiva popular" (MAIOR, 1983, p.112). Para Arango (1991), todos os "palavrões" são investidos de poder alucinatório, quase mágico,

por permitirem uma representação visual, plástica e perturbadora dos órgãos e ações a que se referem. São, como os sonhos, um caminho real para o inconsciente.

O uso de palavras grosseiras, os chamados "palavrões", em qualquer contexto, parece apresentar função catártica, provocando alívio da tensão social (PRETI, 1984). Vale citar as palavras de Pedro Barbosa, escritor português que dedicou o bem humorado livro *O guardador de retretes* (1986) às escritas latrinárias:

> "(...) cremos ter já deixado amplamente documentado este aspecto inalienável da literatura retretológica: a função terapêutica da expressão verbal. A escrita liberta-se aqui de todos os constrangimentos e faz-nos sentir o clima repressivo em que diariamente vivemos, mesmo quando não temos consciência disso. A barreira que separa a linguagem dicionarizada da linguagem retretológica é a mais clara manifestação de tão flagrante realidade. Sobre as quatro paredes expande-se então a sintomatologia dessa grave doença social com carácter epidérmico de que estamos todos contaminados – A PRISÃO DE VENTRE MENTAL".
>
> (BARBOSA, 1986, p.69)

"Catarse" é um termo de origem grega que foi utilizado por Aristóteles para designar o efeito provocado pela tragédia no espectador. Inspirando medo e temor, a tragédia promove a catarse própria dessas emoções (ARISTÓTELES, 1988[384-322 a.C.]). No processo psicoterapêutico, o método catártico é utilizado com o objetivo de provocar uma "purgação" por meio da descarga de afetos patogênicos (LAPLANCHE, 1992). Durante o tratamento, a pessoa evoca e até mesmo revive os acontecimentos traumáticos a que esses afetos patogênicos estão ligados, deles se libertando a partir da descarga emocional provocada pelas revivescências. As várias formas de repetição que ocorrem ao longo do tratamento psicanalítico também têm efeito catártico. Essa reação do indivíduo a um acontecimento que tem o efeito de evitar que o afeto seja conservado é chamada, em psicanálise, de ab-reação. É interessante destacar que Breuer e Freud

(1893/1987) reconheciam efeito catártico à expressão verbal: "...a linguagem serve de substituto para a ação; com sua ajuda, um afeto pode ser `ab-reagido` quase com a mesma eficácia. Em outros casos, o próprio falar é o reflexo adequado: quando, por exemplo, essa fala corresponde a um lamento ou é a enunciação de um segredo torturante, por exemplo, uma confissão. Quando não há uma reação desse tipo, seja em ações ou palavras, ou, nos casos mais benignos, por meio de lágrimas, qualquer lembrança do fato preserva sua tonalidade afetiva do início" (BREUER; FREUD, 1893/1987, p.46).

Segundo Arango (1991), a obscenidade possui virtudes terapêuticas, pois o indivíduo, ao falar palavrão, entra em contato com ocultas lembranças, ligadas ao desenvolvimento infantil da sexualidade. Quem não se lembra do passado torna-se compelido a repeti-lo. Assim, por intermédio do palavrão, o indivíduo poderia livrar-se de antigas fixações.

Para o médico brasileiro Ernani da Silva Alves (1967), alguns indivíduos obtêm prazer ao produzir frases e desenhos eróticos em banheiros públicos. Segundo ele, essas pessoas são influenciadas pela *Musa latrinalis*, "musa inspiradora" que habita esses locais.

A escritora Clarice Lispector (1992) também se manifestou sobre o palavrão na crônica intitulada "Dos palavrões no teatro", publicada no livro *A Descoberta do Mundo*: "o palavrão – aquele que expressa o que uma palavra não faria – esse não me choca" (p.29). Chama a atenção, portanto, para a característica que têm esses termos de exprimir conteúdos que não encontram via de expressão na língua oficial.

Os palavrões teriam, portanto, função de "válvula de escape". O fato de ser bastante recorrente o emprego de palavras desse tipo nos grafitos de banheiro reforça a tese de que esse comportamento também teria função de alívio de tensões.

- **O humor**

São igualmente comuns, nas inscrições latrinárias, as intenções humorísticas, fato apontado por diversos autores (BARBOSA, G. G., 1985; BARBOSA, P., 1986; PELLEGRINI FILHO, 1982, 1983, 1987, 1998; GADSBY, 1995a, 1996), revelador da dimensão lúdica dos grafitos. O humor, nessas inscrições, está freqüentemente associado

ao uso de palavras grosseiras e obscenidades. Para Barbosa (1985), a comicidade é um eufemismo seguro, já que até mesmo as frases mais hostis e ultrajantes podem ser produzidas em tom de chiste, brincadeira, gozação inconseqüente. Seguindo essa mesma linha de raciocínio, Lomas (1973) afirma que a piada é um disfarce para a expressão de instintos sexuais ou hostis, disfarce esse que temporariamente nos retira o poder de observação crítica, forçando-nos a nos unir àquele que a produz em seu ato de destruição.

Keith-Spiegel (1972) afirma que o humor também tem as funções de alívio ou de liberação de tensão, reduzindo o impacto deletério de experiências estressantes. Segundo Freud (1927/1974), a essência do humor é poupar os afetos a que uma determinada situação naturalmente daria origem e impedir, por meio de uma pilhéria, tais expressões de emoção. Quando esses afetos desagradáveis são evitados, sentimos prazer humorístico (FREUD, 1905/1977). McCauley et al. (1983), igualmente, afirmam que o humor permite a liberação temporária e segura de tensão ligada a impulsos sexuais e agressivos reprimidos. Outro prazer proporcionado pelo humor, de acordo com Freud, estaria ainda relacionado ao puro exercício intelectual nele implicado (FREUD, 1905/1977).

Conforme aponta Levine (1969), rimos por diferentes razões, algumas vezes contraditórias: em certos contextos, o humor pode ser visto como degradante e destrutivo e, em outros, pode ser tido como socialmente construtivo e até mesmo enobrecedor. É difícil definir o que torna algo engraçado, fato que dificulta também a própria definição e classificação dos estímulos humorísticos (WEISFELD, 1993). De qualquer forma, o valor social do humor consiste na sublimação e catarse periódica a partir do retorno ritualístico do recalcado sem culpa individual ou medo de retaliação ou de perturbação da vida em grupo (LEVINE, 1961). Vale lembrar que, para Freud, os conteúdos inconscientes têm caráter indestrutível. Não só os elementos reprimidos não são aniquilados, mas também tendem continuamente a retornar à consciência de maneiras mais ou menos desviadas (LAPLANCHE, 1992).

Em 1910, Freud escreveu uma carta a Friedrich S. Krauss em defesa do periódico *Anthropophyteia*, por ele fundado e editado, que tratava principalmente de material antropológico de natureza sexual (esse periódico é mencionado no Capítulo 2 desta

tese). Nessa carta, Freud afirma que as coleções de piadas, de chistes, de anedotas e de outros materiais de natureza erótica, por Krauss publicadas em seu periódico, são não somente úteis, mas indispensáveis. (FREUD, 1910/1970). Nessa carta, Freud afirma que "os chistes, tanto os eróticos como os de outras espécies, que circulam popularmente, fornecem um excelente auxiliar de investigação da mente humana inconsciente – da mesma maneira que os sonhos, os mitos e as lendas, em cuja exploração a psicanálise já está ativamente empenhada" (FREUD, 1910/1970, p.220). Em seu trabalho "Os chistes e sua relação com o inconsciente" (FREUD, 1905/1977), Freud sustenta que, além dos chistes inocentes, que não têm um objetivo em si mesmos, há dois tipos de chistes: os hostis, que servem ao propósito de agressividade, sátira ou defesa, e os obscenos, que servem ao propósito do desnudamento. Segundo esse autor, os de natureza obscena, com os quais prefere primeiro trabalhar, têm sido muito mais raramente julgados dignos de investigação, "como se a aversão com que se os encara já se tivesse transferido para a discussão" (FREUD, 1905/1977, p.117).

- **Sexo e o inconsciente**

Sexo é tema presente nas representações parietais já há bastante tempo. A significação e a função dessas representações pode variar conforme os diferentes contextos culturais, mas sua presença constante é constatada. Podemos citar, por exemplo, pinturas rupestres contendo desenhos de relações sexuais e de genitais masculinos e femininos em vários locais. Representações pré-históricas de temática sexual, apesar de escassas (VIDAL, 1995-1996), estão presentes na América do Norte, na Índia e na China e, com razoável freqüência, na Austrália a no Brasil (BAHN, 1998). A figura abaixo apresenta registro rupestre localizado no Parque Nacional da Serra da Capivara, no Piauí, Brasil.

Luís Augusto Barbosa

Figura 3.2. Inscrição pré-histórica contendo representação de ato sexual face-a-face. O sexo masculino é indicado pelo pênis ereto e o feminino, por um círculo vazado. Este registro rupestre está localizado no Parque Nacional da Serra da Capivara, no Piauí, Brasil (fotografia feita em julho de 2002).

Em Roma antiga, muitas eram também as referências a sexo em inscrições verbais, em desenhos e em esculturas. O Museu Arqueológico Nacional de Nápoles, na Itália, contém uma coleção de objetos eróticos encontrados nas escavações de Pompéia, guardada no "*Gabinetto Segreto*" ("Gabinete Secreto"), local fechado com porta gradeada, cujas visitas devem ser autorizadas, agendadas e feitas com acompanhamento de guia.

O órgão sexual masculino era então considerado um talismã, assim como o era e ainda o é em outras culturas, como, por exemplo, o Japão (EIBL-EIBESFELDT, 1970). Uma escultura de pênis ereto colocada na frente de uma casa teria o poder de protegê-la. A fotografia abaixo, feita com autorização do Museu Arqueológico Nacional de Nápoles em 5 de janeiro de 2001, apresenta a inscrição "*HIC HABITAT FELICITAS*" ("AQUI HABITA FELICIDADE"):

Luís Augusto Barbosa

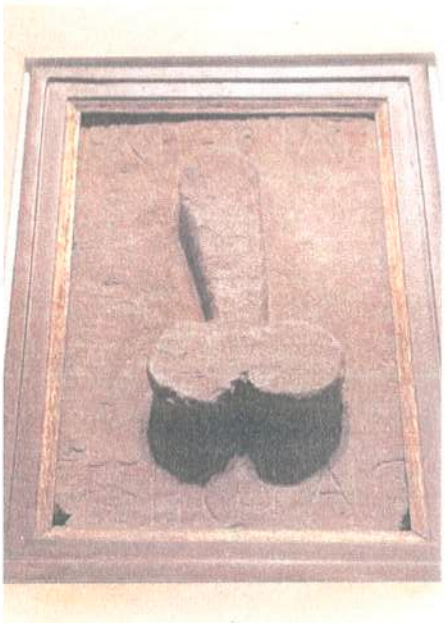


Figura 3.3. Escultura de pênis ereto junto à inscrição "*Hic habitat felicitas*", retirada de parede de Pompéia e mantido no "Gabinete Secreto" do Museu Arqueológico Nacional de Nápoles, na Itália (fotografia feita em janeiro de 2001).

Nas ruínas de Pompéia, também existem muitos desenhos do órgão sexual masculino rabiscados nas paredes. Na fotografia abaixo, feita em 26 de fevereiro de 2001, podemos observar esse tipo de desenho. Segundo interpretação de Vivolo (1993, 1995), trata-se de um gladiador combatendo com seu grande falo. Esta inscrição, realizada há mais de 1.900 anos, está localizada em uma das paredes do corredor do Teatro Grande.

Figura 3.4. Inscrição (gladiador combatendo com seu falo) realizada em parede do Teatro Grande, em Pompéia, na Itália (fotografia feita em fevereiro de 2001).

Dentre as inscrições verbais de Pompéia, há, ainda, várias frases de conteúdo erótico, como esta, por exemplo, feita em um muro (PRIAPEOS..., 1981, p.132; CANALI, CAVALLO, 1999, p.104-105): "*Hic ego nunc futui formosam forma puellam, laudatam a multis, set lutus intus erat*" ("Aqui e agora há pouco transei com uma bela moça, elogiada por muitos, mas por dentro era puro lodo") (*Corpus Inscriptionum Latinarum* IV, 1871/c1958, p.96, inscrição 1516).

Na literatura científica relativa aos grafitos de banheiro, sexo também é tema sempre presente (DUNDES, 1966; KINSEY et al., 1953; KUTAKOFF, 1972; BARBOSA, 1985; PELLEGRINI FILHO, 1987; ARLUKE et al., 1987; OTTA, 1993; SIEGL, 1992; OTTA et al., 1996; CUNHA, 1999; TEIXEIRA, 1998; entre outros trabalhos). Popularmente, sexo é bastante citado tanto por homens quanto por mulheres, em especial pelos primeiros, como sendo o assunto preferido na produção das escritas latrinárias (TEIXEIRA, 1998). Esse tipo de conteúdo é freqüentemente abordado, nos grafitos, em associação com palavrões e piadas. O que estaria por traz destas formas de expressão da sexualidade? Esta indagação nos conduz à dimensão reprimida da sexualidade humana.

Devemos a Sigmund Freud o desenvolvimento da teoria do inconsciente, moradia dos desejos reprimidos. A repressão da sexualidade está, segundo Freud (1929/1976b), na base da formação da cultura. O ser humano reprime a pulsão sexual,

sublimando-a na forma de produções artísticas ou intelectuais. No entanto, o reprimido pode retornar sempre que uma situação permite associações com o material que foi objeto da repressão, ou, então, por enfraquecimento do contra-investimento ou por reforço da pressão pulsional, sob a influência biológica da puberdade, por exemplo (LAPLANCHE, 1992, p.463). O inconsciente pode revelar-se por intermédio dos sonhos e dos delírios. Para Freud, os sonhos são os delírios fisiológicos de pessoas normais (FREUD, 1906/1974). No processo de psicanálise, ainda, por meio das associações livres realizadas pelo paciente, também podem ser reveladas as defesas do inconsciente, que vêm à tona nas palavras e nos atos conscientes (FREUD, 1906/1974).

Para Wilhelm Reich, não seria toda civilização que teria origem na repressão da sexualidade, mas sim uma certa civilização, a burguesa, capitalista, fundada sobre a propriedade privada e a exploração do trabalho (BARBOSA, 1985). Para Reich, a repressão sistemática da sexualidade pelas diversas instituições burguesas, tais como a família, o Estado, a Igreja e o exército, aniquila o sentido crítico e prepara para a submissão, sobretudo para a grande renúncia exigida pela sociedade capitalista. De qualquer forma, Reich também ressalta a negação da sexualidade e sua degradação nas sociedades capitalistas.

Cardoso (1983) lembra a importância da influência da Igreja Católica no desenvolvimento da sexualidade, destacando que o catolicismo rejeita o existencial, o carnal, exaltando o divino e o transcendente. Tais idéias levaram os cristãos a uma visão dicotômica do mundo e da vida: de um lado, o mundo carnal e pecaminoso, de outro, o divino e espiritual (CARDOSO, 1983). Este fato é ilustrativo da influência cultural na vivência da sexualidade.

A historiadora Mary del Priore (1993), ao desenvolver estudo sobre a condição da mulher no Brasil Colônia, lembra a influência da tradição católica na vivência da sexualidade feminina, ao destacar que a reforma católica acentuou o rigor feminino, "afastando a mulher de seu próprio corpo, fazendo-a ignorar sua anatomia" (DEL PRIORE, 1993, p.209).

Ferenczi (1911), em seu ensaio "Sobre as palavras obscenas", relata o caso de uma paciente histérica de vinte e três anos que era capaz de ouvir, sem melindres, explicações sexuais em linguagem estritamente científica, mas, desde criança, precisava

fechar os olhos quando se sentava no vaso sanitário. Ferenczi interpretou esse comportamento como tendo por objetivo não ler as palavras obscenas que normalmente são observadas nas paredes dos banheiros (ARANGO, 1991). A jovem, tão imperturbável quando permanecia no campo da investigação científica, diante da interpretação e voltando sua atenção para os populares grafitos, envergonhou-se. Pela primeira vez no tratamento, teve acesso às suas lembranças eróticas mais profundas e ocultas.

Freud também faz referência a grafitos em um de seus trabalhos (FREUD, 1917/1976a), a Conferência XVII, intitulada "O Sentido dos Sintomas", utilizando-se deles para realizar uma interpretação psicanalítica. Nessa conferência, Freud relata o caso de uma paciente de dezenove anos de idade, "bem desenvolvida e bem dotada, filha única de pais a quem ela superava em instrução e vivacidade intelectual" (FREUD, 1917/1976a, p.312), que não conseguia caminhar livremente por praças e ruas relativamente largas. Desenvolveu uma agorafobia e uma neurose obsessiva, possuindo, também, um ritual para dormir que perturbava seus pais. As mais importantes especificações desse ritual achavam-se relacionadas à cama. O travesseiro, colocado na parte superior da cama, não podia tocar o encosto de madeira da cabeceira. O travesseiro pequeno deveria permanecer sobre o maior, em uma única posição: de maneira que configurasse a forma de um diamante. A cabeça, então, deveria repousar no sentido do diâmetro maior do diamante. A jovem apreendia-se sempre com a possibilidade de que as coisas não tivessem sido feitas da maneira correta. Freud, em certo ponto, indaga: "por que este travesseiro tinha de ser colocado na forma de um diamante e a cabeça situar-se justamente ao longo da linha central?" (FREUD, 1917/1976a, p.317). E afirma: "foi fácil recordar-lhe que essa forma de diamante é a figura desenhada em todos os muros para representar os genitais femininos abertos. Sendo assim, ela própria estava representando o homem e substituindo o órgão masculino por sua cabeça" (FREUD, 1917/1976a, p.317). Conclui que o ritual corresponde às fantasias reveladas pela interpretação. Freud, portanto, fez uso de uma imagem evocada por um grafito para formular uma interpretação psicanalítica.

Segundo o psicanalista Lomas (1976), a parede do banheiro equivaleria a uma tela intrapsíquica dos sonhos, "a tela pública em que são projetados os desejos insatisfeitos mais prementes" (p.85).

O impulso para expressar desejos proibidos, para liberar vontades reprimidas, tanto individuais quanto sociais, corresponderia, portanto, à essência geral dos grafitos de banheiro. A latrinária, de acordo com Almeida (1971), teria muito a contribuir a estudantes de psicologia ou sociologia para a compreensão de atividades subconscientes, recalques e revoltas. Martin (2001), finalmente, destaca que se os grafitos de fato correspondem a uma "válvula de escape psicológica", as culturas apresentariam diferentes tipos de grafitos dependendo do que é considerado tabu em cada contexto cultural.

- **Escatologia**

O freqüente ingresso no campo da escatologia por parte dos grafiteiros, seja pelos termos empregados ou pelos conteúdos abordados, revela-nos mais um aspecto interdito das escritas de banheiro. Palavras e conteúdos desse tipo são objeto de tabu e "tudo o que é tabu é sagrado, valioso, importante, poderoso, perigoso, intocável, imundo, infando" (LEACH, 1983). Substâncias consideradas sujas são também detentoras de grande poder, sendo precisamente elas que se constituem nos ingredientes primários dos "remédios" mágicos. Remédios para curar doenças do corpo e, por que não, doenças da alma a partir de um poder purgatório.

Ainda segundo Freud (1905/1989), em seu trabalho "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade", o desenvolvimento da sexualidade humana passa, na infância, pela fase anal, organização pré-genital que ocorre entre as organizações oral e fálica (FREUD, 1905/1989). O erotismo anal é reprimido pela educação e sublimado, resultando em traços de caráter, tais como a ordem, a parcimônia e a obstinação (FREUD, 1908/1976). O retorno do erotismo anal no conteúdo dos grafitos de banheiro denuncia a sua repressão no desenvolvimento sexual e reforça a teoria da "válvula de escape" como função das escritas latrinárias.

Dundes (1966) faz referência à presença de conteúdo escatológico nas escritas de banheiro e ressalta que não existe qualquer coisa inerentemente suja, sendo o conceito

de sujeira parte da cultura. Afirma que um dos poucos lugares onde a sujeira pode ser exposta e discutida na cultura norte-americana é o banheiro, privado ou público. Segundo o autor, o homem sofre de inveja da gravidez. A defecação seria análoga à capacidade de gerar um filho para a mulher. Segundo o autor, "quando um homem defeca é um criador" (DUNDES, 1966, p.102). Uma vez que a mulher é capaz de produzir bebês, ela tem menos necessidade do que o homem de enfatizar as matérias fecais. De acordo com Dundes (1966), ainda, o desejo manifesto nas inscrições de deixar memória, de produzir uma marca pessoal, tão freqüente nos banheiros masculinos, corresponderia a uma forma de competir com a imortalidade garantida às mulheres pela possibilidade de gerar novas vidas. Vale dizer que, quando essa possibilidade se concretiza, é revestida, no caso da mulher, de certeza. A mulher tem a certeza da maternidade, ao contrário do homem, que tem apenas indícios da paternidade. Essa paternidade apenas recentemente tornou-se passível de ser comprovada por meio de exames laboratoriais.

- **Os banheiros e as atividades excretórias**

> "Entrementes, sob a música desconcertante dos autoclismos despejados e dos acordes dissonantes de mecanismos desconjuntados em descargas sucessivas, esta lírica vive e sobrevive, resiste às raspagens e aos banhos negros de tinta, subvive, e vai fazendo ouvir a sua voz silenciada, silenciosa, por entre toda a espécie de ruídos obscenos. Voz que canta o livre respirar do pensamento no tempo empestado das retretes: esses templos respeitáveis onde a pessoa toda se liberta de seus plurais dejectos; uns, físicos, que descem e se escoam pelos canos de esgoto; outros, espirituais, que sobem e se agarram às paredes como testemunho vivo da consciência de um povo, dos seus traumas e dos seus anseios, a provocar a náusea do sábio de borla e capelo: porque essa voz vem das profundas do inferno: é a voz que sobe pelos canos de esgoto do mundo: traz palavras

> conspurcadas de caca, mas é a que mais claro fala usando as mais sujas palavras."
>
> Pedro Barbosa (1986, p.110-111)

Barbosa, P. (1986), nesse trecho de seu livro *O guardador de retretes*, mais uma vez aponta várias dimensões importantes do comportamento de escrever em paredes. Destaca que no banheiro o ser humano se livra de seus "plurais dejetos", alguns corporais e outros espirituais, "que sobem e se agarram às paredes" na forma de grafitos. Segundo Barbosa, G. G. (1985), por ser um lugar ligado ao corpo, em sua mais natural condição, o sanitário é um local escondido, separado, excluído. Essa exclusão geográfica, acompanhada de uma rigorosa assepsia, procura afastar o que nos repugna, o que nos incomoda. Mas, de acordo com Barbosa, G. G. (1985), isto apenas não basta, é necessário também que se exclua da conversação social qualquer referência direta às atividades excretórias. Por isso, as pessoas muitas vezes afirmam, eufemisticamente, que vão lavar as mãos, por exemplo, ao invés de dizer o que de fato irão fazer no banheiro. Menções aos banheiros e ao que neles se faz freqüentemente provocam incômodo.

Barbosa, G. G. (1985) lembra, ainda, que o banheiro, ao mesmo tempo em que iguala as pessoas em sua dimensão biológica, permite-lhes que se diferenciem. A privacidade extrema do sanitário possibilita que entremos em contato com nossa condição de indivíduos. Nesse "território do eu", segundo o autor, experimentam-se sensações de anonimato, liberdade, privacidade e segurança, propícias a outras atividades socialmente proibidas, tais como práticas homossexuais e uso de drogas. Para o arquiteto Kira (1966), que escreveu um livro sobre os banheiros, intitulado *The bathroom*, o WC serve a várias práticas além da sua óbvia função de aliviar as necessidades higiênicas.

Esse "território livre e sujo" é onde se produzem mais grafitos em nossa sociedade (BARBOSA, 1985). Fala-se, aí, mais sobre a "sexualidade periférica" do que sobre a sexualidade permitida. Segundo Barbosa esse autor, "ao produzir / consumir escritos sobre práticas proibidas, o autor/leitor de grafitos dá forma discursiva (e vazão catártica) às suas fantasias reprimidas, transforma em fetiche o seu desejo" (BARBOSA, G. G., 1985, p.195).

- **Questionamentos à teoria da "válvula de escape"**

Vale lembrar, contudo, que a função de "válvula de escape" foi questionada por Kutakoff (1972) e por Arluke et al. (1987), cujos trabalhos são mais detalhadamente descritos no Capítulo 2 desta tese ("Os grafitos de banheiro"). Nesses dois estudos, realizados com grafitos coletados em 1972 e 1984 em banheiros masculinos e femininos de faculdades e universidades localizadas na área de Boston-Cambridge, nos Estados Unidos da América, as mulheres produziram menores quantidades de inscrições sexuais do que os homens. Em 1972, 25% dos grafitos femininos e 35% dos masculinos referiam-se a esse tipo de conteúdo. Em 1984, a proporção de grafitos sexuais produzidos em banheiros femininos foi de 26%, valor bastante semelhante ao observado doze anos antes. Nos sanitários masculinos, contudo, essa proporção passou de 35% para 46%. A manutenção da freqüência de inscrições sexuais nos banheiros femininos ao longo do tempo indica, segundo os autores, que, para as mulheres, os grafitos podem não servir como "válvula de escape", pelo menos não para a expressão de impulsos sexuais. Arluke et al. (1987) afirmam que talvez os grafitos de banheiro tenham essa função para os homens, que tradicionalmente não possuem a mesma variedade de opções para a expressão da sexualidade, como, por exemplo, o toque. De acordo com esses autores, o aumento da freqüência de conteúdo sexual nos grafitos produzidos pelos homens pode refletir maior repressão da expressão da sexualidade masculina.

3.2.3.2. Teoria da representação dos fatos sociais: hipóteses da representação por reflexão e por refração

Além de sua ligação com a psique dos indivíduos, alguns autores também apontam a existência de relação entre os grafitos e os fatos sociais. Há, basicamente, duas hipóteses que procuram dar conta dessa relação, que denominamos hipóteses da reflexão e da refração dos fatos sociais. Segundo a primeira, os grafitos seriam um reflexo dos fatos sociais prevalentes, revelando atitudes e costumes tal como ocorrem na sociedade. De acordo com a segunda, o conteúdo das inscrições sofre influência de seu meio de expressão, refletindo, na verdade, valores diferentes dos predominantes na sociedade. Apresentaremos, a seguir, os pontos principais dessas duas hipóteses.

- **Representação dos fatos sociais por reflexão**

Para vários autores, as mensagens contidas nas escritas de parede refletem importantes questões sociais (LOMAS, 1973; SECHREST, FLORES, 1969; REISNER, 1967; RUDIN, HARLESS, 1970; OLOWU, 1983; D`ANGELO, 1976). As inscrições parietais seriam documentos de uma época, indicadores de opiniões e desejos de uma sociedade (SIEGL, 1992).

Para Stocker et al. (1972), os grafitos correspondem a um aspecto da cultura de um povo e podem ser utilizados como medida não intrusiva de seus costumes e atitudes. Citam Lindsay (1960) que, por exemplo, procurou reconstituir e caracterizar Pompéia antiga a partir das inscrições de parede. Grafitos seriam, segundo Stocker et al. (1972), um indicador acurado das atitudes sociais de uma comunidade e o seu conteúdo temático discrimina comunidades semelhantes com ideais sociopolíticos diferentes.

Stocker et al. (1972) compararam inscrições produzidas em banheiros masculinos e femininos de três universidades norte-americanas no início da década de 1970. Cotejando resultados obtidos nessa pesquisa com os obtidos em estudos anteriores, verificaram que a freqüência de grafitos de conteúdo homossexual em banheiros masculinos norte-americanos decaiu desde o estudo de Kinsey et al. (1953), desenvolvido durante a primeira metade da década de 1950. Essa freqüência baixou de 75% no estudo de Kinsey et al. (1953) para 42% no de Sechrest e Flores (1969) e, finalmente, para 36% no de Sechrest e Olson (1971). Stocker et al. (1972) defendem a idéia de que esse fato reflete diminuição dos conflitos relacionados à homossexualidade naquele país. Seguindo essa linha de raciocínio, afirmam que uma eventual aproximação temática entre grafitos masculinos e femininos pode indicar que os processos de socialização dos homens e das mulheres também se tornaram semelhantes. Destacam, ainda, que, ao categorizar os grafitos, sua principal preocupação foi a intenção explícita do escritor, mas admitem que alguns grafitos podem ter um significado latente do qual não temos consciência, como, por exemplo, a inscrição "*The balloons are coming*"[28].

[28] Tradução literal: "Os balões estão vindo".

- **Representação dos fatos sociais por refração**

Segundo esta hipótese, desenvolvida por Gonos, Mulkern e Poushinsky (1976), os grafitos de banheiro exerceriam a função de representar os fatos sociais de maneira inversa ao disposto pelos valores dominantes do ambiente social em que estão inseridos os seus produtores. Esses autores levam em conta o meio empregado para a expressão dos valores sociais, afirmando que ele provoca distorções na comunicação.

Esta teoria corresponde a uma extrapolação da hipótese da "válvula de escape" para o âmbito mais amplo da sociedade. De fato, segundo Gadpaille (1970), a violação de tabus, tanto individuais quanto sociais, ou ambos, é o tema central das inscrições de banheiro. O que alguém escreve secretamente nas paredes, de acordo com esse autor, é indicativo não só do que se passa em sua mente, mas também de atitudes culturais e conflitos, que podem ser verificados nos padrões das mensagens.

A hipótese de Gonos et al. (1976) é de que a proporção de grafitos que dão expressão a um determinado valor será maior em ambientes sociais em que a repressão aos comentários que carregam esse valor seja também maior. Contextos em que a manifestação de preconceito contra homossexuais seja reprimida, por exemplo, gerarão maior quantidade de inscrições latrinárias com esse tipo de preconceito. Assim, o conhecimento do contexto social de produção das inscrições é fundamental para que elas possam ser entendidas como um fenômeno social. Quando valores estão em processo de mudança e a proibição da manifestação pública de sentimentos particulares se torna mais forte, há uma tendência de que alguns indivíduos expressem esses sentimentos secretamente.

Gonos et al. (1976) são contrários à tese defendida por Stocker et al. (1972), dentre outros, de que os grafitos de banheiro revelam costumes e atitudes de uma sociedade, refletindo de maneira direta a "consciência coletiva" de um grupo social (GONOS et al., 1976, p.356). Coletaram 1.563 inscrições em banheiros masculinos e femininos localizados no nordeste dos Estados Unidos da América e, confirmando sua teoria, constataram que em uma universidade onde havia uma liga homossexual ativa e em que expressões públicas de homofobia eram proscritas houve maior incidência de conteúdos anti-homossexuais. Concluem que valores culturais homogêneos não

necessitam de um ambiente anônimo para sua expressão, outros meios mais públicos são autorizados para isso.

Reich, Buss, Fein e Kurtz (1977) desenvolveram um estudo com 491 inscrições produzidas em banheiros femininos de bares e restaurantes de St. Louis e da Universidade de Washington, nos EUA, ambientes classificados como liberais pelos autores desse trabalho. Pretendiam comparar o conteúdo homossexual expresso nas inscrições femininas com o manifesto nas masculinas conforme relatado em outros estudos, especialmente os de Stocker et al. (1972) e de Gonos et al. (1976).

Reich et al. (1977) observaram que as mulheres não deixaram de escrever grafitos homossexuais na presença de alta tolerância à homossexualidade, estando esse tipo de conteúdo presente em 13,8% das inscrições coletadas. Supõem que homens e mulheres reagem à homossexualidade de maneiras diferentes. Elas podem se sentir menos ameaçadas pela homossexualidade e ser mais tolerantes em relação a esse tipo de comportamento. Os autores levantam a hipótese de que essa maior tolerância possa estar relacionada ao fato de as lésbicas estarem menos envolvidas com práticas sexuais desviantes. Segundo eles, com exceção da homossexualidade, do sadomasoquismo e da prostituição, outras formas de desvio sexual são pouco freqüentes entre elas. Citam, por exemplo, que é praticamente desconhecida a existência de lésbicas que se prostituem para outras lésbicas. A falta de grafitos anti-lesbianismo e a presença de inscrições a favor dessa preferência sexual revelam, de acordo com Reich et al. (1977), que as mulheres reagem à homossexualidade diferentemente dos homens.

A ausência de grafitos anti-lesbianismo em ambientes nos quais a expressão de tais sentimentos era proscrita, verificada por Reich et al. (1977), contradiz o estudo de Gonos et al. (1977). Reich et al. (1977) também afirmam que a hipótese de Stocker et al. (1972) de que os grafitos são um indicador acurado das atitudes sociais não leva em conta o fato de que as atitudes sociais refletidas nos grafitos podem ser exclusivamente aquelas de seus produtores e que sentimentos hostis podem simplesmente não estar representados. Segundo esses autores, é importante examinar cuidadosamente as circunstâncias sociais que circundam todas as variedades de formas expressivas antes de formular conclusões. A relação, por exemplo, entre o movimento lésbico e o movimento feminista pode fornecer uma atmosfera de tolerância na qual o compromisso ideológico

estabelecido impede que mulheres heterossexuais critiquem suas "irmãs *gays*", mesmo que de maneira dissimulada. A ausência de grafitos anti-lésbicas pode refletir, em parte, o ambiente político particular de St. Louis no momento em que a pesquisa foi realizada.

3.2.3.3. Função de promoção do intercâmbio de informações: "fofoca"

Como evoluiu a linguagem? O que estaria em sua origem? Os gestos? As vocalizações? A organização político-social? As emoções? A "catação" (em inglês, *grooming*)?

Dunbar (1996)[29] dedicou um livro ao estudo das origens da linguagem: *Grooming, gossip, and the evolution of language* (em português: "Catação, fofoca e a evolução da linguagem"). Esse autor aponta o fato de a linguagem e as emoções serem processadas em hemisférios diferentes do cérebro: a fala está localizada no lado esquerdo e as informações relacionadas às emoções são processadas no direito. Essa diferenciação tópica indica que as emoções não estariam na origem da linguagem.

Dunbar (1996) busca evidências a respeito da origem da linguagem no processo de evolução da espécie humana. Nesse processo, a predação correspondeu a um problema importante, sendo a evolução o resultado de soluções bem sucedidas para o problema. Uma forma de reduzir o risco de predação é o aumento da massa corporal, já que é mais difícil para um predador capturar uma presa cujo corpo é significativamente maior que o seu. Outra maneira de reduzir esse risco é viver em grupos grandes, sendo a defesa em grupo mais comum entre os primatas. Um grupo tem o poder de provocar confusão no predador. Para Dunbar (1996), a sociabilidade estaria na base da existência primata, aquilo que torna esses seres diferentes das outras espécies. Trata-se de sua principal estratégia evolutiva.

A vida em grupo, no entanto, cria suas próprias tensões. Os animais sociais vivem entre duas forças diferentes: forças centrípetas, que os levam a buscar companhia em função do medo de predadores, e centrífugas, especialmente ativadas quando vivem

---

[29] Agradecemos ao Prof. Dr. Eduardo Ottoni pela oportunidade de entrar em contato com a teoria de Robin Dunbar durante a disciplina de pós-graduação "Tópicos em Etologia Cognitiva de Primatas" por ele oferecida no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo e cursada pela autora deste trabalho em 1999.

em meio a um número excessivo de indivíduos, situação em que chegam até mesmo a optar por uma vida solitária. Dunbar (1996) menciona o fato de as alianças formadas entre os primatas serem estabelecidas e mantidas pela "catação", ou, em inglês, o "*grooming*", importante atividade social em que se envolvem.

A "catação" corresponde ao comportamento de retirar da pele de outro animal, com as mãos ou com os dentes, insetos, gravetos, pele morta e outras impurezas. Em algumas espécies, algo em torno de um quinto de um dia inteiro é dedicado a essa atividade, que está relacionada tanto a hábitos higiênicos quanto à manifestação de afeto, à expressão de amizade e lealdade. O tamanho de um grupo de babuínos e chimpanzés corresponde, em média, a 50 ou 55 indivíduos. Segundo Dunbar (1996), o tamanho do grupo previsto para os humanos, cujo neocórtex possui uma razão de 4:1 em relação ao restante do cérebro, é de 150 pessoas, mesmo atualmente, quando chegamos a viver em enormes aglomerados, em cidades habitadas por vários milhares de pessoas. Os primatas vivem em pequenos grupos em que todos se conhecem, ao menos de vista. As cidades modernas, que reúnem um grande número de pessoas, surgiram há cerca de 3.000 anos (DUNBAR, 1996).

As primeiras pessoas reconhecidamente integrantes da espécie *Homo sapiens* viveram perto de 400.000 anos atrás, sendo que os humanos modernos, no entanto, apareceram há aproximadamente 150.000 anos. Durante todo esse tempo, até o surgimento da agricultura há por volta de somente 10.000 anos, vivíamos em pequenos grupos de caçadores-coletores. Dunbar (1996) cita uma série de exemplos que parecem comprovar essa cifra de 150 pessoas: é aproximadamente este o número de descendentes vivos, incluindo mulheres, maridos e filhos, que um ancestral teria produzido após quatro gerações na proporção de nascimentos convencionalmente observada para caçadores-coletores e sociedades de camponeses. Também é o tamanho que, segundo arqueólogos, possuíam as vilas dos primeiros fazendeiros do Oriente Próximo, em torno do ano 5000 a.C. As vilas de horticulturalistas modernos na Indonésia e nas Filipinas também têm essa tamanho. Dunbar (1996) segue afirmando que 150 pessoas é o número máximo a partir do qual passa a ser difícil controlar uma comunidade.

Se os humanos modernos tentassem utilizar a "catação" como única maneira de reforçar os laços sociais, assim como fazem outros primatas, teriam de passar, em

virtude do tamanho de seus grupos sociais, cerca de 40% de seu dia envolvidos nessa atividade. A solução encontrada por nossos ancestrais para lidar com a pressão de viver em grupos maiores, até um limite de tamanho em que esses grupos pudessem ser mantidos, foi o uso da linguagem, segundo esse autor. Aparentemente utilizamos a linguagem para estabelecer e sustentar nossos relacionamentos. Dunbar (1996) indaga se a linguagem não teria evoluído como um tipo de "catação" vocal, para permitir a união de grupos maiores do que era possível por meio do uso do mecanismo primata convencional de "catação" física. Por meio da linguagem, podemos conversar com várias pessoas ao mesmo tempo, aumentando, assim, o ritmo com que interagimos com elas. Podemos, dessa forma, realizar a "catação" com muitas outras pessoas simultaneamente. Além disso, a linguagem permite que troquemos informações em uma rede maior de indivíduos do que é possível para macacos e outros primatas.

A linguagem também possibilita o incremento da "propaganda pessoal", pois por intermédio dela as pessoas podem falar muito de si mesmas e, ao mesmo tempo, fornecer informações importantes a respeito de seu grau de confiabilidade como amigo ou aliado. Avaliamos se queremos que alguém seja nosso amigo por aquilo que essa pessoa diz, bem como pelo modo como ela o diz. E a linguagem tem, ainda, a vantagem de permitir que troquemos informações sobre outras pessoas, reduzindo o trabalho de descobrir como elas se comportam. Macacos e outros primatas precisam fazer isto pela observação direta. Mas um conhecido mútuo pode me fornecer informações sobre uma pessoa, alertando-me a respeito dela, especialmente se esse conhecido e eu tivermos interesses em comum. Amigos e parentes não desejam que seus aliados sejam explorados por outros indivíduos, uma vez que o custo arcado por um aliado é um custo que eles também têm de suportar. Assim, conclui Dunbar (1996), a linguagem parece ser adequada, sob vários aspectos, para possibilitar uma forma barata e eficiente de "catação". O autor afirma, ainda, que segundo a visão convencional, a linguagem evoluiu para permitir ao macho fazer coisas tais como coordenar caçadas de maneira mais efetiva. Também há a teoria alternativa de que a linguagem evoluiu para permitir o intercâmbio de histórias sobre o sobrenatural e as origens da tribo. No entanto, ele defende a hipótese de que a linguagem evoluiu para permitir a fofoca.

Se a linguagem evoluiu para facilitar a união de grupos maiores de indivíduos, continua Dunbar (1996), deveríamos ser capazes de detectar indícios de que isso de fato acontece. Assim, quando as pessoas se reúnem para, por exemplo, "bater papo", ou seja, para conversar informalmente, os grupos formados deveriam ser proporcionalmente maiores que as "panelinhas" de "catação" convencionais dos primatas. Os grupos de bate-papo não são infinitamente grandes. Parece haver um limite máximo de cerca de quatro (3,8) pessoas que podem estar envolvidas em uma conversação. Quando um grupo atinge número maior, ele se torna instável e fica impossível manter a atenção de todos os membros. Eventualmente, o grupo vai se dividir para dar início a uma nova roda de conversa. No entanto, no caso da "catação" convencional, há apenas dois indivíduos envolvidos: o que promove e o que recebe essa atividade. O grupo de quatro pessoas, no caso dos humanos, compreende, de maneira geral, um indivíduo que fala de cada vez e três que ouvem. Assim, este número é três vezes maior do que o número de indivíduos atingidos na "catação" convencional.

Outro fato que comprova essa teoria é a predominância de assuntos sociais nas conversas. Dunbar (1996) afirma que os temas recorrentes nas conversas são relacionamentos pessoais, preferências e desagrados, experiências pessoais, o comportamento de outras pessoas e outros tópicos similares, sendo que cerca de dois terços do tempo de conversação são empregados em assuntos desse tipo. Nenhum outro tópico, em geral, ocupa mais do que 10% do tempo de conversação, mesmo os assuntos que poderiam ser considerados de grande importância intelectual, tais como política, religião, ética, cultura e trabalho (DUNBAR, 1996). Esse autor cita estudo realizado por Nicholas Emler, da Universidade de Oxford. Emler, após escutar conversações na Escócia, na Universidade Dundee, também observou que cerca de 60 a 70% delas eram devotadas a temas que chamou de "sociais". Esse autor concluiu que uma das coisas mais importantes que a fofoca permite é monitorar e influenciar a reputação de outras pessoas, bem como a própria reputação. Os assuntos de conversa mais comuns seriam aqueles do tipo "quem estava fazendo o que com quem" (DUNBAR, 1996, p.174).

Dunbar (1996) conclui que a linguagem evoluiu para facilitar a união de grupos sociais e isto é alcançado principalmente por permitir o intercâmbio de informações socialmente relevantes.

A linguagem falada sem dúvida possibilita troca de informações em grau acentuadamente maior do que permite a situação típica da atividade de "catação" física. Devemos acrescentar, no entanto, que a linguagem escrita amplia ainda mais esse universo de possibilidades, pois, em tese, permite que uma idéia chegue a um número ilimitado de indivíduos, uma vez que pode permanecer acessível por longos períodos de tempo, sendo menos volátil do que a linguagem falada. Isto é especialmente válido caso a informação seja gravada em superfície durável, tal como os paredões rochosos naturais, os muros espalhados pelas cidades ou as paredes de banheiro. Registros pré-históricos, por exemplo, fornecem-nos informações importantíssimas a respeito das sociedades pré-letradas que viveram há 30.000 anos ou mais. As escritas nas paredes podem também permanecer por longo tempo, como ocorreu com as de Pompéia. Essas escritas permitem que conteúdos internos, que habitam a psique individual, sejam expostos à coletividade sincrônica e diacronicamente. Uma de suas funções, de caráter evidentemente comunicativo, é, portanto, implementar a troca de informações. No ambiente seguro dos banheiros, a gama de temas passíveis de serem abordados é ainda maior.

CAPÍTULO 4

A pesquisa intercultural

"(...) todas as manifestações da vida social devem ser levadas a sério
pelo cientista social, porque todas são igualmente sérias,
já que expressam sempre um significado humano"
Luiz Beltrão, 1980

CAPÍTULO 4
A PESQUISA INTERCULTURAL

A pesquisa com grafitos de banheiro é multidisciplinar, fato apontado por vários autores (DUNDES, 1966; TEIXEIRA, 1999; THIEL, 1998, 2000b). Ela permite que a psicologia dialogue com outras disciplinas, tais como a lingüística, a comunicação, a história, a pré-história, a epigrafia, a sociologia, a arqueologia e a antropologia, entre outras.

A antropologia psicológica, a psicologia cultural e a psicologia intercultural buscam estabelecer uma ponte entre a psicologia e a antropologia. Entendemos que essa ponte permite uma circulação de idéias bastante interessante.

4.1. Antropologia psicológica e psicologia cultural

"Cultura e personalidade" foi o nome de um movimento que, durante a primeira metade do século XX, relacionava a antropologia cultural à psiquiatria e à psicologia. Depois de 1960, este campo tornou-se conhecido como "antropologia psicológica" e na psicologia acadêmica dos anos 90 como "psicologia cultural" (BARFIELD, 1997).

Na década de 1930, Edward Sapir escreveu uma série de artigos que revelam a posição única ocupada pela antropologia psicológica nas ciências sociais e do comportamento (THOMPSON, 1975). Para Sapir, essa disciplina diferencia-se da psicologia por enfatizar o padrão cultural da personalidade e do comportamento e difere da antropologia cultural por focalizar o indivíduo no contexto social, buscando manter um ponto de vista bifocal que sintetiza perspectivas socioculturais e individuais na teoria e na prática. Segundo Thompson (1975), as investigações mais completas sobre a personalidade foram aquelas que encontraram um equilíbrio entre variáveis culturais,

sociais e individuais. Diferencia a psicologia antropológica da psicologia intercultural, que define como "pesquisa psicológica conduzida em uma variedade de contextos sociais" (p.59), no sentido de que o indivíduo é situado dentro de uma estrutura cultural e social, como uma "criatura cujas necessidades, atitudes, valores e comportamentos formam-se e tornam-se significativos em um meio sociocultural" (p.59-60).

Schwartz (1992) afirma que a personalidade e o intelecto humanos foram transformados no processo da evolução cultural, sendo moldados pelo contexto evolucionário cultural. Afirma haver campos da psicologia intercultural, da psiquiatria transcultural e da antropologia psicanalítica que coincidem com a antropologia psicológica. Segundo Schwartz (1992), ainda, são as variações culturais e não biológicas que explicam as diferenças de comportamento entre populações humanas. A psicologia intercultural busca, para esse autor, identificar universais humanos, enquanto a antropologia psicológica preocupa-se com o fato de que a psicologia humana é sensível à cultura e dela não pode se separar. Fatores biológicos, de acordo com White e Lutz (SCHWARTZ, 1992), sempre foram um componente da antropologia psicológica, contudo, em geral, tidos como algo dado, "pano de fundo", ficando em primeiro plano os tópicos e variáveis a serem examinados na pesquisa. O ser humano, segundo esse ponto de vista, tem participação ativa nos processos psicoculturais.

De acordo com Harrison (1988), estudioso da antropologia psicológica, qualquer que seja o ponto de partida, o indivíduo ou a instituição, ao final deve-se conhecer ambos. O indivíduo não deve ser estudado fora das instituições nas quais vive, bem como as instituições não podem ser compreendidas sem que se leve em consideração a ação criativa do homem. Assim, conclui o autor, antropologia e psicologia podem e devem dialogar no estudo das interações entre indivíduo e instituições.

A psicologia cultural, segundo Cole (1992), procura basear suas análises em eventos da vida diária, entendendo que a mente emerge na ação comum das pessoas. A mente é, assim, construída conjuntamente. Os indivíduos, para a psicologia cultural, são agentes ativos de seu próprio desenvolvimento, mas não agem em ambientes em que podem escolher de maneira completamente livre. De acordo com Shweder (1990), não é possível separar psique e cultura. A idéia principal da psicologia cultural é que não se deve pressupor que exista uma unidade psíquica. Conforme aponta a filósofa Hilary

Putnam, "a mente e o mundo conjuntamente constróem a mente e o mundo" (SWEDER, 1990, p.viii). Para a psicologia cultural, as representações da realidade (incluindo a realidade social e psicológica) tornam-se parte das realidades que elas representam. O objetivo central dessa disciplina é examinar o modo como os indivíduos fazem uso pessoal de suas práticas costumeiras, instituições tradicionais, recursos simbólicos e materiais e concepções herdadas para construir um mundo que faça sentido para ele e corresponda a um espaço de vida no qual ele sinta-se em casa (SWEDER, 1990).

4.2. Psicologia cultural e psicologia intercultural

Para Jahoda (1992), psicologia cultural e psicologia intercultural são complementares, uma vez que ambas, de maneiras diferentes, buscam compreender o comportamento humano contextualizado. Berry, Poortinga, Segall e Dasen (1992) definem psicologia intercultural como sendo o estudo de semelhanças e diferenças no funcionamento psicológico do indivíduo em vários grupos culturais e étnicos, das relações entre variáveis psicológicas e variáveis socioculturais, ecológicas e biológicas, bem como das mudanças ocorridas nessas variáveis. Essa definição revela o caráter interdisciplinar da psicologia intercultural, cujos estudos procuram investigar relações sistemáticas entre dados no plano populacional (a partir da ecologia, da biologia e da antropologia) e dados psicológicos individuais, oferecendo *insights* a respeito dessas relações.

Berry et al. (1992) lembram que, além de haver uma transmissão biológica, há também uma transmissão cultural, termo primeiramente empregado por Cavalli-Sforza e Feldman (1981). Determinadas características de uma população são perpetuadas, sendo passadas de uma geração para outra em um processo de transmissão vertical.

Durante seu desenvolvimento, a criança passa de uma dependência biológica em relação aos adultos a uma dependência social e psicológica. O período de dependência física, que inclui alimentação, cuidado e proteção, entre outras coisas, é suficientemente longo para permitir que um processo de transmissão cultural ocorra. Quando a criança já é biologicamente independente, ela continua a viver em uma família e a adquirir importantes características de sua cultura. Após a puberdade, as necessidades físicas podem ser atendidas pelo próprio indivíduo, mas as necessidades sociais adquiridas, tais

como intimidade, amor, interação e apoio social, continuam a ser atendidas amplamente pelo grupo familiar. O apego, portanto, permanece, mas transfere-se gradualmente de uma dependência física para uma dependência social e psicológica, permitindo uma transmissão cultural contínua e substancial (BERRY et al., 1992).

Cruz (1974), em estudo sobre a antropologia psicológica realizado na década de 1970, afirma que, subjacente à variedade dos atos sociais (o conteúdo manifesto), estão os diversos motivos psicológicos latentes mais profundos. "Todas as teorias socio-psicológicas são dependentes de uma tal tradução do público no privado" (p.13).

Haseloff (1977) lembra que a existência dos grupos e das instituições sociais não é igual à das pessoas ou das coisas, mas se dá conforme um comportamento sujeito a regras determinadas, repetindo-se continuamente em atos de comunicação. Em tais repetições, os processos de comunicação estabilizam-se e acabam fixando-se em um conjunto de signos, sinais e símbolos indicadores de comportamento que se referenciam de maneira mútua. Qualquer interação humana, ou seja, qualquer ação cooperativa, competitiva ou agonística, concretiza-se somente quando é precedida de processos de comunicação. "Os atos entre pessoas que se referenciam mutuamente não são possíveis sem um intercâmbio de signos, sinais e símbolos" (HASELOFF, 1977, p.69).

Leach (1972) aponta que a diferença existente entre o homem e os outros animais corresponde à diferença que se estabelece entre cultura e natureza, entre o que é aprendido e o que é inato. Daí a tendência a separar também mente e corpo, em um eterno sistema classificatório de caráter dual. Como os aspectos biológicos humanos aproximam o homem dos outros animais e uma vez que o homem se julga superior às demais espécies, a tendência é avaliar tudo o que se liga ao corpo, ou seja, ao biológico, àquilo que revela nossa natureza animal, também como inferior.

Berry et al. (1992) identificam três orientações na pesquisa intercultural: absolutista, relativista e universalista. Basicamente, a orientação teórica absolutista enfatiza os mecanismos de transmissão genética dos comportamentos, focalizando suas propriedades irreversíveis, enquanto a relativista privilegia os componentes da transmissão cultural, construindo interpretações definidas predominantemente em termos da perspectiva subjetiva dos membros de um grupo cultural e do modo como organizam seu mundo. Entre essas duas linhas teóricas, há um terceiro tipo de

interpretação que leva em conta a interação entre as propriedades biológicas e culturais do comportamento, buscando um entendimento que postule tanto uma base biológica para ele, quanto a influência da cultura em seu desenvolvimento e exibição.

Vale destacar que um conceito, ou uma relação, é considerado universal quando existem razões de ordem teórica para se aceitar que é invariável em todas as culturas, quando há evidências empíricas que sustentem essa afirmação ou quando não existem evidências empíricas que a refutem (BERRY et al., 1992).

Berry et al. (1992) lembram que nossas idéias e noções sobre o comportamento têm antecedentes culturais e mesmo a pesquisa que se baseia em uma teoria pode ser afetada por vieses culturais. A psicologia intercultural busca justamente reduzir o etnocentrismo da psicologia, uma vez que reconhece as limitações de seus próprios conhecimentos e procura estender seus dados e sua teoria para outras culturas, reduzindo a vinculação entre essa disciplina e a cultura. Contudo, estudos interculturais podem, paradoxalmente, conduzir a um etnocentrismo ainda maior, já que envolvem a confrontação de dados relativos à própria cultura com dados de outras culturas, apresentando o risco de se avaliar as diferenças observadas e julgá-las como deficiências. Berry et al. (1992) apontam que o reconhecimento explícito do potencial para o etnocentrismo é um primeiro passo para seu controle.

Gostaríamos de enfatizar, finalmente, que concordamos com Queiroz e Otta (2000) quando afirmam que "a existência humana, em todos os seus aspectos, configura-se, pois, como manifestação de modos de agir, pensar e sentir concebidos no ventre fecundo da nossa condição naturalmente cultural" (p.62).

4.3. Algumas análises interculturais envolvendo países incluídos nesta pesquisa

Levine, Norenzayan e Philbrick (2001) realizaram um estudo intercultural com experimentos de campo independentes, realizados em 23 grandes cidades do mundo, que mediram três comportamentos espontâneos não emergenciais de ajuda: avisar um pedestre que deixou cair uma caneta, oferecer ajuda a um pedestre que tem uma das pernas quebrada e tenta alcançar uma pilha de revistas caídas no chão e ajudar uma pessoa cega a atravessar a rua. Os resultados indicaram que a freqüência de ajuda em

cada cidade foi relativamente estável quanto às três medidas, sugerindo que esse comportamento é uma característica significativa do local.

Uma grande variação quanto ao comportamento de ajuda foi observada entre os países, com taxa total variando de 93% na cidade do Rio de Janeiro, no Brasil, até 40% em Kuala Mampur, na Malásia. Nova Iorque, nos EUA, apresentou o segundo resultado mais baixo: 45%. Entre esses extremos, posicionaram-se Madri, na Espanha, com 79%, e Roma, na Itália, com 63%. Segundo a explicação econômica para tais diferenças, haveria uma correlação negativa entre o comportamento de ajudar e a saúde econômica do país. De acordo com Levine et al. (2001), países mais prósperos talvez levem seus cidadãos a se tornar mais individualistas na busca de satisfações pessoais, ignorando, em geral, valores sociais de ajuda aos membros da sociedade. Isto significaria uma menor vontade ou capacidade para se preocupar com o bem-estar de pessoas desconhecidas.

Levine et al. (2001) descrevem as culturas espanhola e brasileira como sendo caracterizadas pela noção de "simpatia". Culturas desse tipo são definidas pela orientação socioemocional e pela preocupação com o bem-estar social dos outros. Esta "síndrome cultural" incluiria uma prerrogativa implícita de ser amistoso, educado e prestativo com relação a pessoas estranhas.

Andersen (1999) define "cultura" como sendo a influência duradoura do meio social no comportamento do indivíduo, incluindo o comportamento de comunicação interpessoal. Trata-se do conjunto aprendido de percepções partilhadas a respeito de crenças, valores e necessidades que afetam os comportamentos de grupos relativamente grandes de pessoas. A cultura tem efeitos persuasivos sobre os que vivem dentro de sua esfera, apesar de nem todos os indivíduos serem afetados de maneira uniforme. Esse autor classifica as culturas de acordo com sua orientação de proximidade, de gênero e de individualismo *versus* coletivismo.

Comportamentos de proximidade são ações que sinalizam aproximação ao invés de evitação e proximidade ao invés de distância, expressando também, simultaneamente, calor humano e disponibilidade para comunicação. Culturas que apresentam considerável intimidade interpessoal são denominadas culturas de contato. Pessoas que pertencem a culturas desse tipo são mais próximas umas das outras, tocam-se mais e são geralmente mais expressivas do que as pertencentes a culturas de não-contato. Culturas

de contato incluem a Indonésia, a maioria dos países árabes (incluindo os localizados no norte da África), os países da região do Mediterrâneo (incluindo França, Grécia, Portugal, Espanha e Itália), do Oriente Médio, do leste europeu e da América do Sul. A Austrália tem nível de contato moderado. Culturas de não-contato incluem a maioria dos países do norte da Europa (incluindo a Noruega, a Suécia, a Finlândia, a Grã-Bretanha e a Alemanha), os Anglo-Americanos (cultura predominante nos Estados Unidos da América), bem como todos os países asiáticos.

Para Andersen (1999), o fato de culturas de contato estarem situadas no Oriente Médio, na região mediterrânica e nas baixas latitudes próximas ao Equador pode estar relacionado a vários fatores, tais como nível de energia, luz do sol, clima e metabolismo. Culturas de países localizados em regiões mais quentes são direcionadas para as relações interpessoais, que são usualmente "mais quentes". Por outro lado, culturas de países de regiões mais frias dão maior ênfase às tarefas, sendo "mais frias" as relações interpessoais.

Apesar de o sexo de um indivíduo ser biologicamente determinado, também é regulado pelas normas sociais de gênero de cada cultura. Na maioria das culturas, de acordo com Andersen (1999), os homens são socializados segundo papéis chamados masculinos, que enfatizam qualidades tais como poder e domínio, enquanto as mulheres são socializadas em conformidade com papéis tradicionalmente femininos, que destacam qualidades tais como cuidado e compaixão. Os papéis de gênero regulam, entre outras coisas, os tipos de expressão permitidos para cada sexo, a habilidade para interagir com estranhos e conhecidos do sexo oposto, bem como todos os aspectos das relações interpessoais entre homens e mulheres. A orientação de gênero está relacionada com o grau de feminilidade ou masculinidade de uma cultura. Culturas femininas, também chamadas de andróginas, valorizam cuidado, compaixão e qualidade de vida. Nestas culturas, os papéis sexuais são mais flexíveis e permitem que homens e mulheres expressem comportamentos mais diversos, menos estereotipados. Nas culturas rigidamente masculinas, os traços valorizados são força, assertividade, competitividade, ambição, poder, materialismo, dominação e ostentação da masculinidade. Traços tipicamente femininos são menos valorizados, tais como afeição, compaixão, cuidado e

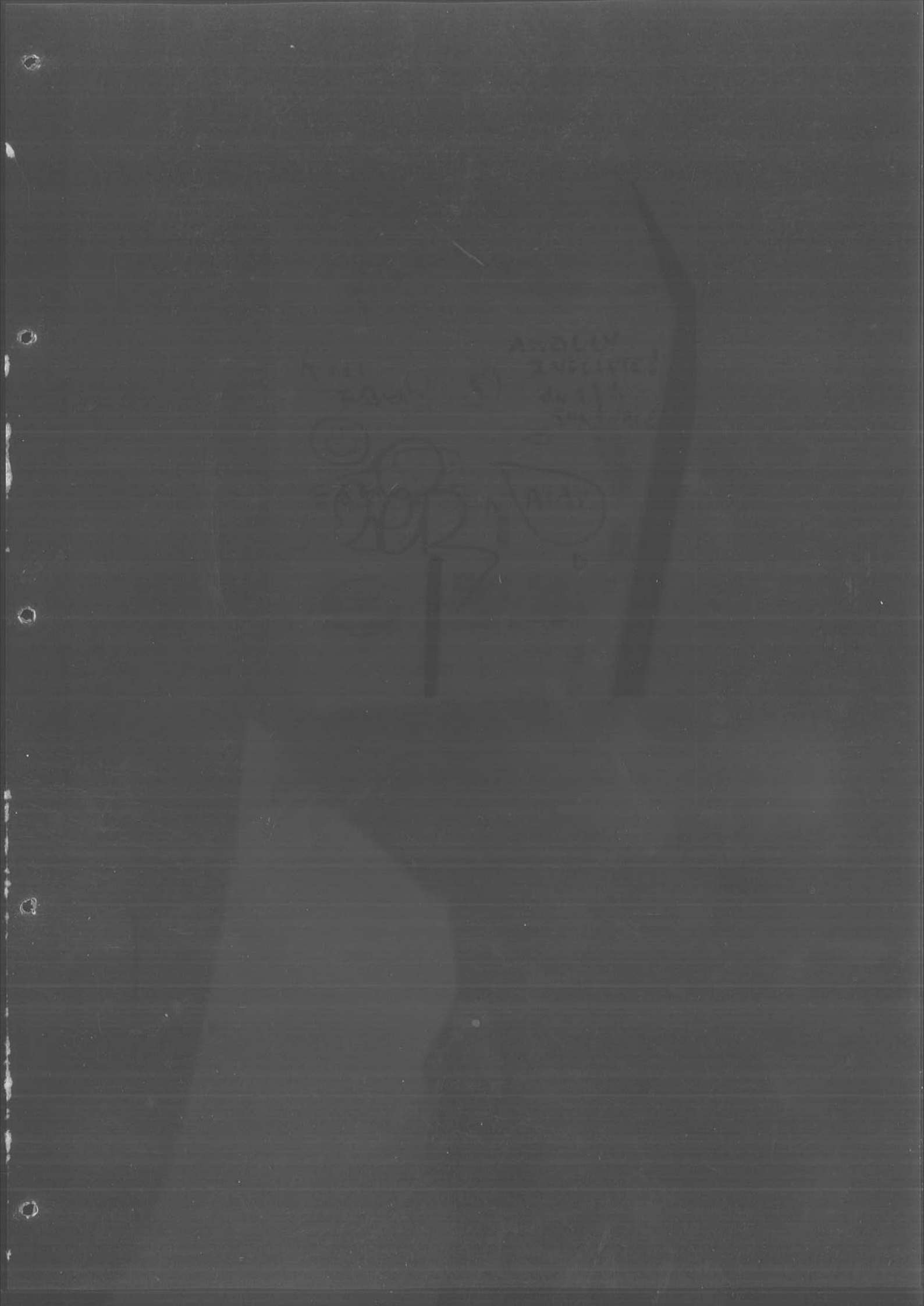
emocionalidade. Além disso, culturas femininas são mais permissivas em relação ao comportamento sexual, especialmente o das mulheres.

De acordo com Hofstede (1982), os países com os nove maiores graus de masculinidade são: Japão, Áustria, Venezuela, Itália, Suíça, México, Irlanda, Grã-Bretanha e Alemanha. Os nove países com maior grau de feminilidade são: Suécia, Noruega, Holanda, Dinamarca, Iugoslávia, Finlândia, Chile, Portugal e Tailândia. A Espanha é classificada em décimo lugar em grau de feminilidade. De maneira geral, os países sul-americanos são mais femininos do que os da América Central. O Brasil, maior país da América do Sul, pela influência portuguesa em sua cultura, tende a ser feminino em sua orientação de gênero. Os Estados Unidos da América tendem a seguir uma orientação masculina, apesar desse país não estar entre os mais masculinos. Como a cultura da maioria dos países é mais feminina do que a dos Estados Unidos da América, ou seja, apresentam maior grau de cuidado e compaixão, os norte-americanos de ambos os sexos freqüentemente parecem dominantes, agressivos e competitivos aos olhos dos indivíduos provenientes dessas outras culturas (ANDERSEN, 1999).

Segundo Andersen (1999), finalmente, a dimensão mais fundamental que diferencia as culturas talvez seja o grau com que seus valores centrais estejam baseados no individualismo ou no coletivismo. Esta dimensão explica como as pessoas vivem (por exemplo, solitárias, em família, em vilas ou tribos), bem como seus valores e como se comunicam. Culturas individualistas valorizam espaço, privacidade, expressão de emoções e escolha pessoal de comportamento não-verbal. Culturas coletivistas valorizam contato, companheirismo e restrita expressão individual de emoção, especialmente de emoção negativa. Para estas culturas, os comportamentos não-verbais devem beneficiar o grupo.

Em uma pesquisa incluindo quarenta países não-comunistas, Hofstede (1982) identificou as nove nações mais individualistas, aqui apresentadas conforme o grau individualismo, do maior para o menor: Estados Unidos da América, Austrália, Grã-Bretanha, Canadá, Holanda, Nova Zelândia, Itália, Bélgica e Dinamarca, todos países ocidentais, desenvolvidos e com raízes predominantemente européias. As nove nações mais coletivistas, também apresentadas segundo o grau de coletivismo, do maior para o menor, identificadas por Hofstede foram: Venezuela, Colômbia, Paquistão, Peru,

Taiwan, Tailândia, Singapura, Chile e Hong Kong, culturas asiáticas ou sul-americanas. Culturas individualistas enfatizam o "eu", a privacidade, a independência, o "*self*". Culturas coletivistas enfatizam o "nós" e um sentido de conexão e de pertencimento. Anderesen (1999) afirma que a cultura norte-americana é individualista, tendo o individualismo sido estimulado desde o início da República. Atribui o melhor e o pior da cultura norte-americana ao individualismo: tanto a liberdade, a democracia e o incentivo econômico, quanto a alienação, a solidão, o egoísmo, o crime e o narcisismo.



CAPÍTULO 5

Hipóteses de trabalho e metodologia

"Policiada, sufocada, reprimida pela educação, a escatografia mana fácil na oportunidade ímpar do confinamento latrinal"
Antônio Henrique Weitzel, 1984

CAPÍTULO 5
HIPÓTESES DE TRABALHO E METODOLOGIA

5.1. Hipóteses de trabalho

5.1.1. Sobre o comportamento de escrever em paredes

Conforme pudemos observar no Capítulo 1 ("O comportamento de escrever em paredes e suas origens"), existem fortes indícios de que o comportamento de escrever em paredes, que faz parte do comportamento de escrever de maneira geral, seja universal, datando de épocas pré-históricas. Esse comportamento pode ser mais ou menos reprimido, conforme as diferentes culturas. Nas culturas ocidentais contemporâneas, tais como as incluídas nesta pesquisa, é sabido que esse ato é reprimido e proibido, mas a repressão não é garantia de que esse ou qualquer outro ato deixe de ocorrer. Segundo o senso comum, não se esperaria encontrar inscrições em paredes de banheiros públicos em países chamados "de primeiro mundo", tais como Alemanha, EUA, Itália e Espanha, especialmente na Alemanha e nos EUA, países de cultura anglo-saxônica, tida como mais cumpridora do que a latina das leis e normas de proteção aos patrimônios público e privado. No entanto, segundo a teoria psicanalítica da repressão da sexualidade no processo civilizatório e do retorno do reprimido em determinadas circunstâncias, bem como da universalidade do comportamento de escrever em paredes, imaginávamos que nesses países esse comportamento também seria observado, ainda que com características diferentes.

Hipótese 1: Esperávamos observar inscrições nas paredes dos banheiros dos cinco países visitados, por ser esse comportamento aparentemente universal.

5.1.2. Sobre a sexualidade humana e as diferenças sexuais

Sexo é fundamental para a preservação da espécie. Mas homens e mulheres vivenciariam e expressariam a sexualidade de maneiras diferentes?

A teoria evolucionista enfatiza a importância de compreender como fatores genéticos e ambientais interagem, destacando que a seleção natural programou o desenvolvimento humano para se tornar contingente a diversos disparadores ambientais (EVANS; ZARATE, 1999). Em outras palavras, meios ambientes diferentes levam a mente a desenvolver-se diferentemente e modificam a forma como ela determina o comportamento. Essa flexibilidade, importante no modo como o ser humano foi delineado, não é, contudo, infinita, uma vez que mudanças ambientais interagem com um genoma relativamente estável e uma estrutura mental também relativamente fixa.

De acordo com a biologia evolucionista, o *Homo sapiens sapiens*, espécie humana tal como existe hoje, surgiu na África há cerca de 150.000 anos. Por volta de 50.000 mil anos depois, alguns de nossos ancestrais começaram a emigrar e colonizar outras partes do mundo. Contudo, conforme enfatizam Evans e Zarate (1999), 100.000 anos correspondem a apenas 5.000 gerações, tempo demasiadamente curto para a evolução produzir maiores mudanças. Os seres humanos não se modificaram muito durante esse tempo e, por mais que reconheçamos a importância da cultura na regulação de certos comportamentos, precisamos lembrar que nossas mentes evoluíram em um mundo diferente daquele das sociedades ditas civilizadas. Vale lembrar que o nascimento da agricultura, importante no desenvolvimento da história da civilização humana, relacionada, inclusive, com o surgimento da noção de propriedade, aconteceu há apenas cerca de 10.000 anos.

Segundo a teoria da modularidade da mente, inicialmente desenvolvida pelo filósofo e psicólogo norte-americano Jerry Fodor (EVANS; ZARATE, 1999), a mente não equivaleria a um programa único, com um propósito genérico, mas possuiria uma coleção de programas com objetivos específicos, cada qual com suas próprias regras. Para Tooby e Cosmides (1992), psicólogos evolucionistas norte-americanos, haveria centenas de módulos com finalidades específicas na mente humana. Relativamente à sexualidade humana, por exemplo, homens e mulheres adotariam estratégias diferentes para resolver problemas diferentes. De acordo com Evans e Zarate (1999), também

psicólogos evolucionistas, as mentes de homens e mulheres são basicamente idênticas porque a maioria dos problemas adaptativos enfrentados pelos nossos ancestrais foram os mesmos para ambos. O problema de evitar predadores era geralmente igual para os dois sexos, assim como o problema de ingerir os alimentos corretos, formar alianças e ser capaz de compreender a mente de outros seres humanos. Muitos dos problemas envolvidos na escolha de um parceiro para uma relação de longa duração foram e continuam sendo idênticos para homens e mulheres: ambos desejam parceiros que possam contribuir com bons genes e cuidado parental, com eles estabelecendo uma ligação para criar os filhos juntos. Mas a escolha de um parceiro inclui outros problemas (EVANS, ZARATE, 1999; CAMPOS, OTTA, SIQUEIRA, 2002).

As mulheres tendem a ser mais cautelosas para se relacionar sexualmente, procurando detectar indícios de que o parceiro também busca uma relação a longo prazo, o que diminuiria o risco de terem de cuidar de seus filhos sozinhas, fato que levaria a uma diminuição, também, da probabilidade de sobrevivência de seus descendentes. Sexo casual representaria, assim, maior risco para as mulheres do que para os homens. Os homens, por sua vez, seriam mais inclinados a optar por estratégias para estabelecer parcerias sexuais de curta duração por serem menos custosas e apresentarem benefícios potencialmente maiores. De acordo com a teoria do investimento parental, as mulheres fazem um grande investimento na reprodução, sendo capazes de gerar um número limitado de filhos, bem menor do que são capazes os homens, cujo investimento na reprodução é, por outro lado, reduzido, fato que exerce influência na sexualidade humana (OTTA; QUEIROZ, 1998).

A teoria evolucionista da modularidade da mente humana nos remete à teoria junguiana dos arquétipos, que compõem o inconsciente coletivo. Jung (1875-1961/2000) afirma que, além da psique consciente de natureza pessoal, à qual pode ser acrescentado o insconsciente pessoal, existe um segundo sistema psíquico de caráter não-pessoal e coletivo. "O inconsciente coletivo não se desenvolve, mas é herdado. Ele consiste de formas preexistentes, arquétipos que só secundariamente podem tornar-se conscientes, conferindo uma forma definida aos conteúdos da consciência" (JUNG, 1875-1961/2000, p.54).

Stevens (1990) lembra que a hipótese do inconsciente coletivo é compatível com a abordagem teórica dos etólogos segundo a qual cada espécie animal está equipada com um repertório de comportamentos adaptados ao meio ambiente em que se desenvolve. Vale lembrar a origem etimológica da palavra "arquétipo", que vem do latim *archetypum* a partir do grego *archétupon*, cujo significado é "original, modelo, tipo primitivo" (HOUAISS; VILLAR, 2001). Os arquétipos junguianos referem-se à possibilidade de ocorrerem certos tipos de percepção ou de ação. A predisposição a determinadas experiências torna-se fixa na estrutura genética. Um indivíduo, por mutação genética, adquire uma característica ou propensão que o torna mais adaptado e capaz de responder adequadamente a uma situação específica. Este indivíduo aumentará suas chances de sobrevivência e de reprodução, transmitindo o gene para outras gerações, que poderão competir mais eficazmente na luta pela sobrevivência.

Os arquétipos nos predispõem a enfrentar e experimentar a vida conforme determinados padrões estabelecidos na psique. Assim, segundo Jung, haveria tantos arquétipos quantas são as situações típicas na vida (STEVENS, 1990). Existem figuras arquetípicas, tais como a mãe, o filho e Deus, eventos arquetípicos, tais como o nascimento, o casamento e a morte, e objetos arquetípicos, tais como a água, o sol, a lua e até mesmo certos animais (o peixe, os animais predadores, as cobras). Para Jung, o inconsciente coletivo é uma imagem do universo que foi construída ao longo de muito tempo, cujas características, os arquétipos, cristalizaram-se, constituindo forças dominantes (STEVENS, 1990, p.62-63). Os arquétipos são comuns a toda a espécie humana, mas cada indivíduo os manifesta e experiencia de modos particulares.

Para Thiel (2000b), o estudo da ubiqüidade do comportamento de escrever em paredes indica que, após ter ocorrido milhares de vezes na história e na pré-história da humanidade, acabou por tornar-se ele mesmo uma espécie de "arquétipo", que integra o inconsciente coletivo e surge em locais específicos em momentos críticos. Desde a pré-história, o ser humano utiliza as paredes para comunicar-se, fato atestado pelos inúmeros registros rupestres espalhados em sítios arqueológicos do mundo inteiro. Os arquétipos que integram o imaginário popular aparecem nos grafitos de banheiro, conforme conclui Pedretti (1993), como em poucas outras ocasiões.

Hipótese 2: Sexo é um comportamento universal, essencial para a preservação da espécie e importante na construção da psique humana. Contudo, a sexualidade humana é reprimida nas sociedades ocidentais civilizadas. Supondo que a escrita latrinária de fato tenha função de "válvula de escape", esperávamos encontrar nas paredes dos banheiros o retorno do reprimido, ou seja, da sexualidade. Além disso, com base na teoria evolucionista da modularidade e do investimento parental, segundo as quais o ser humano desenvolveu estratégias sexuais diferentes para solucionar problemas diversos, também imaginávamos encontrar diferenças sexuais na expressão da sexualidade refletidas no conteúdo dos grafitos de banheiro. Assim, esperávamos observar inscrições sexuais tanto nos banheiros masculinos quanto nos femininos, mas imaginávamos que nestes, paralelamente ou de maneira associada, também haveria inscrições versando sobre o amor.

Hipótese 3: Também esperávamos verificar a repetição de certos temas em todas as culturas pesquisadas, que poderiam corresponder tanto aos arquétipos descritos pela teoria junguiana quanto aos módulos da psicologia evolucionista. Supúnhamos encontrar nos grafitos referências a alguns dos eventos, figuras e animais arquetípicos mencionados por Stevens (1990), já observados em grafitos de banheiro em estudo anterior (TEIXEIRA, 1996), a saber: a mãe, o filho, Deus, o nascimento, a morte e certos animais, tais como o peixe e a cobra.

Tanto na literatura relativa aos grafitos de banheiro quanto na literatura que de alguma forma aborda o tema das diferenças sexuais, são freqüentes os relatos de que as mulheres têm maior facilidade para expressar seus sentimentos e para lidar com questões interpessoais. Vários autores observaram maior quantidade de inscrições românticas nos banheiros femininos (CUNHA, 1999; OTTA et al., 1996; WALES, BREWER, 1976; ALEXANDER, 1978; BRUNER, KELSO, 1981; AHMED, 1981; BARBOSA, 1982; TEIXEIRA, 1998; MARTIN, 2001). Segundo Bruner e Kelso (1981) e Gadsby (1996), os grafitos femininos são mais interativos e interpessoais. Além disso, Siegl (1992) e Mélo (2000) relataram ter observado inscrições mais longas nos banheiros femininos.

Fisher (1992) hipotetizou que "a sensibilidade das mulheres para relações interpessoais, sua necessidade de afiliação, seu interesse natural por faces humanas (...) evoluíram conforme as mulheres ancestrais cuidaram de seus filhos há milênios" (FISHER, 1992, p.178). As mulheres têm um contato constante e importante com seus filhos durante muitos anos de suas vidas. De acordo com Berndt (1981), o papel maternal de cuidar começa na gravidez e envolve a observação de regras, tais como tabus relacionados a alimentos e locais ou atividades a serem evitados. Berndt (1981) também destaca que o objetivo de tais regras, cuja responsabilidade é da mãe, é garantir o crescimento normal, saudável, de uma criança. Este fato, aparentemente, está conectado com seu maior interesse por relações humanas.

Segundo alguns autores, ainda, os homens obtêm intimidade ao fazer coisas juntos, enquanto as mulheres obtêm intimidade conversando (FISHER, 1992; ANDERSEN, 1999).

Hite (1992), em seu livro *As Mulheres e o Amor*, relata que 92% das mulheres afirmam ser mais fácil conversar com outras mulheres do que com a maioria dos homens, sendo que a maior parte delas aprecia o interesse genuíno demonstrado por suas amigas em com elas dialogar, freqüentemente estimulando-as a conversar. Segundo essa autora, ainda, 98% das mulheres gostariam de ter mais intimidade verbal com os homens que amam, sendo que 88% delas afirmam serem elas a iniciar as conversas mais íntimas. Para algumas mulheres, de acordo com Hite (1992), os homens acreditam que sua masculinidade está relacionada com o comportamento de não falar a respeito de sentimentos.

Andersen (1999) afirma que "as mulheres são emocionalmente mais expressivas do que os homens, particularmente ao comunicar emoções positivas; e as mulheres percebem acuradamente as emoções das outras pessoas com maior probabilidade" (ANDERSEN, 1999, p.126). Assim, a maior troca de emoções calorosas ocorre tipicamente entre mulheres.

Hipótese 4: Esperávamos observar maior quantidade de grafitos românticos e interpessoais nos banheiros femininos do que nos masculinos, conforme apontado pela literatura.

Hipótese 5: Imaginávamos, igualmente, verificar a produção de frases mais longas dentre as inscrições femininas do que dentre as masculinas, fato também apontado pela literatura.

Outra diferença sexual relatada pela literatura científica é a maior agressividade masculina. Segundo Horton (1971), o comportamento agressivo talvez seja o mais tipicamente ligado ao sexo. Conforme constatou essa autora, os meninos revelaram-se mais agressivos que as meninas em dezesseis de vinte estudos observacionais e experimentais com crianças. Somente quatro estudos, que envolveram a investigação do comportamento verbal, revelaram não haver diferenças.

A maior agressividade masculina, reforçada culturalmente, parece ter base biológica. Wilson (1981) afirma que o conflito decorrente de interesses entre os sexos é uma peculiaridade da maioria das espécies animais, incluindo os seres humanos. "Os machos são caracteristicamente agressivos, especialmente entre si, e mais intensamente durante a época da procriação" (WILSON, 1981, p.124-125). Para Buss e Malamuth (1996), os homens tendem a dominar, monopolizar e controlar a sexualidade feminina. O grau com que procuram alcançar esses objetivos e os métodos empregados variam, dependendo das condições sociais, mas os mecanismos psicológicos subjacentes são universais nas mentes masculinas.

Eibl-Eibesfeldt (1989) afirma que agressão e medo podem estar relacionados com excitação sexual. Nos homens, haveria uma relação positiva entre agressão e excitação sexual. Já nas mulheres, a agressão inibiria a sexualidade. Para Mallamuth (1996), igualmente, a agressão pode ser um estímulo sexual para alguns homens da população em geral.

Segundo Otta e Bussab (1998), a ligação entre violência e sexo é um vestígio de um problema antigo. No jogo reprodutivo, os homens são recompensados ao expor-se a

riscos e competir com outros homens pelo acesso às mulheres. Essa exposição requer certo grau de agressividade. No entanto, se os homens forem agressivos em excesso tornam-se violentos e anti-sociais, sendo excluídos do jogo amoroso. Segundo as autoras, a agressividade humana é tema bastante complexo, com vários níveis de determinação, do individual ao social. Queiroz (1998) salienta que os mecanismos de controle social desempenham importante função no enquadramento da agressão humana e os indivíduos podem ser educados de acordo com diferentes orientações culturais.

Stocker et al. (19972) e o psicanalista Lomas (1976) salientam o componente agressivo do ato de escrever em paredes, já que ele, especialmente nas sociedades ocidentais contemporâneas, que o condenam e até buscam criminalizá-lo, demanda certo grau de agressividade para que seja executado. Rabiscar a parede de um imóvel, seja ela pública ou particular, significa, na nossa sociedade, danificá-la. Para Lomas (1976), além de ser motivado pelo desejo de deixar marca, esse comportamento representa a expressão de impulsos destrutivos e sádicos.

Vários pesquisadores relatam haver observado maior quantidade de inscrições em banheiros masculinos do que em femininos (KINSEY et al., 1953; LANDY, STEELE, 1967; KUTAKOFF, 1972; ALEXANDER, 1978; ARLUKE et al., 1987; SIEGL, 1992; OTTA et al., 1996; SCHREER, STRICHARTZ, 1997; TEIXEIRA, 1999). Thiel (1999) afirma, relativamente ao comportamento de escrever em paredes de maneira geral, que se trata de uma atividade predominantemente masculina.

Além disso, a literatura especializada também aponta a existência de maior freqüência de conteúdo agressivo nos banheiros masculinos do que nos femininos (BARBOSA, 1985; SIEGL, 1992; PERETTI et al., 1992; OTTA, 1993; OTTA et al, 1996; TEIXEIRA, 1998; GADSBY, 1996; SCHREER, STRITCHARTZ, 1997; MARTIN, 2001).

Hipótese 6: Imaginávamos, conforme apontado pela literatura, que haveria maior quantidade de inscrições nos banheiros masculinos.

Hipótese 7: Também esperávamos observar maior freqüência de inscrições agressivas nos sanitários masculinos, fato igualmente apontado pela literatura e mais detalhadamente relatado no Capítulo 2 ("Os grafitos de banheiro").

5.1.3. Sobre as diferenças interculturais

O comportamento sexual de homens e mulheres possui características diversas, que parecem embasar-se em um substrato universal, sendo que os indivíduos de cada sexo partilham um mesmo repertório de estratégias básicas de respostas passíveis de serem ativadas conforme as diferentes situações. Contudo, também pode haver diferenças culturais na expressão da sexualidade entre indivíduos de um mesmo sexo, como é possível observar em diversos estudos, inclusive com grafitos de banheiro. Podemos, aqui, formular uma nova indagação: por que haveria diferenças culturais na expressão da sexualidade?

O ser humano é biologicamente cultural, como lembram Bussab e Ribeiro (1998). Os autores afirmam ser a linguagem, por exemplo, uma forte evidência da ação decisiva da evolução sobre os comportamentos culturais. "Se de um lado ela pode ser entendida como essencial à cultura, como fruto desta, por outro, está fortemente enraizada em propriedades biológicas ligadas à estrutura cerebral, à anatomia do sistema fonador e à herança da capacidade lingüística" (BUSSAB; RIBEIRO, 1998).

Segundo Chomsky (EVANS; ZARATE, 1999), todos os seres humanos são dotados de uma estrutura pronta para o desenvolvimento da linguagem, de um dispositivo inato para essa aquisição, que vai assumir características especiais, tanto na forma quanto no conteúdo, conforme o contexto cultural em que se insere. É esse contexto que permite acumulação de informações dentro de um grupo, refletidas em crenças, práticas e rituais (BUSSAB; RIBEIRO, 1998). A cultura padroniza os valores de uma comunidade pelo fornecimento aos indivíduos dela integrantes de categorias que os esquematizam de forma ordenada (DOUGLAS, 1991). Segundo Wilson (1981), o comportamento exibido individualmente depende do que é experimentado dentro da própria cultura, mas o conjunto das possibilidades humanas é herdado.

Rodrigues (1979) afirma, em *O tabu do corpo*, ser a cultura o distintivo das sociedades humanas, comparando-a a um mapa que orienta o comportamento do indivíduo em sua vida social. Esse mapa, puramente convencional, não se confunde com o território: é uma representação abstrata dele, submetida a uma lógica que possibilita a sua decifração.

A cultura permite a transmissão de informações aprendidas, dispensando o indivíduo de aprender novamente a cada geração o que já havia sido aprendido pela anterior, aumentando, assim, a capacidade dos integrantes de uma comunidade de se ajustar a diferentes e desafiadores contextos, melhorando as chances de sobrevivência do próprio grupo (BUSSAB; RIBEIRO, 1998). Isto confere ao ser humano a possibilidade de exercer algum controle sobre as forças da natureza, permitindo-lhe até mesmo superá-la em determinadas situações, conforme podemos constatar em inúmeros exemplos oferecidos pela história da humanidade, especialmente no alto desenvolvimento tecnológico em áreas essenciais à preservação da vida do indivíduo e da espécie, tais como as da saúde e do meio ambiente. Contudo, conforme lembram Bussab e Ribeiro (1998), ao mesmo tempo em que a cultura liberta, ela também submete, já que torna os grupos humanos cada vez mais dela dependentes para sobreviver.

A cultura, portanto, modela o comportamento humano, que se manifesta de maneiras peculiares de acordo com uma série de fatores, tais como crenças, valores, tabus, conhecimentos, costumes, mentalidades.

Leite (1992), autor do livro *O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia*, lembra que não existe qualquer prova de que um povo possua características psicológicas inexistentes em outro. Segundo ele, seria possível, com o auxílio de técnicas quantitativas e de distinção de grupos regionais e de classe, pensar em características mais importantes em um grupo que em outro. A idéia de "caráter nacional" é historicamente construída como uma ideologia e está relacionada, de acordo com Bosi (1992), com a pergunta "o que somos como nação?"

Elias (1997) propõe o conceito de "habitus" para superar os problemas da noção de "caráter nacional", que toma por fixas e estáticas certas características de uma nação. De acordo com Dunning e Mennell (1997), os destinos de uma nação sedimentam-se ao longo dos séculos no habitus de seus membros individuais. Assim sendo, o habitus muda

com o tempo porque as experiências de um povo, ou dos agrupamentos que o constituem, também mudam e acumulam-se. Elias (1992) destaca que o habitus não é biologicamente determinado, sendo que povos com composições raciais semelhantes ou até idênticas podem diferir bastante em seu habitus ou mentalidades, ou seja, no modo como seus membros relacionam-se mutuamente.

Nosso objetivo não era identificar o "caráter nacional" dos países envolvidos nesta pesquisa, mas verificar a influência de suas culturas na manifestação do comportamento de escrever em paredes de banheiros, identificando eventuais diferenças ou semelhanças, diferenças essas que podem estar relacionadas com o que Elias (1992) chamou de habitus.

Hipótese 8: Esperávamos, finalmente, encontrar algumas diferenças culturais nos grafitos de banheiro, mais especificamente relativas à freqüência com que os temas são abordados nas inscrições e quanto aos conteúdos desses temas.

Em 1966, o folclorista Alan Dundes, professor da Universidade da Califórnia em Berkeley, nos EUA, e estudioso dos grafitos de banheiro, afirmou, no importante artigo "Here I sit – A study of American latrinalia", que era sabido que a latrinária existia. O que não se sabia era por que ela existia e quais funções exercia. Para ele, as questões mais intrigantes relacionadas à latrinária talvez fossem as psicológicas. Por que essas inscrições são produzidas e por que nos banheiros? Por que são muito mais freqüentes nos sanitários masculinos do que nos femininos? Nesse artigo, cujas idéias centrais apresentamos no Capítulo 3 ("Motivações e funções das inscrições parietais"), Dundes procura responder a essas indagações e sugere que análises envolvendo dados interculturais permitiriam confirmar ou revisar suas respostas. Nossa pesquisa, em última instância, pretendia realizar esse propósito de Alan Dundes.

5.2. Metodologia

5.2.1. Coleta de dados

Foram coletados grafitos em 212 banheiros, 106 masculinos e 106 femininos, localizados em grandes universidades de cinco países ocidentais (Brasil, Itália, Espanha, Estados Unidos da América e Alemanha). Sempre que um sanitário masculino era visitado, o feminino correspondente também o era. O número de banheiros pesquisados em cada país difere devido a variações estruturais dos prédios visitados.Estabeleceu-se como critério a inclusão de um mínimo de 20 sanitários por país, 10 masculinos e 10 femininos, para garantir uma amostragem razoável de inscrições.

Para efeitos de padronização da amostra, a fim de melhor caracterizá-la, optou-se por restringir os locais de coleta de dados. Assim, foram incluídas, no *corpus* da pesquisa, as inscrições produzidas nos banheiros masculinos e femininos dos prédios de aulas de pelo menos dois cursos universitários em cada uma das grandes áreas do conhecimento, aqui referidas como Exatas, Biológicas e Humanas. Foram selecionados os prédios onde são ministrados os seguintes cursos: Matemática e Química (Exatas), Biologia e Medicina (Biológicas), Direito e História / Geografia (Humanas). Essa seleção baseou-se na verificação de que os cursos eram oferecidos em todas as universidades envolvidas.

Cada grafito foi copiado em uma folha de registro padrão, cujo modelo é apresentado no Anexo A, e incluído na amostra. As cópias das inscrições verbais foram realizadas *ipsis litteris*, incluindo eventuais erros, abreviações ou símbolos (trechos ilegíveis foram representados por "xxx"), objetivando-se manter o texto exatamente como produzido pelo seu autor. As reproduções dos desenhos aproximaram-se o máximo dos originais. Todos os grafitos encontrados nas cabines dos banheiros foram copiados, inclusive os produzidos em tetos, tampas de vaso sanitário, batentes de portas ou encanamentos expostos. As inscrições foram em parte também fotografadas e filmadas quando as condições eram favoráveis.

Foram utilizados os critérios de Sechrest e Flores (1969) e Wales e Brewer (1976) para determinar uma unidade de produção. Foi considerada uma unidade qualquer inscrição cujas evidências indicavam ter sido realizada por um indivíduo em

uma determinada ocasião. As principais pistas empregadas para a identificação de uma unidade de produção foram tipos de escrita, tipos de ferramentas de escrita, cor, proximidade e consistência temática. Uma única palavra poderia ser considerada uma unidade, bem como uma lista de nomes de pessoas que aparentemente integravam um grupo ou uma gangue. Respostas ou comentários provocados por outras inscrições eram consideradas unidades de resposta distintas.

O trabalho de coleta de dados e de registro fotográfico e filmagem dos grafitos incluídos nesta pesquisa foi realizado entre julho de 1998 e fevereiro de 2001, na seguinte ordem conforme o país de origem das inscrições: Espanha, Brasil, Alemanha, EUA e Itália.

A autora deste trabalho realizou a coleta de dados nos banheiros femininos do Brasil, dos EUA e da Itália. Nos banheiros masculinos localizados nesses países, a coleta de dados foi efetuada por Luís Augusto Barbosa, seu colaborador. Ambos fotografaram e filmaram parte das inscrições nos cinco países pesquisados quando as condições o permitiam.

Na Espanha e na Alemanha, os grafitos foram coletados por colaboradores, que também fizeram fotografias nas situações em que isso era viável. Sempre que possível, a autora deste trabalho também adentrava os banheiros masculinos para poder visualizar os dados em seu local de produção.

Detalhamos, abaixo, o processo de coleta em cada um dos países incluídos na pesquisa. Também apresentamos as proporções de estudantes do sexo masculino e do sexo feminino em cada universidade. Apesar de não ter sido possível obter essas proporções por curso, as populações que provavelmente produziram os grafitos coletados, quando consideradas como um todo, possivelmente possuíam distribuições razoavelmente semelhantes às das respectivas universidades, uma vez que foram coletados dados, conforme anteriormente mencionado, em prédios de pelo menos dois cursos das grandes áreas do conhecimento. Procuramos obter informações a respeito da distribuição populacional nessas universidades em anos próximos aos da coleta de dados.

1) Na Espanha (*Universidad Complutense de Madrid*), os dados foram coletados entre os meses de setembro e outubro de 1998. Nos banheiros femininos, essa coleta foi realizada por Ana Isabel Garcia Colmenarejo, psicóloga colaboradora em Madri. Nos masculinos, por Javier Garcia Jusdado, biólogo também colaborador. Ambos realizaram registros fotográficos das inscrições observadas. Ao todo, foram coletadas inscrições em 26 banheiros, 13 masculinos e 13 femininos.

Em julho de 1998, a autora deste trabalho e seu colaborador Luís Augusto Barbosa também fizeram pessoalmente algumas fotografias e filmagens de grafitos produzidos em banheiros masculinos e femininos da *Universidad Complutense de Madrid*, onde estiveram por ocasião do *II Congreso Iberoamericano de Psicología*, quando o trabalho por ela desenvolvido durante o mestrado foi apresentado (TEIXEIRA, 1998).

A *Universidad Complutense de Madrid* tinha, ao todo, no período referente aos anos de 2002 e 2003, 73.614 alunos de graduação, 37,2% dos quais eram do sexo masculino e 62,8%, do sexo feminino (disponível em: http://www.ucm.es/info/gprensa/alumnos.html; acesso em: 19/01/2004). O *site* dessa universidade é http://www.ucm.es/.

2) Na Alemanha (*Freie Unversität* e *Humboldt Univesität*), os dados foram coletados entre os meses de abril e maio de 1999. Nos banheiros femininos, a coleta foi realizada por Ana Valéria de Souza Celestino, historiadora colaboradora em Berlim. Nos banheiros masculinos, os dados foram coletados por Michael Beyer, também historiador colaborador. Ambos igualmente realizaram registros fotográficos das inscrições. A autora do presente trabalho e seu colaborador Luís Augusto Barbosa igualmente realizaram fotografias e filmagens de inscrições alemãs em fevereiro de 2001. No total, foram coletados grafitos em 22 banheiros na Alemanha, 11 masculinos e 11 femininos.

Foram visitadas duas universidades nesse país, uma vez que a estrutura física de ambas era menor do que a das demais incluídas nesta pesquisa. O trabalho de campo realizado nas duas universidades conjuntamente garantiria a inclusão do mínimo de 20 sanitários adotado como critério.

A *Freie Universität* tinha, ao todo, no período referente aos anos de 2002 e 2003, 42.689 estudantes de graduação, 41,1% dos quais eram do sexo masculino e 58,9%, do feminino (disponível em: http://www.fu-berlin.de/info/fub/vorstellung.html; acesso em: 21/01/2004). A *Humboldt Universität*, por sua vez, tinha, em 2003, 37.145 alunos de graduação, 41,6% do sexo masculino e 58,4%, do feminino (disponível em: http://www.hu-berlin.de/ deutsch/ueb_d.htm; acesso em: 21/01/2004). A população total das duas universidades juntas era, em 2003, de 79.835, sendo 41,3% do sexo masculino e 58,7%, do sexo feminino O *site* da *Freie Unversität* é http://www.fu-berlin.de e o da *Humboldt Univesität* é http://www.hu-berlin.de.

3) No Brasil (Universidade de São Paulo), a coleta de dados ocorreu entre julho de 1999 e janeiro de 2000. Neste caso especificamente, a autora deste trabalho obteve autorização para adentrar os banheiros masculinos dos prédios onde são ministrados os cursos de Geografia e História e o da Faculdade de Medicina. Foram coletadas, no Brasil, inscrições em 42 banheiros, 21 masculinos e 21 femininos.

Em 2002, a Universidade de São Paulo tinha, no total, 42.552 alunos de graduação, 56,5% do sexo masculino e 43,5%, do sexo feminino (disponível em http://sistemas.usp.br/anuario/ tabelas/t02_19.pdf; acesso em: 19/01/2004). O *site* da USP é http://www.usp.br.

4) A coleta de dados nos EUA foi realizada entre os meses de agosto e setembro de 2000. Foram coletados grafitos em 66 banheiros universitários, 33 masculinos e 33 femininos, em cinco diferentes *campi* da *City University of New York* (CUNY): *College of Staten Island*, *LaGuardia Community College*, *Queens College*, *York College*, *John Jay College of Criminal Justice.*

A decisão de visitar mais de um *campus* da CUNY deveu-se ao fato de haver sido constatado no início do trabalho de campo que nessa universidade a freqüência de inscrições nos banheiros era baixa quando comparada com a verificada nos demais países. Para garantir uma amostragem significativa, foram visitados, nesses cinco *campi*, os banheiros localizados nos prédios dos cursos selecionados: Matemática, Química, Biologia, Medicina, Direito e História / Geografia.

A autora deste trabalho permaneceu em Nova Iorque de maio a novembro de 2000, período em que desenvolveu estudos de doutorado na *City University of New* York a convite do antropólogo Prof. Dr. Nathan Gould, contando com apoio financeiro da CAPES (Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) na forma de "bolsa doutorado sanduíche", correspondente ao "Programa de Doutorado no País com Estágio no Exterior - PDEE".

A *City University of New York* tinha, ao todo, em 2003, 208.000 alunos de graduação, 38% dos quais eram do sexo masculino e 62%, do feminino (disponível em:http://portal.cuny.edu/portal/site/cuny/?epi_menuItemID=840a1e9cd3eccca64bef4d578304e08&epi_menuID=a00e05b73704d3407d840d5541a08a0c&epi_baseMenuID=a0e05b73704d3407d840d5541a08a0c; acesso em: 19/01/2004). O *site* da CUNY é http://www.cuny.edu.

5) A coleta de dados na Itália, finalmente, foi realizada entre os meses de dezembro de 2000 e janeiro de 2001. Foram coletados grafitos em 56 banheiros universitários, 28 masculinos e 28 femininos. Os dados foram coletados no *campus* da *Università degli Studi di Roma "La Sapienza"*, em Roma, onde a autora desta pesquisa realizou estudos de doutorado a convite do também antropólogo Prof. Dr. Gerardo Bamonte, igualmente contando com apoio financeiro da CAPES na forma de "bolsa doutorado sanduíche".

A *Università degli Studi di Roma "La Sapienza"* tinha, no total, no período de 2000 / 2001, 139.937 alunos de graduação, 42% homens e 58% mulheres (disponível em: http://www.miur.it/scripts/IU/IU2001_iscrittiXprovenienza.zip; acesso em: 22/01/2004). O *site* da "*La Sapienza*" é http://www.uniroma1.it.

5.2.2. Categorização das inscrições verbais e dos desenhos

Os grafitos coletados foram primeiramente transcritos para o computador (programa "*Microsoft Word 97*"). A transcrição dos dados também foi feita *ipsis litteris*, incluindo erros e abreviações, sendo os trechos ilegíveis indicados por "xxx", princípio que será mantido toda vez que alguma inscrição verbal for mencionada nesta tese. Os símbolos e sinais foram inseridos quando o programa de computador o permitia. Caso

contrário, adotava-se o sistema da descrição, utilizado também no caso dos desenhos. Apresentamos, no Anexo B, exemplos de transcrições de grafitos verbais e de desenhos para o computador.

A autora deste trabalho, por ser fluente em dois dos idiomas estrangeiros nos quais as inscrições foram produzidas, a saber, inglês e italiano, tendo residido nos EUA e na Itália, além de ter estudado esses idiomas anteriormente, decidiu trabalhar com as respectivas inscrições no original, sem se valer de tradução, contando, ainda, com colaboradores nesses países para sanar eventuais dúvidas relativas ao conteúdo das inscrições[30]. Solicitou tradução do *corpus* composto pelas inscrições coletadas na Espanha e na Alemanha[31], línguas a respeito das quais possui algum conhecimento, mas nas quais não é fluente. Os tradutores também auxiliaram na interpretação dos dados, fornecendo informações sobre gírias, expressões locais, conteúdos específicos aos quais os grafitos se referiam, bem como dados culturais, regionais, populacionais, entre outros. Assim, por exemplo, prestaram informações a respeito de nomes de rios locais, de jogadores de times de futebol, de políticos, de professores das universidades, de propagandas televisivas que eram citadas nas inscrições, até mesmo de contos de fadas. Para complementar essas informações, a autora deste trabalho também valeu-se de buscas na Internet.

Após a transcrição dos dados e a tradução interpretativa dos grafitos em espanhol e alemão, as inscrições verbais coletadas foram classificadas em 24 categorias de conteúdo ("relacionamento", "romantismo", "desabafo", "sexo", "masturbação", "analidade", "escatologia", "insulto", "preconceito racial / étnico / social / religioso", "grafitos contra preconceito racial / étnico / social / religioso", "preconceito sexual", "grafitos contra preconceito sexual", "música", "drogas / álcool / cigarro", "metagrafitos", "crítica ao grafito", "religião", "humor", "filosofia", "faculdade / universidade", "esporte", "política", "presença" e "miscelânea"). Esta categorização foi

30 Na Itália: Vittorio Consiglio, Ciro Primavera, Caterina Marchetta e Marco Cascianelli; na Espanha: Ana Isabel Garcia Colmenarejo e Javier Garcia Jusdado; na Alemanha: Ana Valéria de Souza Celestino, Michael Beyer e Axel Thiel; nos EUA: Professora Suzanne LaFont e Gregg August; e no Brasil: Maria Alexandra André Borba, Marcos Ribeiro de Moraes, Maria Fernanda André Borba e Luigi Borghini.

31 As inscrições em espanhol foram traduzidas por Maria Fernanda André Borba. Os grafitos em alemão foram traduzidos pelos colaboradores que realizaram a coleta de dados na Alemanha, Ana Valéria de Souza Celestino e Michael Beyer, e por Maria Alexandra André Borba.

baseada no estudo realizado durante o mestrado pela autora do presente trabalho (TEIXEIRA, 1998). O principal critério adotado para classificar as inscrições foi a verificação de conteúdos claramente identificáveis, correspondentes a idéias centrais. Quando isso não era possível, o grafito era classificado em "miscelânea".

Interessadas em investigar em maior profundidade os temas mais freqüentes das escritas latrinárias, recategorizamos os dados em subcategorias dos seguintes conteúdos: política ("local", "nacional", "internacional", "de direita", "de esquerda", "anarquismo / niilismo" e "humor político"), preconceito ("de classe social", "racial", "grafitos contra preconceito racial", "contra imigrantes", "contra outras faculdades ou universidades", "contra prostitutas / mulheres sexualmente promíscuas", "contra homossexuais masculinos", "contra homossexuais femininos", "grafitos contra preconceito sexual" e "outros"), sexo ("contato homossexual", "contato heterossexual", "contato bissexual / para sexo grupal", "sexo homossexual", "sexo heterossexual", "sexo anal", "conteúdo anal", "sexo oral", "sexo genital", "masturbação", "exibição de desempenho ou de atributos sexuais", "sexo e amor" e "humor sexual") e romantismo ("união amorosa", "separação", "descrença no amor" e "desesperança em encontrar parceiro amoroso / desânimo").

Preocupadas em analisar não só o conteúdo, mas também a forma das inscrições, reclassificamos mais uma vez todos os grafitos verbais, desta vez levando-se em conta seu tipo de estrutura (lexical, frasal, textual, abreviações e números). Baseamos essa análise estrutural dos grafitos em Mélo (2000), conforme relatado no Capítulo 2 desta tese ("Os grafitos de banheiro") e detalhado no item "Categorias referentes à estrutura dos grafitos verbais" abaixo.

Computamos, ainda, o número de palavras por grafito, calculando as médias de palavras por inscrição para cada sexo e em cada país.

Classificamos, finalmente, os 654 desenhos coletados em 20 categorias de conteúdo ("sexo", "masturbação", "analidade", "escatologia", "música", "drogas / álcool / cigarro", "religião", "política", "presença", "esporte", "romantismo", "figura zoomorfa", "figura antropomorfa", "figura geométrica", "estrela", "casa", "coroa", "seta", "rabisco" e "miscelânea").

O grande número de categorias e subcategorias de conteúdo deveu-se à complexidade dos grafitos e ao tamanho do *corpus* (N = 5.446). Quando as inscrições abordavam mais de um tema, eram classificadas em cada uma das categorias pertinentes. Para aferir o grau de fidedignidade, 20% dos dados, escolhidos ao acaso, foram classificados por dois avaliadores. Esse grau, calculado dividindo-se o número de classificações em que os juízes concordaram pelo total de inscrições classificadas, foi de 0,92 para as inscrições verbais e 0,94 para os desenhos.

Detalhamos, a seguir, o procedimento utilizado para realizar essas quatro categorizações. Apresentamos, quando necessário, breves explicações, bem como exemplos dos diferentes conteúdos observados.

5.2.2.1. Categorias de conteúdo verbal

1. **Relacionamento** – grafitos que tratam de relacionamentos humanos de qualquer tipo, amorosos ou não. Ex: "Tenho 1 namorado ha 4 anos que só enrola e não quer casar. O que eu devo fazer?" (Brasil – banheiro feminino).
2. **Romantismo** – grafitos que fazem referência ao amor romântico, não explicitamente sexual. Ex.: "*Paloma '98 y Javi / 25/8/97*" [trad.: "Paloma '98 e Javi / 25/8/97"] (Espanha – banheiro feminino) e "*Immer dasselbe. Ich liebe Andreas.*" [trad.: "Sempre a mesma coisa. Eu amo Andreas"] (Alemanha – banheiro feminino).
3. **Desabafo** – grafitos que expressam conflitos e angústias pessoais. Ex.: "Eu preciso de alguém para conversar." (Brasil – banheiro feminino) e "*Ich bin traurig*" (trad.: "Eu estou triste"] (Alemanha – banheiro feminino).
4. **Sexo** – grafitos que fazem referência a sexo heterossexual, homossexual, bissexual, grupal e anal. Ex.: "*Chupador busca entreterimiento*" [trad.: "Chupador busca entretenimento"] (Espanha – banheiro masculino) e "*Picture yourself alone peeing when you feel someone is staring at you. You look up only to find a man giving you the eye for love. Next thing you know your on the floor with him bouncing on top of you! Just a thought!*" [trad.: "Imagine-se urinando quando sente que alguém está olhando para você. Você olha para cima e vê um homem lhe dirigindo um olhar para o amor. Em

seguida, você está no chão com ele balançando em cima! Somente um pensamento!"] (EUA – banheiro feminino).

5. **Masturbação** – Ex.: "*Soll ich dir mein Vibrater hier deponieren?*" ["Eu devo deixar meu vibrador aqui para você?"] (Alemanha – banheiro feminino).
6. **Analidade** – grafitos que fazem referência à região anal, incluindo sinônimos das palavras "ânus" e "nádegas". Ex.: "Raivosa dá a bunda com castanhola." (Brasil – banheiro masculino) e "*Don't forget to wipe your butt.*" (trad.: "Não se esqueça de limpar a sua bunda") (EUA – banheiro masculino).
7. **Escatologia** – grafitos que fazem referência a excrementos. Ex.: "Quando eu sento e cago, / Sinto uma agonia profunda, / a merda cai na agua / e a agua bate na minha bunda." (Brasil – banheiro masculino) e "*¿Que pasa? Que solo piensas cuando cagas? Normal que lo unico que te salga del cerebro sea mierda.*" [trad.: "O que acontece? Você somente pensa quando caga? É normal que a única coisa que saia do cérebro seja merda."] (Espanha – banheiro masculino).
8. **Insulto** – grafitos expressando hostilidade em relação a um ou mais indivíduos. Ex.: "*Eres una Sucia Puta sin cerebro.*" [trad.: "Você é uma puta suja sem cérebro."] (Espanha – banheiro feminino) e "*Fuck you!*" [trad.: "Vá se foder!"] (Alemanha – banheiro masculino).
9. **Preconceito racial / étnico / social / religioso** – grafitos demonstrando atitudes de intolerância com relação a um ou mais grupos raciais, étnicos, sociais ou religiosos. Ex.: "*Weniger Ausländer = weniger Kriminalität!*" [trad.: "Menos estrangeiros = Menos criminalidade!"] (Alemanha – banheiro masculino).
10. **Grafitos contra preconceito racial / étnico / social / religioso** – grafitos demonstrando atitudes contrárias ao preconceito com relação a grupos raciais, étnicos, sociais ou religiosos. Ex.: "*Rassismus ist eine Schande!!! / Gewalt ist Dummheit!!! / Mensch sein ist entscheidend!!!*" ["Racismo é uma vergonha!!! / Violência é estupidez!!! / Ser humano é decisivo!!!"] (Alemanha – banheiro masculino).

11. **Preconceito sexual** – grafitos demonstrando atitudes de intolerância com relação a indivíduos ou grupos em função de sua opção sexual. Ex.: "*Being gay is a disease. Gayness is a sickness.*" [trad.: "Ser gay é uma doença. A homossexualidade é uma doença"] (EUA – banheiro masculino).
12. **Grafitos contra preconceito sexual** – grafitos demonstrando atitudes contrárias ao preconceito sexual. Ex.: "KAMPF gegen die Diskriminierung der Transsexuellen durch feministische Lesben!" [trad.: "LUTA contra a discriminação dos transexuais pelas lésbicas feministas."] (Alemanha – banheiro feminino).
13. **Música** – grafitos que fazem referência a letras de música, a cantores ou a grupos e bandas musicais. Ex.: " Pink Floyd." (Itália – banheiro feminino) e "*Pearl Jam is the best band in the world.*" [trad.: "Pearl Jam é a melhor banda do mundo."] (EUA – banheiro masculino).
14. **Drogas / álcool / cigarro** – Ex.: "+ maconha e cocaína." (Brasil – banheiro masculino), "*Why drink and drive when you can smoke and fly?*" [trad.: "Por que beber e dirigir se você pode fumar e voar?"] (Alemanha – banheiro masculino) e "*If you have cigarettes with you, smoke them. I love cigarrette smoke.*" [trad.: "Se você tem cigarros, fume-os. Eu adoro fumaça de cigarro"] (EUA – banheiro feminino).
15. **Metagrafitos** – inscrições que fazem referência a grafitos e ao ato de grafitar[32]. Ex.: "BANHEIRO / TAMBÉM / É / CULTURA." (Brasil – banheiro masculino). "*Klotüren streichen ist wie Bücher verbrennen!*" [trad.: "Pintar porta de banheiro é como queimar livros"] (Alemanha – banheiro masculino).

[32] O termo "metagrafito" foi empregado por Fraser (1980) em artigo intitulado *Meta-graffiti* para se referir a inscrições com esse tipo de conteúdo. Esse artigo arrola uma série de inscrições produzidas em folhas de papel afixadas em banheiros da Universidade de Boston, nos EUA, em 1979, contendo a seguinte pergunta: "Estamos estudando grafitos – a linguagem produzida nas paredes. A maioria de nós já escreveu grafitos. E você, já fez algum? Em caso afirmativo, diga-nos por quê. Obrigado". Algumas das respostas obtidas foram: "É uma oportunidade para dar vazão a frustrações – dizer coisas que você não se atreveria a dizer", "Um bom modo para passar o tempo", "Só quando eu me sinto sozinha – parte da condição humana" e "Impulso criativo."

16. **Crítica ao grafito** – manifestações de reprovação ao ato de grafitar. Ex.: "Parem de escrever, para não terem que apagar" (Brasil – banheiro masculino).
17. **Religião** – grafitos que fazem referência a Deus, Jesus, práticas religiosas etc. Ex.: "A sabedoria dos homens é trapo de imundície para Deus." (Brasil – banheiro masculino) e "*Jesus is the only answer.*" [trad.: "Jesus é a única resposta."] (EUA – banheiro feminino).
18. **Humor** – grafitos contendo piadas, chistes, tentativas de provocar riso. Ex.: "A professora de G.A. tem uma pintinha na nádega direita." e "A CASPA É O PRIMEIRO SINAL DA LOUCURA" (Brasil – banheiro masculino).
19. **Filosofia** – grafitos que contêm algum tipo de reflexão existencialista. Ex.: "*Non esiste una notte tanto buia da impedire al sole di sorgere ancora. W.W.*" [trad.: "Não existe noite tão escura que impeça que o sol ainda surja. W.W."] (Itália – banheiro masculino).
20. **Faculdade / universidade** – grafitos que fazem referência a questões relacionadas à própria faculdade ou universidade. Ex.: "*¿Que tal es el profesor Sagardoy? / ¿Es fácil aprobar con el?*" [trad.: "Que tal é o professor Sagardoy? / É fácil ser aprovada com ele?"] (Espanha – banheiro feminino).
21. **Esporte** – grafitos contendo referências a jogadores ou times de futebol. Ex.: "São Paulo foi bicampeão do mundo." (Brasil - banheiro masculino), "*Forza Lazio*" [trad.: "Força Lazio] (Itália - banheiro masculino) e "*DER BFC DYNAMO LEBT! 03 05 96*" [trad.: "O BFC DYNAMO VIVE! 03 05 96"] (Alemanha - banheiro masculino).
22. **Política** – grafitos que fazem referência a instituições políticas locais (ligadas à faculdade ou à universidade), nacionais e internacionais. Ex.: "Um mundo livre e fraterno, enfim, socialista" (Brasil – banheiro masculino), "*Antifascismo ya.*" (Espanha – banheiro masculino) e "*Contro ogni nazionalismo, contro ogni discriminazione, contro l`oscurantismo religioso. Rivoluzione operaia.*" ("Contra todo tipo de nacionalismo, contra o obscurantismo religioso. Revolução operária." (Itália – banheiro masculino).

23. **Presença** – assinaturas individuais ou grupais (chamadas "*tags*") e nomes próprios. Ex.: "ESTHER." (Espanha – banheiro feminino), "*Freddy*" (EUA – banheiro masculino) e "*Smane*" (Alemanha – uma "*tag*" encontrada em banheiro masculino).
24. **Miscelânea** – grafitos de conteúdo não compreensível ou que não são classificáveis em qualquer das demais categorias. Ex.: "Pintura rupestre." (Brasil – banheiro masculino).

5.2.2.2. Subcategorias de conteúdo verbal dos temas mais freqüentes

Política

1. **Local** – grafitos que fazem referência a questões políticas relativas à própria faculdade ou à universidade. Ex.: "Abras os olhos, São Francisco, o XI nunca foi nosso, e a discente também não; sempre foram propriedade privada de grupelhos que sempre usaram elas para atingir interesses deles! Quando é que vamos acabar com isso?" (Brasil – banheiro masculino).
2. **Nacional** – grafitos que fazem referência a questões políticas relativas ao próprio país. Ex.: "*Roma resta fascista. Merda*" (trad.: "Roma permanece fascista. Merda"] (Itália – banheiro masculino).
3. **Internacional** – grafitos que fazem referência a questões políticas externas. Ex.: "*Viva Chile / Viva Pinochet*" [trad.: "Viva o Chile / Viva Pinochet"] (Espanha – banheiro masculino).
4. **De direita** – grafitos manifestando posição política conservadora, chamada "de direita". Ex.: "Morte à esquerda!! Pau no cu dos sem-terra!! Viva a TFP! Viva a UDR! Adesões no 5° D. Ass.: Vigilantes." (Brasil – banheiro masculino).
5. **De esquerda** – grafitos manifestando posição política progressista, chamada "de esquerda". Ex.: "*No all'imperialismo.*" [trad.: "Não ao imperialismo"] (Itália – banheiro feminino) e "*!!UNIDAD de la izquierda ya!!*" [trad.: "UNIDADE das esquerdas já!!"] (Espanha – banheiro masculino).
6. **Anarquismo / niilismo** – grafitos contendo manifestações de posição política anarquista ou niilista. Ex.: "Anarquia ainda é a solução" (Brasil – banheiro

masculino), "*Alle macht den Anarchisten.*" [trad.: "Todo poder para os anarquistas."] (Alemanha – banheiro masculino) e "*¡¡¡El nihilismo triunfara!!!*" [trad.: "O niilismo triunfará!!!] (Espanha – banheiro feminino).

7. **Humor político** – piadas atrelando o humor à política. Ex.: "PSTU – Partido das Sarnas Trotskistas Uspianas." (Brasil – banheiro masculino.")

Preconceito

1. **De classe social** – grafitos que denotam preconceito relacionado a classe. Ex.: "Vote em Lula para, no máximo, chefe da faxina." (Brasil – banheiro masculino).
2. **Racial** – grafitos contendo preconceito baseado no conceito de raça (racismo). Ex.: "Morte aos negros e judeus!!!" (Brasil – banheiro masculino).
3. **Grafitos contra preconceito racial** – inscrições que revelam atitudes contrárias ao racismo. Ex.: "*Rassisten sind Arschlöcher Uberall.*" [trad.: "Racistas são cuzões em todos os lugares!"] (Alemanha – banheiro masculino).
4. **Contra imigrantes** – Ex.: "*No all'immigrazione xxx!*" [trad.: "Não à imigração xxx!"] (Itália – banheiro masculino) e "*Die Statistik beweist nichts! Es werden mehr Deutsche Opfer auslandischer Verbrecher, als umgekehrt!!! Deshalb: Diese Ausländer raus!*" [trad.: "A estatística não prova nada! Existem mais vítimas alemãs de bandidos estrangeiros do que o contrário! Por isso: fora com esses estrangeiros!"] (Alemanha – banheiro masculino).
5. **Contra outras faculdades ou universidades** – grafitos que denotam preconceito com relação a alunos de outras faculdades ou universidades e/ou relativo aos cursos oferecidos em outras faculdades ou universidades. Ex.: "No IME só tem viado" (Brasil – banheiro masculino).
6. **Contra prostitutas / mulheres sexualmente promíscuas** – inscrições denotando preconceito relativo a mulheres de comportamento sexual promíscuo. Ex.: "São todas galinhas" (Brasil – banheiro masculino).
7. **Contra homossexuais masculinos** – Ex.: "Morte aos bichas." (Brasil – banheiro masculino).

8. **Contra homossexuais femininos** – Ex.: "FORA GAYS! / E LÉSBICAS!" (Brasil – banheiro masculino).
9. **Grafitos contra preconceito sexual** – inscrições que revelam atitudes contrárias a qualquer forma de preconceito sexual – Ex.: "*Falls du unter 'Huren' Frauen verstehst die Sex verkaufen, ist dar nur ein Bild der Gesellschaft. Und nicht schlimmer als sich an dem Industrie zu verkaufen.*" [trad.: "Se por acaso você entende que 'putas' significam mulheres que vendem sexo, isso é apenas uma imagem da sociedade. E não é pior do que se vender para a indústria."] (Alemanha – banheiro feminino).
10. **Outros** – inscrições preconceituosas não classificáveis nas demais categorias – Ex.: "*Asesinos, cobardes vascos fuera*" [trad.: "Assassinos, fora bascos covardes"] (Espanha – banheiro feminino) e "FORA NORDESTINOS!" (Brasil – banheiro masculino).

Sexo

1. **Contato homossexual** – inscrições buscando o estabelecimento de contato para encontro sexual homossexual. Ex.: "Moreno, alto, 70 kg, pernas grossas, peludo e safado procura outros homens da mesma idade para brincadeiras. Deixar recado! (08/08/98)" (Brasil – banheiro masculino).
2. **Contato heterossexual** – inscrições buscando o estabelecimento de contato para encontro sexual heterossexual. Ex.: "*Mi piaciono i cazzoni 2295673.*" [trad.: "Gosto de pênis grandes 2295673."] (Itália – banheiro feminino).
3. **Contato bissexual / para sexo grupal** – inscrições buscando o estabelecimento de contato para encontro sexual bissexual e/ou grupal. Ex.: "*Bi Gruppensexparty / 4M + 4F, große Schwänze + dicke Titten, alle zwischen 30 + 50 Jahren ohne finanzielle Interessen – nur Lust auf Sex und Geilheit, sucht weitere Mitspieler. Meldet Euch hier!*" [trad.: "Bacanal bissexual / 4 homens + 4 mulheres, grandes pênis + seios gordos, todos entre 30 e 50 anos sem interesse financeiro – só desejo de sexo e tesão, procuram novos parceiros. Inscrevam-se aqui!"] (Alemanha – banheiro masculino).

4. **Sexo homossexual** – inscrições que fazem referência a atividade sexual homossexual. Ex.: "Eu adoro transar com mulheres." (Brasil – banheiro feminino).
5. **Sexo heterossexual** – inscrições que fazem referência a atividade sexual heterossexual. Ex.: "*Ich will ficken, creativ sein, Kinder machen!*" [trad. "Eu quero trepar, ser criativo e fazer crianças!"] (Alemanha – banheiro masculino).
6. **Sexo anal** – inscrições que fazem referência a atividade sexual anal. Ex.: "*Wozu taugt das Chemie - Studium? / Erlernen des Analorgasmus beim Pofick*" [trad.: "Para que serve o estudo de Química? / Para aprender o orgasmo anal quando dá a bunda"] (Alemanha – banheiro masculino).
7. **Conteúdo anal** – qualquer inscrição que faça referência ao ânus ou a atividades sexuais anais. Ex.: "*Anally inflicted death sentence.*" [trad.: "Pena de morte aplicada analmente"] (EUA – banheiro masculino).
8. **Sexo oral** – inscrições que fazem referência a atividade sexual oral. Ex.: "Paolo - se ti interessa sesso orale o manuale, no anale" [trad.: " Paolo - se te interessa sexo oral ou manual, não anal"] (Itália – banheiro masculino).
9. **Sexo genital** – inscrições que fazem referência a relações sexuais genitais. Ex.: "Fodi uma ontem (24/02/99). Da hora → apertadinha." (Brasil – banheiro masculino).
10. **Masturbação** – Ex.: "*Wer wichst hier ständig gegen die Tür?*" [trad.: "Quem se masturba sempre aqui contra a porta?"] (Alemanha – banheiro masculino)
11. **Exibição de desempenho ou de atributos sexuais** – grafitos que manifestam o interesse em ostentar atributos supostamente atraentes e/ou extraordinário desempenho sexual. Ex.: "Tá com inveja, eu tenho 28 cm p. 1 pol. de espessura." (Brasil – banheiro masculino).
12. **Sexo e amor** – grafitos que contêm referências tanto a sexo quanto ao amor. Ex.: "Temos que treparmos para sermos felizes. / Qualquer forma de amor vale a pena! / Kinha." (Brasil – banheiro feminino).

13. **Humor sexual** – grafitos contendo piadas de teor sexual Ex.: "Quem tem boca vai à Roma e quem tem pinto vai à zona." (Brasil – banheiro masculino).

Romantismo

1. **União amorosa** – mensagens que revelam união amorosa. Ex.: "Emanuele e Valentina / for ever 6-10-2000." [trad.: "Emanuele e Valentina / para sempre 6-10-2000."] (Itália – banheiro feminino), "ELENA y SERGIO 1998" (Espanha – banheiro feminino) e "*Alex / N / Michelle*" [trad.: "Alex / E / Michelle"] (EUA – banheiro feminino).
2. **Separação** – mensagens que revelam a impossibilidade de união amorosa ou a interrupção de um relacionamento amoroso. Ex.: "*David y Cristina / Amor imposible / David y Cristina*" [trad.: "David e Cristina / Amor impossível / David e Cristina"] (Espanha – banheiro feminino) e "*Los kilómetros te hacen que el amor Duela (o Muera) y a veces es insoportable.*" ["Os quilômetros fazem que o amor Doa (ou Morra) e às vezes é insuportável."] (Espanha – banheiro feminino).
3. **Descrença no amor** – mensagens expressando descrença no amor. Ex.: "*L'amore a volte è solo un sogno.*" [trad.: "O amor às vezes é somente um sonho"], "*El amor dura poco.*" [trad.: "O amor dura pouco"] (Espanha – banheiro feminino), "*Liebe ist Selbstbetrug! / Denn jeder liebt sich selbst am Meisten!*" [trad.: "Amor é ilusão! / Porque cada um ama mais a si mesmo!"] (Alemanha – banheiro feminino) e "*Die Beziehung ist das Grab der Persönlichkeit.*" [trad.: "A relação é o túmulo da individualidade."] (Alemanha – banheiro feminino).
4. **Desesperança em encontrar parceiro amoroso / desânimo** – mensagens expressando falta de esperança na possibilidade de encontrar um parceiro amoroso ou desânimo quanto às alternativas atuais. Ex.: "*Aber ich befürchte, die Jungs, die ich kenne sind vielleicht auch nicht Richtgen!*" [trad.: "Mas eu receio que os rapazes que eu conheço talvez não sejam também os certos!"] (Alemanha – banheiro feminino).

5.2.2.3. Categorias referentes à estrutura dos grafitos verbais

1. **Lexical** – estrutura que corresponde à menor unidade comunicativa, incluindo grafitos que contêm uma ou mais palavras sem formar uma frase. Ex: "LAZIO" (Itália - banheiro masculino), "JACOB" (EUA – banheiro masculino) e "Metro" (Alemanha – banheiro masculino).
2. **Frasal** – grafitos contendo somente uma frase (que pode ser constituída por uma mais orações, sendo uma oração formada em torno de um verbo). Ex.: "*Viva la lucha de la clase obrera.*" [trad.: "Viva a luta da classe operária."] (Espanha – banheiro masculino) e "*Ich liebe eine Göttin!*" [trad.: "Eu amo uma deusa!"] (Alemanha – banheiro feminino).
3. **Textual** – grafitos consistindo de duas ou mais frases que, reunidas, formam um texto. Ex.: "Na vida só existe dois dilemas / amar ou não amar. / Amar para viver melhor. / Não amar para viver isolado. / 02/04/99." (Brasil – banheiro feminino), "*People have to study hard. / Finals are coming. / Life's half I need.*" [trad.: "As pessoas têm de estudar muito. / Os exames finais estão chegando. / A vida é metade do que preciso."] (EUA – banheiro feminino).
4. **Numerais** – grafitos contendo apenas números. Ex.: "507" (EUA – banheiro masculino) e "88!" (Alemanha – banheiro masculino).
5. **Abreviações** – grafitos contendo apenas iniciais ou palavras reduzidas por meio da supressão de letras. Ex.: "STS" (EUA – banheiro masculino) e "KDJ" (Alemanha – banheiro masculino).

5.2.2.4. Categorias de conteúdo dos desenhos

1. **Sexo** – desenhos de casais homo e heterossexuais em relação sexual, de corpos nus, de pênis e de vagina.
2. **Masturbação** – desenhos de pessoas se masturbando.
3. **Escatologia** – desenhos de excrementos.
4. **Analidade** – desenhos de nádegas ou da região anal.
5. **Música** – desenhos de notas musicais (♪ ♫ ♬).

6. **Drogas / álcool / cigarro** – desenhos de folhas de *Cannabis sativa*, de garrafas de bebida alcoólica ou de cigarro. ( ).
7. **Religião** – desenhos de símbolos religiosos, especialmente cruzes e estrelas de Davi (✞ ✡).
8. **Política** – símbolos políticos (anarquismo: Ⓐ, pacifismo: ☮ etc.)
9. **Presença** – desenhos acompanhando assinaturas (☆).
10. **Esporte** – desenhos de símbolos de times de futebol ( ).
11. **Romantismo** – desenhos de corações e de bocas (❤).
12. **Figuras zoomorfas** – desenhos de animais (cachorros, pássaros, peixes etc.) ou de formas que lembram animais (μ).
13. **Figuras antropomorfas** – desenhos da figura humana ou de formas que lembram a figura humana (E ☺).
14. **Figuras geométricas** – desenhos de formas geométricas, tais como círculos, triângulos, quadrados etc. (* 6 ∀).
15. **Estrelas** – desenhos de estrelas (☆).
16. **Casas** ( ).
17. **Coroas** ( ).
18. **Setas** (← → ↑ ↓ ↖ ↗).
19. **Rabiscos** – traços sem forma definida. ( ).
20. **Miscelânea** – outros desenhos não classificáveis nas demais categorias (□ □ etc.)

Tanto os grafitos verbais quanto os desenhos foram analisados com o auxílio do programa de computador *SPSS 10.0* (*Statistical Package for Social Sciences*) para "*Windows*". As técnicas estatísticas empregadas e os resultados obtidos são apresentados no Capítulo 6 desta tese.

CAPÍTULO 6

Grafitos de banheiro: análise descritiva e estrutural

"Como a praça celebrada pelo poeta, a parede é do povo. (...) São o mural dos emissores livres e anônimos, sem acesso a outros meios gráficos mais sofisticados."
Luiz Beltrão, 1980

CAPÍTULO 6
GRAFITOS DE BANHEIRO:
ANÁLISE DESCRITIVA E ESTRUTURAL

Interessadas em examinar semelhanças e diferenças sexuais e interculturais nas escritas latrinárias, realizamos análises descritivas e de conteúdo dos 4.792 grafitos verbais e dos 654 desenhos coletados. O estudo das inscrições verbais incluiu, também, a investigação das subcategorias dos temas mais freqüentes e representativos, bem como das características estruturais dos grafitos.

Neste capítulo, apresentamos a análise descritiva das inscrições verbais e dos desenhos, bem como a análise estrutural dos grafitos verbais. No Capítulo 7, relatamos a análise de conteúdo que realizamos com as 5.446 inscrições que compõem o *corpus* desta pesquisa.

6.1. Análise descritiva do *corpus* — Resultados e discussão

6.1.1. Freqüência de grafitos verbais e de desenhos em cada país

A análise da relação entre a quantidade de grafitos verbais e de desenhos em cada país, apresentada na Tabela 6.1, indica que a Alemanha foi o país que produziu a maior proporção de inscrições verbais (93% de inscrições verbais *x* 7% de desenhos), seguida pelo Brasil (92% *x* 8%), pelos EUA (88% *x* 12%), pela Espanha (86% *x* 14%) e pela Itália (82% *x* 18%). A Itália foi, portanto, o país que proporcionalmente realizou maior quantidade de desenhos. No entanto, em todos os países, predominaram as inscrições verbais. Esse predomínio de grafitos verbais foi também verificado por vários outros

autores (por exemplo, entre outros, STOCKER et al., 1972; SECHREST, OLSON, 1971; PELLEGRINI FILHO, 1987; BARBOSA, 1985; OTTA et al., 1996; TEIXEIRA, 1998).

TABELA 6.1. Grafitos verbais *x* Desenhos

	Grafitos verbais	Desenhos	TOTAL
Brasil	1.385 (92%)	128 (8%)	1.513
Itália	1.117 (82%)	239 (18%)	1.356
Espanha	666 (86%)	108 (14%)	774
EUA	934 (88%)	125 (12%)	1.059
Alemanha	690 (93%)	54 (7%)	744
TOTAL	**4.792 (88%)**	**654 (12%)**	**5.446**

6.1.2. Freqüência de grafitos por banheiro

O país que apresentou maior freqüência de inscrições por banheiro foi o Brasil (média de 36 inscrições por banheiro), seguido pela Alemanha (média de 34 inscrições por banheiro), pela Espanha (média de 30 inscrições por banheiro), pela Itália (média de 24 inscrições por banheiro) e, finalmente, pelos EUA (média de 16 inscrições por banheiro), como é possível observar na Tabela 6.2.

TABELA 6.2. Médias de inscrições por banheiro

	Total de inscrições / total de banheiros	Média de inscrições por banheiro
Brasil	1.513 / 42	36
Itália	1.356 / 56	24
Espanha	774 / 26	30
EUA	1.059 / 66	16
Alemanha	744 / 22	34
TOTAL	**5.446 / 212**	**26**

Os banheiros norte-americanos, portanto, foram os menos grafitados, de maneira geral. De fato, foi essa a impressão já durante o trabalho de campo. Ao contrário do Brasil e da Itália, os sanitários norte-americanos pareceram os menos povoados por grafitos.

Nos EUA, testemunhamos a utilização de produto químico especificamente direcionado para remoção de marcas. Esse produto muitas vezes ficava exposto em carrinhos utilizados pelo pessoal responsável pela limpeza dos banheiros e deixados nos corredores das unidades da *City University of New York* incluídas nesta pesquisa, como demonstra a fotografia abaixo, na qual podemos ver uma lata de "*vandal mark remover*", ou seja, de "removedor de marcas feitas por vândalos." Em nenhum outro país observamos a utilização desse tipo de produto. Não foi possível obter informações quanto à freqüência com que os banheiros eram limpos nos diferentes países. No entanto, de maneira geral, percebia-se que eram submetidos a limpezas periódicas. Somente nos EUA presenciamos produtos de limpeza deixados em local de grande circulação, como os corredores das universidades.

Luís Augusto Barbosa

Figura 6.1. Registro fotográfico de material de limpeza e de produto para remoção de marcas utilizados em universidade em Nova Iorque, nos EUA ("*City University of New York*") – Agosto de 2000.

Também havia, em locais variados da cidade de Nova Iorque, cartazes afirmando que grafitar é considerado crime no Estado de Nova Iorque, estando o grafiteiro sujeito a penalidades civis e criminais. Esses cartazes apresentavam foto de grafiteiros, mais uma vez chamados de "vândalos" ("*graffiti vandals*"), cercados por policiais, em frente a uma autoridade judiciária norte-americana, e pediam à população que denunciasse todo aquele que produzisse inscrições em paredes.

Luís Augusto Barbosa

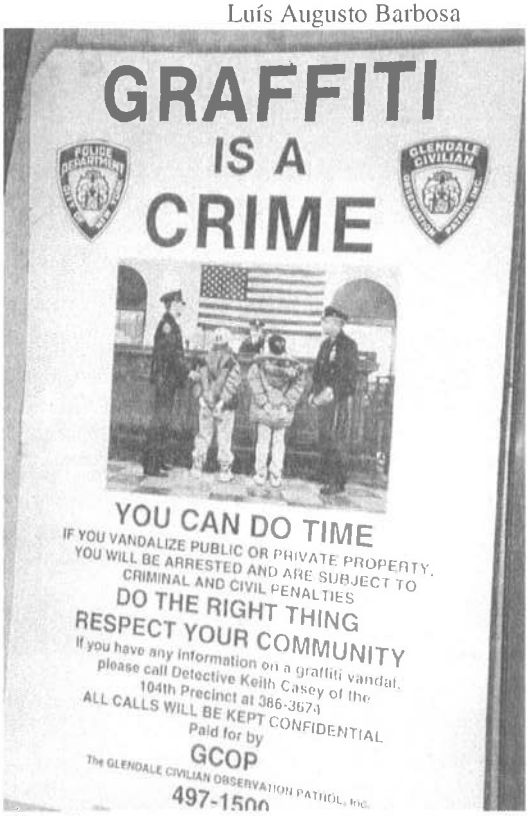


Figura 6.2. Registro fotográfico de cartaz contra a produção de grafitos encontrado em Nova Iorque, nos EUA (setembro de 2000).

Em Roma, também havia cartazes contrários à grafitagem, como o apresentado na fotografia abaixo, localizado na escadaria da "*Piazza di Spagna*", ponto turístico da cidade. Seu teor, contudo, era bem diferente daquele dos cartazes norte-americanos. Ele apenas continha a afirmação de que é proibido jogar lixo na escadaria ou sujá-la com inscrições e desenhos.

Renata Plaza Teixeira

Figura 6.3. Registro fotográfico de cartaz anti-grafito s em Roma, na Itália (fevereiro de 2001).

Na Universidade de Harvard, onde estuda a elite intelectual e econômica dos EUA, também há grafitos, que são, no entanto, rapidamente apagados, como atesta esta fotografia feita em banheiro do prédio do curso de Administração dessa universidade:

Renata Plaza Teixeira

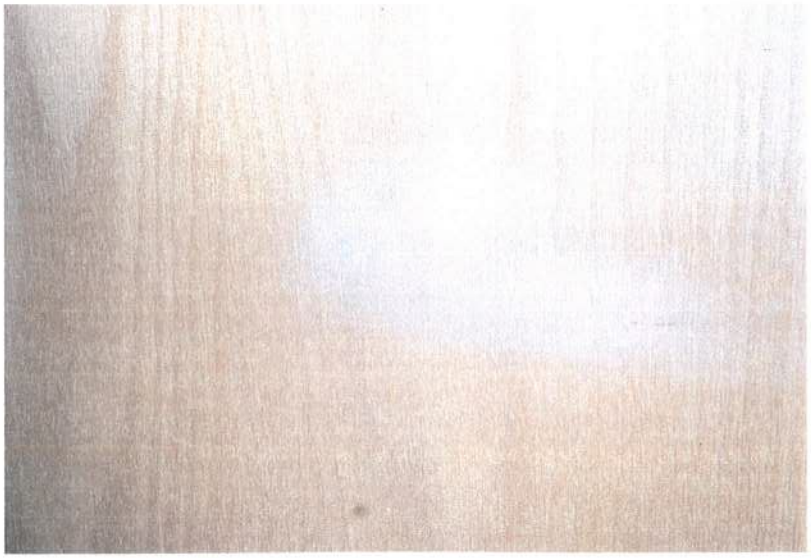


Figura 6.4. Registro fotográfico de grafito apagado em porta de cabine de banheiro da Universidade de Harvard ("*Business School*"), em Cambridge, nos EUA (agosto de 2000).

É interessante notar que a Alemanha, país também de origem anglo-saxônica, apresentou a segunda maior média de inscrições por banheiro (34), média esta maior que o dobro da alcançada pelos EUA (15). Isto é ainda mais surpreende se levarmos em consideração que muitas palavras alemãs são compostas, incluindo dois ou mais termos em um único vocábulo.

Conforme relatado no Capítulo 2 ("Os grafitos de banheiro"), durante as décadas de 1970 e 1980, Nova Iorque estava repleta de pichações e grafitos espalhados por toda parte. Contudo, em 2000, ano em que a coleta de dados em Nova Iorque foi realizada, observamos que a cidade estava desprovida das famosas inscrições que nos anos de 1970 e 1980 cobriam vagões inteiros do metrô.

Já na Itália, a situação era radicalmente diferente no final do ano 2000, início de 2001, quando estivemos nesse país realizando coleta de dados. Roma era então uma cidade grafitada. Nela, havia inscrições em toda parte, nos mais diversos suportes: muros, bancos de praças públicas, árvores, monumentos, ônibus, carros, motocicletas, aviões, ruínas, vagões e poltronas de trens e de metrôs, além de paredes e portas dos banheiros públicos.

Apresentamos, a seguir, alguns registros fotográficos de grafitos realizados nos mais diferentes suportes, na Itália:

Renata Plaza Teixeira

Figura 6.5. Registro fotográfico de grafitos feitos em motocicleta em Roma, na Itália (estacionamento da *Università degli Studi di Roma "La Sapienza"*) – Dezembro de 2000.

Renata Plaza Teixeira

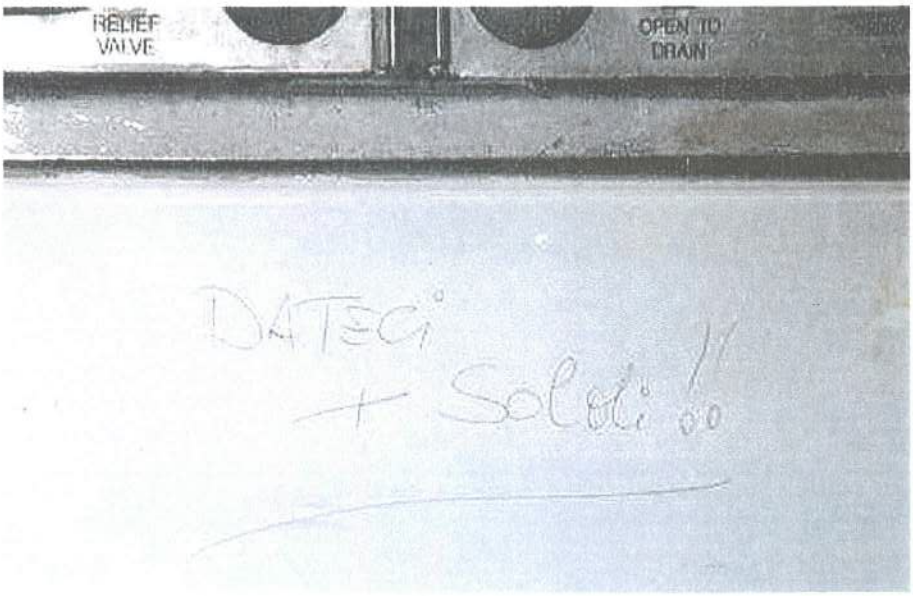


Figura 6.6. Registro fotográfico de grafito feito em porta de frigorífico de avião em Roma, na Itália (aeroporto "Fiumiccino") – Fevereiro de 2001.

Renata Plaza Teixeira

Figura 6.7. Registro fotográfico de grafitos feitos em bancos de ônibus em Frascati, na Itália (dezembro de 2000).

Renata Plaza Teixeira

Figura 6.8. Registro fotográfico de grafitos feitos em automóvel em Roma, na Itália (bairro "Trastevere") – Janeiro de 2001.

Renata Plaza Teixeira

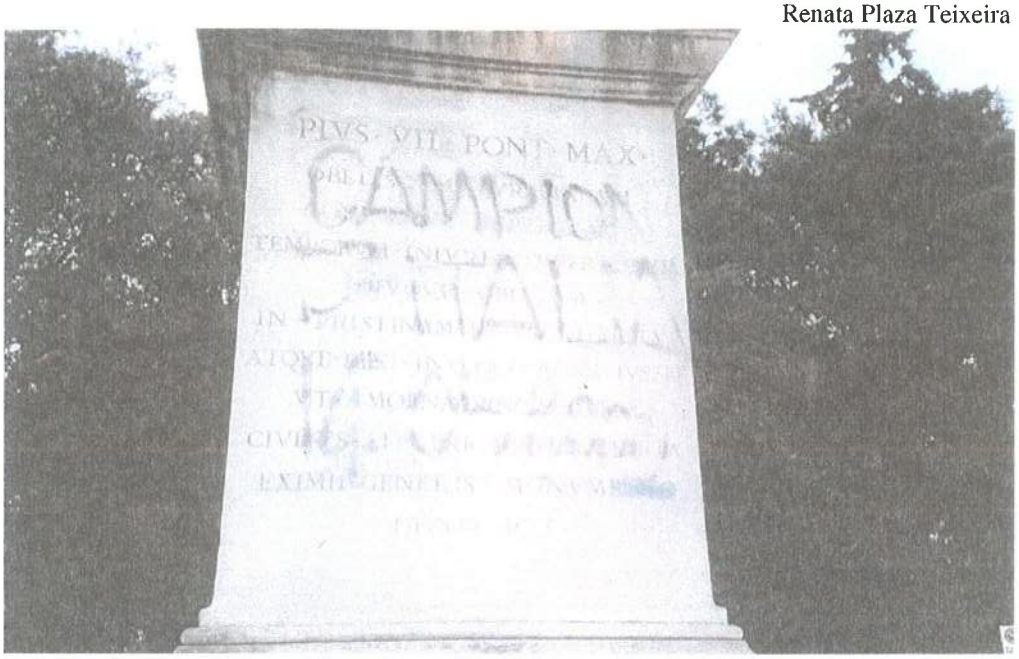


Figura 6.9. Registro fotográfico de grafito feito em base de monumento em Roma, na Itália (bairro "Pincio") – Dezembro de 2000.

Renata Plaza Teixeira

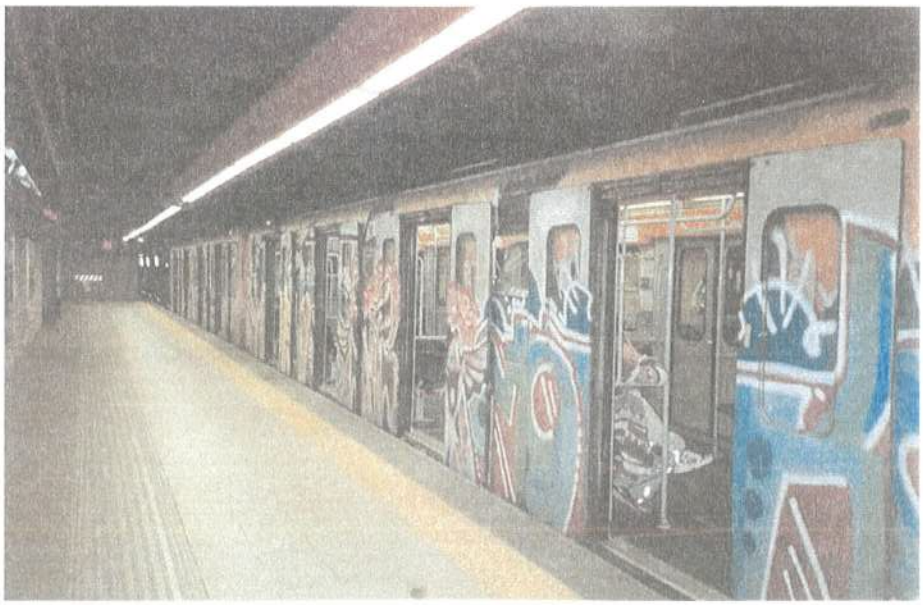


Figura 6.10. Registro fotográfico de grafitos feitos em trens do metrô em Roma, na Itália (dezembro de 2000).

A Figura 6.11 apresenta fotografia de parede de loja de artigos masculinos, em Roma, decorada com grafitos.

Renata Plaza Teixeira

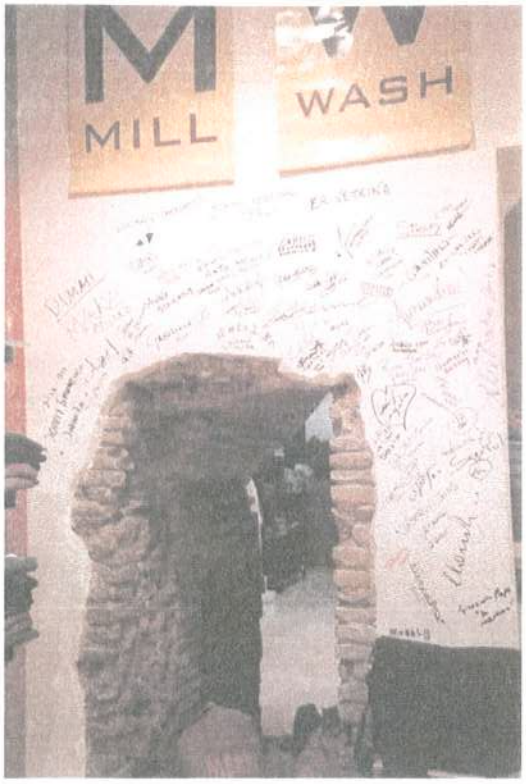


Figura 6.11. Registro fotográfico de parede de loja decorada com grafitos em Roma, na Itália (janeiro de 2000).

Há tantos grafitos espalhados pela cidade, que até propagandas fazem referência a esse comportamento, como esta, apresentada na Figura 6.12, que apresenta uma mulher com a camisa toda grafitada, ao lado da qual se lê: "*La tua voglia di comunicare mettila nel motorola v100*" [trad.: "Ponha a sua vontade de se comunicar em um motorola v100"]:

Renata Plaza Teixeira

Figura 6.12. Registro fotográfico de propaganda explorando o tema dos grafitos afixada em ônibus em Roma, na Itália (janeiro de 2000).

Apesar de ser tão povoada de inscrições, a Itália não foi o país que alcançou a maior média de grafitos por banheiro. Isto talvez se deva justamente ao fato de que as pessoas dão vazão a seus desejos, a seus pensamentos, a suas idéias, enfim, como diz o cartaz promocional na fotografia acima, a sua vontade de se comunicar, em vários outros locais e suportes além das portas e paredes de banheiros públicos.

Na Alemanha, em 2001, ano em que foi realizada complementação fotográfica do trabalho de campo, havia igualmente muitas inscrições não só em banheiros públicos, mas também em outros lugares, tais como paredes e muros da cidade. Foram fotografados, em 3 de fevereiro de 2001, alguns trechos do muro que separava as antigas Berlim Ocidental e Oriental e que continham inscrições: Apresentamos, abaixo, fotografia de um trecho desse muro.

Luís Augusto Barbosa

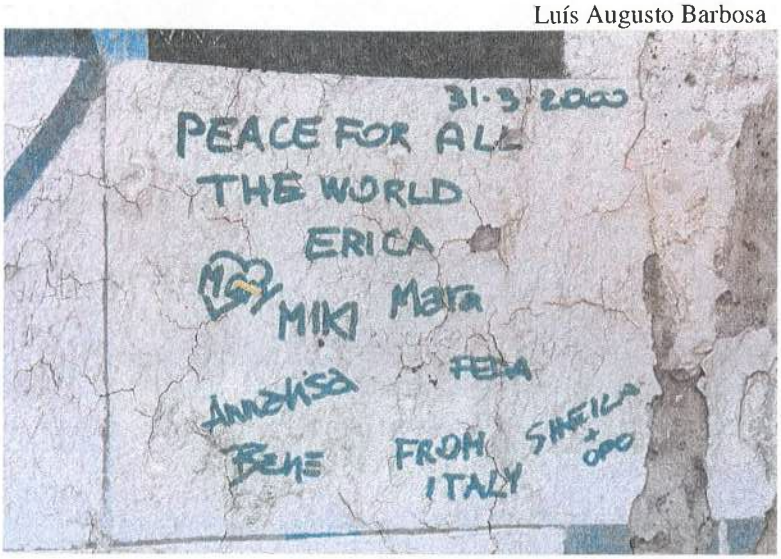


Figura 6.13. Registro fotográfico de inscrições feitas no antigo muro de Berlim, na "Galeria do Lado Oriental" ("*East Side Gallery*"), em Berlim, na Alemanha (fevereiro de 2001).

Existem muitos grafitos artísticos, bem como inscrições produzidas por turistas, no "muro de Berlim", na "*East Side Gallery*" (ou "Galeria do Lado Oriental"), parte preservada do muro que contém vários grafitos pintados nos seus 1.000 metros de extensão.

Vale mencionar que no Brasil também há muitas inscrições em diversos locais, especialmente os "grafites" e as chamadas "pichações", realizadas em paredes, muros, mesas, carteiras e troncos de árvore, entre outros lugares. O registro fotográfico a seguir foi realizado em loja de chocolates de Campos do Jordão, no Estado de São Paulo, que teve uma de suas paredes toda grafitada como estratégia de decoração:

Renata Plaza Teixeira

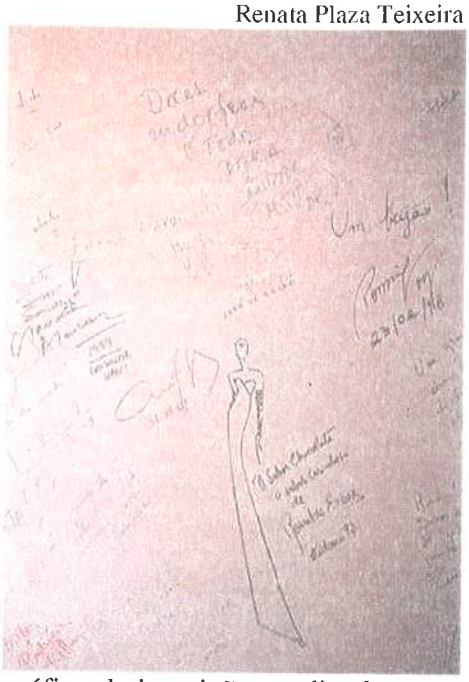


Figura 6.14. Registro fotográfico de inscrições realizadas em parede de loja em Campos do Jordão, SP, no Brasil (janeiro de 2002).

A fotografia a seguir foi feita em beco do bairro de Vila Madalena, na cidade de São Paulo, onde há uma Galeria de Arte a céu aberto, um Laboratório de Grafitagem, que faz parte do programa "Beco Escola", desenvolvido pela "Cidade Escola Aprendiz":

Renata Plaza Teixeira

Figura 6.15. Registro fotográfico de parede decorada com "grafite" em beco do bairro de Vila Madalena, na cidade de São Paulo (outubro de 2002).

Embora com freqüências diferentes, encontramos grafitos nos banheiros das cinco universidades visitadas.

6.1.3. Freqüência de grafitos por sexo e por país

Os banheiros masculinos, de maneira geral, geraram maior quantidade de grafitos do que os femininos em todos os países. O Brasil foi o país que apresentou maior proporção de grafitos produzidos em banheiros masculinos (93% dos grafitos foram produzidos em banheiros masculinos *x* 7% em banheiros femininos), seguido pela Itália (84% *x* 16%), pela Alemanha (77% *x* 23%), pela Espanha (68% *x* 32%) e pelos EUA (64% *x* 36%), como pode ser observado na Tabela 6.3.

TABELA 6.3. Freqüências de grafitos masculinos e femininos em cada país

	Masculino	Feminino	TOTAL
Brasil	1.404 (93%)	109 (7%)	1.513
Itália	1.139 (84%)	217 (16%)	1.356
Espanha	524 (68%)	250 (32%)	774
EUA	680 (64%)	379 (36%)	1.059
Alemanha	570 (77%)	174 (23%)	744
TOTAL	**4.317 (79%)**	**1.129 (21%)**	**5.446**

Esse fato é especialmente significativo se levarmos em conta que a população de estudantes de graduação em todos os países, exceto no Brasil, era constituída de uma maioria de mulheres (Brasil: 56,5% de homens *x* 43,5% de mulheres; Itália: 42% de homens *x* 58% de mulheres; Espanha: 37,2% de homens *x* 62,8% de mulheres; EUA: 38% de homens *x* 62% de mulheres; Alemanha: 41,3% de homens *x* 58,7% de mulheres). Ainda assim, e mesmo adentrando as cabines menos vezes que elas, já que os sanitários masculinos possuem mictórios, os homens produziram maior quantidade de inscrições. Isto indica que o comportamento de escrever em paredes de banheiros pode realmente ser mais comum entre os homens.

O Brasil, país que possuía a maior proporção de estudantes do sexo masculino, foi o que também alcançou a maior proporção de grafitos nos banheiros masculinos. Esses dois fatos podem estar relacionados. No entanto, em 1992, quando da coleta de dados que serviu de base para a pesquisa de mestrado desenvolvida pela autora desta tese, a situação era diferente com relação às inscrições coletadas na universidade, mas relativamente aos "cursinhos" (TEIXEIRA, 1998; OTTA et al., 1996). Na universidade, as proporções de grafitos em banheiros masculinos e femininos foram semelhantes (49% *x* 51%). Nos "cursinhos", os homens produziram quantidade significativamente maior de inscrições do que as mulheres (59% *x* 41%). Relativamente à elevada freqüência de inscrições nos banheiros femininos universitários em 1992 em comparação com a de 1998, podemos aventar algumas hipóteses que expliquem essa diferença. Em 1992, por exemplo, foi coletada uma grande quantidade de grafitos no prédio da Faculdade de Educação, onde são oferecidos cursos com um grande número de estudantes do sexo feminino. Em 1998, não incluímos essa unidade da Universidade de São Paulo em nossa amostra. Essa diferença de amostragem pode explicar, pelo menos em parte, a diversidade de proporções de inscrições masculinas e femininas em 1992 e 1998.

É interessante observar, ainda, que os grafitos produzidos nos sanitários masculinos, além de mais numerosos, em geral denotavam maior grau de motivação por parte dos grafiteiros, já que foram encontrados em locais até mesmo de difícil acesso, como o teto. Além disso, se observarmos o conjunto de fotografias de inscrições masculinas e femininas, podemos perceber que as masculinas são geralmente produzidas com traços mais fortes e letras maiores, fato que as torna mais legíveis. As femininas, por outro lado, são comumente produzidas com traços finos, cores suaves e letras pequenas, dificultando até mesmo registros fotográficos e filmagens.

Em geral, a literatura relata predominância de inscrições em banheiros masculinos (BARBOSA, 1985; PELLEGRINI FILHO, 1987; OTTA, 1993; ALEXANDER, 1978; KUTAKOFF; ARLUKE et al., GADPAILLE, 1971). No entanto, há alguns trabalhos que indicam a existência de maior quantidade de inscrições em banheiros femininos (WALES, BREWER, 1976; AHMED, 1981). Segundo Thiel (1999), escrever em paredes é uma atividade realizada principalmente por jovens do

sexo masculino. Esse autor afirma que 99,5% dos grafiteiros de rua, por exemplo, são do sexo masculino.

6.1.4. Médias de palavras por grafito

Foi realizada uma Análise de Variância fatorial 2 *x* 5 do número de palavras dos grafitos em função de sexo e do país de origem. A ANOVA revelou efeito principal significativo de sexo ($F_{1,4782} = 27,185$, $p < 0,001$) e de país ($F_{4,4782} = 36,471$, $p < 0,001$). Apontou, também, efeito significativo de interação entre país e sexo ($F_{4,4782} = 4,057$, $p < 0,01$).

A Tabela 6.4 apresenta as médias de palavras por grafito em cada país conforme o sexo.

TABELA 6.4. Médias de palavras por grafito conforme o sexo e o país

	MASCULINO		FEMININO	
	Número de palavras	**Média de palavras por grafito**	**Número de palavras**	**Média de palavras por grafito**
BRASIL	11.739	9,22 (11.739 / 1.273)	1.032	10,02 (1.032 / 103)
ITÁLIA	6.037	6,45 (6.037 / 936)	1.501	8,07 (1.501 / 186)
ESPANHA	3.389	8,11 (3.389 / 418)	2.098	9,04 (2.098 / 232)
EUA	2.555	4,51 (2.555 / 566)	1.722	5,17 (1.722 / 333)
ALEMANHA	4.431	8,24 (4.431 / 538)	1.928	12,77 (1.928 / 151)

A análise dessa interação revelou efeito significativo de país tanto para as mulheres ($F_{4,995} = 12,156$, $p < 0,001$) quanto para os homens ($F_{4,3787} = 34,369$, $p < 0,001$). A Figura 6.16 ilustra graficamente este efeito. Comparações dois-a-dois pelo teste de Tuckey revelaram três subconjuntos para as mulheres: nos extremos, com menor e com maior número de palavras, respectivamente, situaram-se os EUA e a Alemanha;

em posição intermediária, situaram-se a Itália, a Espanha e o Brasil. Para os homens, foram igualmente identificados três subconjuntos, porém com distribuição diversa: os EUA também se situaram no extremo inferior e a Itália, em posição intermediária. A diferença em relação às mulheres apareceu no extremo superior, que incluiu, no caso dos homens, além da Alemanha, a Espanha e o Brasil.

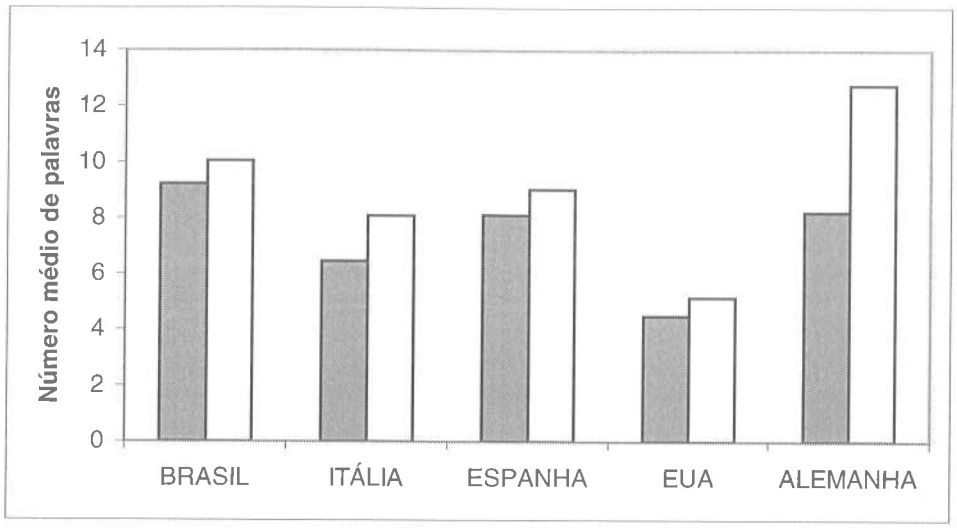


Figura 6.16. Número médio de palavras por grafito em função de país e sexo (barras hachuradas = homens; barras vazias = mulheres).

Assim, homens e mulheres norte-americanos foram os que menor quantidade de palavras por grafito produziram, fato que vai ao encontro dos resultados apresentados no item "Estrutura dos Grafitos" abaixo, que revelou ser a estrutura do tipo lexical, ou seja, aquela composta por palavras apenas, sem a elaboração de frase ou texto, mais freqüente nos EUA que nos demais países. Os norte-americanos realizaram grande quantidade de assinaturas e nomes próprios nos banheiros, inscrições em geral constituídas de apenas uma ou duas palavras e classificadas na categoria de estrutura lexical.

Os homens, portanto, produziram médias de palavras por grafito menores que as alcançadas pelas mulheres em todos os países envolvidos nesta pesquisa. Dos autores consultados para a elaboração desta tese, Gadsby (1996) foi a única que também analisou o número de palavras por inscrição. Observou que as médias de palavras por grafito nos sanitários masculinos e femininos foram muito similares: 10,65 *x* 10,72,

respectivamente. Mélo (2000) e Siegl (1992) verificaram que as mulheres produziram inscrições mais longas, ou seja, com maior número de palavras, do que os homens. Retomaremos esta questão na análise da estrutura das inscrições relatada a seguir.

6.2. Análise estrutural dos grafitos verbais – Resultados e discussão

6.2.1. Diferenças quanto à estrutura dos grafitos conforme os sexos

Do total de 4.792 grafitos verbais, 76 corresponderam a números e contas e 210 a abreviações. As demais 4.506 inscrições foram classificadas quanto à sua estrutura em: lexicais (estrutura que corresponde à menor unidade comunicativa e inclui grafitos contendo uma palavra ou um grupo de palavras sem forma uma frase), frasais (grafitos contendo apenas uma frase) e textuais (grafitos contendo duas ou mais frases, compondo um texto), conforme categorização empregada por Mélo (2000) e descrita no Capítulo 5 desta tese ("Hipóteses de trabalho e metodologia"). Apresentamos, no Apêndice A, tabelas contendo as porcentagens dos grafitos classificados em cada tipo de estrutura, por sexo e por país, obtidas com o auxílio do programa de computador *SPSS 10.0* para *Windows*.

De maneira geral, os homens produziram maior número de grafitos lexicais, algumas vezes monossilábicos, em todos os países pesquisados (Brasil: 23,9 *x* 17,6%; Itália: 46,5% *x* 32,3%; Espanha: 31,1% *x* 28,2%; EUA: 51,3% *x* 37,5%; Alemanha: 32,4% *x* 16,4%), conforme pode ser observado na Figura 6.17 abaixo.

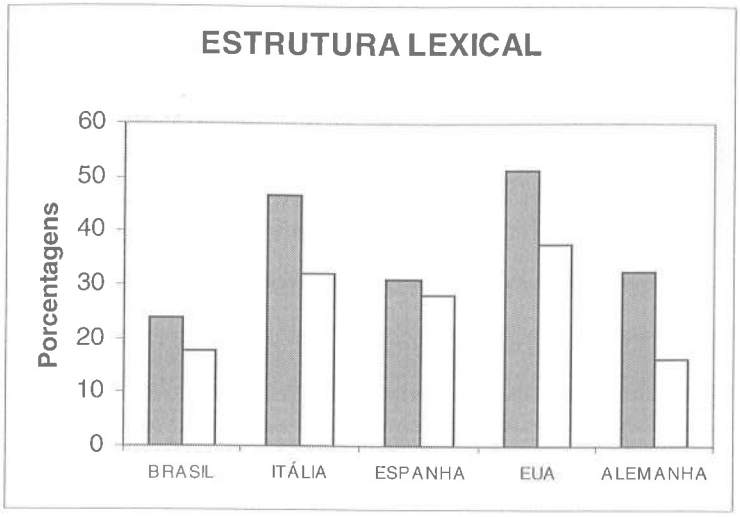


Figura 6.17. Estrutura lexical em função de país e sexo (barras hachuradas = homens, barras vazias = mulheres).

Apresentamos, abaixo, alguns grafitos coletados em banheiros masculinos dos diferentes países:

Brasil: "PITER", "Bicha", "Viado", "Utopia", "TEQUILA", "MTV", "Palmeiras 1996", "Timão ", "Rafael", "Merdão".

Itália: "*Di merda*" (trad: "De merda"), "*Whiteman 80*", "*NIHIL*", "*Thor*", "*Zingari*" [trad.: "Ciganos"], "*LAZIO*", "*StaliN*".

Espanha: "*Puta*", "*Barcelona 82*", "*R. Madrid 69*", "*Hitlers*", "*NIETZSCHE*", "*ole España*" [trad.: "Olé Espanha"].

EUA: "*Freddy*", "*JACOB*", "*You.*" [trad.: "Você"], "*Lazy*" [trad.: "Preguiçoso"], "*Better*" [trad.: "Melhor"].

Alemanha: "*Scheiβ*" [trad.: "Merda"], " *Ahmen!*" [trad.: "Amém!"], "*Metro*" [trad.: "Metrô"], "*Shit*" [trad.: "Merda"].

Nos banheiros masculinos, mais que nos femininos, eram comuns, em todos os países, especialmente nos EUA e na Itália, nomes próprios e assinaturas individuais ou coletivas, bem como a simples escritura de uma ou duas palavras, sem compor uma frase ou texto. Essas assinaturas eram muitas vezes feitas em código, decifrável somente pelos integrantes do grupo ao qual se refere, em um padrão que pode ser visto também de

maneira geral em muros das grandes cidades incluídas nesta pesquisa na forma de pichações.

Apresentamos, a seguir, fotografia de banheiro masculino contendo assinaturas produzidas em uma de suas paredes:

Luís Augusto Barbosa

Figura 6.18. Registro fotográfico de banheiro masculino brasileiro contendo assinaturas (julho de 1999).

Na fotografia abaixo, pode-se observar assinatura feita em porta de sanitário espanhol masculino.

Javier Garcia Jusdado

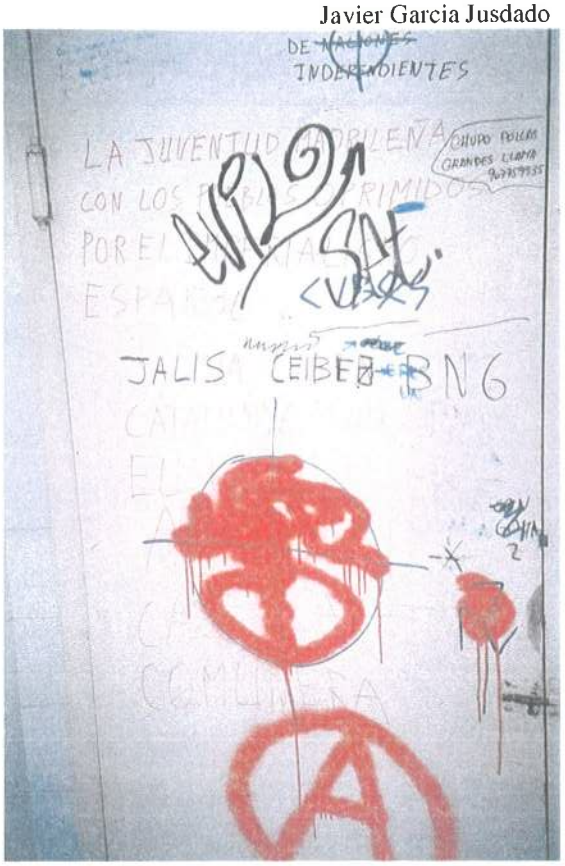


Figura 6.19. Registro fotográfico de porta de banheiro masculino espanhol contendo assinatura (fotografia feita em setembro de 1998).

As mulheres, por outro lado, mostraram-se mais textuais em todos os países, produzindo muitos grafitos contendo duas ou mais frases (Brasil: 27,5% *x* 15%; Itália: 9,7% *x* 5,7%; Espanha: 13% *x* 10%; EUA: 5,5% *x* 1,8%; Alemanha: 21,2% *x* 17,1%;). Essa diferença, especialmente marcante no Brasil, pode ser observada na Figura 6.20 a seguir:

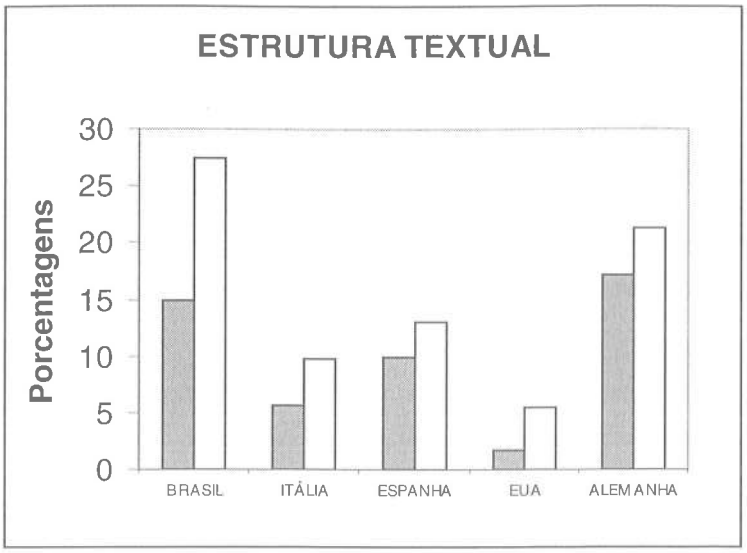


Figura 6.20. Estrutura textual em função de país e sexo (barras hachuradas = homens, barras vazias = mulheres).

O grafito abaixo, produzido em banheiro feminino brasileiro, contém estrutura textual:

"Declaração do amante anarquista. Por que eu te amo não preciso de ti. Por que tu me amas não precisas de mim. No amor não nos deixamos completar. Somos um para o outro deliciosamente desnecessários. Beijos."

A inscrição a seguir também possui estrutura textual e foi coletada em banheiro feminino italiano:

"*Pensa col cuore / vota a sinistra / Xò usa ... la testa / e vota a destra!*" [trad.: "Pensa com o coração / vota na esquerda / Mas usa ... a cabeça / e vota na direita!]

Observamos, portanto, que as mulheres, nos cinco países pesquisados, apesar de terem produzido menor número de inscrições por banheiro que os homens, escreveram, de maneira geral, frases mais longas, com maior número de palavras por grafito e com predomínio da estrutura textual.

Mélo (2000), que igualmente analisou a estrutura dos grafitos de banheiro, verificou que as mulheres produziram maior quantidade de grafitos textuais que os homens (29,3% *x* 8,8%) em sua amostra coletada na Paraíba, no Brasil. Siegl (1992),

que analisou inscrições coletadas em banheiros masculinos e femininos de Viena, na Áustria, observou, também, que as mulheres produziram frases mais longas que os homens.

6.2.2. Diferenças quanto à estrutura dos grafitos conforme os países

Analisando os países quanto à estrutura predominante, notamos que os Estados Unidos da América (46,5%) e a Itália (44,1%) produziram as maiores freqüências de inscrições lexicais, como é apresentado na Figura 6.21 abaixo:

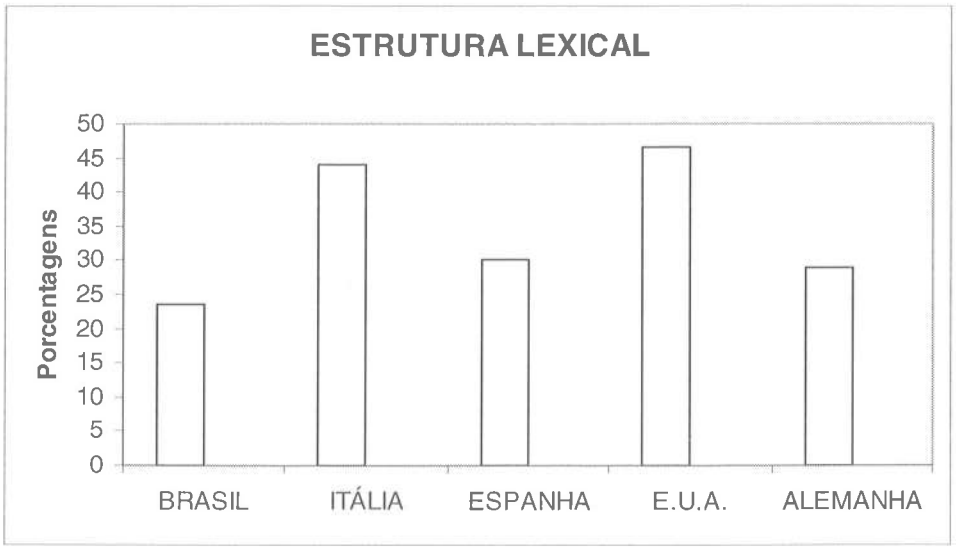


Figura 6.21. Estrutura lexical em função de país.

Os países que apresentaram maiores freqüências de grafitos com estrutura textual, ou seja, que foram mais prolixos nas inscrições produzidas, foram a Alemanha (18%) e o Brasil (15,9%), conforme ilustra a Figura 6.22:

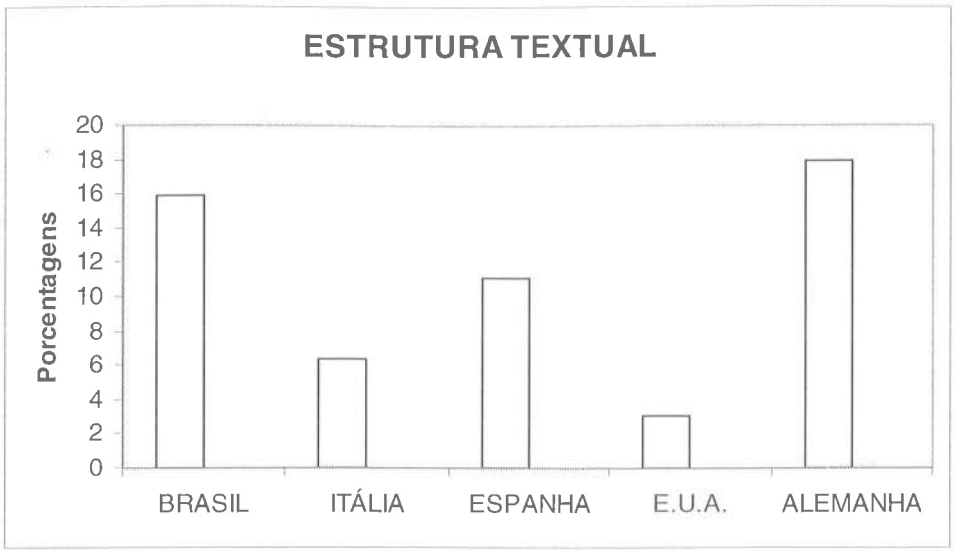


Figura 6.22. Estrutura textual em função de país.

Na Alemanha, foi encontrado, por exemplo, o seguinte grafito textual: "*Du Muβt mir Deine Jungs [wa/o/hl] doch mal vorstellen! Ich werde nun bald 25 und habe noch nicht den Richtigen. Ich habe das Gefühl, daβ die netten alle belegt sind, und nicht mehr wechseln, auch wenn das weibliche Gegenstück nicht optimal ist! Gerade die Jungs Ende 20 sind nun bald auch aus der Uni raus! Sehe ich das zu pessimistisch? Ich fand`s schon optimal, ..... an der Uni kennen zu lernen woanders klappt`s eh nicht! / Schreib mal Zürick!!!*" [trad.: "Você precisa me apresentar seus rapazes.....! Eu terei em breve 25 e ainda não tenho o certo. Eu tenho a sensação de que os simpáticos estão todos ocupados e não trocam mais, mesmo quando a correspondente feminina não é a melhor. Justamente os rapazes que estão no fim dos 20 estarão em breve fora da universidade! Vejo a coisa muito pessimista? Eu achei ótimo conhecer ..... na universidade, em outro lugar não dá certo! / Escreva de volta!"] (banheiro feminino).

Exemplos de grafitos de estrutura textual coletados em banheiro brasileiro masculino são: "A esquerda é acima de tudo burra. Esquecem-se de pensar e não diferenciam bem o Groucho do Karl. Quando precisam de união, segmentam-se ainda mais, sob slogans idiotas com rimas infames" e "Estou toda 4ª. e 6ª. após 18:00 hs. Espero você aqui. Hoje é 13/05/98. Quando posso estar aqui?"

As inscrições lexicais coletadas por Mélo (2000) em banheiros da Universidade Federal da Paraíba, no Estado da Paraíba, no Brasil, continham, segundo a autora, palavras de desprezo, insultos ou desabafos decorrentes de pressões sociais sofridas pelos produtores dos grafitos. Já as textuais, mais utilizadas nos banheiros femininos, continham relatos de relacionamentos sexuais.

Em nossa pesquisa, os grafitos lexicais, especialmente os italianos e os norte-americanos, correspondiam, em geral, a nomes e assinaturas, mas também a xingamentos e até a manifestações políticas: "*Stupid*" – "Estúpida (o)" (EUA – banheiro feminino), "*Fasci*" [trad.: "Fascistas"] (Itália – banheiro masculino) e "*Roma merda*" (Itália – banheiro masculino). Este padrão também fez-se presente, em menor intensidade, nos demais países envolvidos neste trabalho.

Nos sanitários femininos de todos os países, principalmente nos localizados nos EUA e na Itália, os grafitos classificados como lexicais continham, igualmente, xingamentos, nomes e assinaturas, mas muitos deles também continham dois nomes unidos de maneira a indicar uma ligação amorosa: "*Daraf & Steven*" (EUA – banheiro feminino) e "LEO e ALE" (Itália – banheiro feminino).

Os textuais, nesta pesquisa, consistiam, no Brasil, basicamente, em expressões de opiniões políticas e em relatos de aventuras sexuais ou busca de contatos homossexuais. Na Alemanha, nos banheiros masculinos, havia grande quantidade de longos grafitos a respeito de questões relativas a preconceitos e girando em torno de temas existenciais nos banheiros masculinos e, nos femininos, discussões a respeito do amor. Nos outros países, os grafitos de estrutura textual versavam sobre diferentes tópicos, tais como amor (em especial nos banheiros femininos da Espanha), política (principalmente nos banheiros masculinos e femininos da Espanha e da Itália), sexo (particularmente nos banheiros masculinos da Itália, da Espanha e dos EUA). Desabafos, alguns bastante longos, foram observados em nossa pesquisa em todos os países, especialmente nos banheiros femininos, tal como este coletado nos EUA: "*I don't understand me. I used to be good. I have no friends. What happened to me? I'm dropping out of school. No one understands. Someone help me. I want to die. I'm already dead. I'm just faking. I just lost anything that meant anything to me. I'm nothing.*" [trad.: "Eu não me compreendo.

Eu costumava ser boa. Eu não tenho amigos. O que aconteceu comigo? Eu estou abandonando a escola. Ninguém entende. Alguém me ajude. Eu quero morrer. Eu já estou morta. Eu estou apenas fingindo. Eu simplesmente perdi tudo que significava alguma coisa para mim. Eu não sou nada."] (EUA – banheiro feminino).

CAPÍTULO 7

Grafitos de banheiro: análise de conteúdo

CAPÍTULO 7

Grafitos de banheiro: análise de conteúdo

"Os grafitos de latrina constituem um ritual de transgressão, como o carnaval e tantos outros existentes na nossa e noutras culturas. Praticada a orgia, puxa-se a descarga e volta-se à vida normal"
Gustavo Guimarães Barbosa, 1985

CAPÍTULO 7
GRAFITOS DE BANHEIRO: ANÁLISE DE CONTEÚDO

7.1. Diferenças sexuais

Com o objetivo de investigar diferenças sexuais nos grafitos de banheiro, um modelo teórico foi construído para predizer o sexo do produtor da inscrição, sendo a variável dependente codificada para o sexo masculino e para o sexo feminino da seguinte forma: sexo masculino = 0 e sexo feminino = 1. O modelo de Regressão Logística, realizado com o auxílio do programa SPSS 10.0 para Windows, foi baseado em 24 preditores para as inscrições verbais e 20 preditores para os desenhos, codificados conforme a ausência ou a presença da variável (ausência = 0 e presença = 1), ou seja, conforme a classificação ou não da inscrição nas diferentes categorias de conteúdo.

Dez equações de Regressão Logística ($\alpha = 0,05$) foram estimadas, duas para cada país incluído na pesquisa, sendo uma delas referente às inscrições verbais e a outra, aos desenhos. Foi empregado o método "*Forward: LR, Stepwise*" para a introdução das variáveis no modelo.

A análise dos dados revelou que homens e mulheres apresentaram algumas diferenças relativas aos conteúdos das inscrições produzidas nos cinco países pesquisados. Foram consideradas relevantes as diferenças sexuais estatisticamente significativas cujas freqüências de inscrições produzidas pelos homens e pelas mulheres houvessem alcançado 5% em relação a pelo menos um dos sexos. Apresentamos, no Apêndice B, as porcentagens de grafitos verbais classificados em todas as categorias de conteúdo.

A fim de incluir na análise das diferenças sexuais algumas comparações entre os países envolvidos na pesquisa, apresentaremos, primeiramente, os resultados obtidos em cada um deles para, então, discuti-los conjuntamente. Procederemos dessa maneira tanto com relação aos grafitos verbais quanto relativamente aos desenhos.

7.1.1. Grafitos verbais

Resultados

No Brasil, as categorias que diferenciaram os homens das mulheres quanto às inscrições verbais foram "sexo", "presença", "faculdade / universidade", "romantismo" e "analidade", conforme pode-se observar na Tabela 7.1:

TABELA 7.1. Inscrições verbais – Conteúdos significativos incluídos no modelo de regressão logística para o Brasil

Temas	BRASIL			
	Homens (%)	Mulheres (%)	Coeficiente	Erro Padrão
Romantismo	0,5	8,8	-3,363***	0,605
Sexo	34,7	50,0	-1,400***	0,268
Presença	5,0	8,8	-1,287**	0,416
Analidade	10,4	1,0	2,700**	1,014
Faculdade/Universidade	15,7	2,9	1,014*	0,600

Os coeficientes podem ser interpretados de forma tal que uma mudança de uma unidade na variável independente resulta em uma mudança de uma unidade no *log likelihood* de um resultado favorável. A razão *log likelihood* para a equação é $(-2 \ln \lambda) = 105{,}631$, gl = 9, $p < 0{,}001$.
$^{*}p < 0{,}05$; $^{**}p < 0{,}01$; $^{***}p < 0{,}001$.

Os brasileiros do sexo masculino fizeram muitas referências a ânus e nádegas, com freqüência significativamente maior que as mulheres (10,4% *x* 1,0%), utilizando uma série de sinônimos para esses termos. Exemplos de inscrições brasileiras masculinas classificadas na categoria de conteúdo "analidade" são: "Raivosa dá a bunda com castanhola", "Era uma vez um cãozinho chamado Nabunda. Um dia ele morreu. O

seu dono ficou sem saber: ele levava Nabunda ou enterrava Nabunda." e "Prá que concordância, prá cagá só precisa do cú e papel prá limpa." Pode-se perceber intenção humorística nessas três inscrições, que, por isso, também estão classificadas na categoria "humor". A terceira delas foi igualmente classificada na categoria "escatologia".

A fotografia a seguir contém um grafito brasileiro masculino classificado nas categorias de conteúdo "analidade" e "sexo":

Luís Augusto Barbosa

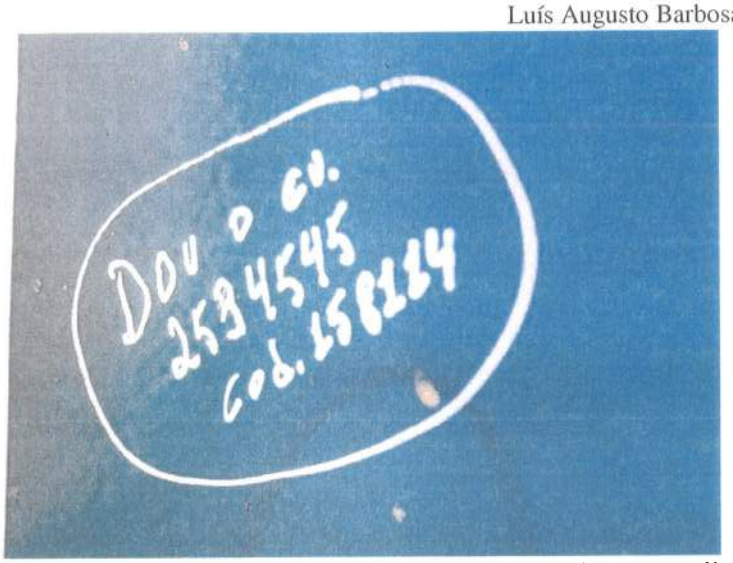


Figura 7.1. Registro fotográfico de inscrição produzida em banheiro masculino brasileiro (julho de 1999).

Os brasileiros também produziram maior quantidade de grafitos classificados na categoria "Faculdade / Universidade" (15,7% *x* 2,9%), que incluía inscrições versando sobre o meio estudantil, tais como: "Poli – Química Cubatão. Os primeiros que sabem pensar", escrito em porta de banheiro masculino da Faculdade de Química da Universidade de São Paulo, "História da USP!!! Que merda", produzido em porta de banheiro da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, e "Debatendo Direito: Deixe aqui a sua opinião, mensagem ou correios", escrito em porta de banheiro masculino da Faculdade de Direito. Algumas vezes, podia-se constatar uma certa rivalidade entre estudantes de diferentes cursos, tal como no grafito "Politécnico só é bom para duas coisas: - Emprestar a mina (se tiver) para os químicos comerem; - Dar a bundinha depilada e fazer uma gulosa (aí vale para a USP inteira)", produzido em banheiro masculino da Faculdade de Química.

As brasileiras escreveram mais que os brasileiros sobre sexo (50,0% *x* 34,7%). São exemplos de inscrições com esse tipo de conteúdo: "Já dei e foi muito gostoso e excitante" e "Gostaria de conhecer mulheres sensíveis, que saibam apreciar carícias doces e sensuais que só outra mulher pode oferecer. Deixe seu recado, estarei esperando por você". Também deixaram, com maior freqüência, assinaturas e nomes nas paredes e portas dos sanitários, classificados na categoria "presença" (8,8% *x* 5,0%): "Mila / 99" e "Emília". Escreveram, ainda, mais mensagens românticas que eles (8,8% *x* 0,5%), como as inscrições "Eduardo eu te amo." e "Na vida só existe dois dilemas / amar ou não amar. / Amar para viver melhor. / Não amar para viver isolado. / Sou dande de Alagoas. / 02/04/99".

A Tabela 7.2 apresenta os temas que diferenciaram homens de mulheres na Itália.

TABELA 7.2. Inscrições verbais – Conteúdos significativos incluídos no modelo de regressão logística para a Itália

Temas	ITÁLIA			
	Homens (%)	**Mulheres (%)**	**Coeficiente**	**Erro Padrão**
Romantismo	1,2	25,8	-3,129***	0,351
Política	31,6	15,6	0,661**	0,223
Esporte	6,7	0,5	2,472*	1,014

A razão *log likelihood* para a equação é (-2 ln λ) = 175,397, gl = 6, $p < 0,001$.
*$p < 0,05$; **$p < 0,01$; ***$p < 0,001$.

As italianas também escreveram quantidade significativamente maior de inscrições classificadas na categoria "romantismo" (25,2% *x* 1,2%) que os homens, como o grafito abaixo, que versa sobre desilusão amorosa, exemplifica::

"*Mauro*
♥ *20-09-97*
† *11-04-99 ... il mio più grande amore*
la mia più grande delusione.
CLA"

[trad.: "Mauro
♥ 20-09-97
† 11-04-99 ... o meu maior amor
a minha maior desilusão.
CLA"]

Essa inscrição foi registrada fotograficamente. Como é comum nos sanitários femininos, a escrita foi feita com letra pequena e tinta fraca, conforme podemos observar na Figura 7.2 abaixo:

Renata Plaza Teixeira

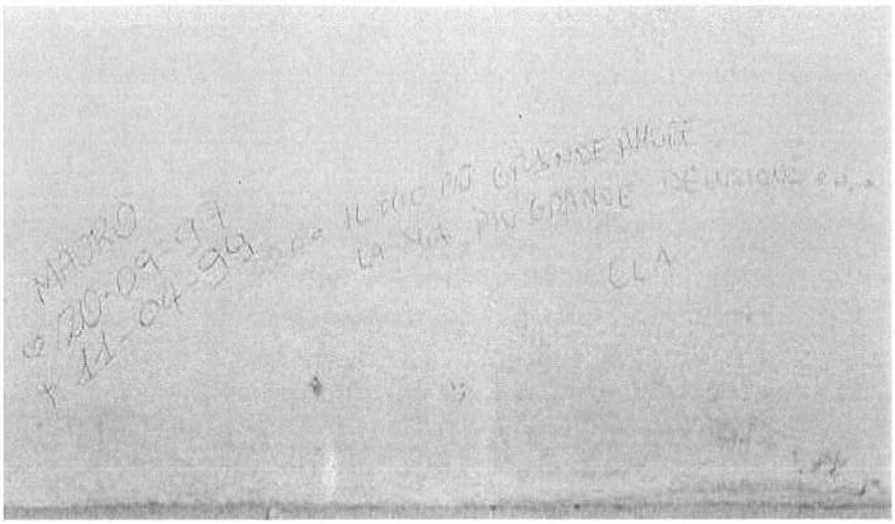


Figura 7.2. Registro fotográfico de inscrição romântica produzida em banheiro feminino italiano (dezembro de 2000).

Muitas foram as inscrições do tipo "*Massi ti amo!!!*" [trad.: "Massi te amo!!!"] e "*Nino ti amo!*" [trad.: "Nino te amo!"] nos sanitários femininos italianos.

"Política" também foi tema que diferenciou os sexos na Itália, com os homens escrevendo sobre esse assunto com freqüência maior que as mulheres (31,6% *x* 15,6%).

Exemplos de inscrições italianas masculinas sobre política são:

"*Fasci bastardi a morte. B ♥ R.*" [trad.: "Morte aos fascistas bastardos. B ♥ R"].

"*No all'imperialismo.* ☭" [trad.: "Não ao Imperialismo. ☭"].

"*Roma resta fascista.*" [trad.: "Roma permanece fascista."]

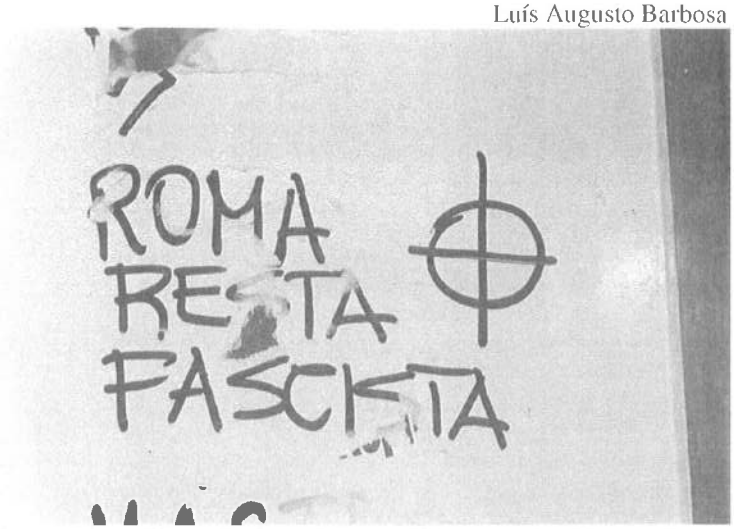


Figura 7.3. Registro fotográfico de inscrição política produzida em banheiro masculino italiano (dezembro de 2000).

Os homens italianos também discorreram muito sobre esporte, em especial o futebol, com freqüência significativamente superior à alcançada pelas mulheres (6,7% *x* 0,5%). Em geral, eles escreveram sobre os times de futebol italianos mais importantes, tais como o "*Lazio*" e o "*Roma*": "*27-11-9x. Lazio-Roma: 0-3.*" e "*Campioni. S. S. Lazio.*" [trad.: "Compeões. Sociedade Desportiva Lazio"].

Na Tabela 7.3, são apresentadas as categorias de conteúdo verbal que diferenciaram homens de mulheres na Espanha.

TABELA 7.3. Inscrições verbais – Conteúdos significativos incluídos no modelo de regressão logística para a Espanha

Temas	ESPANHA			
	Homens (%)	**Mulheres (%)**	**Coeficiente**	**Erro Padrão**
Romantismo	2,8	22,3	-2,501***	0,349
Presença	6,5	13,9	-1,371***	0,294
Faculdade/Universidade	5,4	13,0	-1,674***	0,309
Filosofia	4,9	9,2	-1,027**	0,354
Desabafo	0,7	6,3	-2,089**	0,725
Escatologia	8,9	2,9	1,035*	0,486

A razão *log likelihood* para a equação é $(-2 \ln \lambda) = 157{,}339$, gl = 9, $p < 0{,}001$.
*$p < 0{,}05$; **$p < 0{,}01$; ***$p < 0{,}001$.

Nesse país, foram seis as categorias que diferenciaram os sexos, dentre as quais somente uma apresentou freqüência significativamente superior de inscrições masculinas que femininas: escatologia (8,9% *x* 2,9%). Exemplos de inscrições desse tipo são "*Solo me gusta cagar en mi casa.*" [trad.: "Gosto de defecar só em minha casa"] e "*Que triste es cagar sin tener en la mano un papel, para poderte quitar lo que se ha quedado en la piel.*" [trad.: "Que triste é defecar sem ter nas mãos um papel, para poder retirar o que ficou na pele"].

Assim como as mulheres dos demais países, as espanholas produziram maior número de inscrições românticas que os homens (22,3% *x* 2,8%), como a inscrição *Yo te amo.*" [trad.: "Eu te amo"] exemplifica.

As espanholas também escreveram frases contendo algum tipo de desabafo com maior freqüência que os homens (6,3% *x* 0,7%):

> "*Yo le quería y él a mí, pero la mala suerte nos separó. Ahora yo quiero volver y se supone que el tambien, pero ninguno de los dos nos decidimos a dar un paso por temer a equivocarnos ¿Que puedo hacer? Una que ha encontrado (el amor de su vida)*" [trad.: "Eu o queria e ele a mim, mas a má sorte nos separou. Agora eu quero voltar e parece que ele também, mas nenhum dos dois se decide a dar um passo por temer um equívoco. Que posso fazer? Alguém que encontrou (o amor de sua vida)"].

Desabafo esse que gerou respostas:

> "*Hagas lo que hagas, no te arrepientas, ve donde tu corazón te lleva.*" [trad.: "Faça o que fizer, não se arrependa, veja aonde o teu coração te leva"].
>
> "*No escribas tonterias*" [trad.: "Não escreva bobagens"].

As mulheres espanholas deixaram, igualmente, nomes e assinaturas nas portas e paredes dos banheiros (categoria "presença") com freqüência significativamente maior que os homens (13,9% *x* 6,5%). Exemplos de inscrições desse tipo são "*Esther*" e "*Javi*".

Discorreram, ainda, sobre assuntos relacionados ao local de estudo mais freqüentemente que eles (13,0% *x* 5,4%): "*¿Que tal es el profesor Sagardoy? ¿Es fácil*

aprobar con el?" [trad.: "Que tal é o professor Sagardoy? É fácil ser aprovada com ele?"] e produziram maior proporção de inscrições filosóficas do que eles (9,2% *x* 4,9%). Exemplos de frases filosóficas femininas são:

"*Vivir cada día como si fuera el último*" [trad.: "Viver cada dia como se fosse o último"].

"*¿Para que escribis de la muerte si la vais a vivir, escriba de la vida que la estais viviendo?*" [trad.: "Para que escrever sobre a morte se você ainda irá vivê-la, escreva sobre a vida, pois você a está vivendo?"]

Nos EUA, estudantes do sexo feminino produziram maior quantidade de inscrições românticas (25,6% *x* 5,9%), sexuais (19,8% *x* 13,2%) e de humor (5,8% *x* 2,1%) que os do sexo masculino, conforme pode ser observado na Tabela 7.4.

TABELA 7.4. Inscrições verbais – Conteúdos significativos incluídos no modelo de regressão logística para os EUA

Temas	EUA			
	Homens (%)	Mulheres (%)	Coeficiente	Erro Padrão
Romantismo	5,9	25,6	-1,518***	0,232
Sexo	13,2	19,8	-0,565**	0,210
Humor	2,1	5,8	-0,993**	0,378
Presença	42,6	16,2	0,910***	0,193

A razão *log likelihood* para a equação é $(-2 \ln \lambda) = 159{,}869$, gl = 8, $p < 0{,}001$.
$^{**}p < 0{,}01$; $^{***}p < 0{,}001$.

Ao contrário do Brasil e da Espanha, onde as mulheres realizaram quantidades significativamente maiores de inscrições classificadas na categoria "presença", nos EUA foram os homens que escreveram maior quantidade de grafitos desse tipo (42,6% *x* 16,2%). Nomes ("*Jeff*", "*Jason*" etc.) e assinaturas eram muito comuns nos banheiros masculinos norte-americanos, conforme já mencionado no Capítulo 6 desta tese ("Grafitos de banheiro: análise descritiva e estrutural").

Já as mulheres norte-americanas diferiram significativamente dos homens em três categorias de conteúdo. Mais uma vez, assim como nos demais países, foram mais

românticas (25,6% *x* 5,9%), escrevendo muitas frases com conteúdo versando sobre o amor: "*I love Chris.*" [trad.: "Eu amo Chris"], "*Shaken loves Leny.*" [trad.: "O Shaken ama a Leny"] e "*I ♥ Jay.*" [trad.: "Eu ♥ Jay"].

A fotografia a seguir, de grafito romântico, foi feita em sanitário feminino norte-americano:

Renata Plaza Teixeira

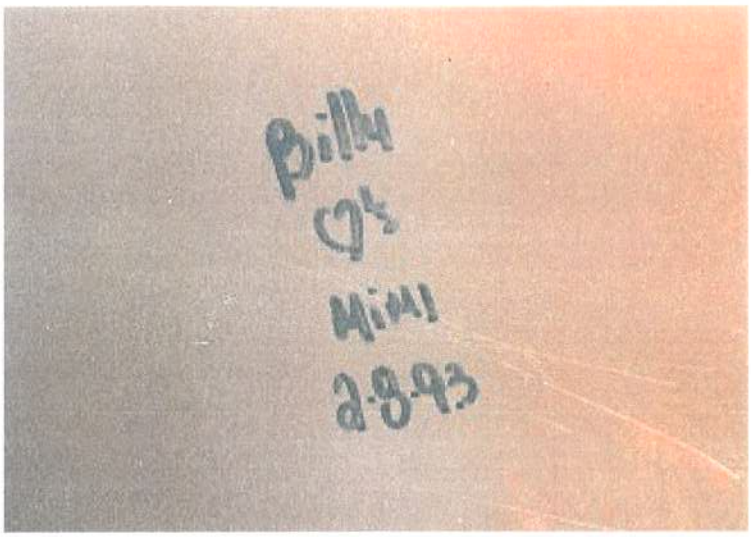


Figura 7.4. Registro fotográfico de grafito romântico encontrado em banheiro feminino norte-americano (setembro de 2000).

As norte-americanas também escreveram mais sobre sexo que os homens (19,8% *x* e 13,2%), produzindo frases como: "*Great sex.*" [trad.: "Sexo excelente"] e "*If your in for a good time. Only sex. Leave your name.*" [trad.: "Se você deseja se divertir. Somente sexo. Deixe seu nome"]. E procuraram conferir um tom de humor aos grafitos com maior freqüência que eles, tal como podemos observar no grafito "*3. Please do not walk around nude*" [trad.: "3. Por favor, não ande nu", frase acrescentada ao aviso em que se lê: "1. Please flush. / 2. Please put sanitary napkins into the container. / Thank you" – trad.: "1. Por favor, aperte a descarga. / 2. Por favor, jogue o absorvente higiênico no recipiente adequado. / Obrigado"], registrado fotograficamente e apresentado na Figura 7.5:

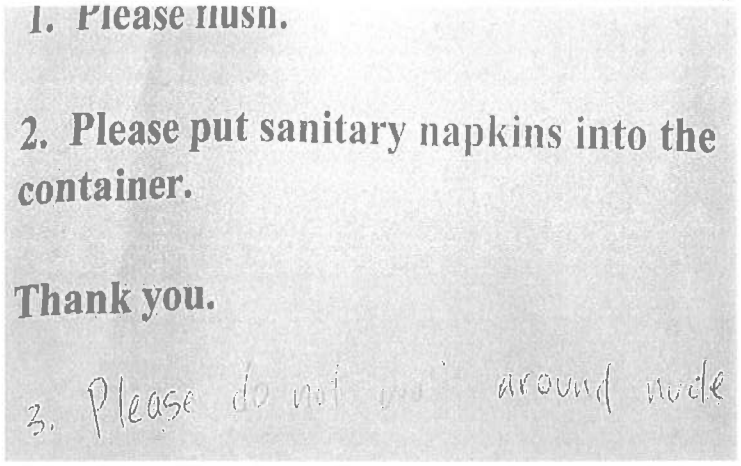


Figura 7.5. Registro fotográfico de grafito encontrado em banheiro feminino norte-americano (setembro de 2000) e classificado na categoria "humor".

Na Alemanha (Tabela 7.5), as mulheres também produziram quantidade significativamente mais elevada de inscrições românticas (15,1% *x* 0,4%), como, por exemplo, o grafito: "*Dann ist es doch Liebe, oder nicht?*" [trad.: "Então isto é amor, ou não?"]

TABELA 7.5. Inscrições verbais – Conteúdos significativos incluídos no modelo de regressão logística para a Alemanha

Temas	ALEMANHA			
	Homens (%)	Mulheres (%)	Coeficiente	Erro Padrão
Romantismo	0,4	15,1	-2,452**	0,801
Relacionamento	0,2	15,1	-3,490**	1,089
Preconceito sexual	2,4	6,8	-1,320**	0,484
Presença	10,1	1,4	2,176**	0,730
Preconceito racial/étnico/social/religioso	13,8	0,7	3,122**	1,015
Política	8,5	3,4	1,195*	0,537
Humor	8,8	2,7	1,433*	0,571

A razão *log likelihood* para a equação é (-2 ln λ) = 182,049, gl = 10, $p < 0,001$.
*$p < 0,05$; **$p < 0,01$.

As alemãs também escreveram mais que os homens sobre relacionamentos (15,1% *x* 0,2%), como ilustra a inscrição "*Die Beziehung ist das Grab der Persönlichkeit.*" [trad.: "A relação é o túmulo da individualidade."]

Produziram, igualmente, maior quantidade de inscrições contendo preconceito sexual (6,8% *x* 2,4%). Exemplos de inscrições femininas alemãs com esse tipo de preconceito são apresentados a seguir:

"*I hate lesben und Schwule very doll*" [trad.: "Eu odeio lésbica e bichas muito boneca"].

"*Du blöde Kuh, bist du etwa lesbisch?*" [trad.: "Sua vaca idiota, você é lésbica, hein?"] (em resposta à inscrição "*Ich bin geil*" [trad.: "Eu sou lasciva"]).

Já os alemães de sexo masculino, seguindo o padrão masculino norte-americano, produziram maior quantidade de grafitos classificados nas categoria de conteúdo "presença" do que as alemãs (10,1% *x* 1,4%). Também nos sanitários masculinos alemães foram encontrados nomes, como "*Anna*", e assinaturas, embora em menor proporção que nos EUA.

Nos banheiros masculinos alemães foram encontradas, ainda, maior freqüência de inscrições contendo preconceito racial, étnico, social ou religioso" (13,8% x 0,7%).

O preconceito, geralmente, era direcionado contra estrangeiros, como exemplificam os grafitos a seguir.

"*Weniger Ausländer = weniger Kriminalität*" [trad.: "Menos estrangeiros = menor criminalidade"].

"*Hallo Asylbetrüger, wie geht`s? Sehr gut, ich bring den Deutschen AIDS. Ich bringe Rauschgift, im Sommer u. Winter, so schön weiβ, für deutsche Kinder. Ich muβ nicht arbeiten, umsonst das Brot, der Deutsche muβ schuften, der Idiot.*" [trad.: "Oi, trapaceiro, que pede asilo sem precisar, como está? Muito bem, eu trago AIDS para os alemães. Eu trago drogas, no verão e no inverno, tão bonita para as mulheres, para as crianças alemãs. Eu não devo trabalhar em vão por pão, os alemães devem se matar de trabalhar, os idiotas."]

"*Rassismus TOP 5 / 1. Israelis (Palestinänser) / 2. Türken (Kurden) / 3. Deutsche (gg. alles andere*) / 4. Amerikaner (Latinos/Schwarze) / 5. Franzosen (Briten) / * Türken, Inder, Schwarze / Asiaten, Gentechnik, / Evolution, Ostdeutsche, / Euro Währung, Europa, / Bildung, usw. usw. ...*" [trad.: 'TOP 5' do Racismo / 1. Israelenses (Palestinos) / 2. Turcos (Curdos) 3. Alemães (todos os outros*) / 4. Americanos (Latinos/Negros) / 5. Franceses (Britânicos) / * Turcos, Indianos, Negros / Asiáticos, Engenharia Genética, / Evolução, Alemanha Oriental, / Moeda 'Euro', Europa, / Educação, etc. etc. ..."]

"*Scheiβ Russen*" [trad.: "Russos de merda"].

Apesar de, numericamente, as inscrições preconceituosas terem predominado, também foram encontrados grafitos revelando crítica ao preconceito, tal como a inscrição:

"*Rassisten sind Arschlöcher Uberall*" [trad.: "Os racistas são todos uns 'cuzões'"].

O grafito "*Nazis Raus*", que significa "Fora Nazistas", apresentado na Figura 7.6 abaixo, contém a expressão de um protesto contra a ideologia nazista:

Figura 7.6. Registro fotográfico encontrado em banheiro masculino alemão (fevereiro de 2001) contendo manifestação contrária ao nazismo.

Ao mesmo tempo em que houve uma grande quantidade de grafitos preconceituosos contra imigrantes, também foram observadas inscrições em outros idiomas que não o alemão, especialmente o inglês, mas também o francês e o árabe. Alguns exemplos são apresentados a seguir:

"*Why drink and drive if you can smoke and fly?*" [trad.: "Por que beber e dirigir se você pode fumar e voar?"]

"*God is dead. / Nitzsche / Nitzsche is dead / God / Nitzsche is God. / The dead*" [trad.: "Deus está morto. / Nietzsche. / Nietzsche está morto. Deus. / Nietzsche é Deus. Os mortos"].

"*Vive la France*" [trad.: "Viva a França"].

É possível que essas inscrições tenham sido feitas por estrangeiros. Contudo, parte delas pode ter sido produzida pelos próprios alemães, principalmente as em inglês, idioma dominado por muitos estudantes da Alemanha e de outros países.

Os alemães do sexo masculino também escreveram mais sobre política que as mulheres (8,5% *x* 3,4%), ainda que com menor freqüência que os homens brasileiros,

italianos e espanhóis. Exemplo de inscrição com conteúdo político é "*In einen Land, in dem sich Proleten solchen Stuss zurechtlegen, ist die Siteration einfach trostlos. Könnt ihr nicht kapieren, daβ ihr von eurer Obrigkeit gedeckelt und benutzt werdet und nicht ausgerechnet die paar Elendsgestalten für euer Schicksal verantwortlich sind?*" [trad.: "Num país onde a gentalha fala estes absurdos, a situação é simplesmente deprimente. Vocês não conseguem entender que são oprimidos e usados pelas autoridades e não pensar que alguns poucos miseráveis são responsáveis por seu destino?"]

Finalmente, os alemães também conferiram um tom de humor às inscrições com maior freqüência que as mulheres (8,8% *x* 2,7%). Foi registrado, em banheiro masculino alemão, por exemplo, um grafito preconceituoso contendo piada cujo alvo eram as mulheres:

"*Warum können Frauen nicht skifahren? / Weil`s in der Küche nicht schneit!*" [trad.: "Por que as mulheres não sabem esquiar? / Porque não neva na cozinha!"]

Discussão

A maior quantidade de grafitos com conteúdo romântico nos banheiros femininos que nos masculinos foi a diferença sexual mais consistente, verificada nos cinco países examinados, diferença essa que alcançou significância estatística em todos eles. As mulheres desses países, portanto, utilizaram as paredes das cabines de banheiro para escrever, entre outros assuntos, sobre o amor. A maior incidência desse tipo de conteúdo dentre as inscrições femininas tem sido constantemente apontada pela literatura (OTTA et al., 1996; TEIXEIRA, 1998; CUNHA, 1999; WALES, BREWER, 1976; ALEXANDER, 1978; BRUNER, KELSO, 1981; AHMED, 1981; BARBOSA, 1982; LOEWENSTINE et al., 1982; SIEGL, 1992; MARTIN, 2001), conforme relatado nos capítulos 2 ("Os grafitos de banheiro") e 5 ("Hipóteses de trabalho e metodologia") desta tese. Dentre os trabalhos com grafitos de banheiro que também apresentaram este resultado, há análises desenvolvidas em uma série de países: Canadá (AHMED, 1981), Áustria (SIEGL, 1992), Irlanda (MARTIN, 2001), EUA (WALES, BREWER, 1976;

ALEXANDER, 1978; BRUNER, KELSO, 1981; LOEWENSTINE et al.) e Brasil (OTTA et al., 1996; TEIXEIRA, 1998; CUNHA, 1999).

Gadsby (1996), em estudo desenvolvido com grafitos de banheiro coletados na Universidade York em Toronto, Ontário, verificou que palavras denotando conexão com outro ser humano, tais como "irmã", "irmão" e "namorado", foram utilizadas por mulheres, mas não por homens.

No presente estudo, as mulheres realmente revelaram maior interesse por relacionamentos interpessoais, principalmente por meio da expressão de seu amor por alguém, com freqüência significativamente mais elevada que os homens em todos os países pesquisados. Na Alemanha, a categoria "relacionamento", que tratava especificamente de relacionamentos humanos, apresentou quantidade superior de inscrições nos banheiros femininos que nos masculinos. Na verdade, com exceção da Itália, essa categoria foi ligeiramente mais freqüente nos sanitários femininos, como pode ser observado no Apêndice B. Na Itália, os homens italianos produziram quantidade maior de grafitos classificados nessa categoria que as mulheres, apesar de esta diferença não ter alcançado relevância estatística, devido a um tipo de inscrição que se repetiu dezessete vezes e tinha este texto básico: "*Cerco ragazzo serio x storia seria. No avventure. Valerio, 0347 488 3843.*" [trad.: "Procuro rapaz sério para história séria. Não aventura. Valério, 0347 488 3843."]

De acordo com alguns autores, os homens obtêm intimidade ao fazer coisas juntos, enquanto as mulheres obtêm intimidade conversando (FISHER, 1992; ANDERSEN, 1999). Talvez os homens não escrevam sobre seus sentimentos simplesmente porque não equacionem intimidade com o ato falar, mas com o ato de fazer. De fato, em todos os países, a categoria "desabafo" foi mais freqüente nos banheiros femininos, conforme também pode ser observado no Apêndice B, tendo essa diferença sido estatisticamente significativa na Espanha.

Segundo Hite (1992), para a maior parte das mulheres é mais fácil falar com outras mulheres, que freqüentemente as estimulam a conversar, do que com a maioria dos homens. Esse talvez seja o motivo pelo qual as mulheres escreveram muito sobre seus sentimentos por seus amados para uma audiência feminina: sabem que podem compartilhar seus sentimentos com outras mulheres. De acordo com Andersen (1999),

há maior troca de emoções calorosas entre mulheres que entre homens. Além disso, ao conversar sobre o amor, elas também divulgam que certos homens já estão ligados a certas mulheres, estabelecendo assim uma rede de informações.

Conforme relatado no Capítulo 5, Dunbar (1996) teoriza que a linguagem evoluiu para que os seres humanos pudessem fofocar. As mulheres tornam públicas suas ligações amorosas ao produzir grafitos sobre elas nas paredes dos lugares públicos. Essas declarações amorosas podem, assim, chegar até seus amados, assegurando-os de sua ligação com eles. Além disso, ao tornar públicos seus casos amorosos, as mulheres podem também obter informação a respeito de eventuais traições ou outras ligações amorosas, tal como podemos observar no seguinte grafito produzido na Itália: "*Felice ti amo.*" ["Felice eu amo você"] / Resposta: "*Lui è mio e lo sarà sempre.*" ["Ele é meu e sempre será."] Bem como estes produzidos nos EUA: "*I ♥ Frank.*" ["Eu ♥ Frank."] / Resposta: "*Well thats a shame cuz last night he was wit' me.*" ["Bem, isso é uma pena porque ontem à noite ele estava comigo."] e "*Mike's taken already.*" ["Mike já tem dona"] / Resposta: "*Mine you bitch.*" ["Ele é meu, sua vagabunda"].

Ou as mulheres são mais românticas que os homens, ou expressam seus sentimentos mais abertamente. Cunha (1999) desenvolveu um estudo com grafitos de banheiro masculinos e femininos produzidos em uma universidade localizada no nordeste do Brasil e concluiu que os homens expressam seus sentimentos e fantasias menos freqüentemente que as mulheres, sendo que o que sobra para eles é o papel reprodutivo, "a função masculina".

Barbosa (1985), que realizou um estudo com grafitos de banheiro de escolas, universidade, fábricas e bares brasileiros, verificou que os homens utilizaram as escritas latrinárias muito menos que as mulheres para falar sobre seus sentimentos. Segundo esse autor, as mulheres foram mais românticas até mesmo quando produziram grafitos sensuais ou eróticos.

Os homens realizaram maior quantidade de grafitos políticos que as mulheres no Brasil, na Itália, na Espanha e na Alemanha, resultados que são apresentados no Apêndice B ("Porcentagens de grafitos verbais em cada categoria"). Somente nos EUA, foi observada maior quantidade de inscrições políticas nos sanitários femininos. No

entanto, neste país, as freqüências desse tipo de conteúdo foram baixas: 2,6% nos banheiros masculinos e 3,4%, nos femininos. A porcentagem masculina norte-americana de inscrições políticas foi a mais baixa dos cinco países pesquisados e a feminina foi igual à alemã, ambas também as mais baixas. A diferença sexual relativamente aos grafitos políticos foi significativa na Alemanha e na Itália.

Vários autores observaram maior quantidade de inscrições políticas nos banheiros masculinos (ALEXANDER, 1978; LOEWENSTINE et al, 1982; SIEGL, 1992; OTTA, 1993; OTTA et al., 1996; TEIXEIRA, 1998). Barbosa (1985), no Brasil, e Schreer e Stritchartz (1997), nos EUA, contudo, verificaram maiores quantidades de grafitos políticos nos sanitários femininos.

Outro tema que foi mais freqüente nos sanitários masculinos que nos femininos nos cinco países pesquisados foi "preconceito racial / étnico / social / religioso" (vide o Apêndice B), tendo essa diferença alcançado significância estatística na Alemanha. A literatura também aponta maior freqüência de inscrições que abordam questões raciais nos banheiros masculinos (KUTAKOFF, 1972; ALEXANDER, 1978; BRUNER, KELSO, 1981; SIEGL, 1992; OTTA, 1993; GADSBY, 1996).

"Insulto" foi uma categoria ligeiramente mais freqüente nos sanitários masculinos que nos femininos no Brasil, na Espanha e na Alemanha, como também é possível observar no Apêndice B. Na Itália e nos EUA, a proporção de inscrições insultuosas produzidas nos banheiros masculinos foi bastante similar à observada nos femininos. Nenhuma dessas diferenças, vale destacar, alcançou significância estatística. Vários autores têm verificado maior incidência de conteúdo agressivo nos banheiros masculinos (BARBOSA, 1985; SIEGL, 1992; PERETTI et al., 1992; OTTA, 1993; OTTA et al, 1996; TEIXEIRA, 1998; GADSBY, 1996; SCHREER, STRITCHARTZ, 1997; MARTIN, 2001).

Houve maior quantidade de grafitos classificados na categoria de conteúdo "escatologia" nos banheiros masculinos que nos femininos no Brasil, na Itália, na Espanha e na Alemanha, tendo essa diferença sido significativa na Espanha. Nos EUA, as proporções de grafitos escatológicos produzidos por homens e mulheres foram bastante semelhantes. Escatologia é tema igualmente apontado pela literatura como

sendo mais comum nos banheiros masculinos (WALES, BREWER, 1976; BARBOSA, 1985; TEIXEIRA, 1998).

Analidade foi, igualmente, tema mais comum nos grafitos masculinos que nos femininos em quatro dos cinco países: Brasil, Espanha, EUA e Alemanha, sendo que essa diferença alcançou significância estatística no Brasil. Na Itália, homens e mulheres produziram quantidades semelhantes de inscrições com esse tipo de conteúdo. Barbosa (1985) e Teixeira (1998), cujos trabalhos foram realizados no Brasil, relataram maior freqüência de grafitos com esse tema nos sanitários masculinos. Seus resultados, juntamente com os obtidos na presente pesquisa, parecem indicar que esse tema é de fato importante para os homens brasileiros.

Segundo a teoria da "válvula de escape", descrita no Capítulo 3 desta tese ("Motivações e funções das inscrições parietais"), os grafitos de banheiro teriam a função de dar vazão a afetos reprimidos, permitindo o retorno do recalcado. Se essa teoria de fato procede, o erotismo anal e os conteúdos a ele relacionados, bem como os associados aos excrementos, são, aparentemente, mais reprimidos nos homens.

Esporte foi outro assunto mais abordado nos banheiros masculinos de quatro países: Brasil, Itália, EUA e Alemanha, sendo que a diferença foi significativa somente na Itália, onde os homens escreveram muito sobre o "Lazio" e o "Roma", os dois times de futebol profissionais de Roma. No Brasil, os times mais mencionados foram o "São Paulo", o "Corinthians" e o "Palmeiras". Nos banheiros masculinos da Espanha, o time de futebol mais citado foi o "*Real Madrid*". Na Alemanha, foram encontradas citações ao "*Bayern*" e ao "*BFC Dynamo*". Nos EUA, apesar de pouco freqüentes, esportes também foram mais mencionados nos sanitários masculinos que nos femininos. Neste país, houve menções ao basquetebol (time "*Knicks*"), ao *baseball* (time "*Mets*") e ao futebol americano (times "*Chaos*" e "*49er's*"), mas não foi verificada qualquer referência ao futebol, esporte citado em todos os demais países incluídos nesta pesquisa.

Na Espanha, diferentemente, as mulheres produziram maior quantidade de inscrições sobre esporte que os homens, sendo todas elas a respeito de futebol. No entanto, a maioria delas continha um tom político, como indicam as frases "*Futbol = instrumento de dominación de masas*" [trad.: "Futebol = instrumento de dominação das massas"] e "*Porque al igual que el futbol siempre hay que inventar algo que aleje a las*

personas de las cosas verdaderamente importantes" [trad.: "Porque assim como o futebol sempre hão de inventar algo que afaste as pessoas das coisas que são verdadeiramente importantes"]. Nos banheiros femininos espanhóis, também foi encontrada a seguinte inscrição: "*Lo mejor es ser del Atletico de Madrid*" [trad.: "O melhor é ser do Atlético de Madri"].

As pessoas, ao escrever frases sobre seus times de futebol preferidos, extravasam emoções a ele associadas e afirmam sua identidade grupal, de pertencimento ao grupo de torcedores daquele time. Ao que tudo indica, isto é mais relevante para os homens.

O grupo é importante referência para o indivíduo, especialmente durante a juventude. Otta e Bussab (1998) mencionam o grande valor que têm os "grupos de referência" durante a adolescência. Eles oferecem condições para que cada um se descubra, buscando a constituição de sua identidade.

A figura a seguir apresenta fotografia que faz referência ao "Corinthians", apelidado de "Timão", bem como provocação aos torcedores do "São Paulo" e do "Palmeiras", comparados a drogas na frase zombeteira "Diga não às drogas":

Luís Augusto Barbosa

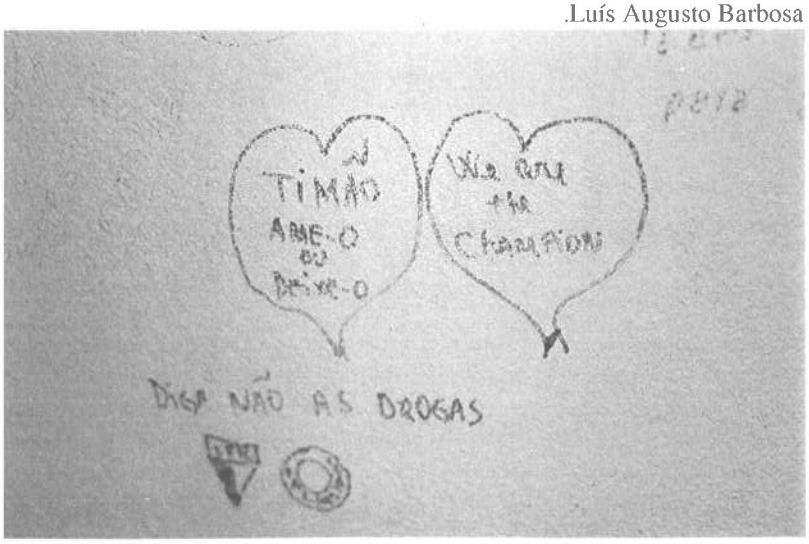


Figura 7.7. Registro fotográfico de grafitos encontrados em banheiro masculino brasileiro (1999) contendo grafito classificado na categoria "esporte".

Duas outras categorias representativas que diferenciaram homens e mulheres em alguns países e que não apresentaram um padrão comum nos cinco contextos pesquisados foram "sexo" e "presença".

"Sexo" diferenciou homens de mulheres no Brasil e nos EUA, sendo que em ambos os países a proporção de inscrições com esse tipo de conteúdo foi maior nos banheiros femininos. Na Espanha e na Alemanha, as diferenças não foram estatisticamente significativas. Na Itália, esse tipo de conteúdo foi mais freqüente nos sanitários masculinos.

Na literatura especializada, sexo é tema freqüentemente mencionado, mas os relatos indicam que de fato manifesta-se de maneiras variadas. Alguns autores observaram maior quantidade de grafitos sexuais em banheiros masculinos (KINSEY et al., 1953; KUTAKOFF, 1972; LOEWENSTINE et al., 1982; ARLUKE et al., 1987; GADSBY, 1996). Outros verificaram proporções semelhantes de inscrições com esse tipo de conteúdo em sanitários femininos e masculinos (AHMED, 1981; BARBOSA, 1985; OTTA, 1993; OTTA et al., 1996; TEIXEIRA, 1998). Siegl (1992), finalmente, constatou quantidade superior de grafitos sexuais nos banheiros femininos que nos masculinos (SIEGL, 1992). Apesar dessas variações, é interessante destacar que somente um pesquisador verificou quantidade significativamente superior de grafitos com esse tipo de conteúdo nos banheiros femininos.

"Presença", finalmente, é uma categoria importante, já que está diretamente relacionada com uma das funções dos grafitos: deixar marca no mundo (DUNDES, 1966; LOMAS, 1976; RAMOS, 1994). Em todos os países, tanto nos sanitários femininos quanto nos masculinos, foram encontrados grafitos classificáveis nessa categoria. Somente na Itália a diferença não foi estatisticamente significativa, onde os homens produziram quantidade ligeiramente superior. No Brasil e na Espanha, as mulheres realizaram proporções maiores de inscrições desse tipo, enquanto nos EUA e na Alemanha foram os homens que produziram maior número de grafitos classificados na categoria "presença".

Escrever o próprio nome ou uma assinatura em portas e paredes de banheiros públicos pode ter a função de marcar presença. No entanto, várias podem ser as suas motivações, tais como o desejo de marcar território e de deixar uma prova de existência.

Talvez para homens e mulheres, a função seja a mesma, mas a motivação seja diversa. Segundo Shaw (1980) e Dundes (1966), escrever em paredes de banheiros pode ter a ver com territorialidade. Em diferentes espécies, a marcação de território é feita com urina ou fezes pelos machos. É possível que para os homens, mais que para as mulheres, as escritas latrinárias, especialmente as do tipo que classificamos na categoria de conteúdo "presença", sejam motivadas pela vontade de marcar território. Para as mulheres, por outro lado, esse comportamento pode ter mais a ver com a necessidade de deixar prova de existência. Talvez, ainda, para homens e mulheres, este comportamento esteja relacionado com a necessidade de afirmação de identidade pessoal, no caso de assinaturas individuais ou de nomes próprios, ou grupal, no caso de assinaturas de gangues.

7.1.2. Desenhos

Resultados

No Brasil, a categoria de conteúdo que diferenciou os homens das mulheres com relação aos desenhos foi "presença", tendo as mulheres produzido quantidade significativamente maior de inscrições desse tipo que os homens (14,3% *x* 0,8%), como é possível observar na Tabela 7.6. Nessa categoria, foram incluídos desenhos estilizados que acompanhavam assinaturas e nomes próprios.

TABELA 7.6. Desenhos – Conteúdo significativo incluído no modelo de regressão logística para o Brasil

Temas	BRASIL			
	Homens (%)	Mulheres (%)	Coeficiente	Erro Padrão
Presença	0,8	14,3	-2,996*	1,475

A razão *log likelihood* para a equação é (-2 ln λ) = 3,279, gl = 1, $p < 0,10$.
*$p < 0,05$.

O único tema que diferenciou os homens das mulheres na Itália foi "romantismo", categoria que incluía especialmente desenhos de corações. As mulheres

realizaram quantidade significativamente maior de inscrições classificadas nessa categoria de conteúdo que os homens (19,4% *x* 1,5%), como pode ser observado na Tabela 7.7:

TABELA 7.7. Desenhos – Conteúdo significativo incluído no modelo de regressão logística para a Itália

Temas	ITÁLIA			
	Homens (%)	Mulheres (%)	Coeficiente	Erro Padrão
Romantismo	1,9	19,4	-3,167***	0,844

A razão *log likelihood* para a equação é (-2 ln λ) = 235,387, gl = 6, $p < 0,001$.
***$p < 0,001$.

Na Espanha, duas categorias de conteúdo diferenciaram os desenhos masculinos dos femininos: "política" e "romantismo" (Tabela 7.8).

Os homens produziram quantidade significativamente maior que as mulheres (61,5% *x* 8,3%) de desenhos classificados na categoria "política", que correspondiam a símbolos políticos (tais como suásticas, desenhos do símbolo do movimento anarquista, do comunismo etc.)

TABELA 7.8. Desenhos – Conteúdos significativos incluídos no modelo de regressão logística para a Espanha

Temas	ESPANHA			
	Homens (%)	Mulheres (%)	Coeficiente	Erro Padrão
Romantismo	2,1	41,7	-2,680**	0,946
Política	61,5	8,3	2,311*	1,101

A razão *log likelihood* para a equação é (-2 ln λ) = 22,663, gl = 2, $p < 0,001$.
*$p < 0,05$; **$p < 0,01$.

Estes são alguns símbolos políticos desenhados nas portas dos banheiros masculinos espanhóis:

realizaram quantidade significativamente maior de inscrições classificadas nessa categoria de conteúdo que os homens (19,4% *x* 1,5%), como pode ser observado na Tabela 7.7:

TABELA 7.7. Desenhos – Conteúdo significativo incluído no modelo de regressão logística para a Itália

Temas	ITÁLIA			
	Homens (%)	Mulheres (%)	Coeficiente	Erro Padrão
Romantismo	1,9	19,4	-3,167***	0,844

A razão *log likelihood* para a equação é (-2 ln λ) = 235,387, gl = 6, $p < 0,001$.
***$p < 0,001$.

Na Espanha, duas categorias de conteúdo diferenciaram os desenhos masculinos dos femininos: "política" e "romantismo" (Tabela 7.8).

Os homens produziram quantidade significativamente maior que as mulheres (61,5% *x* 8,3%) de desenhos classificados na categoria "política", que correspondiam a símbolos políticos (tais como suásticas, desenhos do símbolo do movimento anarquista, do comunismo etc.)

TABELA 7.8. Desenhos – Conteúdos significativos incluídos no modelo de regressão logística para a Espanha

Temas	ESPANHA			
	Homens (%)	Mulheres (%)	Coeficiente	Erro Padrão
Romantismo	2,1	41,7	-2,680**	0,946
Política	61,5	8,3	2,311*	1,101

A razão *log likelihood* para a equação é (-2 ln λ) = 22,663, gl = 2, $p < 0,001$.
*$p < 0,05$; **$p < 0,01$.

Estes são alguns símbolos políticos desenhados nas portas dos banheiros masculinos espanhóis:

Anarquismo Pacifismo Comunismo Comunismo Nazismo Fascismo

Já as espanholas, assim como as italianas e as norte-americanas, produziram quantidade maior de desenhos românticos (41,7% *x* 2,1%).

Nos EUA, 76,5% dos desenhos femininos foram classificados na categoria de conteúdo "romantismo", sendo que somente 13,5% dos desenhos masculinos foram assim classificados, conforme pode ser observado na Tabela 7.9 abaixo:

TABELA 7.9. Desenhos – Conteúdo significativo incluído no modelo de regressão logística para os EUA

Temas	EUA			
	Homens (%)	Mulheres (%)	Coeficiente	Erro Padrão
Romantismo	13,5	76,5	-3,217***	0,491

A razão *log likelihood* para a equação é (-2 ln λ) = 60,826, gl = 2, $p < 0,001$.
***$p < 0,001$.

Na verdade, a maior quantidade de desenhos femininos românticos foi encontrada nos EUA. Nos banheiros femininos norte-americanos, eram bastante comuns os desenhos de coração:

Esses desenhos foram utilizados, muitas vezes, com a função de unir os nomes de duas pessoas, substituindo o verbo amar, como em "*Billy* ♡ *'s Mimi*" [trad.: "Billy ama Mimi"], cujo registro fotográfico é apresentado no item "Diferenças sexuais" acima, na Figura 7.4.

Na Alemanha, a única categoria de conteúdo que diferenciou os homens das mulheres com relação aos desenhos foi "figura antropomorfa", que incluía qualquer

desenho semelhante à figura humana, tendo as mulheres realizado quantidade significativamente superior de inscrições desse tipo que os homens: 32,1% *x* 7,7%, conforme pode ser observado na Tabela 7.10:

TABELA 7.10. Desenhos – Conteúdo significativo incluído no modelo de regressão logística para a Alemanha

Temas	ALEMANHA			
	Homens (%)	Mulheres (%)	Coeficiente	Erro Padrão
Figura antropomorfa	7,7	32,1	-2,043*	0,851

A razão *log likelihood* para a equação é (-2 ln λ) = 14,336, gl = 2, $p < 0,001$.
*$p < 0,05$.

Discussão

Do ponto de vista das diferenças sexuais, os resultados obtidos com relação aos desenhos confirmaram alguns resultados verificados na análise dos grafitos verbais.

As mulheres, em todos os países, produziram maior quantidade de desenhos com conteúdo romântico, conforme pode ser observado no Apêndice C, "Porcentagens de desenhos em cada categoria" (Brasil: 14,3% *x* 8,3%; Itália: 19,4% *x* 1,9%; Espanha: 41,7% *x* 2,1%; EUA: 76,5% *x* 13,5%; Alemanha: 3,6% *x* 0), sendo que essa diferença foi estatisticamente significativa na Itália, na Espanha e nos EUA. Mostraram-se, portanto, mais românticas que os homens tanto em suas produções verbais quanto em seus desenhos. Os desenhos mais freqüentes encontrados por Barbosa (1985) nos banheiros femininos foram também os corações (83,3%). Otta et al. (1996) e Teixeira (1998) observaram, igualmente, maior quantidade de desenhos desse tipo nos banheiros femininos.

No Brasil e na Itália, as mulheres também realizaram maiores proporções de desenhos classificados na categoria "presença" que os homens. Tratava-se, basicamente, conforme mencionado anteriormente, de desenhos estilizados acompanhando assinaturas ou nomes próprios. É interessante notar que, no Brasil, também houve quantidade

significativamente superior de inscrições verbais classificadas na categoria "presença" nos banheiros femininos que nos masculinos.

Na Espanha, os homens produziram quantidade superior de desenhos com conteúdo político que as mulheres. Em todos os países, na verdade, como também é possível verificar no Apêndice C, foram observadas freqüências mais elevadas de símbolos políticos nos sanitários masculinos que nos femininos, sendo essa diferença estatisticamente significativa apenas com relação às inscrições produzidas nos sanitários espanhóis. Política também foi tema predominantemente masculino dentre as inscrições verbais, já que foram observadas maiores quantidades de inscrições desse tipo nos banheiros masculinos brasileiros, italianos, espanhóis e alemães que nos femininos, sendo que na Espanha essa diferença foi significativa. Vale lembrar que nos EUA, homens e mulheres produziram baixas freqüências de inscrições verbais com esse tipo de conteúdo (2,6% *x* 3,4%). Barbosa (1985) encontrou desenhos de símbolos políticos somente em banheiros masculinos. Otta et al. (1996) e Teixeira (1998) também verificaram a presença de símbolos políticos apenas em sanitários masculinos.

Desenhos com temática sexual foram freqüentes em todos os países envolvidos nesta pesquisa, sendo que as diferenças entre as proporções desse tipo de desenho em banheiros masculinos e femininos não foram estatisticamente significativas. Sexo, portanto, foi conteúdo que inspirou tanto a produção de inscrições verbais quanto de desenhos.

Desenhos de nádegas e ânus foram encontrados com freqüências maiores em banheiros masculinos, especialmente nos brasileiros, como também é possível verificar no Apêndice C, apesar de não terem alcançado diferenças estatisticamente significativas. Não foi observado esse tipo de desenho nos banheiros espanhóis. Barbosa (1985) também constatou a presença de desenhos de nádegas e de ânus somente em banheiros masculinos.

Na Alemanha, ainda, as mulheres desenharam quantidade significativamente superior de figuras antropomorfas do que os homens. Apesar de sem apresentar diferenças sexuais significativas. Desenhos desse tipo também foram observados nos demais países. É interessante notar que foi produzido, em portas e paredes de banheiros

públicos, um tipo de desenho já presente dentre as pinturas pré-históricas realizadas em paredes rochosas, especialmente do Brasil e da Austrália.

O desenho abaixo, realizado em banheiro feminino alemão, ilustra a categoria "figura antropomorfa":

Ana Valéria de Souza Celestino

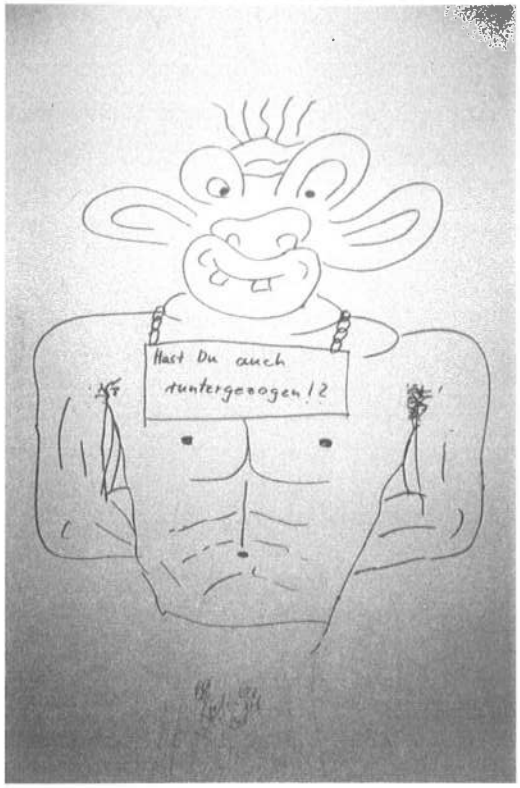


Figura 7.8. Registro fotográfico de desenho produzido em banheiro feminino alemão (maio de 1999) e classificado na categoria "figura antropomorfa".

Na Figura 7.9, apresentamos fotografia de pintura pré-histórica com esse tipo de conteúdo realizada em parede rochosa localizada no Parque Nacional da Serra da Capivara, no Piauí, Brasil:

Figura 7.9. Registro fotográfico de figura antropomorfa realizada em parede rochosa do Parque Nacional da Serra da Capivara, no Piauí, Brasil, há cerca de 10.000 anos (julho de 2002).

Não foram observadas diferenças sexuais significativas com relação aos desenhos de figuras zoomorfas e geométricas em nenhum dos países pesquisados. Contudo, produções desse tipo foram verificadas em alguns banheiros visitados.

Dentre os desenhos, é interessante observar a presença de representações de animais. Figuras zoomorfas, por exemplo, foram encontradas nos sanitários masculinos do Brasil, da Itália, da Espanha e dos EUA, bem como nos femininos da Itália e da Espanha. Este tipo de representação também é encontrado entre as inscrições realizadas no período do Império Romano (CANALI; CAVALLO, 1999). Dentre as inscrições rupestres, figuras zoomorfas eram igualmente freqüentes (LEAKEY, 1982; TRILHAS..., 1998; BAHN, 1998; MÜLLER-KARPE, 1984). Apresentamos, abaixo, alguns registros fotográficos de desenhos realizados em paredes de banheiros, bem como em muro de Pompéia e em parede de abrigo sob rocha do Parque Nacional da Serra da Capivara, no Piauí, Brasil:

Renata Plaza Teixeira

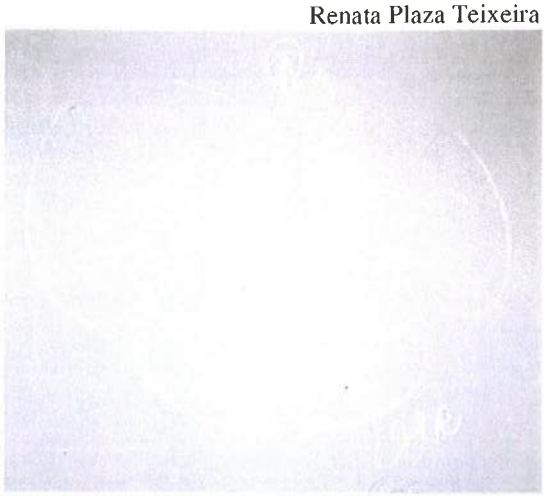


Figura 7.10. Registro fotográfico de figura zoomorfa desenhada em banheiro feminino italiano (dezembro de 2000).

Luís Augusto Barbosa

Figura 7.11. Registro fotográfico de figura zoomorfa desenhada em banheiro masculino brasileiro (dezembro de 2000).

Renata Plaza Teixeira

Figura 7.12. Registro fotográfico de figura zoomorfa (provavelmente um cavalo) inscrita em parede de Pompéia (corredor do Teatro Grande), na Itália, há mais de 1.900 anos (fevereiro de 2001).

Luís Augusto Barbosa

Figura 7.13. Registro fotográfico de figura zoomorfa pintada em parede rochosa do Parque Nacional da Serra da Capivara, no Piauí, Brasil, por volta de 10.000 anos atrás (fotografia feita em julho de 2002).

Finalmente, também foram observadas, em todos os países, desenhos de figuras geométricas, tais como círculos, quadrados, retângulos e triângulos, tanto nos banheiros masculinos quanto nos femininos. Dentre as pinturas rupestres, além de figuras antropomorfas e zoomorfas, também foram observadas figuras geométricas. No Piauí, nos Parques Nacionais da Serra da Capivara e da Serra das Confusões, a autora deste trabalho pôde fotografar algumas figuras desse tipo, também denominadas "grafismos puros", tais como triângulos, retângulos e círculos concêntricos (GUIDON, 1985; PESSIS, 1992; MARTIN, 1999).

A fotografia abaixo de porta de banheiro masculino espanhol apresenta uma série de desenhos: símbolos políticos (suástica, cruz céltica, símbolo do movimento anarquista), figuras geométricas (círculo, quadrado) e figura antropomorfa esquemática.

Javier Garcia Jusdado

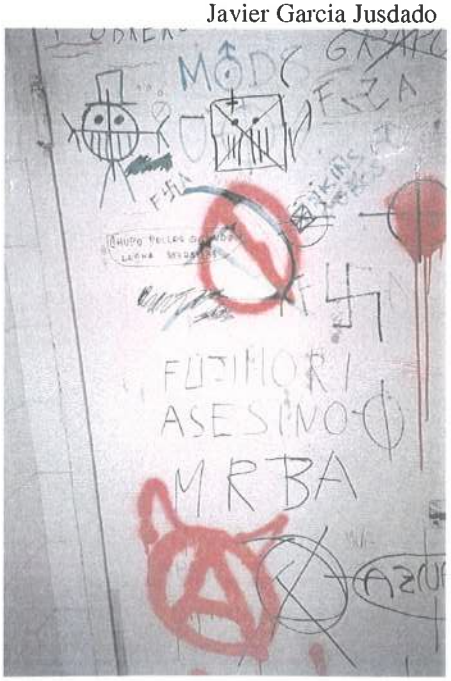


Figura 7.14. Registro fotográfico de porta de banheiro masculino espanhol (setembro de 1998) contendo desenhos.

A figura 7.15 apresenta fotografia de grafismo puro (círculos concêntricos) produzido há cerca de 10.000 em parede rochosa do Parque Nacional da Serra das Confusões, no Piauí, Brasil.

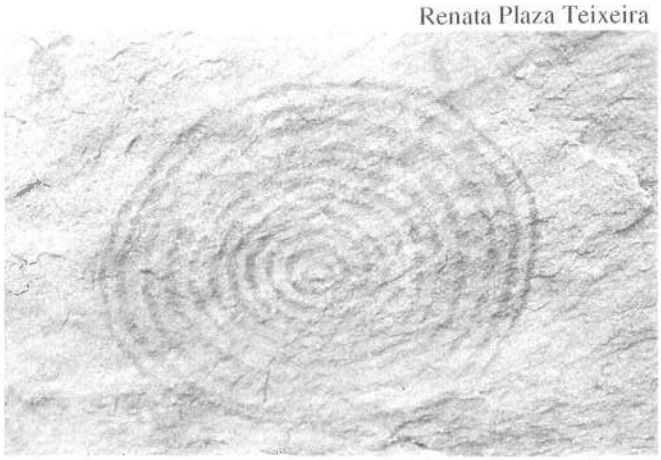


Figura 7.15. Registro fotográfico de grafismo (círculos concêntricos) produzido em parede rochosa do Parque Nacional da Serra das Confusões, no Piauí, Brasil (julho de 2002).

7.2. Diferenças culturais

Verificadas as categorias de conteúdo que diferenciaram os homens das mulheres em cada um dos países pesquisados, foi desenvolvida uma análise que objetivou investigar as categorias diferenciadoras dos homens entre si nos países pesquisados, bem como as categorias que diferenciaram as mulheres entre si nesses países. Testes de qui-quadrado foram realizados para comparação de cada uma das categorias com todas as demais agrupadas, acompanhados de análises dos resíduos ajustados, tanto para as inscrições verbais quanto para os desenhos produzidos nos banheiros masculinos e femininos.

Muitos cotejamentos entre os países já foram realizados nas análises até aqui efetuadas. O objetivo desta nova análise foi destacar algumas diferenças e semelhanças entre os grafitos realizados pelos indivíduos de um mesmo sexo conforme o país de produção dessas inscrições.

7.2.2.1. Grafitos verbais masculinos

Resultados

Na Tabela 7.11, a seguir, é apresentada a distribuição das inscrições verbais masculinas nos cinco países investigados (N=3.792). Foram incluídas na tabela as categorias de conteúdo que apresentaram freqüência de inscrições de no mínimo 5% em pelo menos um dos países, bem como valor significativamente superior ou inferior ao esperado pelo acaso em também pelo menos um país.

TABELA 7.11. Distribuição das inscrições verbais masculinas em diferentes categorias de conteúdo nos cinco países pesquisados (os valores correspondem a porcentagens)

	BRASIL (N=1.283)	ITÁLIA (N=931)	ESPANHA (N=428)	EUA (N=606)	ALEMANHA (N=544)
Sexo $\chi^2_{(4)} = 142{,}279$, $p < 0{,}001$	34,7*** (+)	20,4** (-)	24,5	13,2*** (-)	16,5*** (-)
Romantismo $\chi^2_{(4)} = 83{,}924$, $p < 0{,}001$	0,5*** (-)	1,2	2,8	5,9*** (+)	0,4** (-)
Política $\chi^2_{(4)} = 312{,}192$, $p < 0{,}001$	22,0	31,6*** (+)	38,1*** (+)	2,6*** (-)	8,5*** (-)
Presença $\chi^2_{(4)} = 500{,}428$, $p < 0{,}001$	5,0*** (-)	17,9* (+)	6,5*** (-)	42,6*** (+)	10,1*** (-)
Faculdade/Universidade $\chi^2_{(4)} = 160{,}100$, $p < 0{,}001$	15,7*** (+)	3,1*** (-)	5,4* (-)	2,1*** (-)	10,5
Esporte $\chi^2_{(4)} = 58{,}352$, $p < 0{,}001$	2,6** (-)	6,7*** (+)	1,6* (-)	0,7*** (-)	6,3*** (+)
Humor $\chi^2_{(4)} = 119{,}677$, $p < 0{,}001$	11,7*** (+)	1,4*** (-)	5,8	2,1*** (-)	8,8* (+)
Preconceito racial/étnico/social/religioso $\chi^2_{(4)} = 129{,}555$, $p < 0{,}001$	5,5	1,2*** (-)	1,4*** (-)	4,5	13,8*** (+)
Preconceito sexual $\chi^2_{(4)} = 99{,}579$, $p < 0{,}001$	10,1*** (+)	1,8*** (-)	10,7*** (+)	4,1* (-)	2,4*** (-)
Insulto $\chi^2_{(4)} = 31{,}242$, $p < 0{,}001$	24,4* (+)	18,7** (-)	19,4	18,2* (-)	28,7*** (+)
Escatologia $\chi^2_{(4)} = 31{,}114$, $p < 0{,}001$	6,2	5,5* (-)	8,9	5,4	12,1*** (+)
Analidade $\chi^2_{(4)} = 91{,}827$, $p < 0{,}001$	10,4*** (+)	2,8*** (-)	1,9*** (-)	3,0** (-)	4,2
Filosofia $\chi^2_{(4)} = 27{,}748$, $p < 0{,}001$	3,0	2,4	4,9* (+)	0,8*** (-)	5,5*** (+)

*$p < 0{,}05$; **$p < 0{,}01$; ***$p < 0{,}001$.

O sinal positivo indica freqüência observada superior ao esperado pelo acaso e o sinal negativo, inferior ao esperado pelo acaso.

Apesar de terem produzido, de maneira geral, quantidades inferiores de grafitos verbais românticos quando comparados com as mulheres, houve diferenças culturais com relação às quantidades de inscrições com esse tipo de conteúdo realizadas pelos homens. Os norte-americanos foram os que mais produziram inscrições classificadas nessa categoria (5,9%), tendo os brasileiros (0,5%) e os alemães (0,4%) produzido as menores freqüências de grafitos românticos.

Nos EUA, dentre as 680 inscrições masculinas, houve oito declarações amorosas de um certo "Canito" por uma certa "Nydia": "*Canito loves Nydia. 3-7-98*" [trad.: "Canito ama Nydia 3-7-98"], grafito cujo registro fotográfico é apresentado abaixo:

Luís Augusto Barbosa

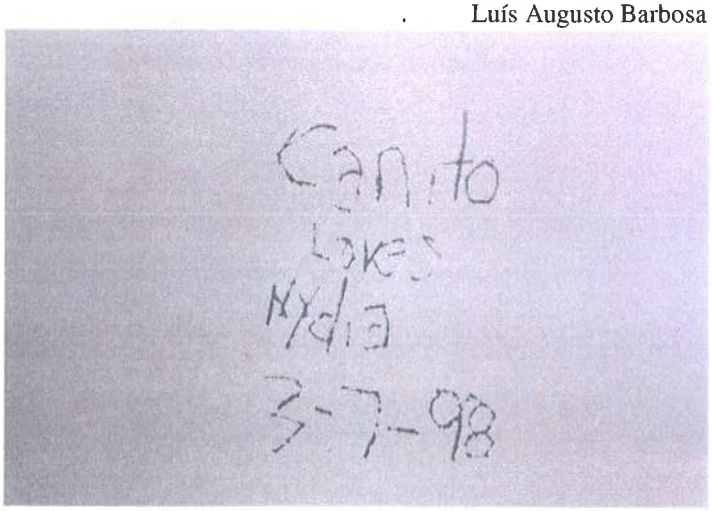


Figura 7.16. Registro fotográfico de grafito romântico produzido em banheiro masculino norte-americano (setembro de 2000).

Também foram encontrados, nos banheiros masculinos dos EUA, outros grafitos românticos, tais como "*Courtney – N – Sandrene*" [trad.: "Courtney e Sandrene"], "*Ric – N – Leonor*" [trad.: "Ric – N – Leonor"] e "*I love you Laura*" [trad.: "Eu te amo, Laura"].

Os homens italianos e os espanhóis foram os que produziram as maiores quantidades de inscrições verbais políticas (Itália: 31,6% e Espanha: 38,1%), tendo os norte-americanos e os alemães produzido as menores freqüências (EUA: 2,6% e Alemanha: 8,5%). Os brasileiros também realizaram quantidade elevada de inscrições

políticas (22%), mas esse valor não alcançou significância estatística quando comparado com os observados nos outros países.

Apresentamos, abaixo, registro fotográfico de porta de banheiro masculino espanhol contendo inscrições políticas, tais como "*Patriotas idiotas*" e "*Vivan los pueblos / Mueran las patrias*" [trad.: "Vivam os povos / morram as pátrias"].

Javier Garcia Jusdado

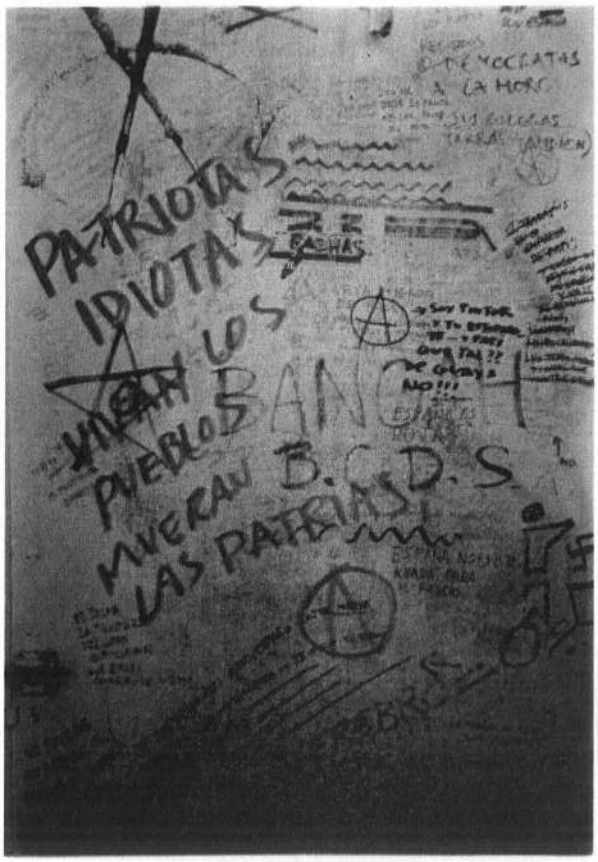


Figura 7.17. Registro fotográfico de porta de banheiro masculino espanhol contendo inscrições políticas (setembro de 2000).

O grafito abaixo, cujo conteúdo faz uma crítica à interferência da igreja, foi encontrado em banheiro masculino italiano. Registro fotográfico dessa inscrição é apresentado na Figura 7.18.

"*Basta con le interferenze*
della chiesa nella vita civile!
W lo stato laico e democratico!
M l'oscurantismo religioso."
[trad.: "Chega com as interferências
da igreja na vida civil!
Viva o estado laico e democrático!
Abaixo o obscurantismo religioso."]

Luís Augusto Barbosa

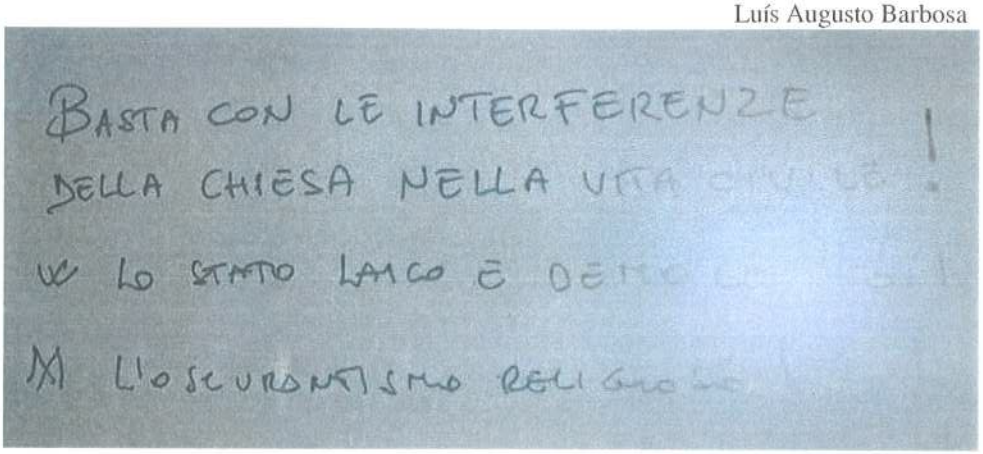


Figura 7.18. Registro fotográfico de inscrição política produzida em banheiro masculino italiano (dezembro de 2000).

Nesta análise, pudemos constatar que os norte-americanos do sexo masculino foram os que produziram a maior quantidade de inscrições verbais classificadas na categoria de conteúdo "presença" (42,6%). Italianos também produziram elevada quantidade de grafitos desse tipo (17,9%). As menores freqüências de inscrições classificadas nessa categoria de conteúdo foram observadas nos banheiros masculinos brasileiros (5,0%), espanhóis (6,5%) e alemães (10,1%).

Apresentamos, abaixo, registro fotográfico de assinatura produzida em banheiro masculino italiano:

Luís Augusto Barbosa

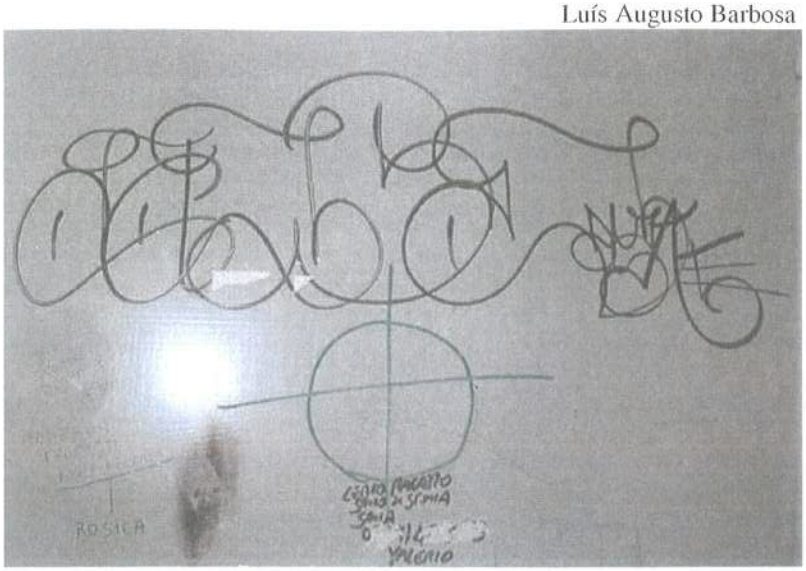


Figura 7.19. Registro fotográfico de porta de banheiro masculino italiano contendo assinatura (dezembro de 2000).

Nos banheiros masculinos brasileiros, foi encontrada quantidade superior de inscrições a respeito do ambiente universitário (15,7%), tema pouco abordado por italianos (3,1%), espanhóis (5,4%) e norte-americanos (2,1%). O seguinte grafito, produzido em banheiro masculino brasileiro, além de estar relacionado com o ambiente universitário, também tem conteúdo sexual e reveste-se de uma certa dose de humor:

"A professora de G.A. tem uma pintinha na nádega direita."

Esporte, especialmente futebol, foi tema abordado prioritariamente por italianos (6,7%) e alemães (6,3%), sendo menos freqüente no Brasil (2,6%), na Espanha (5,4%) e nos EUA (0,7%).

A categoria "humor", por sua vez, apresentou freqüência de inscrições significativamente superior nos banheiros masculinos brasileiros (11,7%) e alemães (8,8%), e inferior na Itália (1,4%) e nos EUA (2,1%).

Preconceito sexual foi tema que apresentou freqüências elevadas de grafitos nos banheiros masculinos brasileiros e espanhóis (10,1% e 10,7%). Preconceito racial, étnico, social e religioso foi mais freqüente nos sanitários masculinos da Alemanha

(13,8%). Na Alemanha, ainda, e no Brasil, foram verificadas quantidades mais elevadas de insultos (28,7% e 24,4%)

A inscrição abaixo, coletada em sanitário masculino alemão, contém preconceito contra imigrantes:

> "*Die Statistik beweist nichts! Es werden mehr Deutsche Opfer auslandischer Verbrecher, als umgekehrt!!! Deshalb: Diese Ausländer raus!*" [trad.: "A estatística não prova nada! Existem mais vítimas alemãs de bandidos estrangeiros do que o contrário! Por isso: fora com esses estrangeiros!"]

Os banheiros masculinos da Itália e da Espanha foram os que apresentaram as menores freqüências de grafitos contendo preconceito racial, étnico, social e religioso (1,2% e 1,4%, respectivamente).

Ao compararmos os grafitos produzidos nos sanitários masculinos dos diferentes países, verificamos que os brasileiros foram os que maior número de inscrições classificadas na categoria "analidade" produziram (10,4%).

Conteúdos filosóficos foram, finalmente, mais freqüentes em banheiros masculinos espanhóis (4,9%) e alemães (5,5%), tendo sido menos freqüentes nos norte-americanos (0,8%).

Exemplo de grafito espanhol de conteúdo filosófico é: "*Tu destino ya esta marcado al nacer*" [trad.: "Teu destino já está marcado ao nascer"], que gerou comentário: "*incluso antes*" [trad.: "inclusive antes"].

A inscrição a seguir, que mescla filosofia e humor, foi observada em banheiro masculino alemão:

"*God is dead. Nietzsche. / Nietzche is dead. God.*" [trad.: "Deus está morto. Nietzsche. / Nietzche está morto. Deus."]

Discussão

Nesta análise pudemos visualizar, mais uma vez, o padrão de maior freqüência de conteúdos políticos em grafitos produzidos nos países latinos, cujas culturas são consideradas do tipo coletivista por Andersen (1999). Ahmed (1981) analisou grafitos de banheiros de escolas canadenses de língua francesa e de língua inglesa e constatou maior

freqüência de inscrições políticas nas de língua francesa, idioma também de origem latina.

Apesar de o Brasil ser popularmente conhecido como o "país do futebol", a Itália e a Alemanha, países também amantes desse esporte, produziram maiores quantidades de grafitos a respeito dele, apresentando freqüências mais elevadas de inscrições classificadas na correspondente categoria "esporte". Os times aos quais os italianos referiram-se com maior freqüência foram o "*Lazio*" e o "*Roma*". Já o alemães referiram-se bastante ao "*BFC Dynamo*" e "*Bayern*".

O humor, mais freqüente nos banheiros masculinos brasileiros e alemães, muitas vezes resvalou no preconceito, adquirindo até mesmo um tom agressivo e gerando respostas também muitas vezes agressivas. O seguinte grafito foi encontrado em banheiro masculino brasileiro:

"Mulher de advogado é igual coqueiro, pode trepar que não tem galho."

Essa inscrição gerou os seguintes comentários:

"Você sabe bem do assunto, pois seu pai era advogado!"
"Pois advogado é tudo viado. Ele xxx."
"Sou advogado e comi tua mãe!"

O grafito abaixo, por sua vez, revela intenção humorística e foi encontrado em banheiro masculino alemão:

"*Wer das list scheiβt in einem Winkel von 45°*"
[trad.: "Quem lê isto caga num ângulo de 45° graus"].

A presença do humor nos grafitos de banheiro foi estudada por Pellegrini Filho (1987), segundo o qual "o espírito jocoso permeia em outras categorias, tornando até

impossível dissociá-lo dos assuntos; é uma constante na Latrinália". Reisner (1971) também destacou a existência de humor entre os grafitos, apontando que ele raramente está associado a algo positivo.

Nos exemplos alemães aqui citados, percebe-se que o humor está ligado a conteúdos negativos, muitas vezes servindo o propósito de agredir alguém, seja por intermédio de frases preconceituosas, seja por meio de críticas e insultos. De fato, alguns autores explicam que o humor pode servir como um tipo de disfarce para conteúdos que não são bem aceitos socialmente. Segundo Barbosa (1985), trata-se de um eufemismo seguro, uma vez que mesmo frases bastante hostis podem ser produzidas em tom de brincadeira. Lomas (1973), igualmente, afirma que as piadas permitem que instintos sexuais ou hostis sejam expressos de maneira dissimulada. O humor, de acordo com Otta e Bussab (1998), "é uma forma de crítica poderosa" (OTTA; BUSSAB, 1998, p.57).

Nos banheiros masculinos do Brasil e da Espanha, houve maior freqüência de grafitos contendo preconceito sexual. No Brasil, ainda, foi observada quantidade mais elevada de insultos. Os brasileiros empregaram termos referentes à homossexualidade masculina para produzir xingamentos, tais como "bicha", "viado" e sinônimos. Esse resultado já havia sido encontrado em estudo anterior (TEIXEIRA, 1998), quando se constatou que em grafitos coletados em banheiros universitários a agressividade masculina era dirigida em especial contra homossexuais masculinos e a feminina, contra as mulheres de comportamento sexual promíscuo.

Nos banheiros masculinos espanhóis, a palavra "*maricón*", termo pejorativo para referir-se a homossexuais masculinos, foi freqüentemente empregada, indicando existir lá também grafitos relacionados a preconceito sexual.

Além da utilização de vocábulos relativos à homossexualidade masculina para produzir insultos, também foram empregados, nos banheiros masculinos brasileiros, outros tipos de xingamento, tais como "vai se foder", "vai tomar no cu" e "seu filho da puta". A seguinte inscrição de teor político contém insultos e, paradoxalmente, já que aparentemente combate o comportamento preconceituoso, denota preconceito sexual:

" Todo reacionário é um bicha enrustido e preconceituoso. Direita: vá se foder." (Brasil – banheiro masculino).

Nos banheiros masculinos alemães, foi observada maior freqüência de grafitos classificados na categoria "preconceito racial / étnico / social / religioso". Os grafitos masculinos alemães preconceituosos continham xingamentos dirigidos especialmente contra estrangeiros e judeus, talvez por isso Alemanha também também tenha alcançado a mais elevada mais elevada quantidade de insultos.

O seguinte grafito preconceituoso e insultuoso foi coletado em banheiro masculino alemão: "*Scheiβ Ossis*" [trad.: "Alemães orientais de merda"]. Os dados alemães foram coletados em universidades berlinenses. É interessante observar que, apesar de já ter caído o "Muro de Berlim", há ainda uma separação social e psicológica entre ocidentais e orientais. Aparentemente, esse muro continua presente no imaginário popular alemão.

Existe uma série de teorias que tentam explicar a agressividade humana, relacionando-a inclusive à sexualidade. Eibl-Eibesfeldt (1989) relata a hipótese de que a agressão e o medo se achem relacionados à excitação sexual. No homem, haveria uma relação positiva entre agressão e excitação sexual. Já no sexo feminino, a agressão inibiria a sexualidade. A grande quantidade de grafitos sexuais agressivos produzidos pelos homens poderia ser interpretada, segundo a linha de raciocínio do autor, em termos de associação entre excitação sexual e agressão.

Foi observada, nos banheiros masculinos da Alemanha, ainda, quantidade superior de inscrições de conteúdo escatológico (12,1%), fato igualmente verificado nos banheiros femininos alemães (9,6%).

O seguinte grafito, observado em banheiro masculino alemão de uma Faculdade de Direito, faz uma crítica ao Direito empregando palavra de teor escatológico:

"*Jura ist der letzte Scheiss*" [trad.: "Direito é a última merda"].

Inscrição essa que gerou resposta também com conteúdo escatológico:

"*Aberzum kacken ist es dir wohl gut genug hier, was?!!*" [trad.: "Mas para cagar aqui é bom o suficiente, não é?!!"]

É interessante observar que a inscrição "*God is dead. Nietzsche. / Nietzche is dead. God.*" [trad.: "Deus está morto. Nietzsche. / Nietzche está morto. Deus."] já foi citada por dois pesquisadores de grafitos, Bonuso (1976) e Read (1978). Segundo Pellegrini Filho (1987), parte dos grafitos de banheiro, de tão repetidos, inclui-se entre as tradições populares, integrando o folclore escrito urbano. Talvez esta seja uma frase desse tipo, que já se encontra incorporada nas tradições populares urbanas.

Outras duas frases em inglês contendo reflexão filosófica foram encontradas também em banheiros masculinos alemães: "*War doesn`t determine who is right, just who is left!*" [trad.: "A guerra não determina quem está certo, mas quem é de esquerda!"] e "*Wisdom is realizing how few you know!*" [trad.: "A sabedoria está em perceber como você sabe pouco"].

Na expressão "*War doesn`t determine who is right, just who is left!*", o autor fez um trocadilho ao usar palavra "*right*", que tanto quer dizer "certo", quanto "de direita". Deixou claro que está fazendo um jogo com as palavras ao concluir a frase com a palavra "*left*" ("de esquerda"), ao invés de utilizar o termo "wrong" ("errado"). O emprego de trocadilho em grafitos foi estudado por D'Angelo (1976) e indica certa erudição lingüística.

A frase "*Wisdom is realizing how few you know!*" provavelmente foi escrita por alguém que não domina o idioma inglês, que talvez nem seja sua língua materna, já que a forma "*how little you know*" seria preferível à forma "*how few you know*" segundo a norma culta.

É muito provável, contudo, que alguns desses grafitos em inglês tenham sido escritos pelos próprios estudantes alemães. Talvez isto se deva a uma atitude mais receptiva com relação à cultura norte-americana, provavelmente até por razões históricas recentes, já que os Estados Unidos da América tiveram forte participação na reconstrução da Alemanha no período do pós-guerra. A presença de frases em inglês não só dentre as inscrições alemãs, mas também nos outros países incluídos nesta pesquisa,

pode ser evidência, nessas culturas, ainda, da influência do poderio econômico norte-americano.

7.2.2. Grafitos verbais femininos

Resultados

A Tabela 7.12 apresenta a distribuição das inscrições verbais femininas nos cinco países pesquisados (N=1.000). Os critérios de inclusão das categorias na tabela foram os mesmos empregados no caso das inscrições verbais masculinas.

TABELA 7.12. Distribuição das inscrições verbais femininas em diferentes categorias de conteúdo nos cinco países pesquisados (os valores correspondem a porcentagens)

	BRASIL (N=102)	ITÁLIA (N=186)	ESPANHA (N=238)	EUA (N=328)	ALEMANHA (N=146)
Sexo $\chi^2_{(4)} = 63{,}485$, $p < 0{,}001$	50,0*** (+)	23,7	11,3*** (-)	19,8	23,3
Romantismo $\chi^2_{(4)} = 18{,}631$, $p < 0{,}01$	8,8*** (-)	25,8	22,3	25,6* (+)	15,1* (-)
Política $\chi^2_{(4)} = 56{,}925$, $p < 0{,}001$	7,8	15,6** (+)	20,2*** (+)	3,4*** (-)	3,4** (-)
Presença $\chi^2_{(4)} = 22{,}724$, $p < 0{,}001$	8,8	12,9	13,9	16,2** (+)	1,4*** (-)
Faculdade/ Universidade $\chi^2_{(4)} = 51{,}080$, $p < 0{,}001$	2,9	0,5	13,0*** (+)	1,8*** (-)	11,0** (+)
Humor $\chi^2_{(4)} = 11{,}737$, $p < 0{,}05$	4,9	2,7	13,0*** (+)	1,8*** (-)	11,0** (+)
Preconceito sexual $\chi^2_{(4)} = 19{,}390$, $p < 0{,}01$	9,8*** (+)	2,2	4,2	1,5** (-)	6,8* (+)
Escatologia $\chi^2_{(4)} = 20{,}393$, $p < 0{,}001$	0,0* (-)	1,6	2,9	5,5	9,6*** (+)
Filosofia $\chi^2_{(4)} = 28{,}967$, $p < 0{,}001$	4,9	2,7	9,2*** (+)	1,2*** (-)	10,3** (+)
Desabafo $\chi^2_{(4)} = 24{,}186$, $p < 0{,}001$	2,0	1,1* (-)	6,3	3,0	11,0*** (+)
Relacionamento $\chi^2_{(4)} = 71{,}081$, $p < 0{,}001$	3,9	0,0** (-)	2,1	1,2** (-)	15,1*** (+)

*$p < 0{,}05$; **$p < 0{,}01$; ***$p < 0{,}001$.

O sinal positivo indica freqüência observada superior ao esperado pelo acaso e o sinal negativo, inferior ao esperado pelo acaso.

As mulheres brasileiras foram as que produziram a maior quantidade de inscrições verbais de conteúdo sexual (50,0%), valor bem superior ao esperado pelo acaso. A Espanha realizou quantidade significativamente inferior de inscrições verbais sexuais que as mulheres dos demais países (11,3%). Exemplo de inscrição sexual feminina brasileira é "Adoro trepar".

Por outro lado, as brasileiras foram as mulheres que menor quantidade de inscrições verbais românticas produziram (8,8%). As norte-americanas produziram quantidade significativamente superior de grafitos verbais de conteúdo romântico (25,6%), do tipo "*I love Courtney 5-25-98*" [trad.: "Eu amo Courtney 5-25-98"].

Assim como ocorreu com relação aos grafitos produzidos nos sanitários masculinos, política foi tema mais freqüente nos banheiros femininos italianos (15,6%) e espanhóis (20,2%). Na verdade, as italianas realizaram quantidade de inscrições verbais significativamente superior à produzida pelas mulheres dos outros países apenas relativamente a este tema. Já as norte-americanas e as alemãs produziram quantidades significativamente inferiores de inscrições verbais políticas (3,4% nos dois países).

São exemplos de inscrições políticas produzidas em banheiros femininos italianos: "*RIVOLUZIONE!*" [trad.: "REVOLUÇÃO!"], "*COMUNISTI!!*" [trad.: "COMUNISTAS!!"] e "*Zecche portano sfiga!!*" [trad.: "Comunistas dão azar"], cujo registro fotográfico é apresentado a seguir.

Renata Plaza Teixeira

Figura 7.20. Registro fotográfico de grafito político produzido em banheiro feminino italiano (dezembro de 2000).

Entre os grafitos políticos produzidos em banheiros femininos espanhóis, foram observadas inscrições do tipo "*País Vasco ∉ España*" [trad.: "País Basco não pertence à Espanha") e "*Lucha antifascista 20-N-98.*" [trad.: "Luta antifascista 20-N-98."]

As mulheres que mais escreveram sobre o próprio ambiente universitário, discorrendo sobre cursos, professores, colegas, a universidade onde estudam, foram as espanholas (13,0%) e as e as alemãs (11,0%). Exemplos de inscrições com esse tipo de conteúdo produzidas em banheiros femininos espanhóis e alemães são "*El Professor Rafael Sanchez Molina es un hijo de puta. Y el sabe porqué*" [trad.: "O Profesor Rafael Sanchez Molina é um filho da puta e ele sabe por quê] e "*Chemies united!*" [trad.: "Química Unida!"] As estudantes que menos produziram grafitos verbais com esse tipo de conteúdo foram as norte-americanas (1,8%).

Espanholas e alemãs também realizaram as maiores quantidades de inscrições verbais classificadas na categoria "humor" (EUA: 13,0% e Alemanha: 11,0%), ao contrário das demais mulheres, em especial as norte-americanas, que produziram a menor quantidade de inscrições desse tipo (1,8%). Exemplos de grafitos classificados nessa categoria de conteúdo são, na Espanha, "*ABOGADAS 2001 LA ODISEA DEL JUZGADO*" [trad.: "ADVOGADAS 2001 A ODISSÉIA DO TRIBUNAL"] e, na Alemanha, o grafito escatológico que também tem um certo tom de humor "*Und das*

beim Scheiβen!" [trad.: "E isso na hora de cagar!"], em resposta à inscrição romântica "*Immer dasselbe / Ich liebe Andreas*" [trad.: "Sempre o mesmo / Eu amo Andréas"].

Brasileiras e alemãs foram as mulheres que produziram as maiores freqüências de grafitos contendo preconceito sexual: 9,8% e 6,8%, respectivamente.

As alemãs realizaram, ainda, proporção maior de inscrições escatológicas (9,6%), ao contrário das brasileiras, que não produziram qualquer inscrição com esse tipo de conteúdo.

Um exemplo de grafito encontrado em banheiro feminino alemão e classificado na categoria "escatologia", mas que também parece conter certo teor de humor e talvez até de preconceito, é: "*Geologie für AnfängerInnen: Aus 3 Bällele Dreck (Hühnerhadu) Worden 2 Tolle Bricketts (Lausitzer Brauen-Kohle!)*" [trad.: "Aula de Geologia para iniciantes: de 3 bolinhas imundas (galinha....) são feitos dois briquetes legais (carvão marrom da região Lausitz!)"]

Nos sanitários femininos alemães foram observadas, também, quantidades superiores de grafitos filosóficos (10,3%), tal como a inscrição "*Selbstliebe ist überhaupt der erste Schritt, um inner ander einzuleiten!*" [trad.: "Amor próprio é o primeiro passo para iniciar um 'outro por dentro'"], de desabafo (11,0%), tal como a inscrição "*Ich bin traurig*" [trad.: "Eu estou triste"] e a respeito de relacionamentos (15,1%), tal como a inscrição "*Aber ich verstehe nicht, warum Dir ein Freund so wichtig ist! Das Single-Leben hat doch gerade an der Uni so viele Vorteile!!! Du bist jung, unabhängig und frei von jeder Verantwortung! In einer Beziehung ist das nicht mehr so einfach!!! Aber falls es dir ein Trost ist: viele Bez. Gehen mit dem Ende dies Studiums auseinander Also - Du hast alle Chancen!!*" [trad.: "Mas eu não entendo por que um namorado é tão importante para você! A vida de solteira tem, principalmente agora na universidade, muitas vantagens!!! Você é jovem, independente e livre de qualquer responsabilidade! Numa relação isto não é mais tão fácil!!! Mas se por acaso isso serve de consolo: muitas relações, com o final dos estudos, se desfazem, portanto você tem todas as chances!!!"].

Assim como as alemãs, as espanholas também produziram quantidades mais elevadas de inscrições de conteúdo filosófico (9,2%), diferente das norte-americanas,

que realizaram poucos grafitos com esse tipo de conteúdo (1,2%). Exemplos de inscrições espanholas produzidas em banheiros femininos e classificadas nessa categoria de conteúdo são:

"*Sin musica la vida seria un error*" [trad.: "Sem música a vida seria um erro"].

"*¿Y q. más de la ideología (xxx) / Todos somos personas, es lo que importa, no?*" [trad.: "E o que mais da ideología (xxx) / Somos todos pessoas, é o que importa, não é?"]

Discussão

Conforme verificado na análise das diferenças sexuais, romantismo entre as mulheres foi universal no *corpus* analisado. Nos cinco países pesquisados, as mulheres foram mais românticas do que os homens, resultado também verificado pela maioria dos autores que analisaram grafitos de banheiro (CUNHA, 1999; OTTA et al., 1996; WALES, BREWER, 1976; ALEXANDER, 1978; BRUNER, KELSO, 1981; AHMED, 1981; BARBOSA, 1982; TEIXEIRA, 1998; MARTIN, 2001). Contudo, a cultura parece modular a expressão do romantismo, uma vez que em alguns países incluídos em nossa pesquisa, as mulheres revelaram-se mais românticas que em outros. As norte-americanas foram as que produziram as mais elevadas quantidades de inscrições com esse tipo de conteúdo, ao contrário das brasileiras e das alemãs, que realizaram as mais baixas freqüências de grafitos românticos.

É interessante observar que houve um padrão com relação aos grafitos políticos: enquanto as mulheres e os homens italianos e espanhóis produziram freqüências significativamente superiores de grafitos com esse tipo de conteúdo, as mulheres e os homens norte-americanos e alemães produziram inscrições políticas com freqüências inferiores de grafitos políticos. Brasileiras e brasileiros escreveram sobre política com freqüências próximas às esperadas pelo acaso.

Além de inscrições verbais românticas, as norte-americanas, assim como os norte-americanos, produziram quantidade superior de inscrições classificadas na

categoria de conteúdo "presença", ao contrário das alemãs, que escreveram quantidade bastante pequena de inscrições desse tipo .

Foram observadas freqüências mais elevadas de grafitos classificados na categoria "humor" nos banheiros femininos espanhóis e alemães. Atribuir ou não caráter de humor a uma inscrição é tarefa difícil, já que o humor parece variar entre os sexos, entre culturas e até individualmente. Muito provavelmente algo que pareça divertido a um alemão talvez não o seja para um brasileiro e vice-versa. Do mesmo modo, algo que soe engraçado a um indivíduo preconceituoso certamente não o será para alguém que não o seja. Assim, trata-se de uma categoria com a qual é difícil trabalhar.

As brasileiras, ao mesmo tempo em que produziram grande quantidade de grafitos verbais de conteúdo sexual, também escreveram muitas inscrições contendo preconceito sexual. Similarmente, as alemãs também produziram quantidade elevada de inscrições desse tipo. É comum, nos banheiros femininos brasileiros e alemães, o uso de termos que se referem ao comportamento sexual promíscuo das mulheres para produzir xingamentos. Assim, freqüentemente utilizaram sinônimos da palavra "prostituta" para insultar outras mulheres, como nos grafitos abaixo:

"Carla / Osasco / Z ≠ 8` / Vagabunda." (sanitário feminino brasileiro).

"São todas galinhas." (sanitário feminino brasileiro).

"*Dir ne Handgranate in den Arsch schieben und dich platzen lassen; du dumme Schlampe*" [trad.: "Enfiar uma granada de mão no seu rabo e deixar você explodir, sua puta idiota"] (sanitário feminino alemão).

7.2.3. Desenhos masculinos

Resultados e discussão

Na Tabela 7.13, é apresentada a distribuição de desenhos masculinos em diferentes categorias de conteúdo nos cinco países que fazem parte desta pesquisa (N=525). Os critérios de inclusão das categorias na tabela foram os mesmos utilizados no caso das inscrições verbais.

O Brasil apresentou quantidades superiores de desenhos classificados nas categorias de conteúdo "sexo" (49,6%), "analidade" (11,6%) e esporte (7,4%).

Assim como ocorreu relativamente às inscrições verbais masculinas, femininas e quanto aos desenhos femininos, sexo também foi tema importante dentre os desenhos realizados nas portas e paredes de banheiros masculinos brasileiros.

TABELA 7.13. Distribuição dos desenhos masculinos em diferentes categorias de conteúdo nos cinco países pesquisados (os valores correspondem a porcentagens)

	BRASIL (N=121)	ITÁLIA (N=208)	ESPANHA (N=96)	EUA (N=74)	ALEMANHA (N=26)
Sexo $\chi^2_{(4)} = 86{,}787$, $p < 0{,}001$	49,6*** (+)	7,2*** (-)	13,5* (-)	21,6	26,9
Romantismo $\chi^2_{(4)} = 21{,}431$, $p < 0{,}001$	8,3	1,9** (-)	2,1	13,5*** (+)	0,0
Política $\chi^2_{(4)} = 130{,}582$, $p < 0{,}001$	25,6*** (-)	70,2*** (+)	61,5** (+)	8,1*** (-)	15,4*** (-)
Esporte $\chi^2_{(4)} = 21{,}558$, $p < 0{,}001$	7,4*** (+)	1,0	0,0	0,0	7,7
Analidade $\chi^2_{(4)} = 36{,}008$, $p < 0{,}001$	11,6*** (+)	0,5** (-)	0,0* (-)	2,7	0,0
Religião $\chi^2_{(4)} = 16{,}125$, $p < 0{,}01$	3,3	1,4	0,0	9,5*** (+)	3,8
Figura antropomorfa $\chi^2_{(4)} = 11{,}830$, $p < 0{,}05$	5,0	4,8	8,3	16,2** (+)	7,7
Estrela $\chi^2_{(4)} = 10{,}807$, $p < 0{,}05$	2,5* (-)	12,0** (+)	5,2	8,1	7,7
Coroa $\chi^2_{(4)} = 42{,}387$, $p < 0{,}001$	0,0	0,5	0,0	0,0	11,5*** (+)

*$p < 0{,}05$; **$p < 0{,}01$; ***$p < 0{,}001$.
O sinal positivo indica freqüência observada superior ao esperado pelo acaso e o sinal negativo, inferior ao esperado pelo acaso.

Nos desenhos masculinos brasileiros, quando comparados com os desenhos produzidos nos sanitários masculinos dos demais países, "analidade" foi categoria mais uma vez relevante. Registro de desenho classificado nessa categoria de conteúdo é apresentado abaixo:

Luís Augusto Barbosa

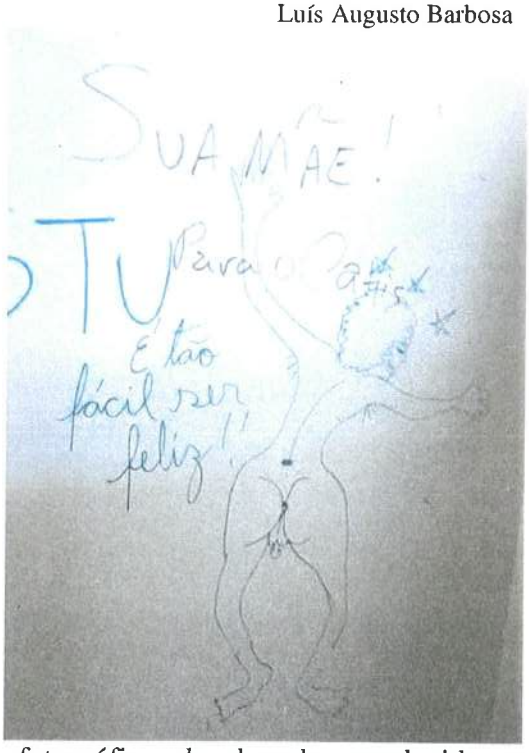


Figura 7.21. Registro fotográfico de desenho produzido em banheiro masculino brasileiro (abril de 1998).

Apesar de não haver muitas inscrições verbais versando a respeito de futebol entre os desenhos produzidos nos banheiros masculinos brasileiros, observamos símbolos de importantes times de futebol, tais como "São Paulo Futebol Clube" ( ) "Corinthians" ( ) e "Palmeiras" ( ).

Nos sanitários masculinos italianos, foram registrados muitos símbolos políticos (70,2%) e estrelas (12,0%), itens algumas vezes integrados em um mesmo grafito, como ilustra a figura abaixo:

Luís Augusto Barbosa

Figura 7.22. Registro fotográfico de desenho político produzido em banheiro masculino italiano (dezembro de 2000).

Nos banheiros masculinos espanhóis houve, igualmente, quantidade mais elevada de desenhos políticos (61,5%).

Nos EUA, foram três as categorias de desenhos que apresentaram freqüências significativamente mais elevadas: "romantismo" (13,5%), "religião" (9,5%) e "figura antropomorfa" (16,2%), ou seja, desenhos da figura humana.

Foram encontrados alguns desenhos de coração nos sanitários masculinos norte-americanos, quase sempre junto a inscrições verbais também românticas, tal como junto ao grafito "*Courtney* -♥- *Sandrene*". Esse tipo de desenho, contudo, foi bem mais freqüente nos banheiros femininos.

A categoria "religião" incluiu, basicamente, nos EUA, país que apresentou a mais elevada proporção de desenhos com esse tipo de conteúdo, desenhos de cruz, como o apresentado no registro fotográfico a seguir, que contém cruz e o número "666":

Luís Augusto Barbosa

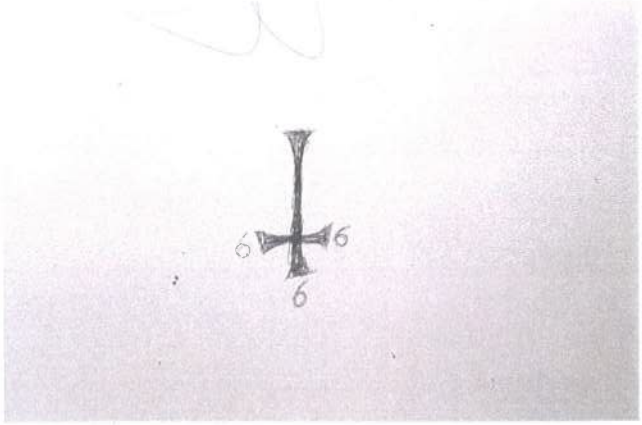


Figura 7.23. Registro fotográfico de desenho (cruz) produzido em banheiro masculino norte-americano (dezembro de 2000).

Vale destacar que no Parque Nacional da Serra da Capivara, no Piauí, Brasil, existem desenhos de cruz feitos há cerca de 10.000 anos ou mais, muito tempo antes do surgimento do cristianismo. É claro que a motivação para a produção desse tipo de desenho pode ter sido outra que não a religiosa e provavelmente também tivesse um significado diverso. Dificilmente saberemos a real motivação e função dessas cruzes pré-históricas. De qualquer maneira, é interessante observar a presença dessa figura, que talvez também tenha sido, na época, um símbolo.

Luís Augusto Barbosa

Figura 7.24. Registro fotográfico de pintura rupestre (cruz) realizada em parede rochosa do Parque Nacional da Serra da Capivara (julho de 2002).

Curiosamente, houve, na Alemanha, quantidade mais elevada de desenhos de coroa nos banheiros masculinos (11,5%), talvez revelando permanência no imaginário alemão de permanências monarquistas, imperiais. É apresentado, abaixo, registro fotográfico de inscrições produzidas em banheiro masculino alemão, dentre elas, uma coroa:

Michael Beyer

Figura 7.25. Registro fotográfico de porta de banheiro masculino contendo desenho de uma coroa (abril de 1999).

7.2.4. Desenhos femininos

Resultados e discussão

A Tabela 7.14 apresenta a distribuição de desenhos femininos em diferentes categorias de conteúdo nos países incluídos nesta pesquisa (N=129). Os critérios de inclusão das categorias na tabela foram os mesmos utilizados no caso das inscrições verbais e dos desenhos masculinos.

Mais uma vez, sexo foi tema importante no Brasil: houve quantidade mais elevada de desenhos com esse tipo de temática nos banheiros femininos brasileiros (71,4%), do mesmo modo como foi superior a freqüência de inscrições verbais sexuais realizadas pelas brasileiras.

TABELA 7.14. Distribuição desenhos femininos em diferentes categorias de conteúdo nos cinco países pesquisados (os valores correspondem a porcentagens)

	BRASIL (N=7)	ITÁLIA (N=31)	ESPANHA (N=12)	EUA (N=51)	ALEMANHA (N=28)
Sexo $\chi^2_{(4)} = 19{,}625$, $p < 0{,}01$	71,4*** (+)	12,9	25,0	7,8* (-)	28,6
Romantismo $\chi^2_{(4)} = 51{,}060$, $p < 0{,}001$	14,3	19,4** (-)	41,7	76,5*** (+)	3,6*** (-)
Política $\chi^2_{(4)} = 52{,}790$, $p < 0{,}001$	0,0	58,1*** (+)	8,3	3,9** (-)	0,0** (-)
Presença $\chi^2_{(4)} = 9{,}441$, $p = 0{,}05$	14,3*** (+)	3,2	0,0	0,0	0,0
Figura antropomorfa $\chi^2_{(4)} = 19{,}466$, $p < 0{,}01$	0,0	0,0* (-)	16,7	5,9	32,1*** (+)
Rabisco $\chi^2_{(4)} = 11{,}525$, $p < 0{,}05$	0,0	0,0	0,0	3,9	17,9*** (+)

*$p < 0{,}05$; **$p < 0{,}01$; ***$p < 0{,}001$.
O sinal positivo indica freqüência observada superior ao esperado pelo acaso e o sinal negativo, inferior ao esperado pelo acaso.

Nos EUA, também houve uma repetição de padrão: a quantidade de desenhos classificados na categoria "romantismo" (76,5%) foi significativamente superior, fato também verificado com relação às inscrições verbais românticas produzidas pelas norte-americanas. Houve uma quantidade grande de desenhos de corações, muitas vezes substituindo a palavra "*love*" ("amor"), conforme mencionado no item "Diferenças sexuais" acima, subitem "Desenhos".

Mais um padrão foi repetido com relação à Itália quanto aos desenhos produzidos nos banheiros femininos deste país. Nos banheiros femininos italianos, as mulheres produziram quantidade significativamente superior de desenhos políticos (58,1%), do mesmo modo como produziram quantidade significativamente superior de inscrições verbais políticas. Foram muitas as foices e os martelos, as suásticas e as cruzes célticas.

Apresentamos, abaixo, registro fotográfico de porta de banheiro feminino italiano

contendo dois desenhos políticos: símbolo do comunismo (foice e martelo - ☭) e símbolo do anarquismo (Ⓐ), em meio a inscrições verbais políticas, tais como "*Fascisti razzisti*" [trad.: "Fascistas racistas"] e "*(avete nomi e ideologie diverse ma in fondo siete uma massa di cretini!! tutti quanti!)* [trad: "(vocês têm nomes e ideologias diversas, mas no fundo são uma massa de cretinos!! todos vocês!)"]

Renata Plaza Teixeira

Figura 7.26. Registro fotográfico de desenhos e grafitos verbais de conteúdo político produzidos em banheiro feminino italiano (dezembro de 2000).

No Brasil, houve quantidade superior de desenhos classificados na categoria "presença" (14,3%), como, por exemplo, uma estrela compondo uma assinatura, grafito encontrado em banheiro feminino localizado nesse país.

Nos sanitários femininos da Alemanha, finalmente, foi encontrada quantidade elevada de figuras antropomorfas (32,1%) e de rabiscos (17,9%).

A fotografia abaixo apresenta um rabisco observado em banheiro feminino alemão. Não podemos afirmar com segurança que esse rabisco compõe ou se trata de uma assinatura, apesar de ser esta também uma possível interpretação para o desenho, que ocupou quase toda uma porta do banheiro.

Figura 7.27. Registro fotográfico de rabiscos produzidos em banheiro feminino alemão (maio de 1999).

Nos banheiros femininos alemães, bem como nos norte-americanos, foram pouco freqüentes os desenhos políticos, assim como foram pouco freqüentes as inscrições verbais com esse tipo de conteúdo.

7.3. Detalhamento das principais categorias de conteúdo verbais

Para melhor compreender os grafitos coletados, realizamos mais uma análise com as inscrições verbais, desta vez detalhando quatro importantes categorias de conteúdo com o objetivo de investigar os assuntos nelas abordados: 1) "política", por ter sido mais freqüente nos sanitários masculinos que nos femininos em quatro países (Brasil, Itália, Espanha e Alemanha), sendo que as maiores proporções de inscrições

versando sobre esse tema foram observadas nos países latinos; 2) "preconceito", devido ao fato de ter sido observado grande quantidade de grafitos preconceituosos em todos países pesquisados, especialmente nos banheiros masculinos, sendo que essa categoria diferenciou homens de mulheres na Alemanha; 3) "sexo", porque foi tema que obteve altas proporções de inscrições tanto nos sanitários masculinos quanto nos femininos em todos os países; e 4) "romantismo", por ter sido esta categoria diferenciadora dos sexo nos cinco países envolvidos nesta pesquisa, tendo as mulheres produzido quantidades significativamente maiores de grafitos com esse tipo de conteúdo em todos eles.

Apresentamos, nas Tabelas 7.19 a 7.24, as subcategorias de conteúdo político, preconceituoso, sexual e romântico que apresentaram diferenças estatisticamente significativas nos banheiros masculinos (Tabelas 7.19 a 7.21) e femininos (Tabelas 7.22 a 7.24) dos cinco países incluídos na pesquisa. Testes de qui-quadrado foram realizados para comparação de cada uma das categorias com todas as demais agrupadas, acompanhados de análises dos resíduos ajustados. Em cada tabela, a primeira linha contém as porcentagens com que cada subtema foi observado em relação ao total de inscrições do tema e a segunda linha, os respectivos resíduos ajustados. Também são apresentados os valores de qui-quadrado, com indicação de seus graus de significância. Estão destacados, em negrito, os resultados estatisticamente significativos.

7.3.1. Grafitos verbais masculinos

Resultados e discussão

A Tabela 7.15 mostra que, no Brasil, 21,7% das inscrições de conteúdo político nos banheiros masculinos tiveram como foco temas ligados à universidade ou à faculdade onde tais inscrições foram encontradas. Na faculdade de Direito, em especial, foram muito freqüentes as inscrições a respeito das chapas que concorriam em 2000 à presidência do Centro Acadêmico XI de Agosto. Pelo que os grafitos indicam, os estudantes levam muito a sério essas eleições, como de fato é sabido no meio

universitário. Um exemplo de inscrição desse tipo é: "Rasgando o Verbo 2000 + Radical / – Tolerante".

TABELA 7.15. Freqüências (%) de inscrições classificadas em diferentes subcategorias de grafitos políticos produzidos em banheiros masculinos e respectivos valores de resíduos ajustados padronizados

POLÍTICA	BRASIL	ITÁLIA	ESPANHA	EUA	ALEMANHA	χ^2
Local (relativa à faculdade ou à universidade)	**21,7** **8,4**	2,4 -5,1	2,8 -3,3	8,3 -0,2	0 -1,9	71,977***
Anarquismo / Niilismo	1,7 -4,1	**10,6** **3,5**	6,9 0,3	**25,0** **2,7**	3,2 -0,7	26,107***
Humor político	**17,2** **7,7**	0,8 -5,2	2,1 -2,9	0 -1,0	6,5 -0,3	61,124***
N	290	254	145	12	31	

$^{**}p < 0{,}01$, $^{***}p < 0{,}001$.

Dentre as inscrições políticas brasileiras, ainda, 17,2% buscaram atrelar humor ao conteúdo político, tal como no grafito "Viva Maluf!! (Ah!! eu tô Maluf). Adoro aquele Narigão. Ass. FHC." Vários autores ressaltam a presença do humor nas escritas latrinárias: Thrumbo (1731/1983), Sechrest e Flores (1969), Lomas (1973), Pellegrini Filho (1987), Gadsby (1996), e Schreer e Stritchartz (1997).

Na Itália, 10,6% dos grafitos políticos fizeram referências a anarquismo e niilismo, conteúdo esse que correspondeu a 25,0% das inscrições políticas norte-americanas, como exemplificam as inscrições abaixo:

"Ⓐ *contro ogni forma di potere.*" [trad.: "Anarquismo contra toda forma de poder" (Itália).

"Ⓐ NK" (EUA).

A análise dos conteúdos preconceituosos revelou que, no Brasil, os tipos de preconceito mais freqüentemente expressos por meio dos grafitos foram (Tabela 6.20) de classe social (14,0%) e contra estudantes de outras faculdades ou universidades (29,8%). O grafito "Che Guevera. PT = Frustados e pobres eternos.", por exemplo, contém preconceito ao mesmo tempo contra eleitores do Partido dos Trabalhadores e contra aqueles que não pertencem às classes mais abastadas. Já a frase "A PUC só tem

viado pq é a PUC. / É a PUC pq / só tem viado." zomba dos estudantes de uma outra universidade, revelando atitude preconceituosa com relação a eles.

TABELA 7.16. Freqüências (%) de inscrições classificadas em diferentes subcategorias de grafitos relativos a preconceito produzidos em banheiros masculinos e respectivos valores de resíduos ajustados padronizados

PRECONCEITO	BRASIL	ITÁLIA	ESPANHA	EUA	ALEMANHA	χ^2
De classe social	**14,0** **3,8**	0 -1,7	0 -1,1	0 -1,3	4,2 -1,6	15,952**
Racial	14,9 2,1	0 -2,1	18,8 1,1	**52,4** **6,6**	0 -4,7	62,144***
Contra imigrantes	2,5 -4,3	2,9 -1,8	0 -1,6	28,6 2,2	**25,0** **5,1**	37,487***
Contra estudantes de outras faculdades / universidades	**29,8** **2,5**	8,8 -2,0	0 -2,2	4,8 -2,0	25,0 0,9	16,193**
Grafitos contra preconceito racial	10,7 -2,9	14,7 -0,7	**43,8** **2,6**	18,0 0	25,0 2,2	14,995**
Contra mulheres sexualmente promíscuas	0 -1,1	0 -0,5	0 -0,3	**9,5** **5,3**	0 -1,1	27,893***
Homossexuais masculinos	9,1 0,2	11,8 0,7	12,5 0,6	**47,6** **6,6**	0 -4,3	52,448***
Grafitos contra preconceito sexual	0,8 -1,9	5,9 0,9	**43,8** **9,5**	0 -0,9	0 -2,5	92,441***
N	121	34	16	21	120	

$^{**}p < 0{,}01$, $^{***}p < 0{,}001$.

Na Espanha, 43,8% das inscrições que abordaram a temática do preconceito o fizeram para atacar a discriminação racial e 43,8% o fizeram para combater o preconceito sexual. Estes são alguns grafitos encontrados em banheiros masculinos espanhóis: "insisto: Es ridiculo que haya 'nazis españoles', España es Mestiza (judia, Mora, Cristana etc)" [trad.: "insisto: É ridículo que haja 'nazistas espanhóis', a Espanha é Mestiça (judia, Moura, Cristã etc.] e "*Para ser 'Marica' hace falta ser hombre (y esto es incuestionable)*" [trad.: "Para ser ´Maricas´ é necessário ser homem (e isto é inquestionável)"]

Nos EUA, o preconceito foi com maior freqüência racial (52,4%), dirigido contra homossexuais masculinos (47,6%) e dirigido contra mulheres sexualmente promíscuas (9,5%). As inscrições abaixo foram encontradas em banheiros masculinos norte-americanos:

"*No niggers in La Guardia / 卐 /KKK*" [trad.: "Sem negros no La Guardia / 卐 / KKK"], que recebeu um comentário também preconceituoso e dirigido contra imigrantes porto-riquenhos: "That means Puerto Ricans too" [trad.: "Isto quer dizer porto-riquenhos também"].

"*Been gay is a disease. Gayness is a sickness.*" [trad.: "Ser *gay* é uma doença. A homossexualidade é uma moléstia."]

"*What bitch*" [trad.: "Que vadia"]

Na Alemanha, o preconceito dirigiu-se com maior freqüência contra imigrantes (25,0%), tal como na frase:

"*Wer gegen Ausländerfeindlichkeit demonstriert, sollte auch die Ursachen kennen! Das Übel muβ an der Wurzel gepackt werden!*" [trad.: "Quem protesta contra xenofobia, deveria também conhecer suas causas. O mal precisa se cortado pela raiz!"]

Foi interessante observar que preconceito contra imigrante foi mais alto nos países anglo-saxônicos (EUA: 28,6% e Alemanha: 25,05) que nos latinos (Brasil: 2,5%; Itália: 2,9%; Espanha: 0). As culturas alemã e norte-americana são consideradas de não-contato pela classificação de Andersen (1999), relatada no Capítulo 4 desta tese. Culturas desse tipo seriam menos tolerantes à intimidade interpessoal. Levine et al (2001), também citados no Capítulo 4, em estudo desenvolvido em 23 grandes cidades do mundo, verificaram que Nova Iorque, nos EUA, apresentou a segunda mais baixa taxa de ações direcionadas para ajudar estranhos (45%), ao contrário do Rio de Janeiro, no Brasil, que alcançou a taxa mais elevada (93%). Segundo os autores, países mais prósperos seriam mais individualistas e menos inclinados a se preocupar com o bem-estar de pessoas desconhecidas. EUA e Alemanha, por outro lado, têm tido problemas com ondas imigratórias.

Na Itália, nenhuma forma de preconceito alcançou valores estatisticamente significativos.

A questão do preconceito é extremamente complexa e determinada por inúmeros fatores. Allport (1979) define preconceito étnico como sendo uma antipatia baseada em generalização falsa e inflexível. De acordo com esse autor, preconceito pode ser sentido ou expresso e pode ser dirigido a um grupo como um todo ou a um indivíduo porque ele é membro desse grupo. Para Nogueira (2003), o racismo é a expressão violenta da diferença, que parte da desconstrução e, portanto, da eliminação do outro, baseado na suposta inferioridade de determinadas etnias. Queiroz (1997), que realizou um estudo extensivo a respeito do preconceito, lembra-nos que não é possível negar a existência de uma série de fenômenos discriminatórios no mundo: o massacre étnico na Bósnia, Burundi e Ruanda, os conflitos político-religiosos na Argélia e na Irlanda, os atos anti-semitas na Argentina e no Reino Unido, a intolerância com a qual os muçulmanos são tratados na Índia e a existência de discriminação contra estrangeiros na Alemanha.

Não é escopo deste trabalho examinar profundamente a intrincada questão do preconceito. No entanto, os resultados verificados nesta pesquisa revelam que ele realmente existe, mas que também é modelado pela cultura. De fato, segundo Queiroz (1995), o preconceito não é instintivo ou inevitável, não é um comportamento inato. Da mesma forma que aprendemos a conferir significados depreciativos às diferenças, também podemos ser educados a respeitá-las e a entender que a diversidade faz parte da própria natureza humana, que "só se realiza em contextos culturais específicos, e não numa humanidade uniforme e abstrata" (QUEIROZ, 1995, p. 102).

A Tabela 7.17 apresenta as subcategorias de conteúdo sexual.

TABELA 7.17. Freqüências (%) de inscrições classificadas em diferentes subcategorias de grafitos sexuais produzidos em banheiros masculinos e respectivos valores de resíduos ajustados padronizados

SEXO	BRASIL	ITÁLIA	ESPANHA	EUA	ALEMANHA	χ^2
Contato homossexual	**32,6** **4,5**	**37,2** **4,2**	23,9 -0,8	8,7 -4,8	2,1 -7,0	90,834***
Contato heterossexual	2,8 -0,4	2,8 -0,2	0 -2,4	0,8 -1,6	**9,8** **5,0**	29,673***
Contato bissexual / para sexo grupal	0,3 -1,5	1,2 1,1	0 -1,1	0 -1,0	**2,8** **3,2**	13,203+
Sexo homossexual	**45,5** **8,4**	22,4 -4,2	37,4 1,1	25,2 -2,1	7,0 -7,2	102,478***
Sexo heterossexual	17,4 2,2	11,2 -1,9	6,7 -3,2	11,0 -1,3	**24,5** **3,4**	25,835***
Sexo grupal	0 -1,6	0 -0,9	0 -0,7	0 -0,6	**2,1** **4,9**	24,077***
Conteúdo anal	**24,8** **6,3**	10,8 -3,2	3,7 -5,0	14,2 -1,1	18,9 0,4	52,276***
Sexo anal	**19,2** **7,6**	6,8 -2,8	3,1 -3,7	5,5 -2,3	5,6 -2,5	59,319***
Sexo oral	10,1 -0,6	9,6 -0,6	**18,4** **3,4**	11,8 0,5	4,9 -2,4	15,970**
Sexo genital	**11,1** **4,3**	1,2 -4,3	4,9 -1,4	3,1 -2,0	11,9 2,0	33,626***
Exibição	4,8 0,7	**8,0** **3,2**	0,6 -2,5	2,4 -1,2	2,1 -1,4	16,717**
Humor sexual	**17,2** **3,2**	6,4 -3,8	6,1 -3,1	11,8 -0,7	**23,8** **3,6**	37,558***
N	605	250	163	127	143	

+$p = 0,01$, **$p < 0,01$, ***$p < 0,001$.

No Brasil, as categorias sexuais mais freqüentes encontradas nos banheiros masculinos foram: contato homossexual (32,6%), sexo homossexual (45,5%), conteúdo anal (24,8%), sexo anal (19,2%), sexo genital (11,1%) e humor atrelado a sexo (17,2%).

Estas são algumas inscrições de conteúdo sexual observadas em banheiros masculinos brasileiros:

"Vamos gozar juntos. Estarei aqui dia 15/03/99 às 20h e 30 min. Confirmar."

"Procuro minas cabaças que estão procurando homem gostoso. Liguem para mim. 5666 um tapa na orelha."

"Teorema: você é uma merda. Prova: eu sempre fui um merda solitário. Apanhava de meus colegas na escola dava a bunda pros meus vizinhos, nunca agarrava a mulherada. Lógica: virei um matemático."

Teixeira (1998) e Barbosa (1985) também observaram maior quantidade de referências a conteúdos anais em banheiros masculinos que em sanitários femininos localizados no Brasil. Pellegrini (1987) relata, ainda, a presença de humor obsceno em banheiros masculinos brasileiros.

Na Itália, os conteúdos sexuais mais freqüentes foram: contato homossexual (37,2%) e exibição de desempenho sexual ou de atributos sexuais (8,0%).

"*Ragazzo gay carino, no effeminato, 70301020-3346*" [trad.: "Rapaz *gay* bonito, não efeminado, 70301020-3346"]

"*Ragazzo 22enne superdotato 25 x 18 cm vuole tua ragazza x farla finalmente gioire. / Tel 06/4386177*" [trad.: "Rapaz de 22 anos superdotado 25 x 18 deseja a sua namorada para finalmente fazê-la gozar. / *Tel 06/4386177*"]

Na Espanha, a categoria sexual que apresentou maior freqüência de inscrições foi sexo oral (18,4%).

Na Alemanha, por sua vez, as categorias de grafitos sexuais mais freqüentes foram: contato heterossexual (9,8%), contato bissexual ou para sexo grupal (2,8%), sexo heterossexual (24,5%), sexo grupal (2,1%) e humor atrelado a sexo (23,8%). Apresentamos, abaixo, algumas inscrições coletadas em banheiros masculinos alemães:

"*Bi Gruppensexparty / 4M + 4F, große Schwänze + dicke Titten, alle zwischen 30 + 50 Jahren ohne finanzielle Interessen – nur Lust auf Sex und Geilheit, sucht weitere Mitspieler. Meldet Euch hier!*" [trad.: "Bacanal bissexual / 4 homens + 4 mulheres, grandes paus + tetas gordas, todos entre 30 e 50 anos, sem interesse financeiro – só desejo de sexo e tesão, procuram novos parceiros. Inscrevam-se aqui!"]

"*Wozu taugt das Chemie - Studium? / (Anregungen und Ideen bitte hier eintragen!!!) / 1) Ein Maso Verhältnis zu Profs*" [trad.: "Para que serve o estudo de Química? / (Sugestões e idéias por favor escrever aqui!!) / 1) Um relação masoquista com professores"]

Uma das respostas que essa inscrição recebeu foi "*Prostitution*" [trad.: Prostituição"].

Nos EUA, finalmente, nenhuma categoria de conteúdo sexual apresentou freqüência de inscrições significativamente superior.

Com relação às mensagens buscando contatos homo e heterossexuais, não há como saber se a maior parte delas de fato corresponde a tentativas de estabelecimento de contato ou se são, na verdade, brincadeiras, provocações. Tivemos acesso, contudo, a dois depoimentos que indicam que ambas as alternativas são possíveis[33].

Um estudante de jornalismo da Universidade de Brasília, em 2003, escreveu, juntamente com um colega de graduação, matéria sobre grafitos de banheiro para o jornal da universidade. Para isso, visitaram uma série de sanitários masculinos e observaram vários endereços eletrônicos de homens buscando contato homossexual. Enviaram mensagens para seis deles e obtiveram resposta de três. Uma delas continha afirmação de que aquilo se tratava de uma brincadeira de mau gosto. As outras duas apresentavam manifestação de desejo de estabelecimento de contato homossexual.

Outro depoimento nos foi oferecido por uma médica que trabalhava, em 1999, no posto médico de um aeroporto brasileiro. Durante esse ano, recebeu, em seu local de trabalho, telefonemas de dez homens diferentes buscando estabelecer contato para relacionamento sexual. Um deles revelou-lhe que havia obtido aquele número de telefone na porta de um banheiro masculino de um *Shopping Center* da mesma cidade. Disse-lhe que, além do número do telefone, lá havia também uma descrição de suas habilidades como garota de programa. Essa médica desconfiava de duas pessoas que poderiam ter feito isso: um outro médico, que havia sido demitido quando ela fora contratada em seu lugar, e um motorista, que, segundo avaliação subjetiva, tinha perfil de quem seria capaz de fazer isso. Assim, alguém procurou agredi-la escrevendo mensagem de contato heterossexual em porta de banheiro masculino.

Esses dois depoimentos mostram-nos que contatos homo ou heterossexuais realmente podem ser estabelecidos por intermédio das escritas latrinárias, bem como que essas inscrições também podem ser utilizadas para zombar ou atacar alguém.

---

[33] Gostaríamos d e agradecer às pessoas que prestaram esses depoimentos.

Não foram observadas diferenças significativas relativas às subcategorias de conteúdo das inscrições cujo tema era o amor nos banheiros masculinos dos países incluídos nesta pesquisa.

7.3.2. Grafitos verbais femininos

Resultados e discussão

A tabela 7.18 apresenta as freqüências de inscrições classificadas em subcategorias de conteúdo político produzidas em sanitários femininos em que foram verificadas diferenças estatisticamente significativas.

Como é possível observar, 100% das inscrições políticas produzidas nos banheiros femininos da Alemanha abordaram temas ligados à universidade ou à faculdade onde essas inscrições foram encontradas (por exemplo, a seguinte crítica ao sistema universitário: "*Das ganze UNI-System ist beschissen!*" – trad.: "Todo o sistema universitário é uma merda!"). No Brasil, 85,7% das inscrições políticas trataram de questões nacionais (exemplo: "92 / Lula"). Na Espanha, 32,6% dos grafitos políticos abordaram assuntos internacionais (exemplo "PINOCHET ASESINO DEL PUEBLO CHILENO Y SIN JUSTICIA./ !JUSTICIA!" – trad.: "PINOCHET ASSASSINO DO POVO CHILENO E SEM JUSTIÇA / JUSTIÇA!") e nos EUA, 75,0% das inscrições políticas também tiveram esse tipo de conteúdo (exemplo*!Viva zapatistas!*).

TABELA 7.18. Freqüências (%) de inscrições classificadas em diferentes subcategorias de grafitos políticos produzidos em banheiros femininos e respectivos valores de resíduos ajustados padronizados

POLÍTICA	BRASIL	ITÁLIA	ESPANHA	EUA	ALEMANHA	χ^2
Local (relativa à faculdade ou à universidade)	0 -0,8	0 -1,8	11,6 1,6	0 -0,6	**100,0** **3,6**	16,845**
Nacional	**85,7** **3,2**	40,7 1,2	20,9 -2,2	0 -1,4	0 -0,7	15,074**
Internacional	0 -1,4	0 -3,2	**32,6** **2,8**	**75,0** **2,7**	0 -0,5	19,982**
N	7	27	43	4	1	

**$p < 0,01$.

Quanto aos grafitos relativos a preconceito, as quantidades de inscrições com esse tipo de conteúdo foram demasiadamente pequenas nos sanitários femininos para ser submetidas a análises estatísticas: um total de 35 nos cinco países pesquisados. No Brasil, foi observada somente uma inscrição classificada nessa categoria, que ao mesmo tempo atacava uma etnia e uma classe social ("Caboclos pobretões querendo ser ingleses"). Na Itália, também foi coletada apenas uma inscrição preconceituosa nos banheiros femininos, que era dirigida contra mulheres sexualmente promíscuas ("*Le donne sono sempre troie*" – trad.: "As mulheres são sempre vagabundas"). Na Espanha, foram encontradas seis inscrições preconceituosas, sendo o preconceito em três delas direcionado contra pessoas provenientes de outras regiões do país (subcategoria "outros" – exemplo: "*Vascos fuera de España*" – trad.: "Bascos fora da Espanha") e um contra pessoas de outra faculdade ou universidade. Nos EUA, foram observados 18 grafitos relativos a preconceito: quatro contra imigrantes (exemplo: "*Fuck every Greek in this school!*" – trad.: "Foda-se todo grego desta escola!"), dois baseados em raça, quatro baseados em opção religiosa (categoria "outros") e oito contra preconceito racial. Na Alemanha, das nove inscrições relacionadas a preconceito, duas dirigiram-se contra lésbicas, duas contra homossexuais do sexo masculino, uma contra mulheres sexualmente promíscuas, duas eram contra preconceito racial e duas contra preconceito sexual (exemplo: "*KAMPF gegen die Diskriminierung der Transsexuellen durch feministische Lesben!*" – Trad.: "LUTA contra a discriminação dos transexuais pelas lésbicas femininas!")

A Tabela 7.19 apresenta as subcategorias de grafitos sexuais coletados em banheiros femininos.

TABELA 7.19. Freqüências (%) de inscrições classificadas em diferentes subcategorias de grafitos sexuais produzidos em banheiros femininos e respectivos valores de resíduos ajustados padronizados

SEXO	BRASIL	ITÁLIA	ESPANHA	EUA	ALEMANHA	χ^2
Contato heterossexual	13,0 1,4	**15,6** **2,5**	2,3 -1,5	6,0 -0,9	2,0 -1,8	102,478***
Sexo heterossexual	**44,4** **3,3**	28,1 0,3	16,3 -1,7	20,2 -1,6	25,5 -0,2	102,478***
Sexo anal	5,6 0,6	**10,9** **3,2**	2,3 -0,6	0 -2,2	2,0 -0,8	33,626***
Sexo genital	**35,2** **5,2**	3,1 -2,7	11,6 -0,4	14,3 0,2	3,9 -2,2	33,626***
Exibição	**7,4** **3,6**	0 -1,2	0 -0,9	1,2 -0,4	0 -1,0	37,558***
Sexo e amor	**7,4** **4,3**	0 -1,1	0 -0,8	0 -1,3	0 -0,9	37,558***
N	54	64	43	84	51	

***$p < 0,001$.

No Brasil, as subcategorias sexuais que apresentaram valores mais elevados nos banheiros femininos foram: sexo heterossexual (44,4%), sexo genital (35,2%), exibição de desempenho sexual ou de atributos sexuais (7,4%) e sexo ligado a amor (7,4%). A inscrição "Já dei e foi muito gostoso e excitante" é exemplo de inscrição classificada nas categorias "sexo heterossexual" e "sexo genital". "Temos que treparmos para sermos felizes. / Qualquer forma de amor vale a pena! / Kinha." é exemplo de grafito que contém referência a sexo e a amor.

Na Itália, as categorias de conteúdo sexual mais freqüentes foram: contato heterossexual (15,6%) e sexo anal (10,9%). Este é um exemplo de grafito de conteúdo sexual encontrado em banheiro feminino italiano: "*Mi piaciono i cazzoni 2295673*" [trad.: "Gosto de pênis grandes 2295673"].

A Tabela 7.20, finalmente, apresenta as freqüências dos diferentes conteúdos românticos produzidos nos banheiros femininos.

TABELA 7.20. Freqüências (%) de inscrições classificadas em diferentes subcategorias de grafitos românticos produzidos em banheiros femininos e respectivos valores de resíduos ajustados padronizados

ROMANTISMO	BRASIL	ITÁLIA	ESPANHA	EUA	ALEMANHA	χ^2
União amorosa	80,0 0,4	70,2 -1,1	69,8 -1,0	**96,1** **5,1**	37,0 -5,0	40,960***
Descrença no amor	0 -0,7	1,8 -0,7	4,7 0,6	0 -2,0	**14,8** **3,7**	15,393**
Desesperança de encontrar parceiro amoroso / desânimo	0 -1,1	8,8 0,8	9,3 0,9	0 -2,8	**18,5** **2,7**	13,937**
N	7	27	43	4	1	

$^{**}p < 0{,}01$, $^{***}p < 0{,}001$.

Como é possível observar, nos EUA, a categoria mais freqüente de inscrições de conteúdo amoroso observadas nos banheiros femininos foi "união entre pessoas" (96,1%).

É interessante destacar que, nos cinco países estudados, os grafitos românticos expressaram mais freqüentemente conexão entre um homem e uma mulher que descrença no amor ou desesperança de encontrar parceiro amoroso. As proporções mais elevadas de inscrições classificadas nessa subcategoria de conteúdo romântico foram observadas nos EUA (96,1%), no Brasil (80%), na Itália (80%) e na Espanha (69,8%). Exemplos desse tipo de grafito são "*Thomas – N – Jessy*" ["Thomas – e – Jessy"] (USA), "Eduardo e Cristiana" (Brasil), "*Emanuele e Valentina forever / 6-10-2000*" ["Emanuele e Valentina para sempre / 6-10-2000"] (Itália).

O país que apresentou menor quantidade de grafitos românticos revelando conexão entre um homem e uma mulher foi a Alemanha (37%). Nesse país, verificou-se freqüência maior que nos demais países de grafitos denotando descrença no amor, tal como "*Liebe ist Selbstbetrug! Denn jeder liebt sich selbst am Meisten!*" ["O amor é uma ilusão. Porque toda pessoa ama a si mesma mais do que a qualquer outra coisa"], e desesperança em encontrar um parceiro amoroso, como, por exemplo, a inscrição "*Aber ich befürchte, die Jungs, die ich kenne sind vielleicht auch nicht Richtgen!*" [trad.: "Mas eu receio que os rapazes que eu conheço talvez não sejam também os certos!"].

Romantismo foi tema recorrente nos sanitários femininos. Porém, também com relação aos seus diferentes conteúdos, houve modulação da cultura, já que a maneira como as mulheres exprimiram suas idéias e questões relacionadas ao amor diferiu de acordo com os variados contextos culturais.

CAPÍTULO 8

Conclusões e considerações finais

"Trata-se, enfim, de salvar do olvido histórico
um saber não institucionalizado, filho bastardo da cultura no poder,
gerado fora dos circuitos burocráticos do aparelho ideológico"
Pedro Barbosa, 1986

CAPÍTULO 8
CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

8.1. Sobre as motivações e funções das escritas latrinárias

A produção de grafitos é determinada por uma série de fatores, desde a dificuldade oferecida pela superfície das paredes à escritura até questões culturais e psicológicas. A proibição do ato de grafitar, por exemplo, pode ser mais ou menos acatada em diversos contextos culturais e em diferentes épocas, fazendo que a produção de inscrições parietais seja maior ou menor conforme a maior ou menor adesão às normas sociais ou até mesmo às leis de uma determinada sociedade. O comportamento de escrever em paredes pode envolver diferentes motivações e funções. Para alguns indivíduos, é possível que seja um ato que simplesmente integre uma atitude mais geral de liberdade de expressão de idéias e sentimentos, além da disposição para desobedecer certas regras. Para outros, pode representar uma "válvula de escape", no sentido de permitir a manifestação de idéias e sentimentos que não o são de outras maneiras.

Existem fortes evidências de que os grafitos de banheiro têm a função de dar vazão a conteúdos reprimidos. A produção de inscrições em banheiros está associada à idéia de segredo, de garantia de anonimato. Concordamos com Gadpaille (1971) que o necessário sigilo dessa situação sugere a essência desse comportamento: expressar desejos proibidos, liberar vontades reprimidas e romper tabus tanto individuais quanto sociais, ou ambos. Algumas das inscrições parietais refletem, ainda, importantes questões sociais.

O emprego de linguagem tabu, bem como a expressão de idéias, sentimentos e desejos interditos, que usualmente não são manifestos abertamente, são indicações de que uma das funções do comportamento de escrever em paredes de banheiros seja a de

dar vazão a conteúdos recalcados. O uso de palavrões foi recorrente nos sanitários masculinos e femininos de todos os países envolvidos nesta pesquisa, em especial para falar de sexo, de excrementos e para xingar. No Brasil, por exemplo, o conteúdo de 50% das inscrições produzidas nos banheiros femininos foi sexual. No dia-a-dia, em interações com outras mulheres ou com homens, esse assunto, de maneira geral, não se faz presente com tão elevada freqüência. Em interações humanas mais íntimas, contudo, pode vir à tona mais vezes. No entanto, esse tipo de situação aproxima-se da de produção das escritas latrinárias sob dois aspectos: em ambos os contextos, a intimidade é maior e o sigilo é mais garantido, quando comparados com as interações públicas ou menos próximas. Ainda assim, nem todo assunto pode ser discutido abertamente em nossa sociedade, pelo menos não face-a-face. Atualmente, vale apontar, as pessoas também encontram nas salas de bate-papo da Internet a possibilidade de expor seus desejos e fantasias de maneira mais aberta, pois também aí podem proteger-se pelo anonimato.

Além da função de expressão de conteúdos reprimidos, é inegável que os grafitos de banheiro também reflitam questões sociais. Discute-se muito, por exemplo, especialmente nos sanitários masculinos, sobre política local, nacional e internacional. Às vezes, isso é feito de maneira apaixonada. Em situações como essas, percebe-se que os grafitos de fato são multifuncionais. Em uma mesma inscrição, é possível verificar que estejam refletidas questões sociais prementes e que tenham sido extravasados sentimentos e idéias.

Em dezembro de 2002, foi encontrado, pela autora deste trabalho, o seguinte grafito deixado em cabine de banheiro feminino da Biblioteca da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP):

> "Polícia! Tá na hora de
> largar as babaquices e
> chamar a polícia, investigação
> e prisão dos FDPs.
> Violência contra nós mulheres,
> chamemos a polícia,
> denúncia nos jornais,

ta aí o Boris Casoy, ninguém acorda?
POLÍCIA, JÁ!
Os meninos são machistas e hipócritas,
não tão nem aí, mulheres se mexam!
A questão não é a repressão da polícia em nós,
isso é ideologia dos anos 70, agora a
questão é a violência, mulheres estupradas!"

No dia 27 de novembro daquele ano, uma aluna dessa unidade da USP havia sido estuprada dentro do *campus* da universidade.

Percebe-se, claramente, nessa inscrição, manifestação de insatisfação e revolta. Nota-se que a porta daquele banheiro foi utilizada como suporte para a expressão do desejo de que algo fosse imediatamente feito com relação ao crime cometido. Nessa inscrição, estão registrados, portanto, o fato social, a revolta da aluna, seu engajamento na questão, seus sentimentos, seu desabafo, sua manifestação da indiferença masculina em relação ao fenômeno.

8.2. Sobre as hipóteses de trabalho

Hipótese 1: Esperávamos observar inscrições nas paredes dos banheiros dos cinco países visitados, por ser esse comportamento aparentemente universal.

Verificamos a presença de escritas latrinárias nos cinco países incluídos nesta pesquisa. No entanto, as médias de inscrições por sanitário público variaram conforme o país, na seguinte ordem, da maior para a menor: Brasil (36 inscrições por banheiro), Alemanha (34 inscrições por banheiro), Espanha (30 inscrições por banheiro), Itália (24 inscrições por banheiro) e EUA (16 inscrições por banheiro).

Hipótese 2: Esperávamos observar inscrições sexuais tanto nos banheiros masculinos quanto nos femininos, mas imaginávamos que nestes, paralelamente ou de maneira associada, também haveria inscrições versando sobre o amor.

Esta hipótese foi igualmente confirmada. Sexo foi tema freqüente tanto nos grafitos masculinos quanto nos femininos dos cinco países pesquisados. A expressão da sexualidade, contudo, variou conforme as culturas. Brasileiras e brasileiros foram os que realizaram as maiores quantidades de inscrições com esse tipo de conteúdo. As menores freqüências a respeito desse assunto foram produzidas pelas mulheres espanholas e pelos homens norte-americanos.

Também foram constatadas diferenças de conteúdo quanto à categoria "sexo". Referências a relação sexual homossexual e à região anal, por exemplo, foram mais recorrentes nos banheiros masculinos brasileiros, enquanto relação sexual heterossexual e grupal foram mais comuns nos sanitários masculinos alemães. Nos sanitários femininos de todos os países, foi observado maior número de grafitos discorrendo sobre o amor. Em banheiro feminino brasileiro, foi encontrada uma inscrição fazendo menção tanto a sexo quanto a amor. Algumas vezes, percebemos intenções poéticas nos conteúdos sexuais produzidos pelas mulheres: "O bom é arrancar lágrimas com a boca" (banheiro feminino brasileiro) e "*Scorrendo le mie dita sulle tue labbra / Ricordo di quando ci compenetrammo: / Io fra le tue cosce, tu nei miei pensieri.*" [trad.: "Percorrendo meus dedos sobre os teus lábios / Recordo-me de quando nos penetramos mutuamente: / Eu entre as tuas coxas, você nos meus pensamentos"] Esse tipo de grafito não foi encontrado nos banheiros masculinos. Estas são algumas das diferenças sexuais observadas e relatadas mais profundamente no Capítulo 6 desta tese ("Grafitos de banheiro – Análise de conteúdo").

Hipótese 3: Também esperávamos verificar a repetição de certos temas em todas as culturas pesquisadas, que poderiam corresponder tanto aos arquétipos descritos pela teoria junguiana quanto aos módulos da psicologia evolucionista. Supúnhamos encontrar, nos grafitos, referências a alguns dos eventos, figuras e animais arquetípicos mencionados por Stevens (1990), já observados em grafitos de banheiro em estudo anterior (TEIXEIRA, 1996), a saber: a mãe, o filho, Deus, o nascimento, a morte e certos animais, tais como o peixe e a cobra.

Muitos eventos, figuras e animais arquetípicos foram de fato verificados no *corpus* desta pesquisa. Dos mencionados em nossa hipótese, somente não observamos referência a cobra nos grafitos coletados.

"Mãe" / "filho" – foram muitos os xingamentos às mães, insultadas com sinônimos da palavra "prostituta". Simultaneamente, xingavam-se os filhos dessas mães, levantando-se, ainda, suspeita a respeito de sua paternidade.

"Deus" – por exemplo: "A sabedoria dos homens é trapo de imundície para Deus" (Brasil – banheiro masculino), "*Our god shall come and shall not keep silent.*" [trad.: "Nosso deus virá e não ficará silencioso"] (EUA – banheiro masculino), "*Dios no podrà estar en todas las partes y por eso creo en las mujeres.*" [trad.: "Deus não poderá estar em todo lugar e por isso creio nas mulheres"] (Espanha – banheiro feminino) etc.

"Nascimento" – "*Non nascere è il miglior destino.*" [trad.: "Não nascer é o melhor destino"] (Itália – banheiro feminino), "*Tu destino ya esta marcado al nacer*" [trad.: "Teu destino já está marcado ao nascer"] etc.

"Morte" - "O fato de viver para morrer deixa a vida sem sentido. Surrealista!" (Brasil – banheiro masculino), "Nazista bom é nazista morto (e não enterrado, pois acaba c/ a fertilidade do solo)." (Brasil – banheiro masculino), "Meus heróis morreram de overdose" (Brasil – banheiro feminino), "*L'único fascista buono è il fascista morto!*" [trad.: "O único fascista bom é o fascista morto!"] (Itália – banheiro feminino), "*Circle of DEATH*" [trad.: "Círculo da MORTE"] (EUA – banheiro feminino), "*God is dead. / Nitzsche / Nitzsche is dead / God / Nitzsche is God. / The dead*" [trad.: "Deus está morto. / Nietzsche. / Nietzsche está morto. Deus. / Nietzsche é Deus. Os mortos"] etc.

"Peixe" – desenho de peixe (Itália – banheiro masculino).

"Cobra" – não foram encontrados desenhos de cobra ou referências a esse animal.

Vale a pena destacar que desenhos de círculos, de animais e de estrelas foram encontrados nos banheiros masculinos e femininos de todos os países. Contudo, não houve um animal que estivesse representado em todos eles. Foi encontrado um desenho de cachorro em banheiro feminino da Itália e outro em sanitário masculino do Brasil, onde também foi observado um desenho de águia. Corações foram, igualmente,

desenhados em todos os banheiros femininos, bem como nos sanitários masculinos de todos os países, exceto a Alemanha.

Sexo e amor, como pudemos observar ao longo das análises de conteúdo dos grafitos, foram temas freqüentes nas escritas latrinárias.

Hipótese 4: Esperávamos observar maior quantidade de grafitos românticos e interpessoais nos banheiros femininos do que nos masculinos, conforme apontado pela literatura.

De fato, o resultado mais consistente encontrado em nossa pesquisa foi a presença de grafitos românticos em banheiros femininos. Foi observada freqüência significativamente mais elevada de inscrições verbais com esse tipo de conteúdo nos sanitários femininos de todos os países pesquisados. Esse tipo de inscrição refere-se a relações interpessoais, uma vez que tratam de relacionamentos entre duas pessoas. Outros grafitos produzidos pelas mulheres, além dos amorosos, também reportaram-se a relações humanas, destacando sua importância para elas, tais como "Eu preciso de alguém para conversar" (Brasil) e "*I don't understand me. I used to be good. I have no friends. What happened to me? I'm dropping out of school. No one understands. Someone help me. I want to die. I'm already dead. I'm just faking. I just lost anything that meant anything to me. I'm nothing.*" [trad.: "Eu não me compreendo. Eu costumava ser boa. Eu não tenho amigos. O que aconteceu comigo? Eu estou abandonando a escola. Ninguém entende. Alguém me ajude. Eu quero morrer. Eu já estou morta. Eu estou apenas fingindo. Eu simplesmente perdi tudo que significava alguma coisa para mim. Eu não sou nada."] (EUA). Em ambas estas inscrições, notamos quase um pedido de socorro por parte das mulheres que as produziram. Esse tipo de conteúdo não foi verificado nos banheiros masculinos.

A expressão do romantismo apresentou diferentes nuanças conforme o país em que foram produzidas. Nos EUA, os grafitos românticos femininos incluíram número significativamente maior de uniões entre casais. Na Alemanha, por outro lado, houve quantidades mais elevadas de grafitos manifestando descrença no amor ou desesperança de encontrar parceiro amoroso.

Hipótese 5: Imaginávamos, igualmente, verificar a produção de frases mais longas dentre as inscrições femininas do que dentre as masculinas, fato também apontado pela literatura.

Em todos os países pesquisados, as mulheres produziram inscrições com estrutura textual com freqüência maior que os homens, que, por sua vez, realizaram quantidade superior de grafitos lexicais. As mulheres escreveram menos inscrições que os homens, já que foi verificada menor proporção de grafitos nos sanitários femininos que nos masculinos. Quando o fizeram, contudo, produziram inscrições, em geral, mais longas, com maior número de palavras.

Hipótese 6: Imaginávamos, conforme apontado pela literatura, que haveria maior quantidade de inscrições nos banheiros masculinos.

Nos cinco países pesquisados, foi observada maior proporção de inscrições em banheiros masculinos que femininos: Brasil (92% *x* 8%), Itália (82% *x* 18%), Espanha (86% *x* 14%), EUA (88% *x* 12%) e Alemanha (93% *x* 7%).

Hipótese 7: Também esperávamos observar maior freqüência de inscrições agressivas nos sanitários masculinos, fato igualmente apontado pela literatura.

A quantidade de insultos foi ligeiramente superior nos banheiros masculinos que nos femininos no Brasil (24,4% *x* 17,6%), na Espanha (19,4 *x* 14,7%) e na Alemanha (28,7 *x* 21,2%). Na Itália e nos EUA, as freqüências de grafitos com esse tipo de conteúdo foram bastante semelhantes nos sanitários masculinos e nos femininos (18,7% *x* 17,7% e 18,2% *x* 18,6%, respectivamente). Inscrições contendo preconceito racial, étnico, social ou religioso foram também um pouco mais freqüentes nos sanitários masculinos do Brasil (5,5% *x* 2,0%), da Itália (1,2% *x* 0), da Espanha (1,4% *x* 0) e dos EUA (4,5% *x* 2,1%). Na Alemanha, a quantidade de grafitos com esse tipo de conteúdo foi significativamente mais elevada nos banheiros masculinos (13,8% *x* 0,7%). De

maneira geral, portanto, a agressividade foi maior nos sanitários masculinos que nos femininos.

Hipótese 8: Esperávamos, finalmente, encontrar algumas diferenças culturais nos grafitos de banheiro, mais especificamente relativas à freqüência com que os temas são abordados nas inscrições e quanto aos conteúdos desses temas.

A análise do material proveniente dos cinco países revelou uma série de semelhanças e diferenças. Alguns temas foram recorrentes: sexo, amor, escatologia, política, preconceito, agressão verbal. No entanto, a proporção com que as pessoas produziram grafitos com determinados tipos de conteúdo variou de país para país, bem como o próprio conteúdo também diferiu, como mostrou uma análise mais detalhada das categorias mais recorrentes.

A análise dos conteúdos preconceituosos, por exemplo, revelou que no Brasil os tipos de preconceito mais freqüentemente expressos por meio dos grafitos foram de classe social e contra estudantes de outras faculdades ou universidades. Nos EUA, foi verificada quantidade superior de inscrições contendo preconceito racial, contra homossexuais masculinos e contra mulheres sexualmente promíscuas. Na Alemanha, o preconceito dirigiu-se com maior freqüência contra imigrantes. Na Espanha, por outro lado, foram observadas muitas inscrições combatendo tanto o preconceito sexual quanto o racial.

Outros conteúdos também foram expressos de maneiras diversas nas diferentes culturas. Política foi, de maneira geral, assunto mais comum nos países de língua latina. Nos banheiros masculinos brasileiros, houve predominantemente inscrições versando sobre política local enquanto foram observadas, nos italianos, muitas referências ao anarquismo. Outras diferenças já foram mencionadas e mais detalhadamente relatadas no Capítulo 6 desta tese ("Grafitos de banheiro – Análise de conteúdo").

Tais variações provavelmente tenham a ver com características culturais de cada um desses países, bem como com as mentalidades de seus povos. Como seriam as inscrições produzidas em países não ocidentais, tais como o Japão, a China e a Índia? Ou

em outros países também do ocidente? Haveria diferenças entre o conteúdo das inscrições produzidas em banheiros universitários e de bares, estações rodoviárias?

Colaboradores, sempre que possível, fornecem-nos fotografias de inscrições realizadas em diferentes locais. As apresentadas a seguir foram feitas em sanitário do aeroporto Charles de Gaulle, em Paris, na França, e de posto de gasolina de Santiago, no Chile.

Maurício Camargo Romano

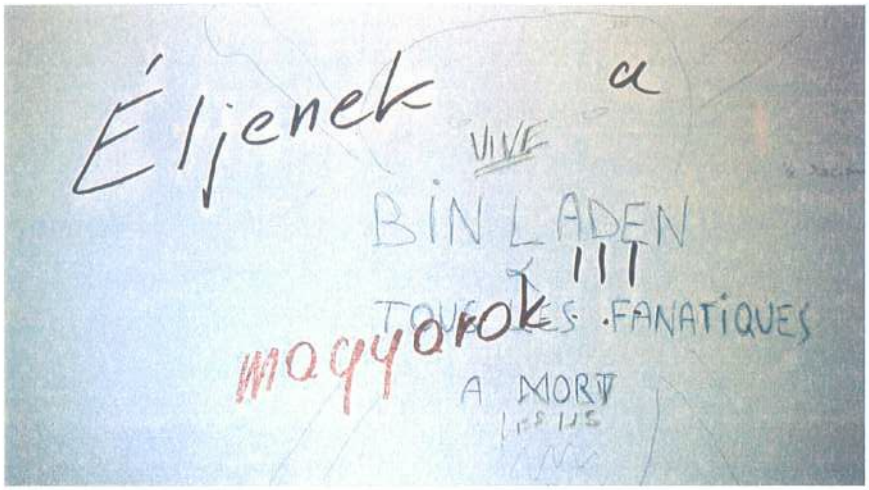


Figura 8.1. Registro fotográfico de inscrições realizadas em banheiro masculino do aeroporto internacional Charles de Gaulle, em Paris, na França (março de 2002).

João Carlos Otta

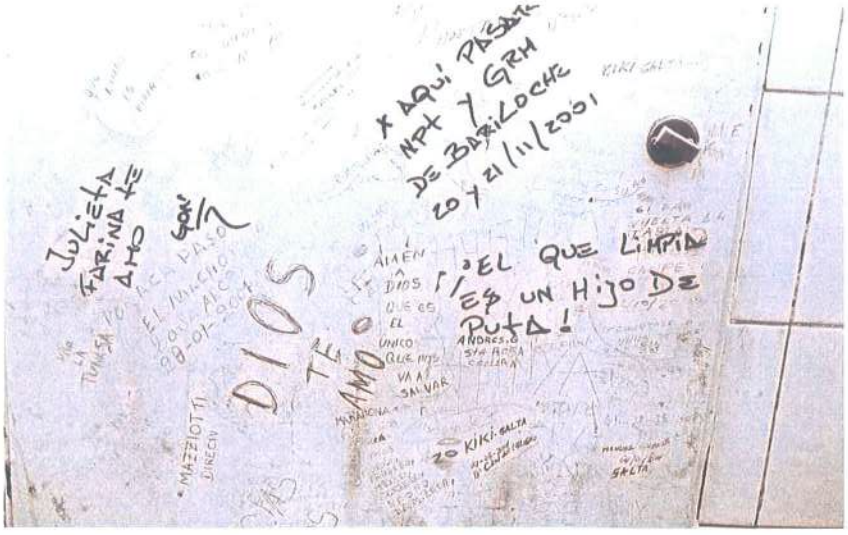


Figura 8.2. Registro fotográfico de inscrições realizadas em banheiro masculino de posto de gasolina em estrada de Santiago, no Chile (janeiro de 2002).

8.3. Sobre a pesquisa com grafitos de banheiro

O desenvolvimento deste trabalho e a elaboração desta tese foram inspirados pelo desejo de analisar um comportamento recorrente, observado em várias culturas e em diferentes locais, mas pouco estudado do ponto de vista psicológico. De fato, pudemos constatar que vários conteúdos psicológicos e psicossociais estiveram presentes nos grafitos.

Um dos objetivos da nossa pesquisa foi, também, registrar essa produção humana que, apesar de possivelmente encerrar anseio de permanência, muitas vezes é efêmera. Ao mesmo tempo em que encontramos inscrições pré-históricas e produzidas em paredes que datam de muitos anos, tais como as produzidas nos sítios arqueológicos italianos de Pompéia, Herculano, Estábia e Oplontis, também testemunhamos o desaparecimento das escritas parietais, tanto as modernas quanto as antigas. As primeiras, por serem condenadas pela sociedade quando produzidas sem autorização. As segundas, pela falta de manutenção adequada, talvez em decorrência também de uma valoração não positiva.

A autora deste trabalho testemunhou duas situações em que a efemeridade dos grafitos ficou patente. Nos EUA, observou a seguinte inscrição em porta de banheiro feminino: "*You just entered my world*" (Trad.: "Você acaba de entrar no meu mundo"). Alguns dias mais tarde, retornou ao local para fotografar o grafito novamente. No entanto, não pôde fazê-lo, pois a porta havia sido totalmente limpa. Aquela inscrição havia desaparecido.

Na Itália, também retornou a um banheiro feminino para fotografar mais uma vez uma porta que continha uma longa seqüência interativa. Dessa vez, nem mesmo a porta encontrou. Ela havia sido retirada para o banheiro ser completamente reformado. Ficaram as anotações de campo realizadas em dezembro de 2000, bem como o seguinte registro fotográfico:

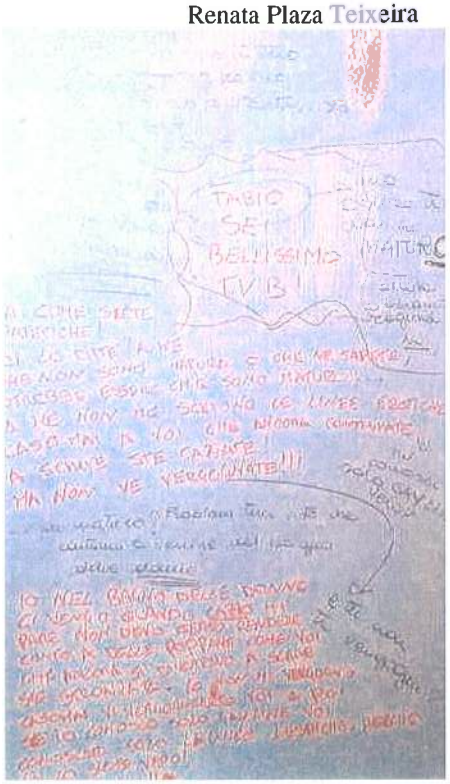


Figura 8.3. Registro fotográfico de porta de banheiro feminino italiano contendo seqüência interativa (dezembro de 2000).

O registro fotográfico apresentado na folha de rosto que abre este capítulo também ilustra o aspecto fugidio desse comportamento, bem como a importância de sua documentação. Nela, vêem-se várias portas de banheiro grafitadas, retiradas de escola alemã em reforma e empilhadas para remoção.

8.4. Palavras finais

Esperamos que nosso trabalho tenha contribuído para o aprofundamento da reflexão a respeito do comportamento de escrever em paredes e que possa de alguma forma motivar e auxiliar futuros pesquisadores do assunto. Nosso banco de dados, fonte documental desse comportamento humano, permanece disponível para futuras análises.

Finalmente, gostaríamos de destacar que o cerne de nossa pesquisa foi o diálogo. Diálogo entre orientanda e orientadora, com outros estudiosos do assunto, com

colaboradores, com os grafiteiros por intermédio de suas mensagens. Desejamos que esta tese represente a manutenção desse diálogo. Escolhemos um poema do grande escritor brasileiro Carlos Drummond de Andrade para traduzir esse nosso desejo e encerrar este trabalho.

O CONSTANTE DIÁLOGO

Há tantos diálogos

Diálogo com o ser amado
o semelhante
o diferente
o indiferente
o oposto
o adversário
o surdo-mudo
o possesso
o irracional
o vegetal
o mineral
o inominado

Diálogo consigo mesmo
com a noite
os astros
os mortos
as idéias
o sonho
o passado
o mais que futuro

Escolhe teu diálogo
e
tua melhor palavra
ou
teu melhor silêncio
Mesmo no silêncio e com o silêncio
dialogamos.

Carlos Drummond de Andrade

ANEXOS

ANEXO A

Modelo de folha de registro de dados

Data: ____/____/____

GRAFITOS DE BANHEIRO

(A) UNIVERSIDADE::..... EDIFÍCIO:.....

(B) PISO TÉRREO OU ANDAR:.....

(C) BANHEIRO MASCULINO OU BANHEIRO FEMININO

(D) CABINE Nº .....

(E) TRANSCRIÇÃO DOS GRAFITOS:

ANEXO B

Exemplos de transcrição de dados para o computador

MATEMÁTICA – LA SAPIENZA
20/12/2000

BANHEIROS MASCULINOS

GRAFITOS VERBAIS / RESPOSTAS

GRAFITOS VERBAIS	RESPOSTAS
1. (1789) Non esiste una notte tanto buia da impedire al sole di sorgere ancora. W.W. = 15	
2. (1790) TI U L L I AMO = 3	
3. (1791) [Assinatura]. = 1	
4. (1792) Transaban (laterale) Figlio di autentica troia. = 6	
5. (1793) La vita é una merda e ti sorride. = 8	5a. (1794) A message for you: se la vita ti sorride... = 9
6. (1795) Cerco ragazzo serio. Valerio 0347 488 3843. = 5	6a. (1796) Pedéxxx tutti una scopa in aula invece. = 7 6b. (1797) E ragazzi/e gay per amicizia. = 6
7. (1798) 0357 2753236 Pompe (marico). = 3	
8. (1799) 6/3/00 Cercasi desperatamente compagno gay solo seri e non eff. E-mail xxx@wordonline.it. = 12	8a. (1800) Rivolgiti a Valerio Marini. = 4
9. (1801) Sognando un mondo reale, un brivido fuggente nella transfigurazione di un instante!! = 12	9a. (1802) Cambia spacciatore, perche notabilmente quello che hai ora ti stá rificcando roba scaduta! = 13 9b. (1803) E perchè c'há una maresi. = 6
10. (1804) Faccio pomponi gratis. Ivorme 0349 6689708. = 5	
11. (1805) "Stanotte l'inferno há mandato un angelo a portare i regali" – the crow – . = 13	
12. (1806) Gisella Croce e Raffaella Taglieri fanno i cocdrini gratis a boccardo (da tutti gli altri si fanno pagare). = 18	
13. (1807) Romanusti xxxx = 2	
14. (1808) Lazio xxx tua xxx. = 4	
15. (1809) Roma xxx. = 2	

MEDICINA - USP
11/01/2000

BANHEIROS FEMININOS

DESENHOS / RESPOSTAS

DESENHOS	RESPOSTAS
1. (6) Desenho de nove quadrados, três fileiras com três quadrados cada, formando um grande quadrado composto por nove quadrados.	

FFLCH - USP
29/07/1999

BANHEIROS MASCULINOS

DESENHOS / RESPOSTAS

DESENHOS	RESPOSTAS
1. (7) Desenho de órgão sexual masculino ereto.	

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA de Jerusalém. Edição dirigida por Tiago Giraudo e coordenada por Gilberto da Silva Gorgulho, Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. São Paulo: Edições Paulinas, 1986.

ABREU, I. Grafite. *Leitura – Publicação Cultural da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo*, p.42-50, 4 abr. 2000.

A DIREÇÃO DE ARTE DO FILME CARANDIRU. Direção e produção de Monica Delfino. Brasil, 2003. Documentário. 1 videocassete (54 min), VHS/NTSC, 35 mm, cor.

AHMED, S. M. S. Graffiti of Canadian high school students. *Psychological Reports*, *49*, 559-562, 1981.

ALEXANDER, B. Male and female rest room graffiti. *Maledicta: the international journal of verbal aggression*, *2*, 42-59, 1978.

ALMEIDA, R. *Vivência e projeção do folclore*. Rio de Janeiro: Agir, 1971.

ALLPORT, G. W. *The nature of prejudice*. Reading: Perseus Books, 1979.

ANDERSEN, P. A. *Nonverbal communication*: Forms and Functions. Mountain View: Mayfield Publishing Company, 1999.

ANDERSON, S. J.; VERPLANK, W. S. When walls speak, what do they say? *The Psychological Record*, *33*, 341-359, 1983.

ANDRADE, C. D. de. *Nova Reunião*. v.2. 3.ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1987.

ARANGO, A. *Os palavrões:* virtudes terapêuticas da obscenidade. São Paulo: Brasiliense, 1991.

ARISTÓTELES. (384-322 a.C.) *A poética clássica*. Trad. de Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 1988.

ARLUKE, A.; KUTAKOFF, L.; LEVIN, J. Are the times changing? An analysis of gender differences in sexual graffiti. *Sex Roles*, *16*, 1-7, 1987.

ARRIGUCI JR., D. *Enigma e comentário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

ATTALI, J. A. *Dicionário do século XXI*. Trad. de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2001.

BAHN, P. G. *Prehistoric art*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 1998.

BARBOSA, G. G. *Grafitos de banheiro – A literatura proibida*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BARBOSA, P. *O guardador de retretes*. 3. ed. Coimbra: Editora Centelha, 1986.

BARFIELD, T. (Ed.) *The Dictionary of Anthropology*. Oxford: Blackwell, 1997.

BATES, J. A.; MARTIN, M. The Tematic Content of Graffiti as a Nonreactive Indicator of Male and Female Attitudes. *The Journal of Sex Research*, *16(4)*, 300-315, 1980.

BELTRÃO, L. *Folkcomunicação*: a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.

BERNDT, C. H. Interpretations and "facts" in aboriginal Australia. In: DAHLBERG, F. (Ed.) *Woman the gatherer*. New Haven e London: Yale University Press, 1981.

BERRY, J. W.; POORTINGA, Y. H.; SEGALL, M. H.; DASEN, P. R. *Cross-cultural psychology*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 1992.

BLUME, R. *Graffiti*: Discourse and Literature. Editado por T. A. Van Dijk. Amsterdã / Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1985.

BOSI, A. Introdução - Aventuras e desventuras de uma ideologia. In: LEITE, D. M. *O caráter nacional brasileiro*: história de uma ideologia. 5. ed. São Paulo: Ática, 1992.

BOSMANS, B.; THIEL, A. *Guide to Graffiti-Research*. Gent, Bélgica: Graffiti Jeugddienst, 1995.

BREUER, J.; FREUD, S. (1893). *Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos*: comunicação preliminar. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, v.2, 2. ed.)

BREWER, D. Hip hop graffiti writers' evaluations of strategies to control illegal graffiti. *Human Organization*, *51(2)*, 188-196, 1992.

BRUNER, E.; KELSO, J. Gender differences in graffiti: a semiotic perspective. In: ARENS, W.; MONTAGUE, S. P. *The American Dimension*. Sherman Oaks, CA: Alfred, 1981.

BRYDEN, N.; MEHLBERG, E. *Bathroom walls speak out*: An exploratory study of restroom graffiti. Arcata, Califórnia, EUA. Projeto de pesquisa para ser apresentado na *Communication Association Convention* da *Western States Association Covention*. Departamento de Comunicações, Humboldt State University, EUA, 2003.

BUCO, C. de A. *Indicadores da prática musical na pré-história do nordeste brasileiro*. Recife, 1999. Dissertação (Mestrado). Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco.

BUSS, D. M.; MALAMUTH, N. M. (Eds.) *Sex, power, conflict*: Evolutionary and Feminist Perspectives. Nova Iorque: Oxford University Press, 1996.

BUSS, D. M.; SCHMITT, D. P. Sexual strategies theory: An evolutionary perspective on human mating. *Psychological Review*, *100*, 204-232, 1993.

BUSSAB, V. S. R.; RIBEIRO, F. L. Biologicamente cultural. In: SOUZA, L.; FREITAS, M. F. Q.; RODRIGUES, M. M. P. (Orgs.) *Psicologia*: reflexões (im)pertinentes. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

CAMPOS, L. S.; OTTA, E.; SIQUEIRA, J. de O. Sex differences in mate selection strategies: Content analyses and responses to personal advertisements in Brazil. *Evolution and Human Behavior*, *23*, 395-406, 2002.

CANALI, L.; CAVALLO, G. (Orgs.) *Graffiti latini*: scrivere sui muri a Roma antica. 2.ed. BUR Classici greci e latini. Millano: RCS Libri, 1999.

CARANDIRU. Direção de Hector Babenco. Brasil: Columbia, 2001. Filme. 1 DVD (146 min), son., cor.

CARANDIRU.DOC. Direção de Rita Buzzar. Produção de Daniel Santiago e Rita Buzzar. Brasil, 2002. Documentário. 1 videocassete (54 min), VHS/NTSC, 35 mm, cor.

CARDOSO, O. de O. O obsceno no protestantismo. In: MILANESI, L. (Org.) *O obsceno* – jornadas impertinentes. São Paulo: Hucitec / Intercom, 1985.

CAVALLI-SFORZA, L. L.; FELDMAN, M. W. *Cultural transmission and evolution:* a quantitative approach. Princeton, Nova Jersey: Princeton University Press, 1981.

CHRISTIANO, C. Policiais militares são acusados de agredir e pichar estudantes. *Diário de S. Paulo*, São Paulo, 10 fev. 2002. Disponível em: <http://www.diariosp.com.br/>. Acesso em: 09 de fev. 2002.

COLE, C. M. "Oh wise women of the stalls..." *Discourse & Society, 2(4)*, 401-411, 1991.

COLE, M. From Cross-Cultural Psychology to the Second Psychology. In: _____. *Cultural psychology*: a once and future discipline. Cambridge, Massachusetts: The Belknap Press of Harvard University Press, 1996.

CORALLO, M. *I grafffiti*. Milão: Xenia, 2000.

CORPUS Inscriptionum Latinarum / Consiglio et Auctoritate Academiae Litterarum Regiae Borussicae, editum. (1871). Berolini: Novi Eboraci: W. de Gruyter, c1958.

COSMIDES, L.; TOOBY, J. *The Adapted Mind*: Evolutionary Psychology and the Generation of Culture. Editado por Jerome Barkow. Oxford: Oxford University Press, 1992.

CRUZ, R. O. A antropologia psicológica e o problema das relações entre indivíduo e cultural. 80p. Dissertação (Mestrado). São Paulo, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1974.

CUNHA, A. G. *Dicionário etimológico Nova Fronteira*. 2.ed. São Paulo: Nova Fronteira, 1986.

CUNHA, A. P. *Grafitos de banheiro*: uma comunicação em reação aos mecanismos de controle e disciplina do sistema social. Campina Grande, Paraíba. Projeto de pesquisa (Iniciação científica). Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Estadual da Paraíba, 1999.

D`ANGELO, F. Fools` names and fools` faces are always seen in public places: A study of graffiti. *Journal of Popular Culture, 10*, 102-106, 1976.

DACAUAZILIQUÁ, J. L. Garotos são "pichados" por policiais. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 09 fev. 2002. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/agestado/noticia/2002/fev/09/103.htm>. Acesso em: 09 de fev. 2002.

DEL PRIORE, M. *Ao sul do corpo*. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: Edunb, 1993.

DELLA CORTE, M. *Loves and Lovers of Ancient Pompeii*. Art: Grafiche Delta E. Di Mauro-Cava De Tiverni, 1960.

DELLA CORTE, M. Le iscrizioni di Ercolano. *Rendiconti dell'Accademia di Archeologia e Belle Arti di Napoli, XXXIII,* 1958. p.239-314.

DESBORDES, F. *Concepções sobre a escrita na Roma antiga*. São Paulo: Ática, 1995.

DICIONÁRIO Aurélio Eletrônico – V.2.0, baseado no Novo Dicionário da Língua Portuguesa, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. Editado por Carlos Augusto Lacerda e Paulo Geiger. *Software* de autoria de Márcio Ellery Girão Barroso. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

DOUGLAS, M. *Pureza e Perigo*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1991.

DUNBAR, R. *Grooming, gossip, and the evolution of language*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1996.

DUNDES, A. Here I sit – A study of American latrinalia. *Kroeber Anthropological Society Papers, 34*, 91-105, 1966.

DUNNING, E.; MENNELL, S. Prefácio à edição inglesa. In: ELIAS, N. *Os alemães*: A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Ed. por Michael Schröter. Trad. de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997

DURKHEIM, É. (1858-1917). *As regras do método sociológico*. São Paulo: Nacional, 1990.

EIBL-EIBESFELDT, I. *Ethology:* the biology of behavior. Nova Iorque: Holt, Reinehart e Winston, 1970.

EIBL-EIBESFELDT, I. *Human Ethology*. Nova Iorque: Aldine de Gruyter, 1989.

EIBL-EIBESFELDT, I. Similarities and differences between cultures in expressive movements. In: HINDE, R. A. *Non-verbal communication*. Cambridge: Cambridge University Press, 1972.

ELIAS, N. *Os alemães*: A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Ed. por Michael Schröter. Trad. de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997

EMLER, N. 'The truth about gossip'. *Social Psychology Newsletter*, v.27, p.23-37, 1992.

EVANS, D.; ZARATE, O. *Introducing Evolutionary Psychology*. United Kingdom, Icon Books, 1999.

FARR, J.-A.; GORDON, C. A partial replication of Kinsey`s graffiti study. *Journal of Sex Research, 11*, 158-162, 1975.

FERNÁNDEZ, A. Pichações: escritos adolescentes fora da escola. *Pátio, 2(8)*, 18-21, 1999.

FISHER, H. *Anatomy of love*. Nova Iorque: Ballantine Books, 1992.

FISHER, S. *The female orgasm*. Nova Iorque: Basic Books, 1973.

FLOWERS, A. *Bathroom culture*. 2003. Disponível em: <http://venus.soci.niu.edu/~archives/SSSITALK/aug03/0103.html>. Acesso em: 23 de jan. 2004.

FRASER, B. Meta-graffiti. *Maledicta: the international journal of verbal aggression*, *4*(2), 258-260, 1980.

FREUD, S. (1910). *A carta ao Dr. Friedrich S. Krauss sobre a Anthropophyteia*. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1970. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, v.11, 2. ed.)

FREUD, S. (1900). *A interpretação dos sonhos*. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, v.4, 2. ed.)

FREUD, S. (1908). *Caráter e erotismo anal*. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, v.9).

FREUD, S. (1916-1917). *Conferência XVII: O Sentido dos Sintomas*. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, v.16).

FREUD, S. (1906). *Delírios e sonhos na* Gradiva *de Jensen*. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, v.9).

FREUD, S. (1927). *O humor*. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, v.21).

FREUD, S. (1929). *O mal-estar na civilização*. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, v.21).

FREUD, S. (1905). *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1977. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, v.8).

FREUD, S. (1905). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1989. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, v.7, 2. ed.)

FUNARI, P. P. *Cultura popular na antigüidade clássica*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1996.

GADPAILLE, W. J. Graffiti: its psychodynamic significance. *Sexual behavior, October*, 45-51, 1971.

GADSBY, J. M. To my fellow sisters: discourse on the washroom walls. *Canadian Folklore Canedien, 18*, 27-48, 1996.

GADSBY, J. M. Looking at the Writing on the Wall: A Critical Review and Taxonomy of Graffiti. Manuscrito em preparação. 1995a. Disponível em: <http://www.graffiti.org/faq/critical.review.html>. Acesso em: 16 de jan. 2004.

GADSBY, J. M. Taxonomy of Analytical Approaches to Graffiti. 1995b. Disponível em: <http://www.graffiti.org/faq/appendix.html>. Acesso em: 16 de jan. 2004.

GASPARETTO, A. 10 anos da queda do Muro de Berlim, globalização e regras do comércio mundial. *Revista da Sociedade Brasileira de Pesquisa de Mercado*, (*11*), 32-37, 2000.

GITAHY, G. *O que é grafffiti*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

GONOS, G.; MULKERN, V.; POUSHINSKY, N. Anonymous Expression: A Structural View of Graffiti. *Journal of American Folklore, 89*, 40-48, 1976.

GOULD, S. J. A verdade da ficção – uma exegese da fantasia sobre dinossauros de G. G. Simpson. In: SIMPSON, G. G. *A descronização de Sam Magruder*. São Paulo: Editora Fundação Peirópolis, 1997.

GUEDJ, D. *O Teorema do Papagaio*. Trad. de Eduardo Brandão. São Paulo: Editora Schwarcz, 1999.

GUIDON, N. A arte pré-histórica da área arqueológica de São Raimundo Nonato: síntese de dez anos de pesquisas. *CLIO - Série Arqueológica, 7*, 3-80, 1985.

GUINEA, M. A. G. *Altamira y otras cuevas de Cantabria.* Espanha: Sílex, 1997.

HARRISON, G. *Antropologia Psicologica*: Storia, Concetti, Metodi, Campi di applicazione. Pádua: CLEUP Editrice, 1988, p.1-133.

HASELOFF, O. W. Comunicação, transformação e interação. In: GADAMER, H. G.; VOGLER, P. (Orgs.) *Antropologia Psicológica.* São Paulo: E.P.U. / EDUSP, 1977.

HATTON, B. The problem of the walls. *The Journal of Architecture, 4*, 65-80, 1999.

HITE, S. *As Mulheres e o Amor.* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

HOFSTEDE, G. *Culture`s consequences.* Beverly Hills, CA: Sage, 1982.

HORTON, M. "The Development and Implications of Sex-Role Stereotypes", trabalho apresentado ao *St. Louis University Psychology Department Colloquium*, 1971.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001

HUISKES, M. *Die Wandinschriften des Kölner Gestapogefängnisses im EL-DE-Haus – 1943-1945*. Colônia: Böhlau Verlag, 1983.

JAHODA, G. Foreword. In: BERRY, J. W.; POORTINGA, Y. H.; SEGALL, M. H.; DASEN, P. R. *Cross-cultural psychology*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 1992.

JAMES, T. W.; KIMURA, D. Sex Differences in Remembering the Locations of Objects in an Array: Location-Shifts Versus Location-Exchanges. *Evolution and Human Behavior*, 18, 155-163, 1997.

JIMÉNEZ, A. *Picardía mexicana*. 71. ed. México: Editores Mexicanos Unidos, 1982. p.118-139.

JIMÉNEZ, A. *Picardía mexicana*. México: Ambárix Digital S.A., 2002. 1 CD-ROM.

JOCENIR. *Diário de um detento: o livro*. 2. ed. São Paulo: Labortexto, 2001.

JUNG, C. G. (1875-1961). *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Trad. de Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

KUZDAS, H. J. *Berliner Mauer Kunst*: Mit East Side Gallery. Berlim: Elefanten Press, 1999.

KEITH-SPIEGEL, P. Early Conceptions of Humor: Varieties and Issues. In: GOLDSTEIN, J. H.; MCGHEE, P. E. (Eds.) *The Psychology of Humor*: Theoretical Perspectives and Empirical Issues. Nova Iorque: Academic Press, 1972.

KINSEY, A.; POMEROY, W. B.; MARTIN, C. E.; GEBHARD, P. H. *Sexual behavior in the human female*. Philadelphia: Saunders Co., 1953.

KIRA, A. *The bathroom*. Ithaca, Nova Iorque: Center for Housing and Environmental Studies, Cornell University, 1966.

KOHLER, W. *Dinamica en psicologia*. 2. ed. Buenos Aires: Paidós, 1962.

KUTAKOFF, L. *Sex differences in bathroom graffiti*. Boston, EUA, 1972. Dissertação (Mestrado). Escola de Comunicação Pública, Universidade de Boston.

LAGE, M. C. S. M. Datações de pinturas rupestres da área do Parna, Serra da Capivara. *CLIO - Série Arqueológica, 13(1)*, 203-213, 1998.

LANDY, E. E.; STEELE, J. M. Graffiti as a function of building utilization. *Perceptual and Motor Skills*, *25*, 711-712, 1967.

LAPLANCHE, J. *Vocabulário da Psicanálise / Laplanche e Pontalis*. 2. ed. Sob a direção de Daniel Lagache. Tradução de Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LARA, A. H. *Grafite*: arte em movimento. São Paulo, 2003. Dissertação (Mestrado). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo.

LAURA; FELIZ; LUCIANO. Pichações no banheiro feminino – Em tempo: expressão e silenciamento da expressão. *BOCA* (*Boletim Oficial do Centro Acadêmico*), São Paulo, p.1, 20 out. 2001.

LEACH, E. *Antropologia*. Organização de Roberto Da Matta. Trad. de Alba Zaluar Guimarães. São Paulo: Ática, 1983.

LEACH, E. The influence of cultural context on non-verbal communication in man. In: HINDE, R. A. *Non-verbal communication*. Cambridge: Cambridge University Press, 1972.

LEITE, D. M. *Psicologia e Literatura*. 4. ed. São Paulo: HUCITEC / Editora UNESP, 1987.

LEITE, D. M. *O caráter nacional brasileiro*: história de uma ideologia. 5. ed. São Paulo: Ática, 1992.

LEVINE, J. Regression in Primitive Clowning. *The Psychoanalytic Quarterly*, *30*, 72-83, 1961.

LEVINE, J. Approaches to Humor Appreciation. In: _____. *Motivation in Humor*. Nova Iorque: Atherton Press, 1969.

LEVINE, R. V.; NORENZAYAN, A.; PHILBRICK, K. Cross-cultural differences in helping strangers. *Journal of cross-cultural psychology*, *32(5)*, 543-560, 2001.

LIMA, J. F. *Psicanálise do dinheiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 1996.

LINDSAY, J. *The Writing on the Wall*: An Account of Pompeii in its Last Days. London: Frederick Muller Limited, 1960.

LISPECTOR, C. *A Descoberta do Mundo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

LOEWENSTINE, H. V.; PONTICOS, G.D.; PALUDI, M. A. Sex differences in graffiti as a communication style. *Journal of Social Psychology*, v.117, p.307-308, 1982.

LOMAS, H. D. Graffiti: Some Observations and Speculations. *The Psychoanalytic Review*, *60*, 71-89, 1973.

LOMAS, H. D. Graffiti: Some Clinical Observations. *The Psychoanalytic Review*, *63*, 451-457, 1976.

LOMAS, H.; WELTMAN, G. "What the Walls Say Today: A Study of Contemporary Graffiti", trabalho apresentado na reunião da Associação Americana de Psiquiatria, Atlantic City, New Jersey (1966).

LOMBROSO, C. *Palimsesti del carcere*: Raccolta unicamente destinata agli uomini di scienza. Turim: Depositi, 1888.

MALAMUTH, N. M.; CHECK, J. V. P.; BRIERE, J. Sexual arousal in response to aggression: Ideological, aggressive, and sexual correlates. *Journal of Personality and Social Psychology*, *50*, 330-340, 1986.

MANCUSO, R. de C. Aspectos jurídicos da chamada "pichação" e sobre a utilização da ação civil pública para tutela do interesse difuso à proteção estética urbana. *Revista dos Tribunais, 679* (*81*), 62-75, 1992.

MARTIN, G. *Pré-história do nordeste no Brasil*. 3.ed. Recife: Editora Universitária / UFPE, 1999.

MARTIN, P. Inter-college and gender differences in restroom graffiti. Dublin, Irlanda, 2001. 47p. Tese (graduação em Psicologia). University College Dublin.

MARTIN, R. A.; LEFCOURT, H. M. Sense of Humor as a Moderator of the Relation Between Stressors and Moods. *Journal of Personality and Social Psychology*, *45*(*6*), 1313-1324, 1983.

MASTERS, W. M.; JOHNSON, V. E. *Human sexual response*. Boston: Little & Brown, 1966.

McCAULEY, C.; WOODS, K.; COOLIDGE, C.; KULICK, W. More Aggressive Cartoons Are Funnier. *Journal of Personality and Social Psychology*, *44*(*4*), 817-823, 1983.

MELLEN, S. L. W. *The evolution of love*. São Francisco: Freeman and Company, 1981.

MÉLO, F. M. *A manifestação da escrita nos banheiros universitários*. Campina Grande, Paraíba. Monografia (para obtenção do título de graduada em Letras). Centro de Educação, Universidade Estadual da Paraíba, 2000.

MENDES, L. A. *Memórias de um sobrevivente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MOONWOMON, B. Rape, Race and Responsibility: A Graffiti-Text Political Discourse. *Berkeley Women and Language Group 2*, 420-429, 1992.

NETO, R. B. Banheiros de Pompéia. *Folha de São Paulo*, São Paulo, p.6-18, 20 set. 1992.

NOGUEIRA, I. B. Direitos Humanos e Discriminação: compromissos e comprometimentos de um psicanalista. Artigo não publicado (2003).

O COZINHEIRO, O LADRÃO, SUA MULHER E O AMANTE (The Cook, the Thief, His Wife, and Her Lover). Direção de Peter Greenaway. Alemanha: Miramax Films, 1989. Filme. 1 videocassete (125 min), VHS/NTSC, 35 mm, cor.

OLOWU, A. A. Graffiti here and there. *Psychology Reports*, *52*, 986, 1983.

OLSON, D. R. *O mundo no papel*: As implicações conceituais e cognitivas da leitura e da escrita. São Paulo: Ática, 1997.

OTTA, E. Graffiti in the 1990s: a study of inscriptions on restroom walls. *Journal of Social Psychology*, v.133, 589-590, 1993.

OTTA, E.; BUSSAB, V. S. R. *Vai encarar?* Lidando com a agressividade. São Paulo: Moderna, 1998.

OTTA, E.; LAFRAIA, L. M.; HOSHINO, R. L.; TEIXEIRA, R. P.; VALLOCHI, S. L.; SANTANA, P. R. *Musa latrinalis*: gender differences in restroom graffiti. *Psychological Reports*, *78*, 871-880, 1996.

OTTA, E.; QUEIROZ, R. da S. A sexualidade humana numa perspectiva interdisciplinar. In: SOUZA, L.; FREITAS, M. F. Q.; RODRIGUES, M. M. P. (Orgs.) *Psicologia*: reflexões (im)pertinentes. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

PAGANO, M. *Ercolano*: itinerario archeologico ragionato. Torre del Greco (Na): Edizioni T&M, 1997.

PATRICK, G. T. W. *The psychology of relaxation*. Nova Iorque: Houghton, 1916

PEDRETTI, M. *Parole in ritirata*: scritte raccolte nei cessi. Viterbo, Millelire Stampa Alternativa, 1993.

PELLEGRINI FILHO, A. *Comunicação popular escrita mundial* -- O processo. São Paulo: Central de Reproduções Gráficas – FEA/USP, 1998.

PELLEGRINI FILHO, A. *Folclore*: Comunicação escrita e urbana. São Paulo, 1987. 2v. Tese (Doutorado) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo.

PELLEGRINI FILHO, A. Grafitos obscenos. In: MILANESI, L. (Org.) *O obsceno* – jornadas impertinentes. São Paulo: Hucitec / Intercom, 1983.

PELLEGRINI FILHO, A. Grafitos populares. *Folclore, setembro*, 1982.

PERETTI, P. O., CARTE, R.; MCCLINTON, B. Graffiti and adolescent personality. *Adolescence, 45*, 31-42, 1977.

PESSIS, A-M. Identidade e classificação dos registros gráficos pré-históricos do nordeste do Brasil. *CLIO - Série Arqueológica, 8(1)*, 35-68, 1992.

POUND, E. *ABC da literatura*. São Paulo: Cultrix, 1986.

PRITCHARD, V. *English medieval graffiti*. Cambridge: Cambridge University Press, 1967.

PLATNER, S. B. *A Topographical Dictionary of Ancient Rome*. Revisão de Thomas Ashby Londres: Oxford University Press, 1929. Disponível em:<http://www.ukans.edu/history/index/europe/ancient_rome/E/Gazetteer/Places/Europe/Italy/Lazio/Roma/Rome/.Texts/PLATOP*/Sacrum_Cloacinae.html>. Acesso em: 16 de jan. 2004.

PMs são acusados de pintar garotos com tinta spray. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 10 fev. 2002. Disponível em: <http://www.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u45772.shl>. Acesso em: 09 de fev. 2002.

POE, E. A. "A carta roubada". In: _____. *Histórias extraordinárias*. Trad. de Breno Silveira e outros. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

PRETI, D. *A linguagem proibida*: um estudo sobre a linguagem erótica. São Paulo: T. A. Queiroz, 1984.

PRIAPEOS – Grafitos Amatorios Pompeyanos. Madri: Editorial Gredos, 1981.

QUEIROZ, R. da S. Ensaio apresentado durante o curso "Agressão: Biologia e Cultura", na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Comunicação pessoal, 1999.

QUEIROZ, R. da S. *Não vi e não gostei*: O fenômeno do preconceito. São Paulo: Editora Moderna, 1995.

QUEIROZ, R. da S. Nascemos para matar? Notas sobre o comportamento agressivo. *Revista de Etologia, (n. especial)*, 86-96, 1998.

QUEIROZ, R. da S; OTTA, E. *O corpo do brasileiro*: estudos de estética e beleza. São Paulo: Editora SENAC, 2000.

QUERELLE. Direção de Rainer Werner Fassbinder. Alemanha / França: Gaumont Buena Vista International, 1982. Filme. 1 videocassete (120 min), VHS/NTSC, 35 mm, cor.

RAMOS, C. M. A. *Teorias da tatuagem*. Florianópolis: UDESC, 2001.

RAMOS, C. M. A. *Grafite, Pichação & Cia*. São Paulo: Annablume, 1994.

RAMOS, H. *Pavilhão 9*: paixão e morte no Carandiru. 4. ed. São Paulo: Geração Editorial, 2003.

RAP, A. *Sobrevivente André du Rap do massacre do Carandiru*. São Paulo: Labortexto, 2002.

RAPP, A. Toward an eclectic and multilateral theory of laughter and humor. *Journal of General Psychology*, *36*, 207-219, 1947.

READ, A. W. (1935). *Classic American Graffiti*: Lexical Evidence from Folk Epigraphy in Western North America. Wisconsin: Maledicta Press, 1977.

REICH, W.; BUSS, R.; FEIN, E.; KURTZ, T. (1977). Notes on women`s graffiti. *Journal of American Folklore*, *90*, 188-191.

REISNER, R. *Graffiti*: Two Thousand Years of Wall Writing. 2. ed. Chicago: Cowles, 1971.

RHYNE, L. D.; ULLMANN, L. P. Graffiti: a nonreactive measure. *The Psychological Record*, *22*, 255-258, (1972).

ROBINSON, A. *The Story of Writing*: Alphabets, Hieroglyphs & Pictograms. London: Thames & Hudson, 1999.

RODRIGUES, J. C. *Tabu do corpo*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1979.

RODRIGUES, H. *Vidas do Carandiru*. São Paulo: Geração Editorial, 2002.

RODRIGUES, N. (1912-1980). *Asfalto selvagem: Engraçadinha, seus amores e seus pecados*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

RODRIGUES, N. (1958). Os Sete Gatinhos. In: _____. *Teatro Completo de Nelson Rodrigues* – Tragédias Cariocas I. Org. e introd. de Sábato Magaldi. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985 .

RUDIN, L.; HARLESS, D. Graffiti and building use: the 1968 election. *Psychological Reports*, *27*, 517-518, 1970.

SCHREER, G. E.; STRICHARTZ, J. M. Private restroom graffiti: an analysis of controversial social issues on two college campuses. *Psychological Reports*, *81*, 1067-1074, 1997.

SCHWARTZ, T. Anthropology and psychology: an unrequited relationship. In: SCHWARTZ, T.; WHITE, G. M.; LUTZ, C. A. (Eds.) *New directions in psychological anthropology*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 1992.

SCHWARTZ, M. J.; DOVIDIO, J. F. Reading between the lines: personality correlates of graffiti writing. *Perceptual Skills*, *59*, 395-398, 1984.

SECHREST, L.; FLORES, L. Homosexuality in the Philippines and the United States: The Handwriting on the Wall. *The Journal of Social Psychology*, *79*, 3-12, 1969.

SECHREST, L.; OLSON, K. Graffiti in Four Types of Institutions of Higher Education. *The Journal of Sex Research*, *7*, 62-71, 1971.

SHAW, S. *Women in the John*: A collection of graffiti from the women`s room. Berkeley, Califórnia: Creative Arts Book Company, 1980.

SHWEDER, R. A. Cultural psychology – what is it? In: SHWEDER, R. A.; LEVINE, R. A. (Eds.) *Culture Theory*: Essays on Mind, Self, and Emotion. Nova Iorque: Cambridge University Press, 1984.

SIEGL, N. *Geschlechtsspezifische Unterschiede hinsichtlich Häufigkeit und Thematischer inhalte bei Toilettengraffiti* [Diferenças sexuais específicas relativamente a freqüência e conteúdos de grafitos de banheiro]. Viena, 1992. Dissertação (Mestrado), Filosofia. 165 p. Universidade de Viena.

SILVA, A. *Graffiti*: Una Ciudad Imaginada. Colômbia: Tercer Mundo Editores, 1988. p.1-45, 59-125, 202-209.

SIMPSON, G. G. *A descronização de Sam Magruder*. São Paulo: Editora Fundação Peirópolis, 1997.

STIGLER, J. W.; SHWEDER, R. A.; HERDT, G. (Eds.) *Cultural Psychology*: Essays on comparative human development. Nova Iorque: Cambridge University Press, 1990.

STOCKER, T. L.; DUTCHER, L. W.; HARGROVE, S. M.; COOK, E. A. Social Analysis of Graffiti. *Journal of American Folklore*, *85*, 356-366, 1972.

SUSINI, G. *Epigrafia romana*. 3. ed. Roma: Jouvence, 1997.

TANZER, H. H. *The common people of Pompeii*. Baltimore: The John Hopkins Press, 1939.

TEIXEIRA, R. P. *Musa latrinalis:* diferenças sexuais em grafitos de banheiro. São Paulo, 1998. 143p. Dissertação (Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

THE BLUES BROTHERS. Direção de John Landis. Estados Unidos da América: Universal Pictures / CIC Productions / MCA Home Video, 1980. Filme. 1 videocassete (133 min), VHS/NTSC, 35 mm, cor.

THE HOLY Bible. Versão de King James Version. Nova Iorque: Ballantine Books, 1991.

THIEL, A. Introduction to Graffiti Research. *Octarine*: The Hyperspatial Journal for the Exploration of States of Fundamental Delusionism, 1998.

THIEL, A. Dreaming as one root of cave-art – A probability and plausibility model – An enquiry into the beginnings of durable visualized human communication. 2000a. Disponível em: < http://users.aol.com/axelkas/ax.html>. Acesso em: 16 de jan. 2004.

THIEL, A. Graffiti and Censorship. *The Glozel Newsletter, 5:4-5*, 11-21, 1999.

THIEL, A. Tension-reduction in creative and psychopathologic processes. 2000b. Disponível em: < http://users.aol.com/axelkas/up>. Acesso em: 25 de ago. 2001.

THIEL, A. The Psychological (Unconscious) Structure of Writers. *The Glozel Newsletter, 6:3*, 8-12, 2001.

THIEL, A.; THIEL, M. M.; JÜRGEN, B. *Sprüche und Kommunikation aus Damen und Herrentoiletten*. Kassel: Gráfica particular, 1982.

THOMPSON, R. A. *Psychology and Culture*. Dubuque, Iowa: WCB, 1972.

THRUMBO, H. (1731). *The Merry Thought*: or the Glass-Window and Bog-House Miscellany. Los Angeles: UCLA, 1983.

TRIVERS, R. L. Parental investment and sexual selection. In: CAMPBELL, B. (Ed.) *Sexual selection and the descent of man*. Chicago: Aldine-Atherton, 1972.

VARELLA, D. *Estação Carandiru*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

VERISSIMO, L. F. *Traçando New York*. Ilustrações de Joaquim da Fonseca. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1993.

VIDAL, I. A. Las representaciones hitifálicas en las pinturas rupestres de la tradición Nordeste, subtradición Seridó, Rio Grande do Norte, Brasil. *CLIO – Série Arqueológica, 1(11)*, 1995-1996, 141-151.

VIVOLO, F. P. M. *Pompei*: i graffiti d'amore. Foggia: Bastogi Editrice Italiana, 1995.

VIVOLO, F. P. M. *Pompei*: i graffiti figuratti. Foggia: Bastogi Editrice Italiana, 1993.

WALES, E.; BREWER, B. Graffiti in the 1970`s. *The Journal of Social Psychology, 99*, 115-123, 1976.

WALSTON, F.; DAVID, A. S.; CHARLTON, B. G. Sex Differences in the Content of Persecutory Delusions: A Reflection of Hostile Threats in the Ancestral Environment? *Evolution and Human Behavior*, 19, 257-260, 1998.

WATANABE, H. Subsistence and Ecology of Northern Food Gatherers with Special Reference to the Ainu. In: LEE, R. B.; DEVORE, I. *Man the hunter.* Chicago: Aldine Publishing Company, 1981.

WEBB, E.; CAMPBELL, D. T.; SCHWARTZ, R. D.; SECHEREST, L. *Unobrutsive measures*: A survey of nonreactive research in social sciences. Chicago, Ill.: Rand-McNally, 1966.

WEISFELD, G. E. The Adaptive Value of Humor and Laughter. *Ethology and Sociobiology, 14*, 141-169, 1993.

WEITZEL, A. H. Latrinária: grafitos proscritos. *Boletim da comissão mineira de folclore, 5(8)*, 12-15, 1984.

WILSON, E. O. *Da natureza humana.* Trad. de Geraldo Florsheim e Eduardo D`Ambrosio. São Paulo: T. A. Queiroz, 1981.

ZIHLMAN, A. L. Women as shapers of the Human Adaptation. In: DAHLBERG, F. (Ed.) *Woman the gatherer.* New Haven e London: Yale University Press, 1981.

APÊNDICES

APÊNDICE A

Distribuição dos grafitos conforme sua estrutura

Apêndice A

Distribuição dos grafitos conforme sua estrutura (por sexo e por país)

	Estrutura lexical		Estrutura frasal		Estrutura textual		Numeral		Abreviação	
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
BRASIL	23,9%	17,6%	54,8%	50,0%	15,0%	27,5%	3,4%	1,0%	2,9%	3,9%
ITÁLIA	46,5%	32,3%	43,9%	54,8%	5,7%	9,7%	0,2%	0%	3,7%	3,2%
ESPANHA	31,1%	28,2%	55,6%	52,1%	10,0%	13,0%	0%	0%	3,3%	6,7%
EUA	51,3%	37,5%	36,0%	42,1%	1,8%	5,5%	1,8%	4,3%	9,1%	10,7%
ALEMANHA	32,4%	16,4%	48,3%	61,6%	17,1%	21,2%	0,6%	0,7%	1,7%	0%

Distribuição dos grafitos conforme sua estrutura (por país)

	Estrutura lexical	Estrutura frasal	Estrutura textual	Numeral	Abreviação
BRASIL	23,5%	54,4%	15,9%	3,2%	3,0%
ITÁLIA	44,1%	45,7%	6,4%	0,2%	3,6%
ESPANHA	30,0%	54,4%	11,1%	0%	4,5%
EUA	46,5%	38,1%	3,1%	2,7%	9,6%
ALEMANHA	29,0%	51,2%	18,0%	0,6%	1,3%

APÊNDICE B

Porcentagens de grafitos verbais em cada categoria

Apêndice B – Porcentagens de grafitos verbais em cada categoria

Categorias	BRASIL (N=1.385)		ITÁLIA (N=1.117)		ESPANHA (N=666)		EUA (N=934)		ALEMANHA (N=690)	
	M N=1.283	F N=102	M N=931	F N=186	M N=428	F N=238	M N=606	F N=328	M N=544	F N=146
Relacionamento	0,2	3,9	3,0	0	0,7	2,1	0	1,2	0,2	15,1
Romantismo	0,5	8,8	1,2	25,8	2,8	22,3	5,9	25,6	0,4	15,1
Desabafo	0	2,0	0,1	1,1	0,7	6,3	0,2	3,0	0,7	11,0
Sexo	34,7	50,0	20,4	23,7	24,5	11,3	13,2	19,8	16,5	23,3
Masturbação	1,4	0	0	0,5	0	0	0	0	2,4	0
Analidade	10,4	1,0	2,8	3,2	1,9	1,3	3,0	0,6	4,2	0,7
Escatologia	6,2	0	5,5	1,6	8,9	2,9	5,4	5,5	12,1	9,6
Insulto	24,4	17,6	18,7	17,7	19,4	14,7	18,2	18,6	28,7	21,2
Prec. racial / étnico / social / rel.	5,5	2,0	1,2	0	1,4	0	4,5	2,1	13,8	0,7
Contra prec. racial / étnico / social / rel.	1,1	0	0,8	0,5	1,2	0	0,7	0,9	4,2	0,7
Preconceito sexual	10,1	9,8	1,8	2,2	10,7	4,2	4,1	1,5	2,4	6,8
Contra preconceito sexual	0,2	0	0,2	0	0,5	0	0	0,3	0	4,1
Música	1,2	2,9	1,4	2,2	0	0,4	1,2	0	0	0
Drogas / Álcool Cigarro	1,2	2,0	0,6	0	1,2	0,4	1,3	0,9	1,7	0
Metagrafitos	1,2	0	0,3	0,5	0,7	0,4	0,3	0,3	3,1	2,7
Crítica ao grafito	1,6	2,0	0,2	2,7	0,7	2,5	0	0,9	2,2	0,7
Religião	3,3	1,0	3,3	0	1,2	0,8	2,1	1,2	2,2	2,7
Humor	11,7	4,9	1,4	1,6	5,8	1,3	2,1	5,8	8,8	2,7
Filosofia	3,0	4,9	2,4	2,7	4,9	9,2	0,8	1,2	5,5	10,3
Faculdade/ Universidade	15,7	2,9	3,1	0,5	5,4	13,0	2,1	1,8	10,5	11,0
Esporte	2,6	0	6,7	0,5	1,6	3,4	0,7	0	6,3	0
Política	22,0	7,8	31,6	15,6	38,1	20,2	2,6	3,4	8,5	3,4
Presença	5,0	8,8	17,9	12,9	6,5	13,9	42,6	16,2	10,1	1,4
Miscelânea	5,5	7,8	9,1	9,1	2,6	9,7	10,1	8,2	13,1	10,3

APÊNDICE C

Porcentagens de desenhos em cada categoria

Apêndice C – Porcentagens de desenhos em cada categoria

Categorias	BRASIL (N=128)		ITÁLIA (N=239)		ESPANHA (N=108)		EUA (N=125)		ALEMANHA (N=54)	
	M N=121	F N=7	M N=208	F N=31	M N=96	F N=12	M N=74	F N=51	M N=26	F N=28
Sexo	49,6	71,4	7,2	12,9	13,5	25,0	21,6	7,8	26,9	28,6
Masturbação	0,8	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Analidade	11,6	0	0,5	0	0	0	2,7	0	0	3,6
Escatologia	0,8	0	1,9	0	0	0	0	0	0	0
Música	0	0	0	3,2	0	0	0	0	0	0
Drogas / álcool / tabaco	3,3	0	0	0	0	0	2,7	0	3,8	0
Religião	3,3	0	1,4	0	0	0	9,5	0	3,8	3,6
Política	25,6	0	70,2	58,1	61,5	8,3	8,1	3,9	15,4	0
Presença	0,8	14,3	1,9	3,2	0	0	0	0	0	0
Esporte	7,4	0	1,0	0	0	0	0	0	7,7	0
Romantismo	8,3	14,3	1,9	19,4	2,1	41,7	13,5	76,5	0	3,6
Figura zoomorfa	1,7	0	1,4	6,5	1,0	8,3	2,7	0	0	0
Figura antropomorfa	5,0	0	4,8	0	8,3	16,7	16,2	5,9	7,7	32,1
Figura geométrica	5,8	14,3	6,7	9,7	9,4	16,7	9,5	7,8	11,5	14,3
Estrela	2,5	14,3	12,0	3,2	5,2	8,3	8,1	3,9	7,7	7,1
Casa	1,7	0	0	0	1,0	0	0	0	0	0
Coroa	0	0	0,5	0	0	0	0	0	11,5	0
Seta	0	0	1,0	0	1,0	8,3	1,4	2,0	0	3,6
Rabisco	0	0	1,0	0	0	0	0	3,9	0	17,9
Miscelânea	0,8	0	5,3	0	4,2	0	10,8	0	11,5	3,6

APÊNDICE D

Porcentagens de grafitos classificados em diferentes subcategorias de conteúdo político, preconceituoso, sexual e romântico

Apêndice D

Porcentagens de grafitos classificados em diferentes subcategorias de conteúdo político por sexo e por país

	BRASIL		ITÁLIA		ESPANHA		EUA		ALEMANHA	
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
POLÍTICA										
Local (Faculdade/ Universidade)	21,7	0	2,4	0	2,8	11,6	8,3	0	0	100
Nacional	49,0	85,7	54,3	40,7	44,1	20,9	50,0	0	61,3	0
Internacional	14,5	0	10,2	0	13,8	32,6	25,0	75,0	9,7	0
De direita	35,9	14,3	34,6	29,6	35,2	30,2	33,3	50,0	35,5	0
De esquerda	38,3	71,4	41,3	59,3	32,4	32,6	33,3	25,0	35,5	0
Anarquismo / Niilismo	1,7	14,3	10,6	7,4	6,9	4,7	25,0	0	3,2	0
Humor político	17,2	0	0,8	3,7	2,1	0	0	0	6,5	0

Porcentagens de grafitos classificados em diferentes subcategorias de conteúdo preconceituoso por sexo e por país

	BRASIL		ITÁLIA		ESPANHA		EUA		ALEMANHA	
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
PRECONCEITO										
De classe social	14,0	100	0	0	0	0	0	0	4,2	0
Racial	14,9	0	0	0	18,8	0	52,4	11,1	0	0
Contra preconceito racial	10,7	0	14,7	100	43,8	0	19,0	44,4	25,0	22,2
Contra imigrantes	2,5	0	2,9	0	0	0	28,6	22,2	25,0	0
Contra outras faculdades / univ.	29,8	0	8,8	0	0	16,7	4,8	0	25,0	0
Contra mulheres sexualmente promíscuas	0	0	0	100	0	0	9,5	0	0	11,1
Contra homossexuais masculinos	9,1	0	11,8	100	12,5	0	47,6	0	0	22,2
Contra homossexuais femininos	0,8	0	0	0	0	0	0	0	0	22,2
Contra preconceito sexual	0,8	0	5,9	0	43,8	0	0	0	0	22,2
Outros	31,4	0	23,5	0	31,2	83,3	19,0	16,7	32,5	33,3

Porcentagens de grafitos classificados em diferentes subcategorias de conteúdo sexual por sexo e por país

	BRASIL		ITÁLIA		ESPANHA		EUA		ALEMANHA	
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
SEXO										
Contato homossexual	32,6	11,1	37,2	1,6	23,9	9,3	8,7	13,1	2,1	0
Contato heterossexual	2,8	13,0	2,8	15,6	0	2,3	0,8	6,0	9,8	2,0
Contato bissexual / grupal	0,3	3,7	1,2	0	0	2,3	0	3,6	2,8	0
Sexo homossexual	45,5	29,6	22,4	6,3	37,4	16,3	25,2	26,2	7,0	17,6
Sexo heterossexual	17,4	44,4	11,2	28,1	6,7	16,3	11,0	20,2	24,5	25,5
Sexo anal	19,2	5,6	6,8	10,9	3,1	2,3	5,5	0	5,6	2,0
Conteúdo anal	24,8	5,6	10,8	10,9	3,7	7,0	14,2	4,8	18,9	2,0
Sexo oral	10,1	9,3	9,6	14,1	18,4	2,3	11,8	11,9	4,9	3,9
Sexo genital	11,1	35,2	1,2	3,1	4,9	11,6	3,1	14,3	11,9	3,9
Masturbação	3,5	1,9	3,6	3,1	4,3	2,3	0,8	3,6	9,1	3,9
Exibição de atributos e desempenho	4,8	7,4	8,0	0	0,6	0	2,4	1,2	2,1	0
Sexo e amor	0,2	7,4	0	0	0	0	0	0	0	0
Humor sexual	17,2	3,7	6,4	7,8	6,1	7,0	11,8	8,3	23,8	13,7

Porcentagens de grafitos classificados em diferentes subcategorias de conteúdo romântico por sexo e por país

	BRASIL		ITÁLIA		ESPANHA		EUA		ALEMANHA	
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
ROMANTISMO										
União amorosa	100	80,0	80,0	70,2	100	69,8	100	96,1	100	37,0
Separação	0	0	0	7,0	0	7,0	0	0	0	11,1
Descrença no amor	0	0	0	1,8	0	4,7	0	0	0	14,8
Desesperança de encontrar parceiro	0	0	0	8,8	0	9,3	0	0	0	18,5